



DA MESMA AUTORA DE
LINHA DA VIDA



ESPINHOS



2
NO PARAÍSO

“ERA PARAÍSO.
VIROU INFERNO”

JULIANA DANTAS



ESPINHOS NO PARAÍSO

Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Título Original Espinhos no Paraíso

Capa: Jéssica Gomes

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

Prólogo

Lukas

Era como pular de um sonho para o mais cruel pesadelo.

Talvez, bem lá no fundo, eu soubesse que estava vivendo uma ilusão. Talvez a felicidade não fosse para mim e eu estivesse predestinado a cair soterrado pelos meus erros.

Como se volta no tempo? E, se essa proeza fosse realmente possível, de quanto tempo precisaria para consertar todos os erros que cometi?

Eu havia errado com minha mãe, a decepcionando e a afastando.

E agora estava errando com Mia. E iria perdê-la também.

Eu estava fadado a perder tudo o que amava.

E o que me restaria, no final?

Capítulo 1

Mia

Como definir o Paraíso?

Talvez não tenha nada a ver com uma localização geográfica e sim com um estado de espírito.

Será que estou sonhando?

Até alguns minutos atrás eu vivia um inferno achando que Lukas estava perdido para sempre, agora ele está aqui, me abraçando em seu colo. Uma emoção sem tamanho sufoca meu peito me fazendo explodir num choro convulsivo.

Lukas se afasta para olhar meu rosto.

– Por que está chorando?

– Porque tenho medo que tudo seja um sonho.

Ele sorri quase indulgentemente, seus dedos limpando as lágrimas do meu rosto.

– Você sonha comigo?

– Muito. Pesadelos.

O sorriso desaparece do seu rosto e ele exhibe um olhar culpado.

– Desde quando tem pesadelos comigo?

– Desde sempre – confesso.

Ele parece muito triste.

– Eu sinto muito Mia, não fazia ideia...

De repente não quero falar dos meus pesadelos. Que diferença faria?

Lukas está aqui! Eu quase posso gritar de exaltação.

– Tudo bem – tento amenizar o clima ruim, porém Lukas continua com um olhar miserável. – Pare de me olhar assim, senão pensarei que está arrependido de estar aqui – começo a sentir um medo terrível que ele venha com a mesma conversa de antes sobre responsabilidade, culpa e erros. – Juro por Deus, Lukas, se está pretendendo continuar com toda aquela discussão... – tento me afastar, ele me segura no lugar com força e o encaro.

– Eu quero estar com você. Não há outro lugar que gostaria de estar nesse momento – diz com convicção. – Estou cansado de fugir do que sinto. Nem me importo mais se é certo ou errado. Só quero você. Então nem pense em ir a lugar nenhum – ele sorri e suspiro aliviada.

Sim, também não me importo com mais nada neste momento. Só em ficar olhando para ele, tão perto, tão acessível, tão a meu alcance.

Levanto a mão e passo o dedo por seus cabelos escuros. Parece incrível que eu tenha

acesso a ele de forma tão natural. Simplesmente poder esticar minha mão e tocá-lo.

– Eu não dormi pensando em como conseguir colocar você neste avião e deixá-la ir.

– Não seria a primeira vez – murmuro me lembrando da dor que senti ao partir de Aspen.

– Mia, eu... – seus braços me apertam um pouco mais, seu olhar está turvo de tormenta outra vez.

Por um momento tenho a impressão que vai falar algo do qual não vou gostar. Que vai me fazer sair correndo daquele avião deixando-o para trás. A dor que sinto ao imaginar algo assim acontecendo novamente, justo agora que ele me queria ali, faz com que eu coloque meus dedos em seus lábios.

– Não. Não fale nada se for pra me fazer sofrer mais. – Talvez esteja sendo covarde, no entanto, estou tão, tão, cansada de sofrer... Sei que há milhões de perguntas sem respostas entre nós. São anos de ressentimentos e palavras não ditas, mas neste momento, não me importa.

– Não queria incomodar, senhor Constantini – levo um susto ao ouvir a voz culpada e quase envergonhada da aeromoça.

Viro a cabeça para fitá-la e ela está vermelha.

– Sim? – A voz de Lukas está surpreendentemente firme, levando-se em consideração que estou em seu colo e a aeromoça parece extremamente sem graça.

– Precisam colocar o cinto, estamos prontos para decolar.

– Claro, desculpe – saio do colo de Lukas, mortificada, me sentando na poltrona ao lado e afivelando o cinto. Lukas faz o mesmo e a comissária desaparece.

O avião começa a taxiar na pista.

Lukas me olha com os olhos ardentes. Intensos.

Sinto-me liberta de poder olhá-lo do mesmo jeito, sem disfarçar nada. Sem esconder o quanto ele me afeta, só por estar do meu lado, me levando em seu ridiculamente caro avião particular para um local desconhecido que, francamente, nem me interessa qual seja.

Estamos juntos.

Parece tão surreal quanto um dos meus sonhos.

Lukas segura minha mão, seus dedos brincando com os meus enquanto o avião ganha velocidade e decola.

– Sei que parece um pouco tarde pra perguntar, mas para onde estamos indo? – Imagino que não vá me levar pra Redmond.

– Para o lugar que sempre quis te levar desde que a vi reverenciando o sol no meu apartamento.

Claro, Havaí.

Sinto-me radiante de expectativa. A realidade começando a fazer sentido no meu cérebro surpreso. Por um momento penso em Joe me esperando em Redmond. Bom, precisaria ligar pra ele em algum momento.

– Tudo bem pra você? – Lukas tenta interpretar meu olhar preocupado. – Se não quiser... talvez eu tenha errado em...

Eu me inclino e o beijo. Ele geme e seguraminha cabeça, enfiando a língua na minha boca, num beijo profundo que dá nó nos meus sentidos.

Sim, está realmente acontecendo. Lukas está me beijando num avião que vai nos levar para o Havaí.

– Isto é um sim? – Ele pergunta contra meus lábios, a testa encostada na minha enquanto respiramos juntos.

Juntos.

– Sim... Só temos um problema – Lukas me encara confuso. – Não trouxe biquínis.

Ele sorri devagar. Maliciosamente.

Esquento. Muito.

– Não vai precisar.

Ai. Fico vermelha num misto de vergonha e excitação.

Ele desafivela o cinto e faz o mesmo com o meu quando o avião já está no ar.

– Venha comigo.

– Aonde?

– Acho que eu não te mostrei todo o avião quando estive aqui antes.

Ele abre a porta de um quarto, eu arregalo os olhos.

– Claro que você tem um quarto. É tão... – olho em volta, para o quarto elegante e moderno, como todo o avião.

– Oportuno – completa, aproximando-se por trás de mim, seus dedos retirando os cabelos do meu ombro, então se inclina para beijar meu pescoço.

Oh, nossa!

– Ostensivo – murmuro, fechando os olhos.

Sinto sua risada em meu ouvido.

Arrepios traspassam minha espinha.

Mãos rodeiam minha cintura enquanto ele me aperta contra seu corpo excitado.

Muito excitado.

Enfraqueço.

– Já transou num avião, senhora Constantini?

Putaquepariu! Quem diria que ser chamada de senhora Constantini, me deixaria com tanto tesão?

Sacudo a cabeça negativamente, sem conseguir falar.

O ar sai com dificuldade de minha garganta. Estou ridiculamente ofegante quando sinto seu nariz roçando a pele atrás da minha orelha. Ele está me cheirando?

– Vou fazer amor com você até chegarmos ao Havaí. – Suas mãos sobem e seguram meus seios.

Wow! Ah, sim.

– São quantas horas mesmo? – Pergunto tentando ser coerente com os dentes de Lukas mordiscando minha orelha.

Mordo os lábios para não gemer alto, meu quadril se projeta para mais perto de sua ereção muito óbvia.

– Aproximadamente seis horas – responde dentro do meu ouvido, quase com um rosnado, seus dedos apertando sem dó meus mamilos sensíveis por cima da blusa.

Nunca desejei tanto estar sem sutiã.

Desta vez solto um gemido bem alto e me viro rápido, minha boca buscando a dele com sofreguidão e o beijo com toda vontade acumulada, não só daqueles meses sombrios, também de todos aqueles anos desejando-o sem poder ter.

Agora o tenho. E, como uma criança louca pra abrir seu presente preferido depois de uma longa espera, meus dedos ansiosos buscam os botões de sua camisa, abrindo-os sem muito cuidado, Lukas ri contra meus lábios, enquanto me ajuda. Quando finalmente o dispo, espalmo minhas mãos curiosas em seu peito deslizando-as até o cós de sua calça abrindo-a. Ele se afasta para terminar de tirá-la juntamente com a cueca e nos encaramos ofegantes.

Eu inalo profundamente perdida em sua perfeição.

Quando transamos a primeira vez, estava tão emocionada e ansiosa que nem tive tempo de realmente apreciá-lo.

Meu Deus, ele era realmente um deleite. Corpo magro com músculos na medida certa o deixando muito parecido com a estátua grega de Davi e, bem, meus olhos curiosos seguem mais pra baixo e mordo os lábios.

Ah sim, neste quesito, ele era bem maior que Davi.

Sinto meus músculos internos se apertando de antecipação só de imaginá-lo dentro de mim.

– Você é lindo!

– E você está usando roupas demais – sussurra com aquele meio sorriso torto matador que me aquece ainda mais. Suas mãos buscam a barra da minha blusa, tirando-a por cima da minha cabeça e o sutiã cede facilmente com seu ataque.

Seu olhar está seriamente compenetrado enquanto ajoelha diante de mim tirando meu tênis, meia e depois passando a calça. Estou tremendo de expectativa quando finalmente o jeans desaparece juntamente com minha calcinha. Lukas senta na cama me apreciando atentamente.

Sinto-me quase acariciada fisicamente com seu olhar.

– Deixe-me olhar você.

– Você já me viu nua – observo timidamente.

– Eu nem olhei direito de tanto medo que sentia. Você estava toda assustada e com frio e eu tentando não ficar com tesão... aí você entrou no chuveiro daquele jeito. – Ele se inclina e beija minha cintura, seus lábios continuam deslizando beijos doces e molhados passando por minha barriga até o outro lado. A sensação na minha pele é deliciosa. Fazendo coisas incríveis despertarem em meu ventre. Engulo em seco, mergulhando os dedos em seus cabelos.

– Ah, Lukas... – sussurro seu nome, toda fraca.

Ele me olha com um olhar febril.

Há algo mais nele.

Medo? Angústia?

Pesar?

– Diga que quer estar aqui. Diz que é certo. Que não estou errado em te querer... – sua voz sai carregada de uma agonia opressiva me deixando com um nó no peito.

– Nunca nada me pareceu tão certo na minha vida – acaricio seus cabelos, seu rosto. – Quero você... tanto... que dói...

Com um gemido rouco, ele me puxa para a cama, cobrindo meu corpo com o seu, me beijando forte.

Enrosco minha língua na sua, meu corpo no dele. Mas Lukas me larga e sai da cama, soltando um palavrão, enquanto procura as roupas no chão.

Eu fico ali, ofegante e em pânico.

– Lukas?

Ele ressurgue segundos depois com um olhar triunfante, segurando um preservativo que rasga sem a menor cerimônia.

Eu franzo a testa, confusa.

– Nem precisava...

– Não vamos arriscar – rebate quase bruscamente, ocupado em colocá-lo e o estudo, fascinada e excitada.

Então ele vem. Lindo, nu e excitado, ajoelhando-se entre meus joelhos que ele abre devagar.

Respiro por arquejos, sentindo-me subitamente nervosa.

– Acho que não sei o que fazer...

Ele ri roucamente.

– Sabe sim.

– Aquela vez foi diferente, não estava pensando direito...

– Foi perfeito, como se tivesse nascido para isto. Para me ter dentro de você.

Ele me penetra devagar, vindo para cima de mim, o peito roçando no meu enquanto me preenche.

Isto...

Meu corpo cede à invasão docemente, gememos juntos quando finalmente nos encaixamos.

– Tudo bem? – Pergunta, beijando minha testa, meu queixo, minha orelha.

– Mais que bem...

– Então eu vou foder você, senhora Constantini.

Eu me contorço toda com suas palavras. Parece tão... sacana. Eu podia me ofender, mas é... muito excitante.

– Gosto quando fala desse jeito.

Ele sorri, me encarando enquanto se retira e arremete novamente.

A sensação é tão poderosa que grito incapaz de me conter, minhas unhas enterradas em seus ombros.

– Gosta de palavras sujas, senhora Constantini? – Ele repete o movimento. Impulso e recuo.

Perco o ar.

– Acho que sim...

Ele continua sorrindo quando entra em mim outra vez. Ergo os quadris para encontrá-lo e Lukas solta um gemido apreciativo.

– Gosto disto.

É minha vez de sorrir.

Mas meu sorriso se transforma num rosnado quando ele intensifica os movimentos e estamos indo mais rápido.

– Queria tanto ir devagar, mas já faz tanto tempo...

– Também tenho pressa... – murmuro, começando a sentir meu corpo se preparando para a explosão que sei virá logo, porque com Lukas não poderia ser diferente. E agora acredito nele. Fui feita para isto. Para ter seu corpo dentro do meu, retirando prazer do meu.

Dando-me prazer de volta.

Parece uma troca justa.

Fechando os olhos, grito alto quando os espasmos de um orgasmo incrível sacodem meu corpo, me agarro a seus ombros até que as ondas de gozo se extenuem, me deixando frágil e feliz embaixo dele.

Quando volto a terra, Lukas está se afastando, todo suado e quente ainda, e com os olhos turvos, percebo que está retirando a camisinha e voltando para perto de mim. O envolvo com meus braços, descansando sua cabeça em meu peito, acariciando seus cabelos.

Isto é felicidade.

Não sei quanto tempo ficamos assim, até que Lukas boceja.

– Estou com sono.

Sorrio puxando seus cabelos para que me encare. Seus olhos estão pesados, eu o provoco.

– Alguém disse que faria amor comigo até chegamos ao Havaí.

Ele sorri preguiçosamente se aninhando em mim.

– Prometo recompensá-la depois.

– Tudo bem, só espero que se lembre que me deve três anos – resmungo, porém ele já adormeceu.

Mas eu não consigo dormir. Sinto-me energizada. Como se tivesse tomado uma injeção de adrenalina.

Poderia correr uma maratona. Ou talvez saltitar como uma lebre no campo, penso, rindo pra mim mesma. Aperto Lukas quase imperceptivelmente, ele resmunga no sono se afastando.

Eu o deixo ir tentando evitar a sensação incômoda no peito ao vê-lo se afastar.

É difícil me livrar dos velhos traumas. Lukas sempre se afasta. Ou me afasta.

Como agora.

Reviro os olhos me xingando mentalmente.

Estou sendo ridícula.

Ele disse que não estava arrependido, não disse? Que não ia mais me afastar porque não queria mais ficar longe.

O que mais eu poderia querer?

Um monte de coisas, sua idiota, meu lado sensato cutuca meu cérebro.

Não quero pensar agora. Não quero começar a enumerar todas as coisas não ditas ou mal explicadas. Há algumas horas estava me sentindo miserável. Nesse momento estou num avião indo para o Havaí, depois de fazer sexo maravilhoso com Lukas Constantini, aquele que era meu marido de mentirinha, que fugiu de mim por três anos, embora tenha confessado que se sentia atraído por mim do mesmo jeito que me sentia por ele.

Ah, quanto tempo perdido...

Com cuidado, levanto-me e visto minhas roupas. Sinto-me um pouco tímida quando saio do quarto e encontro a comissária na cabine.

– Olá, senhora, posso lhe servir alguma coisa?

– Sim, acho que estou com fome – respondo imaginando como deve estar meu cabelo pós-foda.

Meu rosto deve estar roxo de vergonha quando me sento e a moça me serve solitamente. Agradeço e ela se afasta em silêncio.

Me pergunto quem mais ela deve ter servido. O que me deixa com um peso no estômago.

"Pare Mia! Agora!" Resmungo para mim mesma.

Quando a comissária retorna, sorrio educadamente para ela.

– Seu nome é Karly, não é? – Eu puxo assunto e ela assente.

– Trabalha há muito tempo com Lukas?

– Há mais de um ano.

– Então deve fazer viagens com ele sempre.

– Eu atendo todos os executivos da Constantini.

– Claro, a família de Lukas também, presumo.

– Sim, às vezes suas irmãs viajam também. Ou seus pais. São pessoas muito gentis.

– Você já o levou ao Havaí?

– Apenas uma vez, já faz um tempo.

– Sozinho?

– Com suas irmãs... A senhora precisa de mais alguma coisa? – Acho que ela percebeu meu inquérito.

Que bela esposa megera ela deveria achar que eu era!

– Não, estou bem. Obrigada.

Assim que ela se afasta, me encolho na poltrona e fico olhando as nuvens brancas lá fora.

– O que está pensando?

Levanto o olhar e Lukas está parado na minha frente.

Vestido, graças a Deus, imagino que a nossa comissária ficaria bem sem graça se fosse diferente.

Embora eu fosse apreciar bastante.

Ele caminha na minha direção com as mãos no bolso. Reparo em seu cabelo bagunçado. Por meus dedos.

Sinto-me orgulhosa.

Ele senta do meu lado, seu olhar me perscrutando.

– Fico aflito por não saber o que se passa na sua cabeça.

– Por quê?

– Porque devo ser o cara mais cego do mundo por não ter percebido como se sentia nestes três anos.

– Também sou bem cega, não acha?

Seus dedos acariciam meu rosto e me inclino em sua mão, fechando os olhos e suspirando.

Ainda é muito surreal poder fazer isto.

– Empate? – Afirmo e ele ri suavemente, afastando a mão, enquanto pega seu celular, olhando sabe Deus o quê.

– O que andou fazendo, se alimentou? – Ele pousa a mão livre em minha coxa distraidamente.

– Sim. Deveria comer também. Pelo menos parece mais descansado depois de dormir tanto.

Ele me lança um olhar de lado.

Eu seguro aquele olhar.

– Está brava comigo?

– Deveria?

Ele aproxima seus lábios do meu ouvido.

– Eu sonhei com você me dizendo que eu te devia três anos de sexo, senhora Constantini.

Sorrio, ficando vermelha. E excitada.

– Pensei que estivesse dormindo.

Ele beija a pele atrás da minha orelha e a mão aperta minha coxa.

Ofego.

– Prometi compensá-la e pretendo cumprir minha promessa.

– Espero ansiosamente que sim.

Ele ri e se afasta. Quando Karly aparece Lukas declina qualquer comida.

– Vamos pousar logo – ele desliga o celular e sua mão segura a minha.

– Estou curiosa para conhecer sua casa.

Ele leva minha mão aos lábios beijando-a.

– E eu ansioso para mostrá-la a você.

O piloto avisa que pousaremos em minutos e sinto meu coração disparar no peito.

Está acontecendo realmente. Estou pousando no Havaí com Lukas.

Um lindo dia de sol nos recepciona quando saímos do avião, um carro nos espera.

Olho embasbacada para a paisagem da estrada a beira mar que o carro percorre.

– A ilha se chama Kauai, minha casa fica na região de Hanalei Bay. – Lukas explica.

– É tudo tão lindo.

– Sabia que iria gostar – ele sorri pra mim.

Franzo a testa me lembrando de algo que ele disse.

– Sério que decidiu comprar esta casa porque gosto de sol? – Eu ainda achava que não estava falando sério.

– Sim, é verdade. Você parecia maravilhada com o sol, verdadeiramente feliz. Quis encontrar um lugar onde tivesse sol sempre.

– No entanto, nunca me trouxe pra cá – não consigo deixar de lamentar.

– Eu convidei. Você não quis vir.

Mordo os lábios e afasto o olhar para a paisagem de novo.

Claro, ele convidou, porém nunca acreditei que me quisesse ali de verdade.

O carro estaciona em frente a um jardim imenso com uma casa branca de um lado e a praia do outro.

Lukas me guia para dentro enquanto o motorista traz nossa bagagem.

A casa é mais simples do que eu imaginava. Muito clara e arejada, com móveis rústicos e aconchegantes. Nós subimos um lance de escada e Lukas abre a porta de um quarto decorado em tons pastéis, com cortinas brancas, uma estante enorme que toma toda uma parede à direita cheia de livros que chamam minha atenção, fazendo eu me aproximar curiosa.

– Este era o seu quarto – Lukas diz e o encaro levantando a sobrancelha.

– Era?

– Posso convidá-la para dormir comigo? – Ele pergunta se aproximando e eu sorrio.

– Mas... eu adorei este quarto... – ele ri me pegando no colo fazendo-me soltar um gritinho

de susto.

– Vai gostar do meu também. Se não gostar pode mudar o que quiser, não me importo. –
Propõe me levando pelo corredor.

Ele abre uma porta e constato que estamos bem longe do meu quarto.

– Por que tão longe?

– Achei apropriado na época – diz sombriamente e eu entendo.

Ficamos nos encarando por um momento. Parece estar pensando a mesma coisa que eu. O quanto tudo poderia ter sido diferente.

O quanto era diferente agora.

Com um grunhido, ele me beija com força e gemo em sua boca.

Já me esquecendo de pensar quando me coloca em sua cama, começando a tirar minhas roupas rapidamente.

– Não me mostrou toda a casa – digo ajudando-o a se livrar de suas roupas também.

– Teremos tempo. – Rosna, abaixando a cabeça e chupando meu seio com força, fazendo uma agonia doce começar a pulsar entre minhas pernas.

Novamente estou presa naquele redemoinho de sensações loucas e intensas, pensando somente em satisfazer meu anseio que parece nunca ter fim.

Espero mesmo que nunca tenha.

– Deu pra começar a compensá-la por minha promessa não cumprida no avião? – Lukas pergunta ainda ofegante depois de termos gozado juntos ruidosamente.

Acaricio seus cabelos molhados de suor e o beijo.

– Você pode continuar tentando... – ele sorri e se afasta, indo para o banheiro se livrar do preservativo, quando volta estou deitada no mesmo lugar, o calor é quase opressor, apesar de bom.

– Estou derretendo – murmuro, ele se aproxima e me puxa pra cima.

– Venha, vamos nadar.

Eu arregalo os olhos.

– Não estava falando sério sobre não precisarmos de roupas, não é?

– A praia é particular, Mia.

– Hum, eu não sei...

Ele rola os olhos.

– Certo, o quarto ao lado é de Taylor, aposto que ela tem muitos biquínis por lá. – Ele me dá um tapinha na bunda me dispensando.

Corro para o quarto, que é todo em tons de rosa claro e depois de abrir algumas gavetas

do closet encontro muitos biquínis. Pego o primeiro que encontro que me parece apropriado e o visto, indo encontrá-lo.

Ele está com uma sunga preta e óculos de sol.

– Se sentindo melhor agora?

– Estou sim, obrigada.

– Até o fim das férias terei te convencido a não usar roupa nenhuma.

Eu o olho, descrente.

Ele ri e saímos para o sol escaldante de fim de tarde, Lukas me leva direto para o mar, parando apenas para tirar seus óculos, me pegando no colo e levando para a água.

O frio do mar é bem-vindo em meu corpo quente, mergulho com ele por alguns instantes até emergir novamente sentindo o sol no meu rosto.

Ah, estou no paraíso.

Lukas me abraça, me beijando devagar.

Não, me corrijo. Isto sim é o paraíso.

Nós ficamos na água por um tempo, só mergulhando e nos beijando, não necessariamente na mesma proporção até que o sol começa a se por.

Ele me carrega para casa e me coloca numa banheira de água morna.

– Está um pouco vermelha – comenta com os lábios em meu ombro.

– Eu me queimo fácil.

– Me lembre de passar protetor em você amanhã, não a quero reclamando por estar toda queimada.

Eu reviro os olhos e encosto a cabeça em seu peito, muito cansada.

– Estou esgotada.

Ele beija meus cabelos, me tira da banheira, me seca e coloca na cama gentilmente.

– Durma.

Não precisa pedir duas vezes, antes que me dê conta, estou sonhando com um mar azul e beijos quentes.

Quando acordo está tudo escuro, fico meio assustada, sem saber onde estou. Um braço forte está pousado sobre meu peito e alguém ressona do meu lado.

Olho para o lado e Lukas está dormindo. Meu coração volta a bater normalmente, respiro devagar me acalmando.

Que horas serão?

Levanto-me e olho o relógio em cima da cômoda.

Cinco da manhã. Nossa, dormi tanto assim?

Lukas ainda está profundamente adormecido, enquanto eu me sinto subitamente desperta e com fome.

Tentando não fazer barulho, caminho, assim como estou, nua, para fora do quarto.

Recordando-me das palavras de Lukas de que me convenceria a andar sem roupa e sorrio para mim mesma. Não me parecia tão ruim, se ele também adotasse esta prática.

Paro no meio da sala, tentando descobrir onde fica a cozinha. Lukas não havia me mostrado todos os cômodos da casa.

Decido ir na direção contrária da escada que leva aos quartos no segundo andar e, depois de um corredor, encontro uma cozinha grande. Satisfeita, levo a mão ao interruptor e quando a luz se acende, solto um grito de horror.

Há alguém ali me encarando.

Um homem.

O que Jack está fazendo aqui? Me pergunto, assustada.

Capítulo 2

Mia

Estou paralisada de medo.

Por um momento penso que estou dormindo e que aquela cena faz parte de um sonho ruim, simplesmente não é possível que aquele cara esteja diante de mim, com um sorriso cheio de malícia se abrindo lentamente no rosto bonito, enquanto seu olhar percorre meu corpo. Nu.

Arfo em pânico e, finalmente saindo do torpor, corro da cozinha o mais rápido que consigo.

No corredor sou parada ao bater contra o peito de Lukas que me segura, surpreso.

– Mia? O que foi?

Enterro a cabeça em seu peito, toda trêmula de susto e choque.

– Tem um homem... na casa.

– O quê?

– Jack... O noivo da Danielle...

– Jack está aqui? – A voz de Lukas é de incredulidade, e sei que ele não acreditaria em mim se não escutássemos passos. Sinto seu enrijecimento quando percebo que viu o que eu vi. Jack.

– Me desculpe se a assustei – a voz do noivo de Danielle se faz ouvir. – Não foi minha intenção...

Os braços de Lukas me apertam mais enquanto ele me puxa para longe. Não ousa levantar a cabeça, até que estejamos seguros dentro do quarto e Lukas fecha a porta.

– Você está bem? – Ele pega um roupão e me veste.

– Estou aterrorizada! – Ainda estou tremendo. – O que Jack está fazendo aqui?

– É o que pretendo descobrir – Lukas me encara sério. – Não saia daqui.

Como se precisasse pedir!

Ele sai fechando a porta e volto para cama, me perguntando enquanto me cubro e tento parar de tremer, como é possível Jack estar ali, em plena madrugada.

E, se eu já sentia certo receio dele antes e não gostava do jeito que me encarava, como se estivesse debochando de mim ou algo assim, agora sentia meu estômago revirar ao reviver a cena da cozinha.

Eu estava nua! Fico vermelha de vergonha só com a recordação dos olhos de Jack me analisando com evidente malícia.

Não sei quanto tempo passa até que escuto a porta do quarto se abrindo e Lukas se aproximando da cama. Eu me sento o encarando curiosa. O dia já amanheceu.

– E então?

Lukas senta na minha frente, passando os dedos pelos cabelos.

– Ele veio com Danielle.

– Danielle? Ela está aqui também? Eu não a vi.

– Estava lá fora conversando com o motorista que os trouxe.

– O que eles vieram fazer?

– Houve uma emergência na empresa.

– E ela precisava vir? – Será que a assistente de Lukas não conhecia telefone, ou Skype?

Fala sério!

Finalmente eu estava numa ilha paradisíaca sozinha com Lukas e do nada aparece sua assistente e o namorado esquisito para atrapalhar?

É muito azar para uma pessoa só!

– Foi o que perguntei a ela. A questão é mesmo urgente. E sigilosa – acrescenta. O que me deixa com vontade de perguntar o que seria tão urgente. O "sigiloso" colocado no fim da frase, freia minha curiosidade. – Realmente não seria prudente que tratássemos por telefone ou e-mail. Infelizmente tenho que dizer que ela fez certo ao vir.

De repente algo me passa pela cabeça.

– Ela não sabia que eu estava com você, não é?

– Não – Lukas responde simplesmente.

– E por que Jack veio também?

Sua expressão se transforma numa carranca.

– Jack não quis deixá-la viajar sozinha, parece.

Franzo a sobrancelha.

– Você não gosta do Jack – afirmo e Lukas não nega.

– Não, não gosto. Sinceramente? Danielle merecia coisa melhor.

Bom, eu não conheço Danielle nem Jack, só tenho um estranho pressentimento sobre ele. Talvez Lukas sinta o mesmo.

– E o que vai acontecer? – Faço a pergunta que me atormenta. Será que por causa desta emergência, teremos que voltar a Seattle?

Sinto meu coração afundar no peito. Não quero voltar. Não ainda.

Não estou preparada para encarar o mundo real.

Tenho medo do mundo real. Medo de ser acordada deste sonho onde Lukas é meu de verdade.

Lukas me encara, sua expressão suaviza, enquanto levanta a mão e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– Tenho que dar atenção a este assunto.

– Vamos voltar pra Seattle? – Pergunto baixinho, Lukas sacode a cabeça negativamente.

– Farei o possível para que não seja preciso.

Quase suspiro aliviada, então, suas próximas palavras tiram minha alegria.

– Eles ficarão aqui por enquanto, até que eu consiga ajeitar tudo com a Danielle.

– Jack também?

Lukas parece tão avesso à ideia quanto eu.

– Sim – confirma sucintamente, se levantando. Parece distante agora. – Eu vou tomar um banho. Por que não volta a dormir? Está muito cedo.

– Não tenho sono. Estou dormindo desde ontem à tarde – reviro os olhos.

– Devia continuar na cama, descansando.

– Prefiro ir preparar nosso café então – joga as cobertas para o lado, saindo da cama. – Onde estão Jack e Danielle? – Pergunto a Lukas que já está no banheiro.

– Os coloquei num quarto de hóspedes. Devem estar descansando da viagem – escuto-o ligar o chuveiro.

Com Jack e Danielle no quarto deles me sinto corajosa para sair do de Lukas para pegar minhas roupas no que seria meu.

Coloco um short, uma camiseta e corro para o banheiro para escovar os dentes e prender meu cabelo que está rebelde por causa da umidade. Não me agrada nada ter que passar um dia, ou sabe lá quantos, sozinha enquanto Lukas estará cuidando de negócios com Danielle, penso, enquanto vou para cozinha.

Jack também estará por ali, sem nada pra fazer. Sinto um arrepio de horror. Credo. Nem pensar.

Abro a geladeira e fico satisfeita ao ver que está bem abastecida, começo a preparar o café da manhã. Estou distraída batendo ovos quando escuto a porta se abrir, ao me virar, levo o segundo susto do dia causado pela mesma pessoa.

Jack está entrando na cozinha, todo molhado, vestindo apenas uma sunga. Obviamente estava dando um mergulho, percebo, ficando vermelha e desviando o olhar, não sem antes ver seu sorriso.

– Parece que te assustei de novo.

– Com certeza – resmungo, derramando os ovos na frigideira.

– Hum, isto cheira bem – dou um pulo ao ouvir sua voz bem atrás de mim.

Como ele chegou ali? Rastejando?

Respiro fundo, tentando me acalmar.

– Onde está Danielle? – Pergunto meio ansiosa. Não gosto de ficar sozinha com aquele cara.

– Danielle, como eu, deve estar se perguntando o que você está fazendo aqui. Devo dizer que ficamos bastante... surpresos.

Desligo o fogo e me viro pra ele.

– Devia ir se secar. Está molhando todo chão – digo friamente.

– Sim, querido – Danielle surge na cozinha naquele momento – Mia tem razão.

Jack sorri lentamente então segura os cabelos de Danielle puxando-a para si, plantando um beijo ruidoso na sua boca. Desvio o olhar, constrangida.

– Jack, não deixe a Mia sem graça – Danielle o afasta.

Jack sorri e sai da cozinha. Quase consigo voltar a respirar normalmente.

Qual era a daquele cara que me deixava daquele jeito?

– Me desculpe. Jack pode ser meio... intenso, às vezes, – Danielle sorri amigavelmente.

Seu olhar me sonda, enquanto termino de por a comida na mesa.

– Sente-se e tome café. Acabei de preparar – digo.

– Ah, muito obrigada – ela se senta, servindo-se de suco de laranja. – Me desculpe por aparecer assim do nada.

– Lukas já me explicou – respondo rápido. – Vocês têm trabalho a fazer.

– Exatamente. Sei que foi um tanto temerário vir pra cá deste jeito, era urgente.

– Jack não se importou? – Não consigo deixar de perguntar.

– Jack sabe a importância do meu trabalho. Disse a ele que não precisava vir, ele insistiu – ela dá uma risadinha. – Acho que queria aproveitar a praia.

Eu não compartilho seu sorriso nem seu humor.

Pergunto-me o que ela acha de eu estar ali. Obviamente Jack deve ter contado que me encontrou nua na cozinha. O que só poderia significar uma coisa: eu estava transando com Lukas. Isto certamente não era um segredo.

Não que seja da conta de Danielle ou do seu noivo, mesmo assim me sinto um tanto envergonhada. E preocupada.

Enquanto estava sozinha com Lukas era fácil fingir que nada mais existia.

A intromissão de Danielle e Jack fazia com que me questionasse para onde eu e Lukas estávamos indo naquela nova fase do nosso relacionamento.

Se é que estávamos indo para algum lugar...

Escuto passos e Lukas entra na cozinha. Tenho vontade de suspirar com sua aparência fresca e cabelos molhados. Está vestindo calça caqui e camiseta branca e eu lamento que sua ideia de andarmos nus tenha sido sabotada pela chegada de nossos visitantes inesperados.

– Ei, Lukas – Danielle sorri. – Estava pedindo desculpas a Mia por aparecer e atrapalhar as férias de vocês.

– Eu já expliquei a ela – ele fala secamente. – Onde está Jack?

– No banho.

– Ele não ficará entediado por passar o dia sozinho?

– Ele se vira – Danielle responde. – E aí, pronto para começarmos? – Eu a vejo abrir um laptop e me levanto.

– Vou deixar vocês sozinhos.

Saio da cozinha antes que respondam. Sento-me em um sofá e me pergunto o que fazer.

Estou num local maravilhoso e não vejo graça nenhuma em nada, porque não teria Lukas.

– Encontre-me no escritório. É a última sala no corredor – escuto a voz dele ao entrar na sala e os passos de Danielle se afastando, quando se senta ao meu lado. Lukas me encara. Não parece nada feliz.

Bom, nem eu.

– Estou me sentindo culpado por deixá-la sozinha – diz enquanto puxa minhas pernas para cima da dele.

Dou de ombros.

– Não vai ser pra sempre, não é? – Minhas mãos buscam sua camiseta e baixo o olhar. No fundo sei que não estou falando apenas deste dia e sim de uma pergunta muito mais profunda do meu coração, que ainda não tenho coragem de externar.

Os dedos de Lukas levantam meu queixo.

– Eu vou para o escritório agora, quanto mais cedo resolver as questões da Constantini, mais cedo eles irão embora e mais cedo poderei ficar sozinho com você. – Seus lábios encostam muito devagar nos meus, sem me beijar, deixando-me frustrada, enquanto deslizam por meu rosto, até minha orelha. Seu hálito quente invade meu ouvido. – E aí, vou foder você de todas as maneiras que sempre sonhei Mia Constantini.

Fecho os olhos, estremecendo de prazer com aquela promessa suja. Ah, sim.

Qualquer bobagem sacana saindo da boca de Lukas se transformava nas mais belas palavras pra mim. Eu era um caso perdido. E não estava nem aí.

– Então é melhor ir logo – consigo murmurar, me afastando, puxando minhas pernas. Estou toda trêmula e excitada me segurando para não pedir para darmos uma rapidinha antes de ele ir tratar de assuntos chatos.

Ele se levanta, se volta me encarando muito sério.

– Fique longe de Jack.

– Não tenho a menor intenção de me aproximar dele – respondo.

Lukas segue para o escritório e volto para meu quarto. Não o de Lukas, o quarto que era meu antes. Olho os livros na estante e sorrio feito boba imaginando que ele teve o trabalho de encher aquele quarto de livros pra mim, porque amo ler.

Escolho um romance e sento na cama para ler. O calor me deixa incomodada. Relanceio o olhar para o dia claro lá fora. Não era justo ficar trancada dentro de casa com todo aquele sol me chamando.

Levanto e procuro um biquíni no quarto de Taylor, optando por um modelo branco simples e, pegando o protetor solar, óculos de sol e uma canga, saio da casa na direção da praia.

Ah sim, é bom demais. Deitar defronte ao mar, deixando o sol me queimar. Para tudo ficar perfeito só faltava Lukas. Ele disse que a reunião chata com Danielle não ia durar pra sempre. Suspirando, fecho os olhos e deixo minha mente divagar para as lembranças de nós dois juntos. Ali mesmo naquele mar...

Estou meio adormecida, percebo. Devo ter dormido embalada pelo barulho das ondas e o

sol quente. Continuo de olhos fechados, meio sonolenta percebo que alguém está me tocando. Massageando minhas costas...

Com um grito desperto totalmente e dou um pulo me afastando daquelas mãos estranhas, dou de cara com Jack rindo pra mim. Ou de mim.

– Calma.

– Que merda está fazendo?

– Estava passando protetor em você – ele mostra a mão suja de creme. Continuo a encará-lo desconfiada.

– Não pedi que fizesse isto.

– Desculpe. Fiquei preocupado vendo-a dormindo nesse sol com sua pele tão branca... Só queria ajudar.

– Não precisava. Você me assustou – resmungo.

– Realmente sinto muito. Não queria te assustar novamente – ele senta ao meu lado. – Me diga uma coisa Mia, tem medo de mim ou é assustada por natureza?

– Nem uma coisa nem outra – respondo petulantemente e ele ri.

– Então, você e Lukas... – ele diz de repente, deixando a afirmação no ar.

Não sei o que dizer.

Talvez devesse me levantar e me afastar daquele cara estranho.

– Devo dizer que estou realmente surpreso. Danielle me contou que o casamento de vocês era apenas de fachada.

– Não é absolutamente da sua conta – o corto me levantando. Jack faz o mesmo.

– Só queria saber se você realmente confia no Lukas.

Franzo o cenho. Onde Jack queria chegar?

– Por que está me perguntando? Quer me dizer alguma coisa?

– Não, nada.

– Por que está tentando me colocar contra ele?

– Não estou...

– Está sim. Vou contar ao Lukas o que está tentando fazer.

– Não conte – ele segura meu braço, subitamente sério. Eu o afasto.

– Então admite?

– Não.

– Mas está com medo que eu diga a ele.

– Ele é o chefe da minha namorada – argumenta cheio de escárnio

– Então por que está me perturbando?

– Porque você é uma garota jovem e ingênua. Lukas é um cara vivido. Sinto-me compelido a avisá-la talvez não saiba onde está pisando.

– Não é problema seu!

– Claro que não. Me desculpe – ele dá um passo para trás com um olhar arrependido. Não acredito na sua sinceridade. – Só senti pena de você.

– Por que teria pena de mim? – Inferno, sei que não deveria estar dando trela para ele, porém não consigo parar.

– Seu pai é um ladrão. Foi obrigada a casar com Lukas Constantini, quando tinha dezessete anos e ele passou todos estes anos com aquela loira, como é mesmo o nome dela? Alexia Duran.

Ouçoo o nome de Alexia como um soco no estômago.

Jack percebe que mexeu comigo.

– Oh, não sabia de Alexia?

– Claro que sabia – respondo com mais segurança do que estou sentindo no momento.

– Sabia também que Alexia está só esperando seu contrato de casamento com o Lukas terminar para eles se casarem?

Sinto vontade de vomitar.

– Como sabe?

– Ora, todo mundo sabe. Só você que não.

– Está inventando...

– Estou? Por que será que Lukas a trouxe pra cá? Certamente pra esconder de todos o que anda fazendo com a esposinha adolescente de mentira. Principalmente da amante dele...

– Mia? – Escuto a voz de Lukas me chamando como se viesse de muito longe e olho na direção da casa. Ele está se aproximando com cara de poucos amigos.

Ainda sinto um zunido na minha mente, ecos das palavras horríveis de Jack.

– Oi, Lukas, eu e Mia estávamos aproveitando o sol.

Lukas chega até mim e me puxa para perto dele me afastando de Jack.

– Danielle está te procurando. Nós terminamos. Um carro está vindo para levá-los ao aeroporto.

Jack sorri e acena.

– Então é uma despedida. Adeus, Mia. Foi ótimo passar a manhã com você.

Ele se afasta e Lukas me encara com mal disfarçada fúria.

– Eu disse pra ficar longe de Jack.

– Por quê? Para ele não me falar sobre sua amante Alexia Duran?

Lukas franze a testa.

– Do que está falando?

– Daquilo que eu deveria ter perguntado antes de deixar você me foder, como gosta de dizer. Você ainda está com a Alexia, não está? Me trouxe pra cá para me esconder dela, para que não descobrisse que estava transando comigo. Diga-me a verdade Lukas.

Capítulo 3

Mia

O silêncio tenso que segue minhas palavras contundentes é quebrado apenas pelo som das ondas arrebatando no mar muito próximo. E pelas batidas erráticas e desesperadas do meu coração, que se aperta com um medo insano de que Jack tenha razão. Ao mesmo tempo em que almejo ardentemente que Lukas negue tudo e me chame de absurda.

Será que eu poderia acreditar?

Eu vi. Ninguém me contou. Naquela noite vi Lukas prensando Alexia na parede. A imagem na minha mente nesse momento tem um poder muito mais destrutivo do que há três anos.

Naquela época, não sabia o que era ter Lukas de verdade. Achava que nunca o teria.

Será que agora tenho?

Eu o encaro, mal respirando entre a esperança e o medo. Ele está tenso e furioso.

– Jack te disse isto? – Suas palavras soam perigosamente controladas, como águas turvas batendo numa represa prestes a invadi-la com uma força avassaladora.

– Sim, ele disse – respondo. Por que ele não está negando? Por quê?

Em vez de se explicar Lukas começa a se afastar com passos duros em direção a casa.

Fico ali, paralisada por um momento, tentando não mergulhar no desespero, até que escuto o grito de Danielle.

– Lukas! Pare!

Saio do meu torpor e corro na direção da casa para ver Lukas esmurrando Jack na varanda. Levo a mão à boca pra conter o grito de horror, ao ver Jack no chão com a boca cheia de sangue e Danielle se colocando na frente de Lukas.

– Lukas, já chega!

– Você é um filho da puta! Eu poderia te matar se não fosse por Danielle – grita por cima dos cabelos dela.

Jack se levanta limpando a boca e olha pra mim.

– Eu só tentei alertar sua jovem esposa sobre o tipo de cara que você é...

– Cale a boca! – Lukas tenta avançar de novo desta vez sou eu que seguro seu braço, preocupada.

– Lukas, pare!

Ele me encara, como se só agora me visse. Seus olhos estão cheios de ódio.

– Por favor, pare – peço assustada com aquela cena.

Danielle está ao lado de Jack segurando-o. Não sei se para evitar que ele parta pra cima

de Lukas ou para ampará-lo.

Jack, sinceramente, não parece muito aborrecido. Ostenta sua postura debochada de sempre.

– Leve este cara embora da minha casa, Danielle – Lukas sibila raivosamente – antes que eu desista de me conter por você.

– Vamos embora, Jack! – Danielle puxa o noivo, que acena pra mim com um risinho de escárnio.

Consigo respirar quase aliviada quando eles deixam a varanda.

Lukas dá alguns passos para longe de mim, passando as mãos trêmulas pelos cabelos.

– Lukas...

– Vá para seu quarto, Mia – ele não me encara.

Para seu quarto. Não nosso quarto.

Engulo em seco.

– Mas...

– Mia, por favor – escuto sua respiração profunda, como se estivesse se controlando para não explodir comigo.

Comigo?

Quero me indignar, ir até ele e sacudi-lo exigindo respostas para minhas perguntas, mas também estou com medo do que vou ouvir.

Sem contar que Lukas está furioso demais.

Então, sem dizer nada, me afasto entrando na casa, subindo rapidamente para o meu quarto como ele pediu. Ou ordenou.

No meio do corredor me deparo com Danielle. Nós nos encaramos tensas.

– Sinto muito, Mia – ela diz séria. Parece muito aborrecida. – Jack e Lukas nunca se deram bem. Um dia esta tensão iria explodir.

– Jack estava me envenenando contra o Lukas – digo com a intenção de sondá-la. Será que ela sabe o que Jack estava me dizendo? Ele contou a ela?

– Jack não pensa antes de falar e causa confusão.

– O que ele falou é verdade? – Pergunto num fio de voz.

– Não é da nossa conta, falar sobre este assunto já causou estrago demais por hoje – responde. – Só vim pegar meu laptop no escritório e falar com o Lukas. Jack está tomando banho para partirmos, não se preocupe.

Sem mais, ela passa por mim e desce as escadas.

Entro no quarto e bato a porta, indo direito para o banheiro. Olho meu rosto no espelho. Estou toda suada do sol e de nervosismo, minha pele pegajosa e quente. Sinto tremores me sacudirem. Eu deveria entrar no chuveiro e tomar um banho, mas não quero fazer nada antes de falar com Lukas e encerrar aquele assunto de vez.

Então volto para o quarto e vou para a sacada. O sol está desaparecendo, ofuscado por

nuvens escuras que começam a cobrir o horizonte.

Está escurecendo. Um prelúdio de tempestade.

Mas a tormenta já começou entre nós faz tempo. Estou no meio do vendaval agora.

Encolho-me com uma rajada de vento frio e avisto um carro com um motorista uniformizado parado ao lado, vejo Danielle e Jack se aproximarem e entrarem. Finalmente estão partindo, depois de causar um estrago sem precedentes naquela ilha.

Ou será que quem fez o estrago na verdade fomos Lukas e eu com nossas palavras não ditas?

Desde que entrei naquele avião e me joguei em seus braços, estava vivendo no paraíso, esquecida de que havia um inferno ficando para trás e nele, um demônio chamado Alexia Duran.

Sim, eu podia chamá-la de todos os nomes ruins e ainda não seria suficiente. A raiva que sinto de imaginá-la com Lukas me atinge de um jeito que sinto toda minha alma sendo envolvida por uma fumaça escura e sombria.

O carro levando Jack e Danielle se afasta, eu continuo ali, cercada pelas nuvens pesadas que cobrem o céu. Não sei quanto tempo se passa até que sinto os primeiros pingos caírem sobre meus cabelos e minha pele.

– Mia? – A voz de Lukas chega aflita até mim antes que sinta seus braços me envolvendo. – Que merda está fazendo aqui na chuva? – Ele me leva pra dentro, fechando as portas de vidro atrás de nós. Muito vagamente me dou conta de que estou tremendo de frio, enquanto Lukas me leva até o banheiro. – Está congelando – diz aborrecido e finalmente saio do meu torpor, o empurro para longe de mim, fitando-o indignada.

– Você ainda não respondeu minha pergunta!

Ele dá um passo para trás. Não há mais fúria em sua expressão e sim... pesar?

Tristeza? Ansiedade? Não consigo definir.

– Por que não me responde? Por quê? Por que fui idiota e não te perguntei sobre ela quando entrei naquele avião? Achou que talvez eu não me importasse?

– Importa?

Como é que ele podia perguntar isto?

– Importa sim! Agora muito mais do que antes! – As lágrimas caem dos meus olhos se misturando com as gotas de chuva que estavam ali. – Como pode pensar que não me importo? Acreditou realmente nisto? O que significa Lukas? Que Jack tem razão? Que me trouxe pra cá, para Alexia, ou sei lá mais com quem você dorme, não descobrir? Eu seria seu segredinho sujo? E o que aconteceria quando o verão acabasse? Me mandaria de volta para New Haven como se nada tivesse acontecido? – Oh Deus, estou me afogando em agonia só de imaginar que tudo faz um sentido assustador. Nós nunca falamos sobre futuro. Nunca racionalizamos sobre nada, a não ser sobre a paixão que sentíamos. Eu não queria pensar em nada a não ser no nosso desejo, inferno!

O que eu estava esperando? Que direito tinha de esperar?

Tínhamos um maldito contrato que dizia claramente: Cinco anos. Apenas aparências. Nada sobre sexo numa ilha paradisíaca.

Ou algum sentimento envolvido.

No entanto havia sentimentos, não havia? Pelo menos da minha parte sempre houve.

Esta era a raiz do problema.

No final das contas, Lukas podia ter a mulher que quisesse. Ele nunca me fez nenhuma promessa.

Ele continuava ali, em silêncio, me fitando com uma expressão indecifrável, enquanto eu me desmanchava em lágrimas.

– Nunca deveria ter trazido você pra cá. Nunca deveria ter posto meus olhos em você. Ou minhas mãos. Se tivesse seguido o maldito contrato à risca, você ainda seria uma garota inocente e livre de qualquer sofrimento e não estaria deste jeito – suas palavras amarguradas me afligiam ainda mais. – Nunca quis fazê-la sofrer. Tudo o que quis foi te proteger, pelo visto eu sempre falho. Sou eu o que mais te aflige.

Respiro fundo, enxugo de qualquer jeito meu rosto molhado, tentando parar de chorar e entender o que ele dizia. Tentando entender seu real significado.

– Sou um cara fodido, Mia. Sempre estrago tudo, deve estar começando a perceber. Por mais que eu tente acertar continuo errando. Errei com a minha mãe. Errei com você e até mesmo com Alexia.

Meu estômago embrulha ao ouvir o nome dela. Quem se importa? Alexia que fosse para o inferno.

– Fiz uma confusão sem tamanho achando que estava te mantendo a salvo de mim, transando com a Alexia e te deixando em paz. Do que adiantou? No fim, não pude resistir. Talvez, ficar me enganando que tudo vai ficar bem, que nós dois ficaremos bem, seja apenas uma ilusão. Simplesmente adiar o inevitável... Nunca vou poder mudar o passado e as decisões erradas que tomei. Talvez o maior erro de todos tenha sido transar com você em Aspen. Foi quando percebi que não adiantaria nada eu continuar transando com Alexia, ou qualquer outra. Elas nunca seriam você. E você nunca vai ser minha.

– Eu fui sua agora. Aqui – murmuro num fio de voz, voltando a chorar.

– Inferno Mia! – Com poucas passadas, ele se aproxima de mim. Seus dedos em meu rosto, meu cabelo. Encosto-me nele, porque não há nada que possa fazer pra evitar. Eu preciso. É tão necessário quanto respirar. Como uma doença que não se cura, só se agrava.

Aspiro seu cheiro, me agarro à sua camisa, precisando que ele me tire do mar de desalento no qual estou me afogando.

– Por favor, não chore – suas palavras saem abafadas por meu cabelo. Eu absorvo sua voz, bebo sua presença. Pode ser a última vez. Esta constatação é como uma punhalada no meu peito. Por que não pode ser possível?

Não estava sendo? Nós dois, naquela ilha. Sozinhos no paraíso?

Não sei quanto tempo passa até que sinto as lágrimas cessarem, não porque acabou o sofrimento e sim porque estou exausta.

Lukas me solta e o observo ligar o chuveiro e vir até mim.

– Você precisa de um banho – palavras práticas. Uma ilusão de quase normalidade.

Deixo que ele tire meu biquíni. Não sei se comemoro ou não o fato de ele ter tirado a roupa também. Quando entramos no chuveiro ele regula a água, pega uma esponja, coloca sabonete líquido e começa a me lavar gentilmente.

Ah, é bom. Relaxante. Revigorante. Sentir-me massageada. A água e o sabão levando todo o suor, chuva e lágrimas do meu corpo esgotado.

Não há nenhuma sensualidade em seu gesto, mas existe carinho. É o que traz um resquício de luz para dentro de mim. Embora ainda haja um bocado de escuridão.

Depois de algum tempo, me sinto limpa. Pelos menos meu exterior está impecável, o que me dá algum alento, então o encaro. Lukas já não me toca. Ainda existe dor em seu olhar. E algo mais que não consigo detectar.

– O que vai acontecer agora? – Pergunto com a voz sem vida.

– Acho que você deveria ir embora.

– E se eu não quiser?

– Não sei se terei forças para obrigá-la a ir. Tudo o que vem à minha mente, cada vez que está a meu alcance é forçá-la a ficar, mesmo não tendo o direito.

– Talvez eu te dê o direito.

Sua mão toca meu rosto afagando minha bochecha. Fechos os olhos.

– Eu sei que sou uma boba. Que você é todo confuso e errado... mas não quero que acabe. Não quero abrir mão do que temos, sinto uma faca apunhalando meu peito só de pensar em te deixar. – Abro os olhos. – Aí imagino você e Alexia e, mesmo sabendo que não posso cobrar...

– Nunca mais transei com Alexia. Não depois de Aspen.

– Tem transado com quem então?

– Com ninguém depois de você.

Eu engulo em seco. Sinto um alívio doce se alastrar pela minha corrente sanguínea.

– Eu já disse Mia, estava apenas me enganando com elas. No fim, não adiantou nada. Estou cansado de cometer os mesmos erros.

– Eu sou um erro?

– O maior de todos.

Sua outra mão circula meu rosto e seu olhar está mais atormentado. Também está cheio de paixão. Ofego.

E, porque quero que a tormenta vá embora ficando só a paixão, me ponho na ponta dos pés e o beijo.

Com um gemido rouco, Lukas passa os braços em volta de mim, colando nossos corpos molhados num abraço apertado, como se nunca mais fosse me largar.

Anseio exatamente por isto do fundo do meu coração tolo. Que ele nunca mais me solte. O que mais posso querer? Minhas emoções estão atadas a ele por tanto tempo que nem sei mais como sair.

Só me resta receber seus beijos como o mais belo presente e agradecer com meus suspiros

trêmulos em seus lábios. Meu corpo inteiro desperta para um desejo agridoce, sentindo o calor de suas mãos que deslizam com furor pela minha pele, apertando, marcando.

Arquejo ruidosamente quando seus lábios deixam os meus para trilhar um caminho de beijos por meu rosto, minhas pálpebras cerradas, minha têmpora.

– Faça amor comigo, Lukas – ofego, enterrando minhas unhas em seus ombros fortes, meu corpo delira quando ele desce as mãos e seus dedos apertam minhas nádegas, me trazendo pra cima e me encostando contra o azulejo. Então está dentro de mim, empurrando e estocando com força. Ofego e gemo, firmando minhas pernas em volta do seu quadril me movimentando junto, buscando aquele prazer perfeito que existe só quando estamos assim, descontrolados e perdidos um no outro. Não demoro a sentir meu ventre se despedaçar num orgasmo violento que sacode meu corpo me fazendo gritar, Lukas goza também, rosnando em meu ouvido palavras ininteligíveis que me fazem sair da terra por instantes sem fim.

Quando volto a mim e abro os olhos, ainda estamos agarrados no banheiro enfumaçado pelo vapor. Meu coração vai voltando a bater no ritmo normal e a realidade de nossa discussão anterior retorna a minha mente. Sinto-me triste quando Lukas me fita ainda ofegante.

– Tudo bem?

– Não quero ser um erro pra você – murmuro.

Ele engole em seco e desvia o olhar. Me coloca no chão com cuidado e me leva para debaixo do chuveiro de novo. Me segura ali por alguns segundos, minutos. Não sei.

– Vamos sair – diz por fim desligando o chuveiro. Abrindo o boxe e saindo antes de mim, me passa uma toalha. Nos enxugamos num silêncio cheio dos sons confusos de nossas mentes.

Ainda me sinto meio aérea depois do orgasmo intenso, não sei o que pensar. Sei o que quero e também que talvez não seja possível.

Lukas coloca um roupão e pega outro, me ajudando a vesti-lo.

Sem dizer nada, ele me puxa pela mão para fora do quarto, até a sala espaçosa. Pelas grandes janelas vejo que está anoitecendo lá fora. Não chove mais. A tormenta passou apesar de ainda restarem algumas nuvens negras no céu.

Ele me senta num sofá e acende a lareira. Fico observando seus movimentos. Nem tinha reparado que havia uma lareira ali.

– Vou preparar algo pra você comer – diz.

– Não quero comer.

– Nós dois precisamos nos alimentar.

– Antes preciso saber se vai me mandar embora – questiono corajosamente.

Ele para, passa os dedos pelos cabelos, parecendo lutar contra si mesmo.

– Você quer ir? – Pergunta por fim.

Eu sacudo a cabeça negativamente e ele senta do meu lado.

– Eu queria ter forças para ficar longe de você – sinto seus lábios em meus cabelos, sua voz em meu ouvido.

– Não quero que fique longe de mim.

Eu o encaro, ele parece tão sério, me assusta.

– Por que sou um erro? Por causa do contrato?

– Porque não consegui me impedir de me apaixonar por você. E esse amor vai acabar sendo minha ruína.

Capítulo 4

Mia

Meu coração desanda no peito num frenesi de batidas descompassadas e erráticas que ensurdecem minha mente, assimilando somente a parte em que ele disse estar apaixonado por mim.

Foi o que ele disse, não foi?

– Você falou que está apaixonado por mim? – Pergunto prendendo a respiração.

Talvez eu não tenha ouvido direito. Suas últimas palavras podem ser fruto de minha imaginação.

Lukas retira a mão dos meus cabelos e a passa por seus próprios cabelos molhados com uma expressão atormentada no olhar.

– Por que você acha que está aqui?

Oh Deus!

Eu não tinha me enganado, nem estava enlouquecendo. Ele tinha mesmo dito o que pensei que jamais fosse ouvir nesta vida.

Esta constatação dança em minha mente e escorre por meu corpo como mel quente, derretendo tudo por onde passa, deixando uma onda de puro frenesi em seu lugar.

Com um grito, pulo em seus braços, apertando os lábios nos dele com beijos sôfregos.

Uma pequena parte do meu cérebro sente que Lukas hesita e é esta mesma parte que se lembra vagamente que, junto com a palavra apaixonado, ele falou outra não tão boa. Mas no instante seguinte ele me beija de volta, enroscando os dedos nos meus cabelos e minha mente se junta à festa que meu coração e meu corpo estão fazendo.

Nem sei como acontece, porém, quando abro os olhos, estamos sobre o chão, a lareira muito próxima, aquecendo meu corpo nu. E Lukas também está nu do meu lado.

– Você pode repetir o que disse? – Peço. Ainda aparece surreal demais para ser verdade.

Então um lento sorriso se forma em seu rosto bonito e derreto um pouco mais antes mesmo de ele aproximar a boca do meu ouvido e sussurrar.

– Eu estou loucamente apaixonado por você.

Fecho os olhos, soltando um arquejo trêmulo de prazer e emoção.

– Oh Deus, é ainda mais excitante do que quando fala palavras sujas! – Suspiro ao abrir os olhos e Lukas continua sorrindo lindamente, agora seu olhar está cheio de malícia.

Minha pele arrepia e me enrosco mais para perto dele, roçando nossas peles em fogo, meus quadris buscando os seus sentindo sua ereção pulsando.

Me esperando.

Ah sim. Ele está tão excitado quanto eu esse reconhecimento faz meu ventre tremer em expectativa.

– Diga que vamos transar agora, por favor – peço me esfregando nele desavergonhadamente.

– Venha – Lukas me puxa pra cima dele com um gemido rouco – você por cima.

Ofego, surpresa.

Assim? Não fazia ideia de como ia funcionar

Mordo meus lábios, meu rosto corado de excitação e timidez.

– Não sei como fazer...

Ele ri, seus dedos apertam meus seios com força e descem até meus quadris, me erguendo sobre sua ereção.

– Eu te ensino – diz enquanto me desce numa lentidão torturante me preenchendo e gemo alto, fechando os olhos, deliciando-me com aquela posse.

Ah, era perfeito demais.

Doce e agonizante ao mesmo tempo.

– Abra os olhos, Mia!

Faço o que ele mandou e me perco em seu olhar ardente e concentrado. Seus dedos estão em meus quadris, guiando os movimentos.

– Tudo bem?

Eu assinto, pegando o ritmo e aumentando a cadência.

– Assim mesmo, baby – ele geme e gemo junto ao sentir seus dedos subirem até meus seios. – Amo seus seios... – ele gira meu mamilo entre o polegar e o indicador, torcendo.

Putá merda, sinto seu toque reverberar no meio das minhas pernas.

– Isto... – suspiro jogando a cabeça para trás, me movendo com mais rapidez.

– Porra, você está tão linda assim perdida em cima de mim... – sua voz entra em meu ouvido e acaricia minha alma, meu coração. Meus pelos se ouriçam e meu ventre se contrai de prazer enquanto sinto o orgasmo sendo construído.

Tão perto, tão ao meu alcance, tão...

Grito seu nome na sala escura, enquanto trepido em cima dele, sinto suas mãos me puxando e, num movimento ágil, ele rola e está por cima, estocando com força e rápido gozando dentro de mim com um rosnado em meu pescoço.

Um tempo infinito se passa até que um de nós consegue se mexer e é Lukas que se move para o lado. Não quero que se afaste. Não ainda. Nem agora. Nem nunca.

Com um suspiro satisfeito, me enrosco nele e sou recompensada por seus braços a minha volta e lábios em meus cabelos.

Sinto sono, mas não quero dormir.

Meu corpo está extremamente satisfeito e meu coração delira.

Levanto o olhar e seus olhos estão fechados.

Aquela parte impertinente do meu cérebro volta a sussurrar lembranças e mordo os lábios meio desconfortável.

Ele disse que eu seria sua ruína. Que era um erro gostar de mim.

Por quê?

Bem, eu podia listar alguns motivos bem patentes, como o nosso contrato de casamento, o fato de eu ser mais jovem do que ele, quase uma adolescente, de certa forma. Ou obviamente inocente.

Ou ainda o fato do meu pai ser o cara que o roubou.

Sinceramente, qual a importância de tudo nesse momento? Ele tinha acabado de dizer que estava apaixonado por mim.

Enquanto eu não podia negar que era louca por ele há anos.

E suspeitava que seria para sempre.

Então, por que não podíamos ser mais fortes que tudo?

Eu queria ser mais forte que tudo. Por nós.

Por Lukas.

Ele ainda estava cheio de dúvidas, de hesitações. Sabia que elas iriam voltar quando acordasse. Não podia deixar que voltássemos à estaca zero de novo. Não mesmo!

Também sabia que não podia pressioná-lo demais. Não queria afugentá-lo. Não queria que aquela breve estadia no Havaí se tornasse uma Aspen, parte II. Desta vez não iria deixá-lo me afastar.

Durante minha vida inteira permiti que as pessoas tomassem decisões por mim. Era minha vez de lutar pelo o que queria.

Iria dar todo o tempo do mundo para Lukas entender que eu não iria a lugar algum.

Com um sorriso deito minha cabeça em seu peito e deixo o sono me dominar também.

O sol está forte quando acordo no dia seguinte e me dou conta de que estou na cama do quarto de Lukas. Em que momento ele tinha me trazido? Não fazia ideia.

Esquadrinho o quarto com um olhar sonolento, não o vejo em lugar nenhum, então sinto o cheiro delicioso de ovos e bacon. Com um sorriso me levanto, coloco uma camiseta dele e sigo o aroma até a iluminada cozinha.

E lá está ele. De costas nuas para mim, cozinhando alguma coisa muito cheirosa no fogão que faz meu estômago roncar, ao mesmo tempo em que tem o celular no ouvido.

– Eu sei Danielle, só cuide para que não se transforme num desastre... Confio em você sim, por isto estou deixando em suas mãos. Certo, qualquer coisa me ligue. Até mais. – Ao se virar para colocar o telefone sobre a mesa, me vê.

Ele sorri, vejo um lampejo de tensão em seu olhar.

O que estaria falando com Danielle? Eu me pergunto como é que ele pode confiar tanto nela, quando ela tem um noivo canalha daqueles.

– Bom dia – ele larga o celular e vem em minha direção.

Mordo os lábios, deliciada com a expectativa. Lukas parece extremamente devorável vestindo apenas calça de pijama e com os cabelos bagunçados.

– Bom dia – respondo de volta e dou um gritinho de surpresa, quando ele me pega pela cintura, me coloca sobre o balcão da cozinha e me beija com vontade.

Ah, sim. Quem precisa de comida? O abraço com minhas pernas e enterro meus dedos nos cabelos escuros derretendo-me em seus lábios.

Estamos sorrindo quando o beijo termina.

– Isto é que chamo de começar bem o dia – aperto-o mais e me pergunto quando é que ele pretende transar comigo de novo. Mas Lukas me solta, colocando-me no chão.

– Na verdade, já é boa tarde.

– O quê? Mentira!

Ele ri, apertando meu nariz e voltando para sua frigideira.

– Você parecia tão desmaiada que pensei em chamar a emergência.

Eu me sento à mesa.

– Que exagero! Na verdade, queria me lembrar de como fui para o quarto.

– Eu a levei – diz, colocando ovos mexidos no prato a minha frente. – Não ia deixar você dormir no chão. Ficaria toda dolorida.

– Eu estou toda dolorida – digo sugestivamente ele levanta a sobrancelha quando entende e respira fundo.

Ah, Lukas, dois podem fazer esta brincadeira.

Pego meu garfo e começo a comer ferozmente.

– Hum, está muito bom. Estava morrendo de fome.

– Devo ficar preocupado? – Lukas indaga com a voz séria e o encaro. – Está machucada?

Rolo os olhos.

– Não mais do que o esperado – pisco, mas Lukas continua preocupado.

– Não gosto de pensar que te machuquei, Mia.

– Lukas, deixe de ser chato! Estou bem. Não tenho experiência com estas coisas, mas acho que deve ser normal se sentir um pouco dolorida, não?

– Eu devia ter pegado leve com você ontem justamente por isto. Você é tão inexperiente... Sou eu quem deveria tomar cuidado com estas coisas.

– Então o problema é este? Minha falta de experiência? Pode ser facilmente resolvido com aulas práticas. Muita prática.

Seu olhar escurece.

– Porra, Mia, não devia falar assim.

– Por que não? – Pergunto inocentemente, me inclinando sobre a mesa em sua direção e ele se inclina também, abaixando a voz.

– Porque fico excitado e com vontade de foder você em cima desta mesa até você gritar e no momento não posso fazer isto.

Minha respiração acelera e me mexo na cadeira.

– Por que não? – Repito a pergunta, vidrada nele.

– Pelos motivos óbvios conversados anteriormente – se afasta e eu faço um bico.

– Não é justo.

– Eu que o diga – ele começa a comer e fico encarando-o, perdida no movimento dos seus lábios.

Ele tinha que ser sexy até comendo?

– Coma – ordena e eu bufo voltando a comer.

Após terminarmos o ajuda a tirar a mesa e insisto em lavar a louça, já que ele preparou o café.

– O que vamos fazer hoje? – Pergunto, enquanto ele mexe no celular, com os quadris encostados na bancada.

– O que você quiser.

Eu lhe lanço um olhar divertido, mordendo os lábios e Lukas sorri.

– Menos isto.

– Desmancha prazeres.

– Tem muitas coisas interessantes para fazer nesta ilha.

– Sei...

– Achei que gostasse de sol.

– Gosto. Mas gosto mais de você. – Sussurro, enxugando as mãos e ficando na ponta dos pés para beijar seu queixo de barba por fazer.

Lukas solta um gemido e me prende em seus braços.

Eu enfio os dedos em seus cabelos.

– Você gosta de mim, é?

"Não é óbvio que eu te amo?" É a resposta fácil e clara que vem à ponta da minha língua, mas algo em seu olhar me faz recuar.

De alguma forma, intuo que ainda não é o momento de dizer. Que talvez Lukas não esteja preparado para entender o quão comprometida estou com ele. Conosco.

Apenas sorrio e deposito um beijo casto em sua boca.

– Neste momento não gosto muito de você... – me afasto e ele franze a testa.

– Ah não?

– Você não quer aceitar minhas sugestões para passarmos o dia – digo falsamente amuada cruzando os braços. – Estou intensamente magoada. Me sentindo até mesmo... rejeitada.

É sua vez de rolar os olhos e me puxar de novo, eu recuo.

– Não, não, não quero que se sinta tentado, me deixa... – ele ri e consegue me segurar.

– Ah, Mia, o que vou fazer com você?

Dou de ombros.

– Sei de várias coisas que poderia fazer se estivesse disposto...

Então ele sorri e me pega no colo.

– Ei o que está fazendo?

– Estou levando você pra cama, onde pode me dizer quais são suas sugestões para passarmos o dia.

Sorrio, satisfeita, passando o braço ao redor da sua nuca e beijo seu pescoço.

– Acho que até gosto um pouquinho de você agora.

Ele me coloca na cama e fica me encarando com a cabeça apoiada na mão.

– E então? Sou todo ouvidos.

Eu mordo os lábios.

Oh, droga, Lukas tinha razão. Eu era muito inocente.

– Quero que me ensine.

Ele franze os olhos.

– Ensinar?

– Sim. Quero que me ensine tudo sobre sexo. Quero que me mostre. Quero que faça tudo comigo.

Capítulo 5

Mia

Eu mordo os lábios me sentindo subitamente tímida, algo meio fora de lugar dada a extensão de nossa nova intimidade estabelecida nas últimas 24 horas e espero sua resposta com o coração batendo rápido.

Os segundos vão passando sem que Lukas fale nada e franzo a testa, confusa. Será que tinha ido longe demais?

– Não vai falar nada?

– Me desculpe, acho que estou num daqueles momentos em que é difícil discernir o sonho da realidade.

Fico mais confusa. Ele ri e toca meus lábios com os dedos.

– Tem ideia de quantas vezes imaginei você dizendo isto pra mim? Quantas vezes fantasiei sobre ser eu a ensinar a você? – Suas palavras fazem meu pulso acelerar e meu corpo esquentar ainda mais em expectativa.

Sim, eu sabia um pouco sobre fantasias. Ele não fazia ideia, eu podia lhe mostrar.

Com um sorriso, seguro sua mão e beijo seus dedos, vendo seu olhar escurecer com um desejo que era reflexo perfeito do meu.

– Também fantasiava sobre você – murmuro e, com um gemido rouco, ele me beija. Ah sim. A realidade era mil vezes melhor do que qualquer fantasia que tive, com certeza.

Sinto seus braços me prenderem, me puxando para perto e me joga em cima dele, que ri, separando nossos lábios, as mãos se imiscuindo por baixo da minha camiseta tocando minha pele quente, me arrepiando inteira. Nunca me cansaria de suas mãos em mim. Eu queria que elas estivessem sempre ali. Queria me vestir de Lukas Constantini.

– Vai me ensinar?

– Acha que poderia dizer não?

Dou de ombros.

– Sei lá, às vezes acho que quem está sonhando sou eu e a qualquer momento vou acordar e você será o mesmo Lukas chato de antes.

Ele levanta a sobrancelha.

– Lukas chato?

– Você sabe que era horrível comigo.

– Ah, Mia, eu era apenas um cara cheio de um tesão com o qual não sabia lidar.

– Então temos um acordo, você me ensina e eu te perdoo por ser um babaca.

– É justo. – Ele esboça o mais lindo sorriso do mundo, aquele que me deixa fraca de desejo

e ansiedade. – Então, o que quer aprender, senhora Constantini?

– Qual sua posição sexual preferida? – Pergunto sem pensar e fico surpresa ao vê-lo ruborizar.

– Você está vermelho! Lukas Constantini está ruborizado porque uma garota lhe perguntou sobre posições sexuais! – Rio, divertida.

– Não foi qualquer garota. Foi você.

Desta vez sou eu que fico vermelha.

– E o que tem isto?

– Até pouco tempo atrás você não passava de uma colegial e agora está querendo experimentar posições sexuais comigo.

– Isto continua sendo um problema? Eu cresci Lukas.

– Ah, eu sei que sim. Uma parte de mim ainda se sente um canalha por estar fantasiando todas as posições sexuais com você.

– Você não precisa só fantasiar. Pode fazer. Todas elas.

– Porra, Mia! – Ele me puxa pelos cabelos para mergulhar a língua na minha boca. Eu derreto totalmente e mal o sinto me girando na cama, para ficar por cima. Estou num estado de semiconsciência, apenas desfrutando do prazer de tê-lo me beijando daquele jeito, seu peso em cima de mim, atritando deliciosamente com todas as partes sensíveis do meu corpo. Já estou bastante ansiosa quando os beijos migram para meu rosto afogueado, deslizando até meu pescoço, a barba por fazer pinicando de forma estimulante minha pele sensível. Sei que ficarei marcada, quem se importa? Quero que ele marque meu corpo inteiro. Cada parte dele.

Com esta ideia em mente, levo minhas mãos que estavam até aquele momento em seus cabelos, para a barra da minha camiseta para tirá-la, Lukas me impede, segurando-as acima da minha cabeça.

– Pare de tirar suas roupas – diz no meu ouvido.

– Por quê? Vai tirar pra mim? – Realmente não me importava quem ia tirá-las contanto que desaparecessem.

Ele dá um risinho.

– Você pode ficar com elas por enquanto.

Levanto a sobrancelha curiosa e ofegante. Ele me beija, sugando meu lábio inferior descendo por minha garganta e mais além, os lábios cingindo meu seio por cima da camiseta e dando um chupão forte. Gemo alto, arqueando as costas da cama.

Lukas ri e faz a mesma coisa com o outro seio, desta vez completando com uma mordida em meu mamilo fazendo um grito escapar de minha garganta e uma dor gostosa se instalar no meio das minhas pernas.

– Ah, por favor... – peço arquejante, me movendo impacientemente debaixo dele, que só levanta a cabeça e me fita sério.

– Primeira lição. Paciência é uma virtude.

– Você é a porra de um monge budista? – Resmungo, fazendo-o rir alto, antes de voltar a

enterrar o rosto na minha barriga, depois de levantar minha camiseta o bastante para expor minha pele.

– O prazer é sempre mais apreciado se esperarmos por ele, baby – diz contra meu umbigo e estremeço. – Sexo tântrico, por exemplo, pode durar quatro horas.

– Você já fez sexo tântrico? – Levanto a cabeça do travesseiro e o fito com os olhos arregalados, o que o faz rir e morder minha cintura.

– Não, não fiz – responde e me fita com os olhos maliciosos. – Por que, gostaria de tentar?

– Esperei malditos três anos para estar aqui. Não acha que mereço certo crédito?

Em resposta, ele se ajoelha e segura meu pé, passando a língua pela sola.

Solto uma risada.

– Isto faz cócegas!

– Adoro quando ri – diz com um olhar subitamente carinhoso, fazendo meu coração aquecer. – Gosto de saber que sou eu que a estou fazendo rir.

Suspiro em resposta e fecho os olhos, para sentir seus beijos subindo por minha perna, a pressão chegando ao interior das minhas coxas. A sensação de seus lábios com a barba por fazer na minha pele combinada com a expectativa de para onde ele estava indo, é deliciosamente estimulante e me faz prender a respiração, numa mistura de apreensão e anseio. Começo a tremer quando o sinto respirar entre minhas pernas.

Ele assopra para depois mergulhar sua língua quente, úmida e maravilhosamente habilidosa, fazendo uma descarga de mil volts se espalhar por meu sangue, que está em chamas.

Ah... Meu... Deus...

Enterro meus dedos em seus cabelos e deixo as sensações se avolumarem sem controle, gemendo e me contorcendo, meus quadris se movendo num ritmo próprio, empurrando contra seu toque mágico até que tudo se torna demais para manter dentro de mim e explodo num orgasmo ruidoso, gozando forte em sua boca.

– Acho que morri – balbucio algum tempo depois, quando consigo voltar a pensar racionalmente.

Estou estirada na cama, desfeita e satisfeita. Lukas está do meu lado me olhando com um sorriso preguiçoso.

– Adoro ver você gozar.

Ruborizo e me lanço em cima dele.

– E eu adoro quando me diz estas coisas lindas e sacanas, mesmo me fazendo ficar vermelha.

– Adoro seu rubor – ele toca meu rosto vermelho e o beijo.

– Me ensine a fazer você gozar também – peço e ele geme, seus dedos castigando meus cabelos.

– Ah Mia, você realmente existe?

Eu sorrio e me afasto, me sentando em seu colo e mordendo os lábios ao levar as mãos à cintura de seu pijama.

– Vou provar que sou... deixa?

Com um grunhido, ele me joga na cama de novo e tira sua calça num movimento rápido.

– Eu queria ser um cara paciente, você torna tudo bem difícil – resmunga, se ajoelhando entre minhas pernas e engulo em seco, começando a me sentir muito excitada de novo, ao observá-lo segurar sua ereção.

– Não era bem o que eu tinha em mente, mas, tudo bem – murmuro, achando muito estimulante o jeito que ele acariciava a si mesmo.

– Tire sua blusa – sua voz áspera e mandona provoca um rebuliço dentro de mim.

Obedeço rapidamente e ele estende os braços para frente, se apoiando no colchão erguendo uma de minhas pernas em seu ombro ao me penetrar. Sinto meus músculos sensíveis se distenderem com a invasão.

Wow, isto era diferente. É... tão mais profundo, tão mais... intenso.

– Tudo bem? – Pergunta com um olhar preocupado, sem parar de estocar.

– Sim, não pare – estendo a mão e toco seu rosto, trazendo-o para mim, beijando seus lábios, me movendo junto com ele, para ele, só para ele.

Novamente o prazer é construído de dentro pra fora, se avolumando numa poça quente e úmida em meu ventre, espalhando calor por minha pele, fazendo meu coração bater descompassado no peito, porque o tempo inteiro seus olhos estão me sondando.

– Gosta disto?

– Hum, hum.

– Eu também. Gosto desta posição – ele puxa minha outra perna para seu ombro e vai ainda mais fundo, atingindo um novo ponto em meu interior, elevando o prazer a outro nível.

– Ah sim, eu gosto também...

Ele sorri e intensifica os movimentos, empurrando forte, em pouco tempo estamos gemendo juntos num clímax perfeito.

Depois a quietude sublime é quebrada apenas pelos sons das ondas arrebatando na praia lá fora e da nossa respiração voltando ao normal aqui dentro.

– Quem está morto agora sou eu – Lukas resmunga, saindo de cima de mim, para se aconchegar do meu lado, ainda com um braço sobre minha cintura.

Eu tento parar o sorriso bobo no meu rosto, não consigo. Seria possível sentir mais felicidade?

Eu me viro para ele, ainda muito animada.

– Quando teremos mais lições? – Pergunto e Lukas sorri de olhos fechados.

– Não ouviu o que eu disse? Estou morto. Você me matou.

– Ah, isto é que dá casar com um velho – brinco e, em resposta, sinto um tapa ardido na minha bunda.

– Me deixa dormir por meia hora e te mostrarei quem é velho.

– Promessas, promessas...

Lukas ri um pouco mais, me puxando pra perto e adormece em seguida.

Estou me sentindo elétrica. Dormir é impossível. Sinto vontade de me levantar e correr. Ou pular. Quem sabe dançar. Este é o efeito do sexo maravilhoso com Lukas Constantini em mim. Sinto-me energizada.

Então, depois de alguns minutos, desisto de tentar relaxar e dormir como ele. Me livrando de seu abraço, levanto-me e tomo um banho rápido. Depois volto para a cozinha, preparo um lanche e aproveito para procurar um telefone. Preciso ligar para o Joe, dizer que está tudo bem e que eu não vou mais pra Redmond.

Joe fica meio preocupado quando lhe comunico onde estou e com quem. Só não digo fazendo o que, porque acho que ficou implícito no meu tom abobalhado.

- Você tem realmente certeza do que está fazendo?
- Joe, está tudo bem. Estou feliz.
- Certo. Está feliz com seu marido de mentira aí no Havaí.
- Não fale assim...
- É a verdade. Ou pelo menos era até onde eu estava sabendo.
- As coisas mudaram.
- Mudaram realmente?

Mordo os lábios, tentando não deixar as incertezas de Joe me contaminarem.

Ele não sabe nada sobre mim e Lukas.

Tenho vontade de contar que Lukas disse que estava apaixonado por mim. Claro que tudo tinha mudado. Como poderia ser diferente?

– Olha, não quero ser intrometido ou ficar colocando dúvidas na sua cabeça. Só quero que tome cuidado e vá devagar nesta... nova fase do relacionamento de vocês.

– Eu sei que não entende, porém...

– Tudo bem, Mia, não entendo mesmo. Só gostaria que soubesse que tem um amigo se precisar, ok?

– Eu sei que tenho.

Nós nos despedimos e desligo aproveitando para ligar pra minha mãe. Enquanto espero que atenda, fico em dúvida se devo contar que estou com Lukas, no último minuto decido não dizer.

Temo que Andrea não entenda.

Ela parece animada como sempre quando me atende, me contando sobre seu novo curso de mandalas e que Mark, que é massagista, está trabalhando com um time de futebol em Miami.

- Você deveria vir nos visitar, querida.
- Não vai dar mãe.
- Espero que não esteja mais com raiva de mim e de Mark...

– Olha, não quero ficar falando deste assunto, é difícil pra mim digerir que tem um novo marido, ou sei lá como se chama isto, já que seu marido continua vivo...

– Filha, por favor, não fala assim...

Eu respiro fundo e tento me acalmar. Ainda me sentia traída pelas atitudes de Andrea e não sei quando é que iria passar. Também não queria ficar discutindo com ela.

De nada ia adiantar.

– Tudo bem, mãe, preciso desligar.

– Não me disse como está, o que está fazendo. Ainda está em New Haven?

– Estou no Havaí.

– Havaí?

– É... Lukas tem uma casa aqui.

– Ah, sim, tinha me esquecido... Então está passando férias com a família de Lukas?

– Exatamente – minto.

– Bem, fico feliz que esteja com eles. No fundo são boas pessoas, não é?

Não digo nada, só me despeço e desligo prometendo ligar mais vezes, embora continue sem conseguir agendar uma visita ao seu ninho de amor com o tal Mark.

A casa está em silêncio e Lukas ainda dorme, a tarde está caindo. Decido começar a preparar o jantar para passar o tempo, me contendo para não ir lá acordá-lo.

Ligo meu ipod na caixa de som e Arctic Monkeys enche a cozinha. Estou cantarolando enquanto pego todos os ingredientes na geladeira e, de repente, alguém está cantando comigo.

Eu me viro e lá está ele. Vestindo apenas uma calça. Os cabelos deliciosamente despenteados um sorriso de lado no rosto com barba por fazer.

– Achei que tivesse realmente morrido – observo enquanto coloco os ingredientes para uma salada caesar em cima do balcão.

– Você, com certeza, vai ser a minha ruína, mas ainda não – caminha em minha direção, cantando a letra da música como se fosse pra mim e ajeitando meu cabelo atrás da orelha para beijar meu pescoço e fazer uma breve carícia em minha nuca.

– Está cheirando gostoso – esfrega seu nariz na minha pele.

Dou um passo para o lado, com a faca na mão, ignorando os arrepios na minha espinha.

– Não me distraia. Estou com fome e preciso preparar nosso jantar.

Ele ri, se afastando.

– Quer ajuda?

– Não precisa. Aliás, de onde vem tudo isto? Não tem nenhum empregado aqui.

– Tenho um casal de caseiros que vem uma vez por semana limpar tudo e abastecer a dispensa.

– Uma vez por semana? Quer dizer que estaremos sozinhos a maior parte do tempo? – Levanto a sobrancelha sugestivamente.

– Sim, senhora – ele sorri malicioso também e morde os lábios pra não gemer. Ou largar a faca e me jogar em cima dele.

Ou pedir pra ele me jogar em cima da mesa.

Hum, qualquer uma das opções me parece perfeita.

Suspiro e volto ao meu jantar. Comer. Uma necessidade de cada vez, digo a mim mesma.

E o que foi que Lukas disse? "Paciência é uma virtude".

– Não precisa cozinhar. Podemos sair – diz distraidamente.

– Não quero sair. Não hoje pelo menos.

– Amanhã nós vamos sair. E bem cedo.

– Ah é?

– Sim, tenho muitos planos para bronzear esta sua pele transparente.

Rolo os olhos provocando-o e, em resposta, ele cola atrás de mim, as mãos na minha cintura e lábios no meu pescoço.

– Ai – reclamo quando sinto uma mordida, porém ele já está beijando onde seus dentes estiveram. Viro-me e encontro seus lábios esperando por mim.

Gemo em sua boca que desbrava a minha, lenta e preguiçosamente, acendendo um desejo quente dentro de mim.

Já estou me perguntando quem é que precisa de comida, quando ele me solta e se afasta.

– Vou arrumar a mesa.

Respiro fundo.

– Paciência, paciência... – recito como um mantra, voltando a fazer Lukas rir.

Depois que comemos, num silêncio permeado por sorrisos cheios de uma impaciência parecida com crianças que esperam um presente na noite de Natal, Lukas estende a mão e a seguro por cima da mesa.

– Ainda parece meio bizarro que esteja realmente comigo.

De repente me lembro de suas palavras da última noite, de que eu deveria ir embora.

– Não está mais pensando que o certo é eu ir embora, não é?

– Deixei de pensar no que é certo há algum tempo quando se trata de você, Mia. – Reflete com aquela expressão que não entendo. Como se realmente acreditasse que o que estamos fazendo é errado.

Não querendo que aqueles pensamentos sombrios tomassem conta, pulo para seu colo e ajeito meus braços a sua volta.

– Não vou a lugar nenhum.

– Nem eu deixaria. Sou como um drogado que não consegue largar seu tipo preferido de entorpecente.

Rio daquela comparação. Como posso culpá-lo? De certa forma me sinto do mesmo jeito. Estou totalmente viciada nele e em como me faz sentir.

Não posso abrir mão disto. Não estou preparada. Nunca vou estar.

– Faz amor comigo. – Peço em seu ouvido, infiltrando os dedos em seus cabelos e ele me

beija forte, intensamente. Uma mão escorregando para dentro da minha calcinha.

– Assim – murmuro, beijando seu queixo áspero e derretendo contra seus dedos. Ah, ele era tão bom nisto. Muito bom. – Não pare...

Ele não para, aumenta a intensidade com uma perícia espantosa me fazendo gritar num orgasmo quase instantâneo e voltar a terra vendo seu sorriso sacana de quem está orgulhoso dos seus atos.

– Nunca me canso de ver você assim – diz me erguendo do chão e passo minhas pernas em volta de sua cintura.

– Nunca vai se cansar de mim – afirmo presunçosamente.

– Inferno, acho que é verdade!

Eu rio e o beijo.

Nunca chegamos à cama. O sofá serviu muito bem.

Depois o tapete.

E mais uma vez no chuveiro para fechar a noite.

Ah, podia facilmente morrer assim.

E a vida seguiu simples assim enquanto os dias iam passando maravilhosamente preenchidos por Lukas Constantini.

Como prometido, mesmo eu estando um caco e sem ter dormido o suficiente, ele me acordou cedo na manhã seguinte me obrigando a sair da cama para explorarmos a ilha.

Fiquei surpresa ao ver que havia um jipe na garagem. Ou talvez não devesse ter ficado. Claro que Lukas deveria ter um monte de carros em qualquer lugar.

A ilha era maravilhosa e ele me levou a várias praias, cada uma mais linda que a outra, o que fez com que eu ficasse levemente bronzeada ao final de alguns dias.

E eu adorava nadar com Lukas nas águas lípidas, enquanto o beijava sem parar. Beijar era algo que nunca me cansava de fazer com ele e um complemento necessário para todas as nossas atividades ao ar livre. Porque fazer sexo em público realmente não era permitido.

Para isto, tínhamos as noites. E algumas manhãs que, às vezes, se transformavam em tardes. Devo dizer que, ao final de alguns dias, não me sentia mais tão inocente.

E estava adorando cada segundo.

Claro que nem tudo era só diversão e prazer.

Lukas precisava tratar de negócios e passava bastante tempo trancado em seu escritório administrando a Constantini. Algumas vezes éramos interrompidos por ligações de Danielle.

Um dia depois que ele voltou à mesa onde jantávamos num restaurante japonês nas proximidades, lhe perguntei sobre Danielle e Jack.

– Qual é a do Jack e da Danielle? Ela me parece uma pessoa tão inteligente, como pode

gostar daquele cara?

- Já cansei de alertá-la. Danielle está apaixonada por ele, não escuta o que ninguém diz.
- O que ele faz pra viver?
- Vive de investimentos duvidosos e negócios que nunca dão certo. No fim, é Danielle que o sustenta.
- Tomara que ela um dia acorde, antes que seja tarde demais.
- Também espero. Ela é minha amiga desde criança e odiaria vê-la magoada. Pelo menos ele parece tratá-la bem. Têm um relacionamento sólido apesar de tudo.
- Acha que vão se casar algum dia?

Lukas dá de ombros.

- Quem sabe?

De repente ele parece perdido em pensamentos, sua expressão não é nada boa. Tenho vontade de perguntar o que passa por sua cabeça. Se está pensando em nós e em nosso relacionamento.

Apesar de conversarmos bastante, o futuro nunca é um assunto discutido em nossas conversas. Ele me conta um pouco sobre como funcionam as coisas na Constantini e amo ver como ele parece empolgado e comprometido com a empresa que seu pai fundou.

Também gosta de falar de sua mãe, sobre sua infância antes e depois da morte de seu pai. De como ele começou a dar valor a Richard quando sua mãe ficou doente e morreu.

- Ele, no fim, foi a única família que me restou. Depois que se casou com Erin, que trouxe Denise e Taylor, eu os sinto realmente como uma família de verdade.

Quis lhe dizer que eu também era sua família, mas me calei. Por mais que nos tornássemos mais íntimos a cada dia, alguns assuntos ainda eram delicados demais para serem postos à prova.

Ou eu era medrosa demais para levantá-los.

O que sabia era que estava vivendo dias perfeitos que gostaria que não acabassem nunca.

Infelizmente tudo que começa, tem hora para terminar e nossos dias de idílio começaram a ruir num dia em que o telefone de Lukas tocou.

Eu estava na sala lendo um livro e ele havia saído depois do almoço dizendo que precisava tratar de um assunto da casa com os caseiros.

Eu não deveria atender, porém o celular continuava a tocar insistentemente.

Como é que ele tinha saído sem se lembrar de levá-lo?

Curiosa, eu o pego e olho o visor, vendo que é uma ligação de Denise.

Acho que não teria nenhum problema atender, não é?

- Alô? – A voz impaciente de Denise se faz ouvir. – Que demora pra atender, Lukas!
- Não é o Lukas, Denise.
- Mia? – Pergunta espantada.

– Sim.

– Que diabos está fazendo aí? Lukas não está no Havai?

– Está. Ou melhor, nós estamos.

Nunca tinha me perguntado se Denise ou até mesmo Taylor, sabiam que estávamos ali.

Bom, agora ficou óbvio que não sabiam.

– Não fazia ideia que estava aí... – de repente ela solta um palavrão. – Wow. Você está transando com o Lukas!

Eu fico vermelha, mesmo sem ela poder me ver.

O que posso dizer? Negar?

E por que deveria negar?

– Qual o problema? – Respondo em tom de defensivo. – Ele é meu marido.

– Ah claro! Um casamento supernormal! De todas as merdas que o Lukas fez, esta foi a pior!

Fico surpresa com o tom ácido de Denise e não sei o que dizer.

Claro que deveria entender que é uma surpresa para ela que eu esteja de verdade com Lukas, daí dizer que é uma merda? Ela não tinha por que falar assim.

– Denise, eu...

– Mia? – Levanto o olhar e Lukas está olhando pra mim. – Está falando com a Denise?

– É o Lukas? Ele está aí? Deixe-me falar com este imbecil agora! – Denise grita e passo o telefone para ele sem dizer nada e saio.

– Denise? Ei, pare de gritar!

Eu me afasto, sem querer ouvir a discussão deles.

E me sentindo muito mal. Certo, estou muito chateada com a reação de Denise e não consigo evitar. Será que todos iam reagir tão mal?

Estou olhando o mar, enquanto a tarde cai, tentando não me sentir preocupada com nossa relação depois que saímos daquela ilha, quando sinto a presença de Lukas atrás de mim.

– Ei – ele toca meus ombros tensos. – Tudo bem? – Seus lábios tocam meus cabelos e me encosto nele.

– Sua irmã ficou brava.

– Denise é uma intrometida. Devia cuidar de sua própria vida – me viro para vê-lo passar os dedos pelos cabelos, irritado.

– O que ela te disse?

– Nada que valha a pena repetir – diz tocando meu rosto.

– Nada? Estava no telefone com ela até agora?

– Não. Precisei falar com Danielle. Estávamos resolvendo algumas questões.

– Está tudo bem?

– Infelizmente não. Terei que voltar para Seattle esta noite.

Sinto um baque no peito.

– Voltar? Agora? – Não, não podemos voltar! Fazia só um mês que estávamos ali! Minhas férias ainda não acabaram. Não pode acabar. Começo a me sentir desesperada.

– Sei que está de férias. Você pode ficar.

– Ficar aqui sozinha? Você vai voltar?

– Não sei se será possível.

– Então não quero ficar!

– Quer voltar comigo para Seattle então?

Sinto meu coração quase começando a bater normalmente com suas palavras.

Ele me quer com ele em Seattle!

Dou um passo para me colar em seu corpo morno.

– Sim, vou com você pra Seattle.

Ele sorri, porém não é um sorriso feliz. Continua preocupado.

Será que o problema da Constantini é sério?

– Então estes são nossos últimos momentos aqui – murmuro, ficando na ponta dos pés beijando seu queixo. – Acha que podemos aproveitar mais um pouco?

Ele geme e me abraça com força, me beijando profundamente. É um beijo de uma intensidade quase desesperada. Faz eu me sentir aflita também.

– Quero fazer amor com você aqui – diz deslizando os lábios por meu rosto, me levando para a areia com ele.

– Sim... – concordo e, por um momento, esquecemos o resto do mundo que nos aguarda em poucas horas, voltando a ser apenas nós dois, rindo enquanto tiramos nossas roupas entre beijos afoitos e mãos ansiosas para tocar e sentir, até que de novo estamos perdidos naquele vai e vem perfeito de nossos corpos encaixados e de emoções conectadas com o único intuito de dar e receber prazer.

Depois ficamos ali, esperando nossas respirações voltarem ao normal, olhando as andorinhas no céu infinito do Havaí, enquanto a tarde cai, nos deixando com o crepúsculo.

O sol dá lugar à escuridão, quando finalmente nos levantamos para nos prepararmos para ir embora do paraíso.

Capítulo 6

Mia

Tento não me sentir deprimida quando entramos no carro deixando a linda casa de praia para trás. Lukas segura minha mão, enquanto troca mensagens no celular com a outra, muito compenetrado. Gostaria de saber com quem está se comunicando, provavelmente Danielle ou algum outro funcionário da Constantini. Neste momento nutro certa raiva de todos por interromperem minhas férias com ele.

Olho através da janela, querendo ver a paisagem pela última vez, a noite está escura como breu. Ainda escuto o som das ondas batendo. O som vai ficando para trás, até desaparecer completamente quando o carro para no pequeno aeroporto e saltamos seguindo em direção ao avião de Lukas que está à nossa espera.

A aeromoça simpática e prestativa nos recebe com um sorriso polido desaparecendo depois que nos acomodamos na poltrona dizendo que estamos bem e não precisaremos de seu serviço por enquanto.

Lukas desliga o celular quando o piloto informa que vamos decolar e olha para mim. Sua mão ainda segura a minha. Encosto a cabeça em seu ombro. Quanto mais o avião ganha altura, mais sinto o pesar oprimir meu peito. Agora é oficial. Meu tempo com Lukas na ilha acabou. Estamos indo em direção ao mundo real.

Um mundo onde somos casados, mas eu vivo em New Haven e ele em Seattle. Onde partilhamos apenas um contrato.

Tudo mudou, não é? Ou existe a mínima possibilidade de tudo voltar a ser como antes, como se o nosso tempo apaixonado no Havaí fosse apenas um sonho?

Finalmente estabilizamos no ar e Lukas acaricia meu rosto.

– Mia, querida, preciso trabalhar.

Eu levanto a cabeça para vê-lo pegando o notebook e o abrindo.

Mordo os lábios, meio triste. Nem pousamos em Seattle e ele já está com a cabeça longe.

– Por que não vai dormir? Temos um longo voo pela frente.

– Você deveria dormir também, pois aposto que amanhã vai correr pra Constantini e ficará enfurnado lá até resolver sabe Deus o que tem que resolver. – Minha voz contém um tom de queixa que não consigo evitar do qual me arrependo em seguida, mas é tarde, Lukas percebe e franze o olhar.

– Sim, provavelmente é o que vai acontecer. Estarei na Constantini a maior parte do tempo nos próximos dias, por isto estou voltando – ele passa a mão pelos cabelos. – Deveria ter deixado você no Havaí.

– Não! – Toco sua mão alarmada. – Quero voltar com você.

– Nós mal nos veremos Mia. Você está de férias, não é justo.

– Sou eu que decido o que fazer com meu tempo. Decidi ir com você.

Tenho vontade de dizer que não posso me permitir ficar longe dele agora. Que não sei o que farei quando tiver que voltar pra New Haven.

Só de pensar no fim das férias e em nosso futuro incerto, sinto um aperto de medo dentro de mim.

Não falo nada sobre meus medos. É cedo demais para me arriscar a perder tudo. Porque, por mais perfeito que seja o que estamos vivendo, sei que a qualquer momento tudo pode mudar. Bem lá no fundo temo e espero por isto.

Então sorrio e aperto sua mão, me levantando, pegando minha bolsa retirando de lá um livro.

– Não se preocupe comigo. Vou me sentar bem ali. – Sento duas poltronas afastada dele. Vou ler meu livro enquanto ele trabalha em paz.

– Tem certeza que não prefere ir pra cama?

– Não tem graça ir pra cama sem você – lanço-lhe um olhar cheio de significados e abro o livro.

Estou tentando me prender na leitura, quando sou surpreendida por um barulho vindo da poltrona de Lukas e, ao erguer a cabeça, vejo-o colocando o notebook de lado e se levantando.

– Dane-se o trabalho – resmunga, quando passa pela minha poltrona e me puxa pela mão, só parando quando estamos no quarto, começo a rir enquanto ele fecha a porta, meu riso é engolido por sua boca na minha.

Não demora muito para que eu sinta o colchão em minhas costas e o peso de Lukas sobre mim.

– Agora sim vir pra cama parece fazer sentido... – murmuro quando ele se afasta o suficiente para tirar a roupa e me ajoelho começando a arrancar as minhas também.

E, em tempo recorde, estamos nus e nos beijando loucamente de novo e me sinto deslizando para um mundo de pura sensação que exclui qualquer outra coisa que não seja as mãos de Lukas, os dentes de Lukas, a língua de Lukas...

Suspiro feliz, fazendo minha própria expedição por seu corpo perfeito e mordo os lábios em expectativa ao deslizar meus dedos por sua ereção, adorando ouvir seu gemido rouco.

– Quero você dentro de mim.

– Como quer? – Pergunta em meu ouvido, me arrepiando.

– Do jeito que você quiser, contanto que seja rápido.

Lukas ri contra meu pescoço que ele mordisca provocativamente para, em seguida, me jogar na cama de quatro.

Ah sim. Nossa estadia no Havaí não durou o tempo que eu queria, no entanto foi o suficiente para Lukas me mostrar todas as suas posições preferidas e não deveria ficar surpresa quando ele escolheu esta.

Me segurar pelos quadris, puxar meus cabelos, dar tapinhas no bumbum, acariciar minhas

costas enquanto se enterrava em mim profundamente, parecia ser algo muito excitante pra ele.

Pra mim também, oras. Embora eu gostasse de qualquer coisa com Lukas, ele sempre fazia ser bom pra mim.

Desta vez não foi diferente. Gozo rapidamente, adorando ouvi-lo gemer e estocar com força atrás de mim quando goza também desabando do meu lado em seguida.

Sorrio de olhos fechados quando sinto, algum tempo depois, as cobertas sendo puxadas pra cima de mim e os lábios de Lukas em meus cabelos.

Em vez de me abraçar como sempre faz, ele se afasta.

– Aonde vai? – Indago sonolenta, abrindo os olhos para vê-lo se vestir.

– Trabalhar. Durma baby.

Fecho os olhos e adormeço.

Acordo com Lukas me chamando dizendo que temos que nos preparar para pousar. Ele me ajuda a me vestir, pois estou ainda com muito sono, nos acomodamos nas poltronas até o avião pousar em Seattle.

Está amanhecendo quando atravessamos a pista molhada pela chuva fina que cai na cidade, me fazendo lembrar definitivamente que estamos bem longe do ensolarado Havaí.

Um motorista nos aguarda e entramos no carro, que percorre as ruas movimentadas.

– Para onde vamos? – Pergunto curiosa.

– Para meu apartamento.

– Hum, achei que íamos pra sua casa.

– Preciso ficar mais perto da Constantini – ele me encara. – Prefere ficar na casa?

– Não, tanto faz.

E é verdade. Eu ficaria em qualquer lugar desde que fosse com ele.

– Vou tomar um banho e ir pra Constantini – Lukas diz, colocando nossas malas em seu quarto. Isto me agrada de uma maneira muito tola, não consigo evitar.

Das outras vezes que estive ali, não tive acesso a seu quarto que ficava no fim do corredor longe do quarto de hóspedes.

Agora ficaria no quarto de Lukas. Nosso quarto.

– Vai dormir? – Ele pergunta.

Dou de ombros.

– Me sinto sonolenta, mas acho que não. Vou preparar um café enquanto toma banho.

Não me mexo, em vez disto, fico apreciando enquanto ele se despe.

– Não me olhe assim quando não tenho tempo para te levar pro chuveiro comigo, Mia.

– Assim como? – Mordo os lábios, subindo o olhar pro seu rosto e ele sorri de lado, se aproximando lentamente.

– Como se eu fosse um garoto de programa.

Eu rio e ele me beija.

Tem algo de muito sexy em tê-lo me beijando quando está nu e eu totalmente vestida.

Desço minhas mãos para suas nádegas apertando, depois me afasto.

– Vá tomar banho, baby.

Ainda estou sorrindo bobamente enquanto faço café e Lukas aparece, minutos depois, totalmente vestido com seu terno caro e cabelo molhado. É quase esquisito vê-lo assim.

Eu lhe sirvo uma xícara de café.

– Posso fazer panquecas.

– Não tenho tempo – ele olha a hora e coloca a xícara sobre a pia. – Vai ficar bem sozinha?

– Claro que sim.

– Ainda não me sinto bem em deixá-la. Talvez devesse ir pra casa do lago, Mary está lá.

– E Denise?

– Denise está morando com Paul, não sabia?

– Não, não sabia.

– Bom, não faz muito tempo. Eles passaram uns dias em Aspen com meus pais. Paul queria meio que pedir permissão a Richard ou outra bobagem assim. Eles voltaram faz pouco tempo e agora é oficial.

– Não consigo imaginar Denise não morando num lugar que não seja ostentoso como sua casa.

– Ah, eu dei a ela um apartamento, então não imagine que ela está em algum quarto e sala com Paul.

– Claro que deu – reviro os olhos. Era típico de Denise e me pergunto como Paul aceitou.

Ele deve estar muito apaixonado e, provavelmente, aceita qualquer coisa pra ficar com ela. Conheço este sentimento.

– Então, não quer mesmo ir para o lago?

– Não se você não for – respondo, me aproximando. Ele toca meu rosto e de repente vejo algo em seu olhar que não via há algum tempo.

Sinto meu coração se apertar. Achei que tivéssemos superado aquela fase.

Ele não sabia que eu era louca por ele e que nada poderia mudar isto?

Nosso casamento não era mais um contrato. Eu não era mais criança. E ele confessou que estava apaixonado por mim. O que podia dar errado?

Fico na ponta dos pés e o beijo.

Ele encosta sua testa na minha.

– Vou sentir sua falta todos os minutos – murmuro.

– Vou pensar em você todos os minutos.

– Então vá logo resolver seus problemas e volte logo pra mim.

Ele me beija uma última vez e sai.

Os problemas de Lukas na Constantini devem ser realmente sérios, porque uma semana se passa com ele chegando tão tarde no apartamento, que quase sempre me encontrava dormindo e saindo tão cedo que mal dava tempo para eu me despedir.

Sinto-me sozinha e entediada sem Lukas comigo vinte e quatro horas por dia como na ilha, o que poderia fazer? Luas de mel não duravam para sempre.

Preencho meus dias visitando meu pai no hospital. Todo aquele tempo romântico com Lukas na ilha tinha me feito esquecer o drama sem fim do meu pai em coma, em Seattle, isto volta a me atormentar.

Ver John do mesmo jeito me deixa triste. Será que Andrea tem razão e estou me enganando acreditando que ele vai acordar? Talvez esteja apenas me iludindo. Ele é meu pai e não posso deixá-lo ir. Ou deixar de ter esperança.

Ao fim de alguns dias, cansada de ficar sozinha no apartamento de Lukas, decido ir pra casa do lago visitar Mary.

Estou a caminho quando meu celular toca e sorrio ao ver que é Lukas.

- Oi. Pensei que estivesse muito ocupado para fazer ligações particulares.
- Estou mesmo, só precisava saber se está tudo bem. O que está fazendo?
- Acabei de sair do hospital, fui visitar meu pai. Agora estou indo pra casa do lago.
- Continua andando de táxi? Já te falei que poderia te mandar um motorista...
- E eu falei que não quero, aliás, se estou indo pra sua casa, posso reaver meu antigo carro...
- Mia, ficarei mais tranquilo se usar outro carro.
- Não seja chato, Lukas. Desligue e vá trabalhar.
- Mia, não seja absurda...

Rio desligando e sorrindo quando vejo que estou em frente ao lago. A casa continua tão linda quanto eu me lembrava, com o lago margeando os jardins bucólicos. Me recordo da primeira vez que estive ali me sentindo tão deslocada e amedrontada.

Lukas ainda era apenas um homem ameaçador que dominava meus sonhos. Hoje ele é o centro do meu universo e não vejo mais aquela casa como uma bela prisão num paraíso escuro. Agora é o lugar onde quero viver com Lukas para sempre.

Será que seria possível?

- Mia, quanto tempo! – Mary me recebe à porta com um abraço forte e me leva pra cozinha, servindo-me chá.
- Você está tão bonita, bronzeada!
- Estava no Havaí.
- Ah, o Lukas não me disse que você também iria.

Eu coro ao imaginar o que Mary estaria pensando, ela não comenta nada.

- Foi uma decisão repentina.
- Taylor me disse que a casa é maravilhosa.

– É sim.

– Mais bonita do que esta?

– Não, esta é mais linda com certeza.

– Tudo anda tão quieto, tão vazio. Depois que as garotas se mudaram praticamente ninguém aparece.

– Lukas não fica aqui nunca?

– Aquele lá prefere ficar no apartamento mais próximo da empresa. Eu tenho esperança de que ele volte pra cá um dia, quando se casar e tiver filhos, talvez?

Empalideço, incomodada, Mary percebe.

– Oh, querida, me desculpe. Foi indelicado da minha parte.

– Não, tudo bem – me levanto. – Vou dar uma espiada no meu antigo quarto, ver se preciso de alguma coisa que deixei aqui.

– Claro, fique à vontade.

Não quero deixar o que Mary disse me afetar, afinal, ela não sabe nada sobre mim e Lukas atualmente. O que ela conhece do nosso relacionamento é como ele era quando eu morava ali, sendo apenas a garota com quem ele tinha um casamento de aparências que terminaria em cinco anos.

"Ainda vai acabar em cinco anos", uma voz incômoda sussurra dentro de mim.

Sim, o contrato tinha data pra terminar. Faltavam dois anos.

O que faríamos agora que estamos juntos de verdade? A dúvida volta a me assolar.

Eu e Lukas tínhamos nos tornado amantes, isto mudava nosso contrato? O que iria acontecer? Depois que acabassem minhas férias, eu iria voltar a New Haven para meu último ano de faculdade e Lukas permaneceria em Seattle.

Nós continuaríamos juntos apesar da distância?

E depois? Eu voltaria pra Seattle e viveria com ele como um casal de verdade?

O contrato acabaria e nós continuaríamos juntos pra sempre?

Era o que eu queria. O que eu desejava.

Lukas tinha que desejar o mesmo.

Eu vou até o porta-joias e despejo seu conteúdo sobre a cama. Ali estão as joias que nunca levei pra New Haven porque sabia que nunca iria precisar. Um colar que meu pai me presenteou no aniversário de quinze anos e as joias que Lukas me deu. Os brincos de diamante que me deu no aniversário de dezenove anos. O colar que me deu naquele Natal. E o anel de noivado.

Recolho todas e as coloco de volta no porta-joias, seguro o anel. Caminho até a janela. O dia está chuvoso, mesmo assim consigo ver beleza nos jardins e sorrio ao contemplar a pequena ilha perto do lago, onde Lukas se sentou comigo da primeira vez em que estive ali e me deu aquele anel.

Naquele momento me pareceu algo tão absurdo e sem sentido, afinal, eu era apenas a noiva de mentira, não precisava de uma joia para consolidar nada.

Hoje me sinto diferente. Nós somos diferentes. Eu o coloco no meu dedo. Admiro seu brilho contra minha pele gostando de vê-lo ali.

De repente sinto que o ar a minha volta muda e me viro para ver Lukas na porta do quarto.

– Lukas! O que faz aqui?

Ele sorri entrando no quarto, afrouxando a gravata. Parece cansado.

– Vim te buscar.

– Você veio me impedir de usar meu carro, isto sim.

Ele sorri.

– Na verdade, se quiser dirigi-lo, tudo bem, contanto que eu esteja junto.

– Ah é? – Eu me aproximo e toco suas olheiras.

– Parece tão cansado. Venha, sente-se aqui – eu o faço sentar numa poltrona e sento em seu colo. – E aí, está tudo bem na Constantini? Não me disse o que está te preocupando tanto.

– Nada que vá entender.

– Tente – insisto encostando a cabeça em seu ombro.

– Nós estávamos de olho em uma pequena empresa de informática muito promissora há alguns meses, tentando comprá-la. Há pouco tempo consegui convencer o dono a nos vender, estávamos em meio às negociações. Por isto que Danielle foi até o Havaí. Ele tinha acabado de concordar e tivemos que ver os termos do contrato. Agora do nada ele deu pra trás e fez negócio com um tal de Nathanael Foster.

– Ele podia fazer isto?

– Não foi nada ético, como o negócio não tinha sido concluído... Eu estava contando com esta empresa pra dar prosseguimento a alguns projetos. Teremos que recomeçar do zero.

– Nossa, é tão ruim. E o cara que comprou? Você não poderia comprar dele?

– Ninguém sabe de onde este homem saiu. Não pertence a nenhuma empresa. Acredito que seja testa de ferro de alguém. Estamos investigando.

As mãos de Lukas me acariciam distraidamente enquanto fala, então ele segura minha mão.

– Está usando o anel.

Eu olho para minha mão e dou de ombros, me sentindo meio sem graça.

– Você nunca usou – a voz de Lukas está entranha.

– Sim, eu o achei hoje e... – eu paro. Por que estou procurando desculpas? Por que não digo a verdade? Eu me viro em seu colo e o encaro. – Nunca o usei, porque nunca vi motivos pra fazê-lo. Quando me deu eu era apenas uma garota cumprindo um contrato – respiro fundo. – Agora sinto que faz todo o sentido do mundo ele estar aqui.

De repente é muito importante que ele entenda o que sinto. O que eu quero.

– Sei que nunca falamos sobre... nós, sobre o futuro, sobre o que estarmos juntos significa. Mas quero ficar com você. Quero que este anel tenha um significado real. Que sejamos de verdade. Que nosso casamento seja de verdade.

Lukas continua me encarando estranhamente.

Sua expressão é quase de... pesar?

Por que ele está me olhando desse jeito? Não disse que estava apaixonado por mim?

– Eu te amo, Lukas – murmuro, é a única coisa que ainda não disse. Que tinha medo de dizer.

Apesar de ser a coisa mais verdadeira do mundo.

– Ah, Mia – ele lamenta, tocando meu rosto, encostando a testa na minha. – Por que não te fiz minha quando tudo era possível? Quando te dei este anel? Por que fui tão idiota de esperar para depois estragar tudo?

Do que ele estava falando?

– Posso ser sua agora. Já sou sua.

Ele sorri. Parece um sorriso triste.

Estou cansada de suas objeções que já não fazem nenhum sentido pra mim. Seguro seu rosto e o beijo.

Lukas me beija de volta. Não é um beijo como os outros que trocamos. Ainda existe tesão, paixão, antecipação, mas tem também desespero agora.

O que deixa meu coração apertado. Tudo o que preciso é que ele diga que me ama também e que tudo vai ficar bem. Ele não diz.

Eu espero.

Espero quando os beijos se tornam insuficientes e ele me carrega pra cama.

Espero quando ele tira minha roupa e explora minha pele com seus lábios e mãos que me conhecem tão bem. São carícias que me fazem fechar os olhos e gemer, arqueando o corpo em busca de mais.

– Por favor, Lukas, mais... – verbalizo minha ansiedade, ele tira suas próprias roupas e vem para cima de mim, dentro de mim.

– Eu amo você... – sussurro, abraçando-o com força, porque é assim que sei amar, dando tudo e querendo tudo em troca.

Embora ele esteja se movendo devagar e fazendo tudo em mim se desintegrar de prazer, seu olhar continua pesaroso.

Quando enterra seu rosto em meu cabelo gemendo alto em seu próprio prazer, é quase como um lamento.

Só posso continuar sussurrando meu amor esperando que ele sorria e diga que me ama também.

Ele apenas me abraça, depois beija meus cabelos com um carinho infinito.

– Durma, baby.

Fecho os olhos e adormeço, apesar de sentir que aquela sensação de segurança é tão falsa quanto nosso antigo acordo de casamento.

Quando acordo, a noite caiu por completo e estou sozinha na cama.

– Lukas? – Chamo, mesmo sabendo que ele não está ali.

Jogo as cobertas para o lado e me levanto, fico confusa ao ver minha mala no chão.

Lukas trouxe minha mala? Quando?

Será que vamos ficar na casa do lago em vez do apartamento?

Olho o relógio, vejo que já passa das dez da noite e me sinto faminta. Visto uma roupa e desço a procura de Lukas, quando estou chegando à sala escuto a voz de Denise.

– Sim, eu vou embora.

– Eu não sei nem por que se deu ao trabalho de vir– Lukas diz irritado.

– Por que eu me preocupo com você e com as merdas que está fazendo com sua vida!

– Minha vida não é da sua conta, Denise!

– Tem razão, não é. Tchau, Lukas!

Escuto o barulho de saltos batendo no chão e a porta da frente batendo. Entro na sala e ele está sentado no sofá, segurando a cabeça entre as mãos.

– Lukas?

Ele levanta o olhar que está mais atormentado que antes, me assustando.

– O que aconteceu? Por que você e Denise estavam discutindo?

– O que ouviu?

– Nada que me ajude a entender o que está acontecendo.

Lukas se levanta e passa os dedos pelos cabelos.

– Eu vi minhas malas. Como elas apareceram aqui?

– Fui até o apartamento e busquei suas coisas.

– Vamos ficar aqui?

– Você vai.

– Já disse que não ficaria aqui sem você!

Lukas me fita muito sério e respira fundo.

– Mia, isto tem que acabar.

– O quê? O que tem que acabar?

Ele aponta para nós.

– Eu e você. É um erro.

Não! Aquilo não podia estar acontecendo!

– O que está dizendo, Lukas? Pensei que tivéssemos passado desta fase!

– Eu estava errado. Nunca devia ter deixado ir tão longe.

– Não pode estar falando sério!

– Sinto muito. Nunca quis magoar você...

– Está me magoando agindo assim!

– Eu sei, sinto muito...

– Para de falar bobagem! – Grito, começando a chorar. – Por que está falando isso? O que aconteceu? Foi algo que Denise disse?

– Claro que não!

– Então por quê? Está me destruindo, Lukas!

– Deus, Mia, acha que não estou me destruindo também?

– Não entendo você! No Havaí disse que estava apaixonado por mim! Agora está dizendo que foi tudo um erro!

– Eu não estava pensando direito. Nunca devia ter levado você pra lá, nunca devia...

– Ter dito que me amava?

– Por favor, Mia. Só entenda e aceite que não podemos mais continuar.

– Não quero entender nada!

– Você pode ficar aqui. Se preferir, volte para New Haven. – Lukas ignora meu desespero o que me fere ainda mais.

Qual o problema dele?

– Lukas, não faça isto – me aproximo e toco sua camisa, seu rosto, seu cabelo. – Eu amo você, não pode me deixar...

– Mia, por favor – ele segura minhas mãos. – Não torne tudo mais difícil.

– E como poderia ser fácil?

– Inferno, Mia! Eu só te faço sofrer, não vê? Nunca fiz bem a você! Precisa ir embora, se afastar de mim e seguir sua vida!

– Vou sofrer se me mandar embora! Não é possível que queira realmente me ver longe! Não acredito em você! Alguma coisa que não quer me contar está acontecendo.

– Mia, por favor... Não chore – ele me abraça e eu deixo. Não há nada no mundo que eu queria mais do que seus braços a minha volta. Mesmo quando ele me faz chorar porque está me mandando embora.

Não sei quanto tempo fico ali chorando. Deixando toda a dor sair através das minhas lágrimas. Lukas não me solta. Ele me leva para um sofá e me segura em seu colo, acariciando meus cabelos suavemente, até que não tenho mais lágrimas pra chorar e uma estranha resignação me toma.

– Estou cansada – murmuro.

Sinto-me esgotada. Física e emocionalmente.

– Vou te levar pra cama.

Não me oponho quando ele me pega no colo me levando pro quarto, colocando-me na minha cama desfeita, onde fizemos amor poucas horas atrás.

– Fique comigo – peço.

– Não posso mais, Mia.

Suas palavras ameaçam romper o nó dentro de mim de novo, mas me contenho. Não quero mais chorar nem me desesperar. Preciso descansar e clarear minha mente. Há algo ali que não se encaixa. Alguma coisa está tremendamente errada e preciso descobrir o que é.

Quem sabe ainda reste alguma chance.

Fecho os olhos e espero o sono vir. Sei que Lukas está em algum lugar, mesmo não estando na cama comigo, sinto sua presença no quarto.

Quando acordo de novo, é dia. Estou sozinha. Chove lá fora.

Eu me levanto, lembrando-me do que aconteceu na noite passada e sinto tontura. Lukas rompeu comigo. Respiro fundo e me obrigo a ter calma.

Não posso agir feito uma louca desesperada ou uma criança mimada que não entende a realidade. Preciso ser sensata e tentar entender a lógica que está me escapando naquela situação.

Será que Lukas foi embora? Verifico e vejo que são oito horas da manhã. Talvez ele ainda esteja em casa.

Vou para o banheiro e me arrumo rapidamente descendo as escadas então, como na noite anterior, ouço vozes na sala.

– Já chega, você precisa ir embora. Agora! – Lukas diz.

– Esperei você ir me visitar, estava cansada de esperar... – aquela voz... De onde eu conhecia?

Eu me aproximo da sala.

– Alexia, pare de ser dramática, nem sabia que estava em Seattle!

Alexia?

Entro na sala ainda sem acreditar e lá está Lukas e, em frente a ele de costas pra mim, reconheço os cabelos loiros de Alexia Duran.

Lukas levanta o olhar e me vê. Seu rosto empalidece.

– Claro, estava no Havaí, pensa que não sei... – Alexia continua, então, percebendo que a atenção dele está em outro lugar, ela se vira.

E sinto o chão sendo tirado debaixo dos meus pés.

Alexia Duran ostenta uma barriga imensa.

Ela está, incontestavelmente, grávida.

Capítulo 7

Lukas

Era como pular de um sonho para o mais cruel pesadelo.

Talvez, bem lá no fundo, eu soubesse que estava vivendo uma ilusão. Talvez a felicidade não fosse para mim e eu estivesse predestinado a cair soterrado pelos meus erros.

Como se volta no tempo? E, se essa proeza fosse realmente possível, de quanto tempo precisaria para consertar todos os erros que cometi?

Eu havia errado com minha mãe, a decepcionando e a afastando.

E agora estava errando com Mia. E eu iria perdê-la também.

Eu estava fadado a perder tudo o que amava.

E o que me restaria, no final?

Alguns meses antes

– Estou grávida.

As palavras de Alexia caíram como uma bomba em minha cabeça, me deixando tonto.

– O quê? – Certamente eu não tinha ouvido direito.

– Exatamente o que ouviu. Estou grávida.

– Como é possível?

Ela levanta a sobancelha ironicamente.

– Acho que você sabe muito bem como.

Respiro fundo, tentando não entrar em pânico.

Inferno, mil vezes inferno. Claro que sabia como uma mulher ficava grávida!

No entanto, simplesmente não era possível que Alexia estivesse grávida!

Só podia ser uma brincadeira de mau gosto. Talvez algo para chamar a atenção depois de eu tê-la ignorado durante um mês inteiro. Por não ter me dado ao trabalho de entrar em contato sabendo que ela estava na casa vizinha a dos meus pais.

Eu estava aqui, não estava?

Realmente fiquei preocupado com ela ontem depois do acidente. Iria ligar para saber se estava tudo bem, depois que me certificasse que Mia estava fora de perigo.

Então, tudo virou de cabeça para baixo na noite passada... Ah, a noite passada...

Sacudi a cabeça, não querendo pensar nisto agora.

Não quando Alexia estava me fitando séria dizendo que estava grávida.

Grávida. Só a palavra me deixava em completo estado de terror. Respirei fundo e a encarei, tentando encontrar algum erro em sua notícia funesta.

– Você estava tomando pílulas – ela me garantiu desde o começo que tomava anticoncepcionais e que eu não tinha com o que me preocupar.

– Estava. Até elas podem falhar. Nenhum método é 100% garantido, Lukas.

– Não. Não pode estar falando sério, Alexia!

– Pois estou! – Ela quase gritava, o que me fez pensar se suas irmãs já sabiam da "novidade".

Cheguei há alguns minutos e Alexia me recebeu sozinha na sala da família e disse, com poucas palavras, que suas irmãs tinham saído para fazer as últimas compras de Natal.

Eu a estudei com cuidado. Ela parecia bem, apesar de meio pálida, ou talvez fosse seu casaco de pelo de carneiro branco como a neve que a deixava com aquela aparência.

Respirei aliviado por ela estar bem fisicamente, o que atenuou minha culpa por tê-la praticamente ignorado no dia anterior. Ontem eu estava em pânico por causa de Mia. Desde a

hora em que Denise e Taylor se encontraram comigo e disseram que Mia tinha ido para a pista mais perigosa com Alexia, tentei manter a calma dizendo a mim mesmo que ela ia conseguir descer sem nenhum problema. Talvez já intuísse que algo estava errado. Quando chegou a notícia do deslizamento, entrei em desespero e só sosseguei quando ela estava em segurança em meus braços no helicóptero.

Mas Alexia também esteve em perigo. E, com um aperto de culpa, me dei conta que eu não tinha me preocupado ou cuidado dela como deveria. Alexia podia ser uma mulher fútil e manipuladora na maioria das vezes, apesar disso era a mulher com quem dormi nos últimos anos e merecia o mínimo de consideração.

Que tipo de egoísta imbecil eu era por tê-la usado todo este tempo, sem lhe dar nenhuma atenção a não ser quando estávamos transando?

Como num tapa na cara, percebi que era exatamente por isto que ela estava ali naquele momento, me encarando gravemente enquanto despejava a notícia de sua gravidez.

Justamente quando eu planejava dizer a ela com todas as letras, depois de me certificar que estava perfeitamente restabelecida, que nosso caso estava definitivamente terminado.

Então, de repente, eu entendi. Realmente compreendi a verdade.

Alexia sabia. De alguma maneira ela intuía o tempo inteiro. Talvez até antes de ontem. Quem sabe durante meses.

Ela sabia que não duraríamos mais muito tempo.

E planejou o golpe mais antigo do mundo.

– Você fez de propósito – acusei.

– Acha mesmo que faria algo assim? Acha que eu queria ser mãe? Estragar meu corpo e aguentar todas aquelas coisas nojentas do parto? Nunca sequer pensei nisto! Gosto da minha vida do jeito que é. Fiquei tão surpresa quanto você! – Suas palavras pareciam verdadeiras, até podia estar propenso a acreditar, afinal, realmente não dava para imaginar Alexia sendo mãe de alguém.

Se bem que, no fundo, o que importava se foi proposital ou não? Se Alexia realmente estivesse grávida, seria uma catástrofe.

– Isto não está acontecendo... – murmurei, passando os dedos pelos cabelos nervosamente.

– Sim, está.

Eu a encarei furioso.

– Gravidez não fazia parte do nosso acordo!

– Ah claro. Está preocupado, não é? Está pensando: "e agora o que eu faço com isto?", você nunca quis nada comigo a não ser sexo sem compromisso e olha só!

– Eu sou casado, Alexia.

Ela riu.

– Casado? Está falando deste casamento de mentira com aquela menina, que bem que você gostaria que fosse de verdade?

Desviei o olhar incapaz de negar e Alexia continuou.

– Ah, não sou cega, Lukas! Vi o jeito que atratou quando fomos resgatadas ontem!

– Não coloque Mia no meio da discussão. O assunto é entre mim e você – a cortei friamente.

– Pois acho que tem tudo a ver! Afinal, está usando seu casamento para se defender do fato de ter me usado quando lhe convinha!

– Você sabia o tempo todo quais eram nossos termos! E garantiu que não se importava! Estava ciente que não poderíamos ter nenhum compromisso!

– Estou grávida, o que posso fazer?

– Como sabe que o filho é meu? Você saía com outros homens! – Nós nunca fizemos votos de fidelidade e eu nem me importava na verdade se ela via outros homens, embora nunca tivéssemos realmente falado sobre o assunto. Não me interessava o que fazia quando não estava comigo.

– Eu sei que é seu! Se tem dúvida, um exame de DNA pode comprovar. Não adianta ficar gritando comigo! Quero saber o que vamos fazer.

– O que você quer fazer, Alexia? – Perguntei, de repente, me sentindo meio desorientado.

– Não sei – ela deu de ombros. – Queria falar com você primeiro, afinal, não fiz sozinha!

– Desde quando sabe?

– Desconfiava há uma semana. Ontem, depois do acidente, fiz um teste de farmácia.

– E se for alarme falso?

– Duvido. Estou uma semana atrasada, também me sinto enjoada demais sem motivo aparente.

Respirei fundo.

– Certo. Tem razão. Não adianta ficarmos discutindo. Vou ligar para o Richard e vamos ao hospital esclarecer esta dúvida.

Liguei para Richard e pedi que nos encontrasse no hospital.

– Algum problema? Alexia está machucada, achei que estivesse bem ontem...

– Não é sobre o acidente Richard, explico tudo lá no hospital. Só não conte a ninguém, por favor.

– Certo, fique tranquilo, estou indo.

Richard nos encontrou no hospital uma hora depois e o coloquei rapidamente a par da situação. Não sei se ele sabia sobre mim e Alexia, eu não conversava sobre isto com minha família. Como Alexia era amiga de minhas irmãs talvez tivesse comentado algo e elas contaram a Richard e Erin. De qualquer forma, nenhum dos dois nunca tocou neste assunto comigo.

– Entendo, vamos fazer um exame de sangue, é o mais seguro para termos certeza – ele falou levando Alexia para uma enfermeira e depois me fitou sério.

– O que está acontecendo, Lukas?

– Acho que entendeu muito bem.

– Já sabia do seu caso com a garota Duran, achei que não fosse nada sério. Apenas uma

distração para os dois. Sei que não posso te condenar, é jovem e seu casamento é apenas um arranjo.

Pensar no casamento me fez lembrar de Mia e senti um frio na espinha.

Eu a deixei dormindo naquela manhã. Me certifiquei de que Paul iria buscá-la e fui me encontrar com Alexia. Precisava resolver minha situação com ela antes de qualquer coisa.

Não que eu soubesse o que ia fazer. Eu estava perdido.

Nunca, nem nos meus sonhos mais loucos, imaginei o que aconteceu naquela noite. Agora eu não sabia o que pensar ou fazer.

Só sabia com certeza que Alexia não era mais uma opção viável.

E agora aquela bomba. Estava me sentindo como se estivesse sendo esmurrado por todos os lados por vários adversários diferentes.

– Sim, era uma distração. E estou muito chocado com esta gravidez. Se é que está realmente grávida.

– Fez certo em vir fazer um teste. Acho que já acabou a coleta, terão que esperar um pouco pelo resultado.

– Tudo bem.

Alexia e eu ficamos na sala de espera num silêncio tenso até que Richard nos chamou de volta e veio com a bomba.

– Estou com o resultado. Positivo. Você está grávida de cinco semanas, Alexia.

Meu mundo começou a ruir ali.

Como um ser sem alma, agradei a Richard e peguei no braço de Alexia, levando-a para o carro.

– Eu disse que era verdade – ela falou quase que pra si mesma. – Que merda, hein? O que vai acontecer agora? Hein, Lukas? Diga alguma coisa...

– Cale a boca, Alexia – esmurrei o volante com força, o que a fez se encolher. – Puta que pariu, acha que sei o que fazer? Estou totalmente perdido!

– Certo. Não é o momento certo para conversarmos, não acha? Também estou meio em choque.

Parei o carro em frente à sua casa e ela me fitou uma última vez.

– Vamos conversar depois do Natal. Voltarei para Seattle.

– Certo – respondi simplesmente, querendo que ela saísse do carro e me deixasse sozinho.

Dei partida depois que ela se afastou ligando o limpador de para-brisas para retirar a neve que começava a cair.

Tudo era branco a minha volta, enquanto dentro de mim estava tudo negro.

Até aquele momento, não tinha me dado conta de como comecei a acreditar que um desejo que julgava impossível, podia perfeitamente se concretizar.

Tudo por causa da noite passada.

Antes, meu desejo por Mia era apenas algo em minha imaginação. Um sentimento proibido,

inconfessável, praticamente ilícito, quase utópico.

A noite passada havia mudado tudo.

E, sem perceber, inconscientemente, comecei a fazer planos.

Inferno, eu não fazia ideia de como algo tão irreal poderia ser viável, como não desejar que a noite passada se repetisse?

Por que não?

Todos os "contras" estavam ali ainda.

Sua pouca idade, inocência, sua origem e aquele contrato.

Passei todos aqueles anos negando que a queria justamente por estes motivos. Todos eles foram derrubados ontem à noite. Mia não era mais uma criança, sua inocência me foi claramente oferecida por ela e eu realmente não me importava nem um pouco mais com o fato de ela ser filha do ladrão da Constantini.

Ainda restava o maldito acordo.

O que era aquele documento, afinal, a não ser um contrato de casamento? Uma vizinha dentro de mim sussurrava "por que não?".

Agora podia confessar a mim mesmo que a havia deixado sozinha naquela manhã porque, além daquela voz que se insinuava em minha cabeça, doce e quase sonhadora, acenando para mim com um cenário que inconscientemente sempre desejei, havia outra voz. Mais severa e sensata que dizia que eu estava sendo errado e irresponsável.

Mia era uma menina, sim. Não aquela de 17 anos, no entanto, ainda uma garota de 20 anos tirada por mim de sua casa e obrigada a se envolver num casamento de conveniência.

Uma garota que até ontem era incontestavelmente inocente e que se ofereceu a mim, talvez pelo fato de estar traumatizada com a experiência de quase morte. E o que fiz? Eu a fodi como sempre quis, me deixando levar pelo desejo que tentei sufocar durante anos.

Eu tinha algum direito de querer que ela ficasse comigo, que tornasse nosso casamento algo real?

"Sim, tem. É o que você quer. O que sempre desejou. Não só seu corpo, ou algumas fodas ocasionais para satisfazer seu tesão. Você a quer por inteiro. Suas emoções. Seus sorrisos. Sua vida inteira."

Talvez aquela voz sonhadora tivesse me vencido, afinal, não fosse o enorme obstáculo no meu caminho, no qual tropecei e caí acordando do sonho.

Um obstáculo bem grande e tenebroso chamado Alexia Duran.

Fui irresponsável e idiota por ter acreditado que estava seguro com ela. E agora teria que pagar o preço.

Claro que ainda podia ser mais uma de suas mentiras. Existia a possibilidade daquele filho não ser meu. Porém, e se fosse?

Onde Mia entraria naquela história sórdida?

Seria justo colocá-la nela?

Não, não seria.

Parei o carro em frente à minha casa e fiquei ali por um momento. Eu ia entrar e dizer a ela para esquecer a noite passada. Esquecer a noite que duvidava que eu um dia esqueceria.

Ela seguiria sua vida, como foi planejado. Nós continuaríamos sendo apenas duas assinaturas num contrato. Eu cuidando de todas suas necessidades e garantindo sua segurança.

Até o prazo de nosso casamento terminar.

Depois ela estaria livre de mim e de todos os meus problemas.

O vento gelado cortava meu rosto. Ignorei o frio na minha pele enquanto estava parado, vendo-a se afastar.

Seus cabelos dançavam no vento violento, enquanto seus passos decididos a levavam para cada vez mais longe. Longe de mim.

Senti sua revolta em cada passo como se seus pés pisassem sobre meu corpo caído na neve.

O que ela não sabia, era que estaria bem melhor quando entrasse naquele avião. Deixá-la ir era tudo o que eu podia fazer naquele momento. Também algo do qual esperava não me arrepender.

Tinha arrependimentos demais nas minhas costas para juntar mais aquele. Não queria mais errar com Mia. Para isto precisava afastá-la de vez.

Nem que essa atitude arrancasse um pedaço da minha alma.

Naquela noite, me tranquei com Erin e Richard em busca de uma orientação. Obviamente eles estavam muito preocupados.

– Você tem que ser responsável, Lukas – Erin disse, tocando meu ombro. Segurei sua mão.

– Não sei o que fazer.

Richard limpou a garganta.

– Sei que não esperava por algo assim, terá que lidar com as consequências, Erin tem razão. Não se vira as costas para um filho.

– Eu nem sei se o bebê é meu!

– Existem exames que podem comprovar. Podem ser feitos durante a gravidez, é bastante arriscado, um método muito invasivo com grande risco de aborto, inclusive. Eu o aconselharia a ter paciência e esperar o bebê nascer. Claro que precisará conversar com Alexia.

– Sim, Richard tem razão, querido. – Erin tentou sorrir. – Embora pareça algo muito grande e assustador, tenho certeza que tudo se resolverá de uma maneira ou de outra. Tudo vai ficar bem.

Eu queria acreditar em Erin. Era muito difícil.

Sentia uma vontade imensa de confessar a eles sobre Mia, mas não tinha coragem. Aquele segredo ficaria guardado comigo pra sempre.

Depois do Natal voltei para Seattle e encontrei Alexia num obstetra sugerido por Richard.

Ela fez uma ultrassonografia, que na verdade não esclarecia muita coisa e lhe receitaram várias vitaminas. Perguntei sobre o teste de DNA e o médico era da mesma opinião que Richard. Era arriscado e podia ocorrer um aborto.

A palavra dançou na minha mente quando caminhava atrás de Alexia na clínica, entramos no carro nos acomodando no banco traseiro, enquanto o motorista dava partida. Essa hipótese não foi discutida por nós, embora fosse uma possibilidade, não?

Nunca passei por nada parecido em meus relacionamentos anteriores. Todas as minhas namoradas se protegiam e aquelas mulheres com quem saía sem compromisso, sempre tive o cuidado de usar preservativo.

Claro que tinha uma opinião sobre o assunto, embora fosse totalmente hipotético. Eu achava que nestes casos a mulher é que deveria decidir o que fazer. Era um direito seu, seria ela quem carregaria a criança por nove meses.

Ainda pensava assim? E Alexia? Ela disse que não queria ser mãe, será que estaria disposta a interromper a gravidez?

E se estivesse?

"Eu estaria livre para procurar Mia, e..." Calo aquela voz inconsequente dentro de mim.

Eu não deveria mais pensar em Mia.

Precisava me concentrar no meu problema com Alexia.

Será que ficaria em paz comigo mesmo, sabendo que ela poderia dar fim a um filho meu? Nunca havia pensado em ter filhos, muito menos com Alexia. Porém, ele ainda podia ser meu.

– O que você quer fazer, Alexia? – Indaguei depois de alguns minutos de silêncio no carro.

– Não vou abortar.

Sua resposta certa, sem hesitação me surpreendeu.

– Você disse que não queria ser mãe.

– Sim, disse, mas vou ser, não é?

– E o que pretende fazer então?

– Esperava um pouco mais de ajuda sua!

– Espere, por acaso está pensando que eu, de alguma maneira, me casaria com você? – Perguntei friamente, começando a desconfiar novamente de suas verdadeiras intenções.

– E por que não?

– Porque já sou casado.

– Um casamento de mentira! E nós somos amantes há anos! Nos damos bem na cama e teremos um filho!

– Isto não basta para...

– Não basta? Casar com uma menina de dezessete anos e nem poder tocar nela basta?

– Você sabe por que me casei.

– Exatamente por isto é bem fácil desfazer.

– Nem que estivesse disposto a me casar com você eu poderia. Tenho um contrato e faltam mais de dois anos para terminar.

– Então teremos que esperar...

– Não coloque ideias na sua cabeça, Alexia.

– Devo esperar o que de você então? Vai me jogar pra escanteio? Não vai assumir seu filho?

– Se o bebê for meu, ele terá todos os direitos garantidos.

– E eu? Em breve nem poderei trabalhar, com a barriga enorme, enjoos...

Respirei fundo, entendendo bem aonde Alexia queria chegar, só queria ter certeza.

– Você pode ficar com suas irmãs.

– Elas odeiam saber que eu me sujeito a ter um caso com você, acha que iriam me dar abrigo? Seria humilhante.

– Você tem sua herança.

Os pais de Alexia tinham morrido num acidente de carro há sete anos e ela e as irmãs receberam uma substancial herança cada uma, por isto Alexia trabalhava apenas pra passar o tempo em empregos fúteis.

– Bom, você sabe que dinheiro não dura pra sempre.

– Gastou toda sua herança?

– Faz alguns meses que meu dinheiro acabou. Minhas irmãs já estão cansadas de me sustentar.

De repente comecei a entender.

Claro. Alexia nunca quis ter um filho, só precisava se assegurar que alguém a sustentasse. Sabia que nosso caso não iria dar em nada. Que nunca me casaria com ela. Então deu um jeito de engravidar.

Inferno, eu havia caído no golpe mais antigo do mundo!

– Você engravidou de propósito. Para me prender a você.

– Entenda como quiser. Só não aja como se eu tivesse toda a culpa! Você tem tanta responsabilidade quanto eu e espero que cumpra seu dever!

– Tudo bem. Eu lhe darei uma mesada, para se sustentar até o bebê nascer, depois faremos um teste de DNA para comprovar se a criança realmente é minha.

– É sua.

– Não confio em você, Alexia.

– Claro que não. Agora sou a vilã! Enquanto podia me usar pra foder e jogar fora depois estava tudo bem! Ah, você é tão bonzinho, Lukas!

– Chega de sarcasmo! Tem uma condição: Quero o mais absoluto sigilo sobre isto.

– Como acha que esconderei minha gravidez?

– Vai voltar pra casa de suas irmãs e ficará lá.

– Não...

– Vai sim. Se não quiser que não lhe dê nada até que tenha certeza que o filho é meu.

– Tudo bem. Como quiser. Não estou interessada em escândalo, mesmo. Por enquanto. A não ser que seja necessário.

– Não me ameace.

– Estou só colocando todas as cartas na mesa, Lukas. Até hoje achou que ia me usar e depois descartar, não pode mais. Vamos estar unidos pra sempre!

As palavras de Alexia me atormentariam noite e dia, nos meses que se seguiram.

Se pudesse voltar no tempo e confiasse no meu instinto inicial nunca teria transado com ela, não estaria naquele inferno de incerteza.

Também não teria perdido Mia.

Será que Mia alguma vez foi minha de verdade?

Eu me casei com ela por causa de um contrato. Me comprometi a cuidá-la e protegê-la, para depois ver nascer um desejo proibido e passar quase dois anos atormentado por não poder tocar nela, me sentindo culpado por meus sentimentos cada vez maiores.

Justamente por isto, me meti com Alexia Duran, mesmo sabendo que tipo de mulher ela era, traiçoeira e perigosa. Fui tolo e presunçoso por achar que estava no controle de tudo. Tanto do meu caso com Alexia quanto meu desejo por Mia.

Alexia serviria para que não caísse em tentação, manteria minha palavra e Mia estaria segura até acabarem os malditos cinco anos de contrato.

Então havia perdido o controle de tudo.

Perdi minha batalha contra o desejo por Mia naquela noite em Aspen quando ela entrou nua no banheiro, me pedindo para fazer amor com ela, como se fosse fruto dos meus mais desvairados sonhos.

E me perdi.

Depois me senti horrível e incrível ao mesmo tempo.

Sexo com Mia não foi nada que já tivesse experimentado antes. Desejei muitas garotas, senti carinho genuíno misturado a um grande tesão por algumas delas. Me dediquei a elas por algum tempo, dando-lhes minha atenção e fidelidade. Acreditava que isto era estar apaixonado.

Estava tão enganado.

Com Mia senti o verdadeiro significado de fazer amor.

Naquela noite não dormi, fiquei velando seu sono, segurando-a junto a mim, deixando meus sentimentos se digladiarem no meu interior.

Por mais que tenha sido perfeito, ainda havia uma culpa muito grande. Ela continuava sendo a filha de John Agnelli, mais velha, não mais uma adolescente, mesmo assim, indiscutivelmente

inocente.

Pelo menos até algumas horas atrás. Eu não poderia dizer que a garota que entrou no chuveiro me seduzindo era inocente, mas no fundo ela era.

Ainda não entendia o que a havia motivado. Talvez fosse o choque de quase morte. Ou talvez ela sempre tenha sentido o mesmo por mim?

Era inacreditável que eu tenha deixado algo assim passar. Comecei a repassar todo nosso relacionamento. Aquela vez em que ela chegou ao meu apartamento sorrindo lindamente dizendo que ia fazer café pra mim. Como seu sorriso agora me parecia tão diferente de como ela sorria para outra pessoa.

De como ela ficou irritada quando viu Nathalie na minha sala fazendo questão de dizer que éramos casados e a mandando embora.

Dos dias perfeitos que passamos presos por causa da nevasca no natal. Do baile em que a beijei pela primeira vez. Não houve nenhuma rejeição de sua parte ou reclamação indignada. E, por fim, o dia do baile do governador, quando disse que ela era bonita, o jeito que seus olhos brilharam e o fato de ela se colar em mim.

Naquele momento acreditei que estava louco por pensar que ela queria que eu a beijasse. Estava tão envolvido no meu próprio desejo que pensei estar delirando por achar que Mia sentia o mesmo.

Então veio a bomba de Evan e ela passou a me odiar. E de novo estava longe de mim, dessa vez nem amigos podíamos ser, porque eu havia quebrado sua confiança.

Foi horrível saber que a decepcionei, dizia a mim mesmo que foi melhor assim, eu nunca seria bom o suficiente pra ela. E jamais poderia sequer cogitar algo entre nós além daquele contrato.

Para outras coisas tinha Alexia, nem que fossem encontros cada vez mais esporádicos e rápidos. A verdade era que Alexia tinha começado a perder seu encanto pra mim. Eu a achava bonita e sexy, o que compensava seu temperamento fútil, depois de um tempo, comecei a querer cada vez menos estar com ela.

E ela percebeu, claro.

Alexia era esperta e sabia que nosso caso estava fadado a terminar.

Agora ela estava grávida e eu não sabia o que fazer.

Então deixei os meses passarem. Dedicava cada vez mais tempo à Constantini, era a única coisa na qual ainda tinha algum interesse.

Minhas irmãs estavam felizes vivendo seus respectivos romances, o que as tirou da minha cola, mas não podia negar que sentia falta delas. Elas haviam crescido e seguido com suas vidas. Richard e Erin me ligavam sempre.

— Eu a visito sempre que possível Lukas. — Erin dizia. Eu não tinha pedido para ficar de olho em Alexia, aparentemente ela sentia necessidade de fazê-lo. — Sua barriga está cada vez maior, tento lhe dar alguns conselhos, mas sabe como ela é. Foi uma dificuldade fazer com que deixasse o cigarro de lado, Richard teve que praticamente ameaçá-la. Além do que sua única preocupação é com o corpo. Eu me preocupo com que tipo de mãe ela vai ser. Você precisará ser muito presente

na vida desta criança, Lukas...

– Nem sei se o bebê é meu, Erin.

– Eu sei querido. Sabe que até rezo para que seja, embora existam todos estes problemas, você sendo casado e tudo mais, mesmo o casamento sendo um contrato, sabemos que é complicado. Alexia é tão avoada, temo por esta criança se não for filho seu.

– Por que acha que serei bom para esta criança, Erin? – Eu sentia que não poderia ser bom com ninguém. Veja o que fiz com minha mãe, com Mia e até mesmo com Alexia. Que tipo de pai eu seria pelo amor de Deus?

– Você é muito capaz, Lukas. É um dos homens mais responsáveis que conheço. Sempre quer cuidar de todos. Claro que vai ser um pai maravilhoso.

– Não sei se está correta em suas suposições.

Erin tentava sempre me convencer que eu era melhor do que realmente era.

Ela estava errada.

E eu me sentia cada vez mais infeliz e solitário. Encontrei-me com Peter algumas vezes e acabei por contar a ele a circunstância do meu casamento, já que ele vivia me perguntando sobre Mia.

Ele ficou chocado, mas não fez julgamentos. Também não me senti à vontade para contar tudo. De minha paixão proibida, meus erros com Alexia. Assim, nós nos encontrávamos somente para beber e jogar golfe às vezes.

Sempre voltava sozinho para meu apartamento vazio, jogava Xbox, me lembrando da risada de Mia. Lamentando o fato de que ela nunca mais estaria comigo.

Um dia Peter me perguntou se eu não tinha nenhuma mulher na minha vida.

– Não me leve a mal, amigo, acho que está muito tenso. Sei que tem este casamento de fachada, deve ter algumas garotas pra transar e aliviar a tensão, não é?

– Eu tinha uma amante, não a vejo há meses.

– Por que não?

Dei de ombros.

– Complicado demais.

– Ah amigo, acho que você precisa de sexo.

Eu ri e bebi mais whisky.

Eu não queria transar. Ou melhor, eu não queria transar com qualquer garota. Sabia que seria fácil sair e arranjar companhia, além de ter um medo horroroso depois da armadilha de Alexia, também sentia que depois de Mia nada teria graça.

Então me contentava em satisfazer a mim mesmo no chuveiro enquanto imaginava estar com ela.

Fechava os olhos e imaginava sua pele branca e macia contra meus dedos, seu corpo jovem colado no meu, seus gemidos suaves no meu ouvido... E gozava com seu nome nos meus lábios num lamento profundo.

E continuava a me preocupar com ela. Agora mais que antes. Ligava para Evan e Taylor querendo que eles me contassem como ela estava.

Taylor nem percebia em seu tagarelar infundável que nossas conversas sempre acabavam em Mia, embora nunca tivesse muito a dizer. Ela continuava indo bem na faculdade e passava a maior parte do tempo com eles. Com Evan era mais difícil, ele sempre percebia que eu pretendia e não facilitava. De alguma maneira acho que ele desconfiava que algo havia mudado entre mim e Mia, embora eu tivesse certeza que ela não contou nada.

– Se quer saber da Mia, por que não liga pra ela? – Era o que sempre dizia, me cortando.

Então as férias chegaram, Taylor me ligou toda empolgada dizendo que ia para a Austrália com Evan. Perguntei se Mia iria também e ela disse que não.

– Acho que ela vai pra Redmond.

– Redmond? – Eu sabia que ela havia passado as férias anteriores lá e que reencontrou um antigo amigo chamado Joe DeLuca. Até tentei não sentir ciúmes, foi impossível. O que aquele cara representava pra Mia?

– Sim, a cidade que ela cresceu, lembra? Acho um desperdício, ela ir pra lá de novo. Por que não a convida pra ir ao Havaí?

– Duvido que queira ir.

– Se a convidar, quem sabe? Sabe que só agora estou me dando conta de que vocês nunca mais se falaram, né? Por acaso brigaram ou algo assim? Mia não me disse nada.

– Não tem nada acontecendo, Taylor.

– Hum, eu nem tinha reparado, agora começo a achar estranho. Desde que a Mia foi embora tão repentinamente de Aspen...

– Nós não somos amigos. Não tem por que eu falar com ela todo dia.

– Que papo é este? Tudo bem que ela ficou puta com você por causa do negócio com Evan, depois do Natal achei que estava tudo bem...

– Taylor, meta-se com a sua vida. E, por favor, não vá encher a paciência da Mia com suas considerações sem sentido. Está tudo bem.

– Certo. Não vou ser intrometida, se tivesse rolado alguma briga Mia teria me contado, né?

– Disse quase pra si mesma e desligou.

Fiquei matutando sobre Joe DeLuca e Mia sozinhos em Redmond.

Minha mente começando a tecer várias teorias, cada uma mais horrível que a outra. O que eu podia fazer? Mia era livre para fazer o que bem entendesse. Talvez eu tenha sido até um pouco ingênuo por esperar que ficasse sem nenhum namorado por cinco anos.

Na verdade, pensando nisto agora, me sentia bem idiota. Talvez por ela ter aquela aura de inocência, imaginei que não ia ter interesse em namorar ninguém, ainda mais estando “casada”. No entanto, do mesmo jeito que eu era livre para ter companhia feminina, ela também era pra ter masculina.

Bom, Evan sempre me dizia que ela não deixava ninguém se aproximar na época em que trabalhava pra mim. E comprovei por mim mesmo que ela nunca teve ninguém. Ou nunca havia

feito sexo com ninguém, pelo menos.

Conhecendo Mia, eu acreditava que ela não teria ido muito longe com nenhum outro. Ela simplesmente não era este tipo de garota. Mas agora ela não era mais virgem. Eu havia tirado sua virgindade em Aspen e depois lhe dado um fora.

O que ela estava fazendo desde então? Será que Taylor e Evan me contavam tudo? E este tal Joe? Era realmente só um amigo?

E que porra eu tinha com isto?

Eu a tinha deixado ir.

Como poderia impedir que Mia seguisse sua vida?

Um dia Danielle chegou ao meu apartamento com alguns documentos para eu assinar tarde da noite e me flagrou bêbado.

– O que anda acontecendo com você? – Perguntou tirando a garrafa da minha mão quando eu fiz menção de me servir de mais.

– Minha vida está uma merda...

– Ah, Lukas – ela me abraçou e me levou para cozinha, me fazendo café e despejei em cima dela minha história com Alexia.

– Então engravidou a Alexia? E vai fazer o quê?

– Não sei. Estou esperando a comprovação se o bebê é meu mesmo.

– Vai casar com ela se for?

– Já sou casado.

– É só um contrato. Daqui a dois anos acaba. Aposto que é esta a ideia da Alexia.

– Alexia pode ter a ideia que quiser não vai acontecer.

– E Mia sabe?

– Ninguém além dos meus pais sabe, espero que seja discreta.

– Claro, pode deixar.

Danielle me abraçou antes de ir embora, dizendo que podia contar com ela como amiga e quase contei tudo sobre Mia, porém optei por me calar.

Não conseguia dividir minha história com Mia com ninguém.

Era quase como um tesouro precioso que queria manter só pra mim, nas minhas memórias.

Mesmo ela estando distante, eu continuava a cuidar dela e de seus interesses. Continuava a depositar uma quantia substancial para sustentar sua dispendiosa mãe e agora seu namorado fracassado, desconfiava que Mia não fazia ideia de que sua mãe havia vendido a casa delas em Seattle para investir na carreira do novo namorado. Antes de se mudar, Andrea me procurou contando seus planos e pediu minha ajuda. Eu não tinha vontade nenhuma de ajudar aquela mulher sem noção, mas como era a mãe de Mia, concordei.

Também visitava John regularmente conversava com os médicos para saber seu estado, embora a resposta fosse sempre a mesma. John não teve nenhuma mudança no quadro clínico e não apresentava perspectiva de melhora.

Quase podia concordar com Andrea de que o melhor seria desligar os aparelhos, porém Mia ficaria devastada.

E estava justamente indo conversar mais uma vez com o médico de John quando a vi naquela tarde.

Por um momento acreditei que estava tendo uma visão. Minha mente me pregando uma peça. Paul segurou meu braço.

– Não é a Mia? E quem é aquele?

Sim, era ela. Ela estava no jardim, a poucos metros de nós tendo algum tipo de conversa com um rapaz loiro. Na hora intuí que aquele era Joe DeLuca.

Então, de repente eles estavam se beijando. E um ciúme que nunca senti na vida, me dominou.

Quem aquele cara pensava que era para pôr as mãos em minha mulher?

Eu queria matá-lo. Iria matá-lo com minhas próprias mãos e cheguei a dar alguns passos na direção deles, totalmente cego por minha fúria, quando Paul me segurou.

– Ei, Lukas, pare...

– Solte-me.

– Não, você vai fazer besteira!

Eu tinha meus olhos presos neles. Finalmente o rapaz parou de beijá-la e eles voltaram a conversar. De onde estava não escutava nada, só queria ir até eles e tirar Mia de lá.

– Lukas, sei que está puto, não vou deixá-lo bater no cara! Não tem o direito, esqueceu?

Eu soltei mil palavrões, sabia que Paul estava certo.

Que direito eu tinha?

Ele praticamente me arrastou de volta ao carro, onde ruminei minha raiva. O que aquela cena significava? Mia estava em alguma espécie de relacionamento com aquele cara?

Por isto que estava indo pra Redmond com ele?

Eu não podia deixar. Não ia suportar!

Quando chegamos a meu apartamento dei ordens a Paul.

– Encontre a Mia e a traga pra cá.

– O quê? Nem sei se ela ainda está no hospital!

– Não me interessa, encontre-a e traga-a. É uma ordem, se quer preservar seu emprego!

E saí batendo a porta.

A espera foi uma tortura, até que Paul me mandou uma mensagem de texto dizendo que estava com Mia e a caminho.

Eu não tinha planejado o que diria a ela, só estava cego pela minha fúria.

E doía.

Inferno, doía muito só de relembrar.

Outros braços a sua volta. Outros lábios nos seus...

Eu não podia suportar. Eu achei que conseguiria, porém estava me matando.

Então, lá estava ela.

Tão linda como nos meus sonhos. Por um momento queria esquecer de tudo e apenas me aproximar, abraçá-la e pedir perdão.

Dizer que eu fui um tolo e que não deveria tê-la mandado embora.

Que precisava dela pra viver.

Ela me encarou com olhos furiosos e postura tensa, me fazendo lembrar da cena com o outro cara há poucos minutos, reacendendo minha própria fúria.

– Posso saber por que estou aqui?

– Talvez eu devesse perguntar primeiro quem era o cara que estava beijando no hospital.

– Como sabe?

– Eu estava lá.

– Como assim? O que foi fazer lá?

– Fui conversar com o médico do seu pai. Faço isto regularmente, se não sabe. Qual não foi a minha surpresa ao ver você agarrando um cara no jardim.

– Aquele era Joe DeLuca, acho que já falei dele pra você.

– Inferno, Mia! – soquei a mesa na minha frente. – Sabe o que eu senti quando vi aquele cara com as mãos em você? Só não parti pra cima dele para quebrar seus braços porque Paul me impediu.

– Talvez tenha sentido a mesma coisa que eu senti todas as vezes que vi você com a Alexia, ou quando vi a tal Nathalie exatamente aqui, vestindo sua camisa! Você fode todas as mulheres da cidade e eu não posso me divertir com um amigo?

– Divertir? O que quer dizer? Que está fodendo com aquele cara?

– E se estivesse? Eu deveria mesmo ter transado com ele! Acha que é justo Lukas? Eu estou sozinha! Eu nunca tive um namorado! Tenho 20 anos e vivo como se fosse uma freira!

– Não tão freira assim, não é? – Rebatí cheio de ironia para camuflar a culpa que sentia quando ela falava sobre todas as coisas ruins que causei em sua vida.

– Está falando do quê? Da nossa transa em Aspen? Daquela da qual fugiu para ir encontrar com sua amante e depois ainda falou com todas as letras que era para eu esquecer porque foi um erro?

– Eu estava tentando fazer o que era certo... – se ela ao menos soubesse...

– Certo? Certo? Você queria se livrar de mim pra ir atrás daquela vaca da Alexia! Tem razão, nunca devíamos ter transado se era pra fazer o que fez!

– Eu não fui atrás de Alexia! Eu expliquei que precisava ver se ela estava bem...

– Talvez até concorde em parte com você, já que seria um canalha bem maior se nem se preocupasse com a mulher com quem transa há anos!

– Sim, você sempre soube, não é? Que Alexia era minha amante. E você disse bem aqui que não se importava!

– E eu deveria dizer o quê? Nós nunca fomos de verdade! Estaria sendo ridícula se fizesse um escândalo cobrando fidelidade! Depois de você transar comigo, as coisas mudaram, não é Lukas? Ou eu fui tonta demais achando que mudava alguma coisa!

– Sim, tudo mudou – confessei. Por que negar?

O mundo inteiro tinha mudado.

– Então por que foi atrás dela? Por que me mandou embora? – A dor contida em sua voz me desarmou. Me desestabilizou.

Deus, eu não queria fazê-la sofrer, aparentemente era só o que conseguia fazer, embora tentasse desesperadamente o contrário.

– Porque não sou bom pra você.

– É o que você sempre diz e talvez eu devesse acreditar, já que só me fez sofrer todos estes anos!

– Eu não sabia que você estava sofrendo, droga!

– Eu deveria te dizer? Você me via como uma criança!

– Você era uma criança!

– Eu tinha dezessete anos, e sim, era bem inocente! Tão inocente que acreditei que podia aceitar me casar com você e sair ilesa! E veja só!

– Então acho que eu fui tão inocente quanto! Porque não era pra eu sentir nada por você, estou num inferno há quase três anos imaginando todas as maneiras que eu gostaria de foder você e me martirizando por estar desejando a garota que era apenas pra ser um meio pra atingir um fim.

Minha confissão saiu por meio de gritos e nem me importava mais. Passei tempo demais escondendo aquele sentimento.

Estava alquebrado.

– Está satisfeita agora, Mia? Quer saber por que eu trepava com Alexia e Nathalie? Porque não podia trepar com você. Depois que eu quebrei todas as minhas promessas fazendo amor com você em Aspen, desci ao inferno, porque percebi que há um preço a pagar por todos os meus erros, e era alto, o mais alto de todos.

– E o que isto significa? – Perguntou.

– Que nada mudou. Qualquer coisa entre nós é impossível, Mia. – E esta era a verdade.

De que adiantava eu gritar meus segredos?

A realidade continuava a mesma de antes.

– Então o que eu estou fazendo aqui? – Seus lábios tremeram.

Meu coração se apertou.

– Não suportei ver você com outro cara – confessei.

Ela cruzou os braços no peito e me encarou firmemente.

– E o que eu tenho a dizer, Lukas é que, se você não quer, tem quem queira. Pode ser o Joe ou qualquer outro.

Suas palavras faziam meu coração se quebrar em mil pedaços.

Porque sei que ela tinha razão.

Ela era jovem e linda e merecia ter uma vida.

– E é o que você quer? Outros caras? Joe DeLuca? – Me peguei dizendo, e ela parou seus passos para o quarto. – Quer que eu te ponha num avião para levá-la até ele? É o que vai te fazer feliz? Se for vai me matar um pouco, Mia, mas farei, se você me disser que é o que deseja.

Então ela focalizou seus estonteantes olhos castanhos em mim e vi refletido ali minha própria dor.

– Tudo o que sempre quis foi você, Lukas. E você só me afasta. Não posso mais aguentar.

Ela se trancou no quarto. Escutei seu choro sofrido e só queria ir até lá e apagar sua dor.

Ela não foi feita para sofrer.

Eu fiz de tudo para que ela não sofresse e do que adiantava?

"Tudo o que eu sempre quis foi você, Lukas".

Suas palavras me atormentaram na minha noite insone.

Em que tipo de inferno eu estava, onde a mulher que mais desejava no mundo me dizia estas palavras e eu continuava afastando-a?

Dizia e repetia a mim mesmo todos os motivos.

Alexia e o meu suposto filho era o principal deles.

E se o bebê não fosse meu? E se Joe DeLuca fosse o cara que a faria se esquecer de mim e depois eu descobrisse que não era o pai do filho de Alexia?

Aí ela estaria perdida para mim pra sempre.

Não queria perdê-la. Não podia perdê-la.

Queria ser aquele que a abraçaria. Que a beijaria. Que estaria dentro dela fazendo-a gemer num prazer infinito. Queria tirar dela um prazer infinito.

Poderia se infinito.

De repente tomei uma decisão. Podia ser a mais errada de todas elas, porém não conseguia mais resistir.

Queria viver o presente e não pensar no futuro incerto.

Estava preparado para as perguntas inconvenientes de Paul naquela manhã quando estava na Constantini, aonde fui deixar alguns assuntos resolvidos pedindo-lhe para buscar Mia e levar ao aeroporto.

– Ela vai pra Redmond?

– Não, vai para o Havaí comigo.

– Certo – Ele simplesmente concordou acho que ouvi até um "já não era sem tempo", não tenho certeza.

Então fui para o aeroporto e estava no meu jato, quando ela entrou. Os olhos inchados e o rosto pálido.

Fui eu que fiz aquilo com ela, não faria mais.

– Não consegui ficar longe de você – estendi a mão e ela veio para mim, enterrando o rosto em meu peito.

Me dei conta de que não me sentia completo assim há meses.

Eu não tinha mais forças para fugir do que sentia. Eu precisava tê-la por perto, ao alcance das minhas mãos, para poder tocá-la, senti-la, cheirá-la.

Saber que era minha.

Estávamos juntos, rumo ao paraíso, onde ninguém poderia nos alcançar. E eu poderia fingir que era eterno, que não havia nada a nos separar.

Talvez tenha sido um tanto ingênuo por pensar que os problemas não nos alcançariam, ou que o destino não estivesse se vingando de mim, colocando Danielle e seu odioso noivo Jack no meu caminho menos de 24 horas depois que chegamos à ilha.

E claro que fiquei puto quando ele viu Mia nua, assustando-a e, só o fato de Danielle ter vindo para tratar de assuntos urgentes da Constantini me impediu de botá-lo porta a fora com socos.

– O pessoal da Intercorp finalmente se decidiu. Vão vender. Precisamos preparar o contrato – ela falou.

Relanceei um olhar para Jack.

– Era assunto sigiloso, Danielle.

Ela rolou os olhos.

– É o Jack, Lukas!

– Não deveria ter vindo.

– Fiquei apavorada! Eles me deram 24 horas pra te encontrar e resolver! Sei que poderíamos ter verificado tudo via internet, mas sei da importância deste contrato. Acho que deveríamos rever tudo pessoalmente. Antes que pergunte, Jack quis vir comigo, porque ficou preocupado, apenas isto.

– Ele assustou Mia.

Danielle levantou a sobrancelha.

– Não sabia que ela estava aqui, sinceramente estou até meio chocada...

– Não é da conta de vocês. Agora, se me der licença. Fiquem à vontade para pegar um dos quartos. Nos encontraremos depois do café da manhã para começar.

Eu voltei para o quarto e coloquei Mia a par da situação depois do café da manhã, eu e Danielle começamos a elaborar o contrato. Felizmente, já tinha um contrato pré-estabelecido que teria apenas que ser adequado a algumas exigências da Intercorp e não demoramos muito para acabar.

Só então Danielle me perguntou sobre Mia.

– Nem vou perguntar o que a Mia está fazendo aqui, porque ficou meio óbvio, que diabos está fazendo, Lukas?

- Já falei que não é da sua conta, Dani.
- Sou sua amiga, esqueceu? Você mesmo me contou que a Alexia Duran está grávida...
- Realmente não quero falar sobre este assunto...
- O que significa este lance com a Mia? Simplesmente estão em lua de mel? E a Alexia?
- Já chega! – me levantei, irritado. – Olha, você é minha amiga, mas fique fora deste assunto. Aliás, já que terminamos, acho que deveriam começar a se preparar pra viagem de volta.
- Hum, tão cedo? Talvez devêssemos esperar até amanhã...
- Não. Deve voltar hoje mesmo. Preciso que esteja na Constantini e garanta que este contrato seja revisado corretamente pelo Wilson.
- Quando volta?
- Não antes de dois meses.
- Lukas...
- Não insista, Dani.

Encontrar Mia com Jack e saber que ele falou com ela sobre Alexia me deixou fora de mim.

Sempre soube que Jack não valia muita coisa, porém pensar que ele esteve perto de Mia envenenando-a, me enchia de ódio.

Claro que ele sabia de Alexia. Danielle devia ter contado a ele.

Conhecia Danielle e ela devia ter pedido sigilo, então por que ele teria ameaçado contar a Mia?

Para me afrontar?

O que Jack tinha contra mim?

Eu não fazia ideia. Não podia deixar que ele estragasse minha estadia com Mia. Se o filho de Alexia fosse meu, teria que enfrentar o problema em algum momento. Não agora. Não com Mia.

Não quando eu estava feliz. Nem Jack nem ninguém iria tirá-la de mim agora! E se eu estivesse errado mantendo-a ali comigo, sem imaginar o que se passava fora da ilha?

Será que ela não tinha o direito de saber?

Inferno! De repente a culpa e a incerteza ameaçaram me dominar novamente.

Maldito Jack!

O sol sumiu e em seu lugar nuvens escuras começaram a se formar no céu antes azul. Nada mais era perfeito. A escuridão estava tomando tudo.

- Lukas? – Danielle se postou ao meu lado, depois da briga.
- Você contou a Jack.
- Me desculpe. Eu pedi a ele segredo.
- Ele estava envenenando Mia.
- Ele não contou nada!
- Insinuou.

– Sobre seu caso com Alexia? Não é segredo nem pra Mia!

– Vocês não sabem de nada...

– Olha, sei que não quer minha intromissão, porém acho que devia contar a Mia sobre o bebê de Alexia. Ela merece saber já que estão juntos.

– Não posso.

– Por que não? O que pretende com esta garota, Lukas? De verdade? Ela é só mais uma transa? É isto? Estão aqui passando férias e depois tudo voltará a ser como antes?

– Se Alexia estiver mesmo esperando um filho meu, não terei outra opção. Não posso colocar Mia nesta confusão. Ela não merece.

– Sabe o que eu acho Lukas? Que não deveria ter se envolvido com a filha de John Agnelli. Nem deveria ter casado com ela, pra começo de conversa! Agora as coisas estão piores, está envolvido sexualmente com ela e engravidou outra mulher. Esta situação não vai acabar bem! Você deveria mandá-la embora. Deixar tudo como era antes. Conserte as coisas enquanto é tempo, Lukas, será melhor pra todos.

Sem mais, ela se afastou. Permaneci ali, perdido em meus pensamentos sombrios, até que o carro chegou e Danielle e Jack embarcaram nele indo embora.

Danielle tinha razão. Que porra eu estava fazendo?

A resposta era simples. No fundo eu sabia que ela estava certa.

Com o coração doendo, subi as escadas e a encontrei na varanda, sob a chuva.

– Você ainda não respondeu minha pergunta! – ela havia dito em meio a sua confusão.

O que eu poderia responder?

A verdade? Que não era mais amante da Alexia, mas que a situação agora é bem pior?

A discussão foi terrível e suas lágrimas me fizeram ver o quão fodido eu era. E eu a abracei com culpa, seu choro saía abafado em meu peito. Absorvi sua voz, bebi sua presença. Podia ser a última vez. Esta constatação era como uma punhalada no meu peito. Por que não podia ser possível?

Não estava sendo? Nós dois ali, naquela ilha. Sozinhos no paraíso?

Depois de um tempo, suas lágrimas cessaram e eu a levei para o chuveiro. Banhei seu corpo com precisão minuciosa, precisando senti-la minha, para eu cuidar, enquanto fosse possível.

Meu coração cheio de um pesar silencioso.

– O que vai acontecer agora? – Perguntou baixinho.

– Acho que você deveria ir embora.

– E se eu não quiser?

– Não sei se terei forças para obrigá-la a ir. Tudo o que vem à minha mente, cada vez que está a meu alcance é o que fazer para forçá-la a ficar, mesmo não tendo o direito.

– Talvez eu te dê o direito.

Afaguei seu rosto.

– Eu sei que sou uma boba. Porque você é todo confuso e errado... não quero que acabe.

Não quero abrir mão do que temos, sinto uma faca apunhalando meu peito só de pensar em te deixar. – Será que ela fazia ideia de que seus pensamentos eram ecos dos meus? – Aí imagino você e Alexia e, mesmo sabendo que não posso cobrar...

– Nunca mais transei com Alexia. Não depois de Aspen – lhe assegurei.

– Tem transado com quem então?

– Com ninguém depois de você. Eu já disse Mia, estava apenas me enganando com elas. No fim, não adiantou nada. Estou cansado de cometer os mesmos erros.

– Eu sou um erro?

– O maior de todos.

E, porque eu já estava atolado até o pescoço na lama, mergulhei um pouco mais trazendo-a pra mim, enquanto ela me beijava.

Não podia soltá-la. Não podia deixá-la. Não agora.

Não ainda.

Era simples assim.

Depois ela perguntou se eu a mandaria embora. O que dizer?

Sabia o que precisava ser feito. Também sabia que nenhum dos dois teria forças para dar o primeiro passo.

– Você quer ir?

Ela sacudiu a cabeça negativamente.

– Eu queria ter forças para ficar longe de você – mergulhei meus lábios em seus cabelos, aspirando seu cheiro único. Deus, eu estava louco por ela e não tinha mais força para lutar contra aquele sentimento.

– Não quero que fique longe de mim. Por que sou um erro? Por causa do contrato?

– Porque não consegui me impedir de me apaixonar por você. E esse amor vai acabar sendo minha ruína.

Foi assim que selei nosso destino.

Não iria mais fazer o que era certo, porque não tinha forças para deixá-la ir. Não iria contar a verdade, porque iria afastá-la de mim. Viveria o momento. Iria amá-la enquanto me fosse permitido.

E rezar para que este tempo fosse infinito.

Eu deveria saber que meus dias felizes tinham tempo determinado. Um prazo estava correndo e, mais rápido do que eu esperava, ele começou a se esgotar.

Mia estava dormindo quando o telefone tocou em algum lugar da casa. Levantei-me tropeçadamente e o encontrei numa cadeira da varanda, onde foi esquecido quando levei Mia que adormeceu no banco ao meu lado, para a cama.

Meu estômago revirou quando o vi o nome de Alexia no visor.

Não falava com ela desde que saí de Seattle. Claro que não a informei que estava indo viajar, ela deve ter intuído que eu viajaria nas férias de verão. Na verdade, não nos falávamos

muito a não ser quando ela queria alguma coisa, o que era invariavelmente mais dinheiro.

Deixei o telefone tocar sem a menor vontade de atender, olhei para a cama onde Mia dormia alheia a tudo.

Não, nosso tempo ainda não havia terminado. Com um suspiro pesado, desliguei o telefone e voltei pra cama.

Mia se mexeu no sono e a abracei.

– Eu te amo – murmurei em seus cabelos.

Nunca mais disse estas palavras depois da minha confissão confusa na nossa segunda noite ali.

De alguma forma, não achava correto. Não quando nosso futuro era incerto. Agora ele me parecia ainda mais indefinido. O que me dava medo.

No dia seguinte, meu telefone voltou a tocar. Desta vez era Wilson.

Eu e Mia estávamos na mesa da cozinha almoçando.

– Fala Wilson.

– Lukas, não queria te atrapalhar nas suas férias...

– Não, tudo bem, o que foi? Algo com a Intercorp?

– Não, nada com a Constantini, na verdade. Recebi uma notificação do advogado de Alexia Duran.

Eu gelei e olhei pra Mia, que comia distraída. Claro que ela não poderia ouvir o que Wilson dizia, mesmo assim me levantei pedindo um momento.

– O que foi? – Mia me encarou.

– Preciso falar com ele no escritório.

– Nem acabou de comer.

– Tudo bem. Não vou demorar.

Segui para o escritório e fechei a porta.

– Pode falar.

– Você deveria ter me dito e que tipo de problema estava metido.

– Não me venha com sermão, Wilson, diga o que está acontecendo.

– O advogado dela me disse que ela decidiu fazer um teste de DNA ainda com o bebê na barriga.

– O quê? É arriscado! Tínhamos combinado que ela faria depois que o bebê nascesse.

– Parece que ela tem pressa, você foi notificado para fornecer seu DNA para teste.

– O quê?

– Sim, ela se adiantou e entrou com um processo de reconhecimento de paternidade.

Passei a mão pelos cabelos, chocado.

Eu sabia se o filho de Alexia era meu antes do previsto.

– Achei que deveria saber – Wilson falou. – Preciso que me diga o que fazer. Posso informar que estará retornando?

– Claro. Retornarei hoje à noite. – De que adiantava fugir? Pelo menos ia saber logo.

– E depois?

– Depois veremos.

Desliguei e encontrei Mia lavando louça, enquanto acompanhava uma música no rádio. Fiquei ali admirando-a.

Quanto tempo mais teríamos?

Será que um dia ela me perdoaria pelo o que estava fazendo?

Com certeza, eu não me perdoaria.

– O que faz aí, algum problema? – Ela sorriu ao me ver.

Me aproximei passando os braços por sua cintura e beijei seus cabelos. Fechei os olhos e fiquei ali um instante, só memorizando aquele momento.

– Não deveria me distrair enquanto lavo a louça – ela riu, se mexendo para eu me afastar.

– Vou dar uma saída.

– Aonde vai?

– Preciso tratar de um assunto com o caseiro.

– Volte logo.

– Claro – beijei seu rosto e saí.

Não estava indo ver o caseiro, eu menti.

Em vez disto, entrei no Jipe e fui até a oficina de um famoso carpinteiro naval.

– Ei, Lukas, como vai? Veio ver sua encomenda? Ainda não está pronta.

– Sei que não. Só queria ver como está indo.

Ele me levou para a marina, onde havia um lindo barco em construção.

– Como vê, falta muita coisa. Você falou que poderia ser para setembro, temos um prazo.

– Sim, para setembro. É um presente de aniversário.

– Fique tranquilo ficará pronto a tempo. Já sabe qual o nome?

– Sim. Se chamará Mia.

Voltei para casa e encontrei Mia ao telefone.

– Denise, eu... – Mia parecia confusa.

– Mia? Está falando com Denise?

Ela me passou o telefone e se afastou.

– Seu filho da puta! – Denise gritou do outro lado da linha.

– Denise, pare de gritar!

– Eu grito sim! O que está pensando? Está trepando com a Mia depois de engravidar e

abandonar a Alexia?

Olhei em volta e vi Mia andando na praia.

– Denise, você não sabe de nada...

– Sei sim! Sei que é um tremendo cafajeste!

– Não sabe do que está falando! As coisas não são assim.

– E como são? Por acaso não está transando com a Mia?

– O que acontece entre Mia e eu não é da sua conta.

– Já tenho a minha resposta. Há quanto tempo vem rolando? Aposto que começou em Aspen, não é? Quando ela foi embora do nada, agora sim as coisas fazem sentido, ela sabe da gravidez de Alexia? Ela...

– Ela não sabe sobre o bebê.

– Meu Deus, Lukas!

– Denise, é tudo muito complicado...

– Claro que é! Tem que contar a Mia...

– Não tenho confirmação que o filho de Alexia é meu.

– Ela diz que é. Acho que é verdade.

– Alexia é muito dissimulada.

– Agora ela é ruim? Quando estava na sua cama te fazendo um boquete ela servia...

– Cale a boca, Denise!

– Está bem, realmente este é um problema todo seu! Por que escondeu esta história da Alexia? Fiquei chocada quando fui visitá-la, vi o barrigão e ela me contou tudo.

– Não queria alarde até tudo estar confirmado.

– Hum, até entendo. Só não entendo você escondendo da Mia. Richard e Erin sabem do caso de vocês? Taylor?

– Ninguém sabe.

– Lukas, você está ferrado, sabe disto, não é?

– Sim, eu sei.

– Então trate de dar um jeito na sua vida. Sinceramente prevejo só problemas pra você a partir de agora. Boa sorte!

E sem mais, ela desligou.

Antes que eu pudesse digerir nossa conversa, Danielle me ligou me jogando a bomba sobre a Intercorp.

Sinceramente, quantos problemas mais eu teria que resolver de uma só vez?

Desliguei e fui até a praia.

Mia olhava o mar. Por um momento, fiquei ali somente contemplando-a.

Acabou.

Nosso tempo no paraíso chegou ao fim, teria que levá-la de volta a Seattle. Só rezava para que mais um tempo nos fosse concedido...

Infelizmente a sorte estava me deixando muito rápido.

Assim que chegamos a Seattle eu a deixei a contragosto e me encontrei com Wilson para ir até a clínica colher meu DNA.

Depois voltei para a Constantini para descobrir que a situação era precária e ninguém fazia ideia de quem era o novo dono da Intercorp.

Foi uma semana difícil tentando encontrar uma saída para aquele impasse.

– Precisam descobrir tudo sobre esta transação! – Falei duramente para os executivos.

– Lukas, já tentamos... – Danielle tentou amenizar, porém, eu não ia deixar aquele assunto sem solução. Muitas coisas dependiam da aquisição desta empresa.

Alguém estava me sabotando, era o que desconfiava.

– Este tal de Nathanael Foster deve ser laranja de alguém. Deem um jeito de descobrir!

Olhei o relógio e já era fim de tarde. Estava farto de ficar ali. Queria ver Mia. Naquela semana quase não tive tempo para ficar com ela.

Estava muito mal-acostumado. Na ilha estávamos juntos todo o tempo, era difícil me acostumar a ficar a maior parte do dia longe dela.

Dei o dia por encerrado, pedi para Wilson e Danielle me ligarem caso tivessem alguma novidade e fui para a casa do lago encontrar Mia.

Ela estava no seu antigo quarto e sorriu surpresa quando me viu. Era tão linda que chegava a doer meu coração. Fiquei surpreso ao ver o anel de noivado da minha mãe em seu dedo.

– Está usando o anel. Você nunca usou.

– Sim, eu o achei hoje e... – ela me fitou séria. – Nunca o usei, porque nunca vi motivos pra fazê-lo. Quando me deu eu era apenas uma garota cumprindo um contrato. Agora sinto que faz todo o sentido do mundo ele estar aqui. Sei que nunca falamos sobre... nós, sobre o futuro, sobre o que estarmos juntos significa. Quero ficar com você. Quero que este anel tenha um significado real. Que sejamos de verdade. Que nosso casamento seja de verdade.

Senti um nó fechar minha garganta. Ouvi-la dizer estas coisas, era maravilhoso e horrível ao mesmo tempo.

Eu desejava o mesmo, apesar de saber que era impossível.

– Eu te amo, Lukas.

– Ah, Mia! – Lamentei, encostando a testa na sua. – Por que não te fiz minha quando tudo era possível? Quando te dei este anel? Por que fui tão idiota de esperar para depois estragar tudo?

– Posso ser sua agora. Já sou sua.

Sorri tristemente e ela me beijou.

Fechei os olhos e deixei meu desejo me dominar mais uma vez.

Ainda tínhamos tempo...

Tão curto, tão breve...

Carreguei-a para a cama, tirei nossas roupas e a possuí quase com desespero.

Seus gemidos e sussurros acalentavam meu coração dolorido. – Eu amo você...

Ah Mia, queria tanto que fosse infinito.

Queria ser o homem que não tivesse cometido tantos erros com você. Que não a tivesse forçado a se casar quando era apenas uma menina, que não a tivesse seduzido quando nunca poderia dar tudo o que merecia.

Que não a tivesse enganado, que não tivesse mentido porque era egoísta demais para te perder. Quando no final, sabia que iria perder de qualquer maneira...

Ela dormiu e fiquei ali, vendo-a dormir, me perguntando quanto tempo mais me seria permitido tê-la assim.

Até que escutei uma batida na porta.

Levantei-me com cuidado para não acordá-la, me vesti rapidamente e abri a porta. Mary está ali.

– Lukas, o senhor Wilson está aqui.

– Wilson?

– Sim, disse que tem um assunto urgente pra tratar com você.

– Claro, vou descer... Mary, já não deveria ter ido embora?

– Fiquei para saber se você e Mia iam precisar de alguma coisa – ela piscou pra mim e fiquei vermelho, oras, ela deve imaginar muito bem por que estava trancado no quarto com Mia.

– Não, ela está dormindo, pode ir.

– Tudo bem. Até mais.

Ela se afastou e fui para sala onde Wilson me aguardava com um semblante grave e um envelope nas mãos.

– Descobriu algo sobre a Intercorp?

– Não. Saiu o resultado do teste de DNA.

Capítulo 8

Mia

Estou acordada ou tendo pesadelo?

Eu não consigo me mover, meus pés pareciam estar presos no chão, enquanto meu coração batia de um jeito ensurdecedor dentro de mim, impedindo que eu escutasse qualquer som naquela sala. Vejo apenas a boca de Lukas se movendo.

Minha atenção não está nele e sim na moça loira e muito grávida ao seu lado.

Grávida.

Esperando um filho.

Oh Deus. Sinto a sala girando a minha volta, o zunido no meu ouvido aumentando e identifico aquele barulho cada vez mais alto dentro de mim. São os gritos da minha alma. Ela está gritando de horror.

Alexia Duran está grávida de um filho de Lukas.

A verdade me atinge como uma chuva gelada de granizo, que fere minha pele e cega meus olhos.

Os gritos no meu interior se calam num silêncio sombrio quando finalmente entendo a verdade aterradora.

Meu coração começa a diminuir o ritmo até quase parar. Talvez seja assim que as pessoas se sentem ao morrer? Toda a vida sendo drenada de dentro delas, até restar apenas o vazio escuro e oco?

É como me sinto neste momento.

Numa lenta e agonizante morte.

– Alexia, vá embora – finalmente escuto Lukas dizer, com os olhos fixos em mim.

– Por que tenho que ir embora? Preciso falar com você! Não vai me mandar embora assim...

– Você está grávida – digo.

Alexia rola os olhos.

– Acho que é óbvio, não é? Tão óbvio quanto o fato de que, até agora, você não sabia de nada – ela olha pra Lukas com ironia. – Pensou que iria me esconder no armário para sempre, Lukas, querido?

– Já chega. Você vai embora agora – ele segura o braço dela e, ignorando seu grito, a arrasta porta afora.

Começo a tremer descontroladamente. Um nó pesado se formando na minha garganta.

Ainda há um lado sensato dentro de mim que tenta encontrar uma lógica. Posso ter entendido tudo errado?

Sim, a ex-amante de Lukas está grávida, por que o filho tem que ser dele? Ele teria me dito, não teria?

Lukas volta para sala, passando os dedos freneticamente pelos cabelos e me encara. E a verdade está gritando em seu rosto pesaroso.

O nó na minha garganta se rompe num choro silencioso.

– Por que nunca me contou? – Sussurro.

– Porque não era certeza.

– Não era certeza...

– Eu não confiava em Alexia.

– Desde quando?

– Ela está grávida de quase nove meses.

– Desde quando você sabe?

Já sei a resposta antes mesmo de ele responder.

– Desde o Natal.

Fecho os olhos e respiro fundo.

O Natal em Aspen.

O Natal em que eu entrei naquele chuveiro e me ofereci a ele.

Que entreguei tudo a ele.

– Você já sabia...

– Não. Alexia me contou na manhã seguinte.

– Por isto me mandou embora.

– Sim. Tinha sido um erro ficar com você...

– Ah, claro. Eu sou um erro, sempre fui. Ainda mais depois de ter feito um filho em sua amante! Eu iria atrapalhar tudo!

– Não foi...

– Então foi como? – Sinto uma revolta sem tamanho crescendo dentro de mim, com a fúria de mil tempestades. – Você transou com esta mulher por anos. Você me rejeitou por anos! E, na manhã seguinte ao dia que tirou minha virgindade, você corre quando ela te chama e em seguida me enxota como se eu não fosse nada, para eu voltar a ser somente a esposa de contrato que sempre fui!

– Você está tão errada...

– Estou? Sério? Não conseguia entender como pôde me afastar depois daquela noite. Achava que continuava sendo por causa da minha idade, por causa do contrato, por causa do meu pai. Não era mais nada disto, não é? Era ela. Ela e o filho de vocês!

– Não planejei transar com você naquela noite...

– Claro que não! Eu que fui idiota e me ofereci! A culpa é toda minha então?

– A culpa foi minha porque eu deveria ter resistido, de que adianta termos esta discussão

agora? Já sabe como me senti desde sempre em relação a você, sabe por que eu transava com a Alexia...

– Transava ou transa? – Como poderia acreditar em tudo que disse depois de saber que ele me escondeu a gravidez da Alexia?

– A Alexia não é mais minha amante. Eu falei pra você, droga, Mia!

– Ela vai ter um filho seu...

Ele respira fundo ao me encarar.

– Sim. O filho é meu.

Eu mordo os lábios com força para não explodir em soluços. Acho que, de alguma maneira, esperava que Lukas negasse. Que o filho de Alexia não fosse dele, afinal.

– Não tinha certeza, eu...

– Quando teve certeza? – Minha voz sai espantosamente calma.

– Ontem. Meu advogado me trouxe o resultado.

– E até quando iria me enganar?

– Nunca quis enganar você. Só queria protegê-la de algo que nem sabia se era verdade.

– Não, queria proteger você mesmo! Sabia que eu não ia suportar... Oh Deus, não consigo suportar. – Os soluços finalmente vencem e me dobro sob o peso da minha dor.

Cada minuto que passava, cada palavra proferida por Lukas, somente solidificava mais a verdade terrível.

Alexia ia ser mãe de um filho de Lukas.

– Mia, por favor, eu sinto muito... – ele tenta me tocar, o agrido com tapas, afastando-o.

– Não coloque a mão em mim! Nunca mais ouse me tocar com essas mãos cheias de mentiras! Como pôde Lukas? Você me levou para aquela ilha, nós vivemos juntos! Você me deixou acreditar que seria pra sempre quando estava somente passando um tempo até seu maldito filho nascer!

– Não foi assim! Sei que errei, inferno! Nunca deveria ter levado você para o Havaí! Acha que não sei? Estava preparado para deixá-la ir. Decidi em Aspen, antes mesmo de saber que o filho era meu, que não poderia prendê-la a mim! Já havia errado demais com você, para acrescentar mais um erro. Sei que fodi tudo confiando na Alexia. Eu sabia a mulher perigosa que ela era, que se este filho fosse meu, teria um elo eterno com ela. Era uma consequência de um erro meu, Mia. Meu! Não seu. Não seria justo prendê-la a mim e a um filho de outra mulher que já estava transformando a minha vida num inferno. Você merecia uma vida longe de mim e dos meus problemas.

– Então por que não me disse lá em Aspen? Por que não foi sincero comigo? Eu merecia saber!

– Eu não queria lhe contar. Acho que no fundo tem razão. Estava me protegendo. Não queria que me olhasse como está olhando agora, como se eu fosse o ser asqueroso que sou.

– Por que me levou para o Havaí então? Se estava tão decidido a ficar longe de mim, a me tirar de vez da sua vida, por que me levou com você? Por quê?

– Este foi o maior dos meus erros. Vi você com Joe DeLuca e não agüentei vê-la com outro. Não suportei saber que você podia se apaixonar por ele. Fiquei dizendo a mim mesmo que o bebê de Alexia podia não ser meu. Que nada estava certo ainda. Então, por que não viver com você o tempo que restava?

– Tem razão, Lukas. É asqueroso! Sinto vontade de vomitar!

– Sinto muito... Eu me odeio por fazer você sofrer. Deveria tê-la mantido afastada, deveria tê-la mandado para Joe DeLuca.

– Pra você ficar com a Alexia? Seria mais fácil, não é?

– Não tenho opção. As escolhas foram tiradas de mim. Existem coisas muito maiores do que o que eu quero ou desejo nesse momento.

– Foi por isto que terminou comigo ontem? Por isto trouxe minhas malas e me mandou embora...

– Sim. Eu precisava por um fim a este desvario.

– Desvario... – doía ouvi-lo chamar o que vivemos de desvario, no entanto, o que seria a não ser isto?

Um interlúdio romântico, um último rompante de loucura em sua vida, até que se visse obrigado a assumir o filho de outra mulher?

Assumir outra mulher?

A dor desta verdade rasga meu peito em mil pedaços.

– Então é verdade? Vai se casar com ela?

– Já sou casado.

– Não para sempre. Daqui dois anos este maldito contrato termina e estará livre para ficar com ela...

– Não consigo pensar sobre isto agora. Nem em qualquer coisa que envolva um futuro. Só existe uma única verdade no momento, Mia. Cometi muitos erros na minha vida. Errei com minha mãe, errei com você, até mesmo com Alexia. Mas não vou errar com meu filho. – Seu tom de voz adquire uma força que nunca ouvi antes. E é neste exato momento que percebo ter perdido o resto da esperança que existia numa parte bem escondida e tola do meu coração. Talvez alimentada pelas lembranças doces e quentes dos dias no Havaí.

Ele podia ter confessado que estava apaixonado por mim.

Podia ter me dado uma pequena parte do seu coração. Mas no fundo, foi apenas um empréstimo. Ele o estava o tomando de volta.

Revogando meus direitos.

Agora havia outra pessoa para ele amar. Aquela criança que nem havia nascido. E a mãe dela era sua ex-amante. A mulher que o teve por anos.

A mulher por quem agora ele estava me deixando.

De repente sinto uma raiva obscura se formando dentro de mim, se misturando com a dor. Um ódio totalmente irracional daquele ser que ainda nem existia e estava levando Lukas embora.

Que estava levando minha felicidade.

Por que eu não podia ser feliz? Onde estava escrito que tudo o que eu amava deveria ser tirado de mim? Meu pai, para aquele coma horrível. Minha mãe que preferiu ir embora com um homem qualquer e agora Lukas.

– Mia, entenda – a voz de Lukas está cheia de pesar. Não me importo mais. Estou me afogando em tudo que há de ruim no meu interior.

Tudo o que ele fez nascer de ruim em mim.

– Não escolhi isto. Eu não... Inferno, se eu pudesse voltar no tempo, teria feito tudo tão diferente... infelizmente é impossível. Não posso mais continuar. Não posso mais te fazer sofrer – não estou olhando pra ele, quando o escuto respirar fundo várias vezes. – Continuarei a cuidar de você. Você seguirá sua vida. Você... – ele faz uma pausa. Minhas lágrimas molham o chão. – Ficaré melhor sem mim. Você foi feita pra ser feliz. Não haveria felicidade do meu lado.

Não digo nada, quando saio da sala com a cabeça baixa, sem olhar para ele.

Tenho apenas um objetivo. Passo direto pelo hall em direção à porta dos fundos, a que dá para garagem. Meu velho carro está ali me esperando.

A única coisa que realmente me pertence naquela casa.

Naquele paraíso escuro.

Escuto o som rouco do motor ao dar partida e sair para o dia chuvoso. Não consigo enxergar a rua, nem sei se é por causa da chuva ou das minhas lágrimas.

De repente um brilho, um feixe de luz vindo de minha mão, me cega por um momento.

O anel de noivado.

Lembro de como me senti ontem, quando o coloquei no meu dedo. De como acreditei que estava selando um compromisso.

Tudo não passou de uma bem armada ilusão.

Com um soluço, tiro as mãos do volante e tento retirar o anel com força.

Não vejo quando saio da estrada e colido com uma árvore.

Continuo a chorar e a tentar arrancar a única coisa de Lukas que ficou comigo.

Acordo sentindo-me toda dolorida. Por um momento não sei onde estou, abro os olhos olhando ao redor. É um quarto de hospital?

Por que Denise e Paul estão num canto cochichando?

Tento abrir a boca para chamá-los, me calo ao ouvir as palavras mais altas de Denise.

– Eles estavam trepando! Era só sexo!

– Não acho que seja só sexo, Denise... – a voz de Paul é incerta.

– Você é muito ingênuo e crédulo, Paul! Lukas seduziu a Mia, devia estar se sentindo entediado, sei lá! Com a Alexia gorda e grávida, ele deve ter voltado seus olhos para alguém que seria bem fácil de ludibriar.

– Mia não é nenhuma idiota...

– Ela só tem vinte anos, duvido que tenha tido algum namorado! Deve ter sido bem fácil pro Lukas seduzi-la, sozinhos naquela ilha! Lukas pode ser bem envolvente quando quer...

Suspiro pesadamente, não aguentando mais ouvir aquele diálogo que me faz lembrar dolorosamente do que aconteceu.

Lukas e Alexia.

E o filho deles.

– Ei, acho que ela está acordando... – Paul vem para perto de mim. – Bem-vinda ao mundo dos vivos.

– Vou chamar o médico – Denise diz e escuto a porta se abrir.

– O que aconteceu? – Pergunto sentindo minha boca amarga.

– Um acidente. Bateu aquele seu carro velho numa árvore.

– Sim, agora me lembro. – Fecho os olhos me recordando que a última coisa que fiz foi tirar o anel.

Levanto meu braço e olho minha mão. Não há nada nela a não ser a agulha com soro. A porta se abre novamente e um senhor vestido de branco entra.

– Olá, Mia, como está se sentindo? – Ele coloca uma luz em meus olhos e começa a mexer no meu corpo.

– Estou toda dolorida.

– É normal. Sente dor de cabeça? – Pergunta tocando algo que parece ser um curativo em minha testa.

– Não...

– Que bom, em breve estará recuperada. Não quebrou nada. Apenas algumas escoriações e um galo na testa. Vou pedir pra enfermeira trazer-lhe algo pra comer e podemos tirar o soro.

Ele sai da sala e Denise entra novamente. Ela e Paul trocam um olhar estranho e Paul sai do quarto, fechando a porta atrás de si e Denise se posta ao meu lado.

– Que susto hein? O que pretendia? Se matar?

– Não! – Era o que estavam pensando?

– Hum, queria apenas me certificar que não estava chateada a este ponto!

– Só perdi o controle – decido não dizer que estava tentando tirar o maldito anel de Lukas do meu medo.

Lukas...

Pensar nele faz a dor no meu corpo parecer uma massagem relaxante se comparada a dor no meu peito.

Ontem estava feliz. E agora...

Não tinha mais nada.

– Não devia ter saído na chuva daquele jeito – continuo – só queria sair...

– Claro, queria fugir do Lukas. Entendo perfeitamente! Lukas é um canalha filho da puta!

A raiva de Denise me surpreende.

– Então já sabe?

– Claro que sim! Lukas passou de todos os limites! Todos! Está lá fora, querendo entrar para falar com você, não deixei!

Lukas queria falar comigo?

Sinto um misto de sentimentos descontraídos acelerar meu coração.

– Minha nossa – Denise me encara chocada. – Então Paul tem razão? Está apaixonada por ele?

Não digo nada, mas sinto meus olhos se encherem de lágrimas traiçoeiras.

– Ah Mia, sinto muito. – Ela parece estar realmente sentindo, o que é estranho vindo de Denise. – Como posso culpá-la? Ele é lindo, não é? Sabe que até eu estive com a cabeça virada por um tempo?

– Pelo Lukas? – Pergunto surpresa.

– Sim, quando Erin e Richard começaram a sair e ele nos apresentou o Lukas fiquei de queixo caído! Coloquei ideias na minha cabeça, já via meu futuro como senhora Constantini, rica e tudo o mais – ela revira os olhos.

– E o que aconteceu?

– Ele não me deu bola. Riu de mim quando tentei seduzi-lo. Disse que me via como irmã. Então me deu um lindo colar para compensar. Acho que até hoje ele me dá tudo o que peço por sentimento de culpa. – Ela sorri presunçosamente. – Lukas também tem um senso muito forte de responsabilidade. Por causa disto é que eu não entendo como pôde te usar deste jeito!

Eu não respondo nada. O que poderia dizer?

– Por que está aqui? – Pergunto por fim.

Ela dá de ombros, sacudindo os longos cabelos.

– Você foi muito legal com o Paul, pedindo para o Lukas dar emprego a ele e tudo o mais. E, talvez se não fosse por você e seus sábios conselhos, eu nunca teria dado uma chance ao que sentia por ele e nós nem estaríamos juntos. Então, se quiser que eu dê uma surra no Lukas e o ponha para fora deste hospital a pontapés, eu darei!

Eu rio tristemente.

Quero que ela o mande embora? Deveria querer.

Talvez ainda haja algum resquício daquela garota tola em mim que, apesar de saber que não há mais nada para ser salvo, quer simplesmente contemplar tudo que perdeu uma última vez.

– Deixo-o entrar.

– Tem certeza?

– Está tudo bem. Apenas... Pode fazer algo pra mim?

– Claro. Agora sou *Team Mia*!

Mordo os lábios e aperto os lençóis nervosamente quando Denise sai do quarto. Escuto

vozes abafadas lá fora e depois ele entra.

Ainda está com a mesma roupa de hoje de manhã e os cabelos estão uma bagunça nervosa.

Há olheiras escuras sob seus olhos lindos e melancólicos.

Quero me levantar daquela cama e sacudi-lo. Agredi-lo.

Quero gritar "Por que estragou tudo?".

– Oi – sua voz parece abatida. – Como está se sentindo?

– Como se tivesse sofrido a maior decepção da minha vida – respondo amargamente e Lukas empalidece ainda mais.

– Sinto muito. Devia tê-la impedido de sair dirigindo daquele jeito na chuva...

– Talvez este seja seu problema, Lukas. Está sempre tentando me controlar. Você me manda embora quando lhe convém. Fica comigo quando lhe convém. Diz a verdade quando lhe convém...

– Mia, por favor, não estou aqui para continuarmos discutindo...

– Sim, tem razão. De que adianta? – Pisco para afugentar as malditas lágrimas. Não quero mais chorar. Não quero mais ficar à mercê do que Lukas provoca em mim.

Cansei.

– Vou embora, Lukas. Pela última vez vou fazer aquilo que planejou pra mim.

– Eu não tenho mais palavras para dizer o quanto me dilacera que as coisas sejam assim...

– Não – eu o corto. – Não vai mais falar nada. Não quero ouvir. Só me escute porque será a última vez que vou falar com você. – Respiro fundo, conjurando forças. – Não quero mais que controle minha vida. Sei que estou presa a este maldito casamento por mais dois anos, de agora em diante nós seremos o que sempre deveria ter sido. Duas assinaturas num papel. Vou cumprir meu papel até o fim, porque dei a minha palavra. Só não quero vê-lo nunca mais. Quero que se esqueça da minha existência. Que siga a vida que escolheu...

– Eu não escolhi! – Ele rebate numa voz frustrada, dou de ombros.

– Que seja, para mim não faz mais diferença, o que interessa é que eu não estou mais nela. Quero que esqueça minha existência assim como vou esquecer a sua. – Minha voz se alquebra e fecho meus olhos. – Por favor, vá embora.

Permaneço com os olhos fechados, esperando a porta se abrir e ele ir embora de vez. Passam-se infinitos minutos até que, sem aviso, sinto seus lábios em minha testa.

– Adeus, Mia.

Então, ele se vai.

Desta vez sei que é para sempre.

Redmond continua fria e chuvosa quando Paul percorre as estradas sinuosas que levam à casa de Joe DeLuca naquela manhã. Fiquei mais dois dias no hospital até ter alta e, como combinei

com Denise, ela pediu a Paul que me levasse pra Redmond.

Neste momento a única coisa que queria era ver um rosto amigo que sabia que iria me acolher.

– E sua mãe? Não prefere ir pra Miami? – Denise perguntou.

– Você mesmo me disse que quando ligou para avisar do acidente, Mark contou que ela estava num retiro budista em Tulsa – resmungo com desgosto.

– Sim, em algum momento ela vai ter que voltar! E, tipo, ela é sua mãe! Se quiser obrigo o Paul a ir neste tal retiro e tirá-la de lá pra cuidar de você.

– Não, Denise. Ficarei bem em Redmond, não se preocupe.

– É aqui? – Paul estaciona em frente à casa de Joe e aceno positivamente.

– Sim, chegamos.

Ele sai do carro comigo e vai tirar as minhas coisas do porta-malas enquanto bato à porta de Joe.

Ele a abre alguns segundos depois e arregala os olhos ao me ver.

– Ei, você está um mês atrasada! – rio tristemente e ele me ergue do chão num abraço de urso, sem se importar por estar sem camisa. – Aquele não é o troglodita que trabalha para o seu marido?

– Paul só veio me trazer – esclareço tristemente e Joe percebe que tem algo errado.

Os dois homens trocam um aperto de mãos.

– Quer entrar, cara?

– Não, preciso ir – Paul me encara. – Vai ficar bem?

– Sim, fique tranquilo e obrigada pela carona.

Ele se despede com um abraço, um breve aceno a Joe e entra no carro, partindo em seguida.

Joe carrega minhas malas pra dentro e me encara muito sério.

– Que diabos aconteceu?

Não consigo falar, apenas desabo em cima dele, chorando e soluçando toda a dor que vinha sufocando naqueles dois dias na companhia de Denise.

Joe me abraça e me leva para o sofá, me fazendo contar tudo, vou me acalmando, fazendo os soluços se transformarem em pequenos suspiros.

– Nossa Mia, é horrível – ele diz por fim.

– Estou sofrendo tanto, Joe...

– Imagino. O Lukas foi um idiota, pra dizer o mínimo. Não deveria ter te deixado lá...

– Não adianta ficar com considerações. É passado.

– Sim...

– Joe, onde está? – A voz feminina vinda do corredor me surpreende e levo um susto ao ver Lily surgir vestindo apenas uma camisa de Joe, que fica vermelho.

Lily me encara estupefata.

– Mia Agnelli? De onde surgiu?

– Oi, Lily.

Lily encara Joe em busca de uma explicação.

– Lily, a Mia veio passar uns dias em Redmond. Na verdade, vou me vestir e levá-la até a casa dela. Acho que deveria se vestir também, posso te deixar em sua casa no caminho.

Os dois se afastam na direção do quarto e, de repente, me sinto uma intrusa. Era óbvio que Joe havia voltado com Lily e eu estava atrapalhando seu interlúdio romântico.

Os dois retornam vestidos minutos depois e Lily sai na frente, deixando Joe e eu para trás.

– Acho que Lily está brava.

– Nada, sabe como ela é.

– Vocês voltaram?

– Voltamos.

– Fico feliz por você.

Nós entramos no carro e Lily continua de cara emburrada.

– E quanto aos nossos planos pra hoje? – Ela pergunta de repente.

– Lily, preciso fazer companhia para a Mia...

– Não – intercedo. – Não desfaça seus planos por minha causa.

Joe me olha pelo espelho retrovisor.

– Mia...

– É sério. Vou ficar bem – sorrio forçadamente. – Aliás, me leve pra casa antes. Depois vá levar Lily, não quero estragar o dia que tinham combinado.

Joe não diz mais nada só me acompanha até a porta.

– Tem certeza que vai ficar bem sozinha?

– Vocês têm compromisso.

– Podia ir com a gente.

– Joe, não viaja. Lily está morrendo de ciúmes. Vocês acabaram de voltar. Quer começar a brigar novamente?

Pela sua expressão, percebo que não.

– Vá, vá ficar com sua namorada. Um coração partido é o suficiente.

Ele me dá um beijo no rosto e promete voltar à noite.

Vejo o carro se afastar e entro na minha casa vazia e silenciosa.

Deixo minhas malas no chão do quarto e me deito sob as cobertas. Quero dormir eternamente. Ou até Joe voltar.

Ele não volta naquela noite como prometido.

Me liga na manhã seguinte pedindo desculpas dizendo que teve que ficar com Lily, que

ficou magoada quando ele disse que não iriam mais ao cinema como combinado.

- Entendo. Não desmarque nada com ela por minha causa.
- Hoje tenho um trabalho a fazer, já avisei a Lily que ficarei com você à noite.
- Tudo bem, eu te espero.

Eu me forço a levantar e limpo toda a casa, abro as Janelas e deixo o ar entrar. Depois saio e faço compras no supermercado local. Não tenho vontade de comer nada, porém não posso morrer de fome, não é?

O tempo inteiro enquanto cozinho para mim e Joe, penso em Lukas.

Me lembro de sua voz cantando, acompanhando o som enquanto me ajudava a cozinhar. Dos beijos roubados e sussurros ao pé do ouvido, que eram uma premissa para o amor que faríamos depois.

Estou chorando sem perceber quando a campainha toca, enxugo o rosto rapidamente indo abri-la pra Joe. Não é meu amigo que está ali e sim sua namorada.

- Lily!
- Oi, posso entrar?
- Claro – concordo lhe dando espaço e fechando a porta.

A encaro confusa, ela está de braços cruzados.

- Olha, vou direto ao assunto. Deixe o Joe em paz.
- Lily, eu...

– Eu sei. Sei de tudo sobre seu malfadado casamento, porém, sinceramente, não acho que deveria estar aqui enchendo o Joe com seus problemas.

- Joe é meu amigo – me defendo.
- Deve ter outros amigos a quem recorrer. Tem que ser meu namorado?
- Nunca tive a intenção...

– Você nunca tem! Eu entendo muito bem! Você e o Joe têm esta ligação esquisita que não sei de onde vem! Basta chamar, que ele corre! E você se aproveita. Obviamente ele tem uma quedinha por você...

- Ele te ama, Lily...
- ... o que não impede que tenha uma queda por você! – Ela insiste. – E você por ele!
- Não! – Nego, então me lembro do nosso beijo no hospital e fico vermelha.

– Sabe que estou falando a verdade. Quer saber, não vou deixar esta quedinha evoluir. Não mesmo! Eu amo o Joe e a gente está tentando se acertar. Não posso deixar você estragar tudo.

Eu mordo os lábios, me sentindo mal.

– Tudo bem. Tem razão. Meu lugar não é aqui. Acho que estava me apegando ao Joe porque ele é sempre muito bom pra mim. Mas ele tem você e tem que ser assim, sem ninguém no meio. – Quero dizer a ela que sei muito bem como é ter alguém atrapalhando nosso relacionamento, me calo. – Vou embora. Não se preocupe.

Ela parece aliviada quando parte.

Quando Joe aparece, não conto da visita de Lily. Apenas jantamos como velhos amigos. Aproveito sua companhia pela última vez e no fim da noite, comunico que voltarei para New Haven.

Ele insiste para que eu fique, o convenço de que preciso voltar à minha rotina.

Na manhã seguinte, ele me abraça forte no aeroporto, sob os olhares atentos de sua ciumenta namorada, que o pega de volta quando finalmente me afasto.

Mais uma vez estou sozinha.

Desembarco em New Haven me sentindo entorpecida. Olho a paisagem através das janelas do táxi, querendo me sentir em casa, afinal, estou ali há três anos e continuo me sentindo como se estivesse só de passagem.

Como se meu lar fosse em outro lugar.

Em qual lugar?

De repente me lembro das palavras de Zac Smith tanto tempo atrás. Quando disse que eu não parecia pertencer a lugar nenhum. Mais de três anos haviam se passado e continuo não tendo um lugar no mundo.

Pensei que tivesse encontrado no Havaí.

Foi apenas um sonho, que terminou em pesadelo.

Passo os dias entre dormir e acordar, sem vontade de sair da cama. Tiro o telefone do gancho para não falar com ninguém. Pensava que tudo fosse melhorar com o passar dos dias, mas me sinto cada vez pior.

Há poucos dias estava numa ilha, vivendo todas as minhas horas com Lukas. Respirando e vivendo Lukas Constantini.

Como aprender a viver sozinha de novo?

Como conseguir suportar as horas dos dias sabendo que ele está em Seattle com Alexia Duran, esperando o bebê nascer?

Me encho de amargura e raiva. Quão pouco signifiquei pra ele, para conseguir me descartar tão facilmente? Estava morta por dentro e ele ia continuar a viver e amar. Enquanto eu não sabia se haveria algum amor em mim.

– Mia? – A voz estridente está em algum lugar do apartamento.

Taylor?

Abro os olhos, sentindo uma pequena pontada de emoção, a primeira diferente da dor que senti por dias.

Ou seriam semanas?

Não sei mais.

Me levanto e caminho tropegamente até a sala e Taylor está contemplando a bagunça com olhar crítico.

– Que merda está acontecendo aqui?

– Taylor não grite – reclamo.

– Este lugar está um chiqueiro e você... O que está acontecendo com você?

Ela não sabe?

Evan entra na sala em seguida e seu olhar se turva de preocupação ao olhar para a sala e depois pra mim.

Ver seu olhar preocupado me quebra de novo e começo a chorar.

– Mia – ele vem em minha direção e me abraça – shi, seja lá o que for, vai ficar tudo bem, tudo bem...

– Evan, o que foi? O que ela tem? – Taylor pergunta confusa.

– Amor, vá pra casa. Vou conversar com a Mia.

– Mas...

– Por favor.

Ela aquiesce e se afasta, fechando a porta atrás de si, Evan me senta num sofá me olhando com uma expressão séria.

– Foi o Lukas?

Claro que ele sabe. No fundo, acho que Evan sempre sabe de tudo.

Ele lê as emoções como ninguém.

Conto tudo a ele entre soluços, fico surpresa ao saber que eles não faziam ideia de nada. Estavam afastados numa fazenda no deserto australiano, sem telefone ou internet.

– Sinto muito, querida. Sempre soube que havia mais entre você e Lukas, só nunca imaginei que acabaria assim.

– Fui uma idiota.

– Não, você estava apaixonada. Somos todos idiotas quando apaixonados.

Ele não diz mais nada, apenas me leva pra cozinha, me obriga a comer e depois a tomar um banho.

Fico debaixo do chuveiro um tempo interminável e quando saio Taylor está sentada na minha cama, com os vermelhos de chorar.

– Ah Mia, como o Lukas pôde fazer tudo isto com você?

– Não chore Taylor – peço e sou até capaz de rir de sua dramaticidade.

De certa forma, é bom ver alguém além de mim chorando, para variar.

– Sinto muito mesmo. Já liguei pra ele e o xinguei.

– Não devia ter feito isto.

– Ele foi horrível – ela segura minha mão. – Você me odeia agora?

– Claro que não.

– Ah, que bom – ela funga e sorri. – Olha, preciso te contar uma coisa. Eu e Evan vamos nos mudar para a Austrália.

– Austrália?

– Sim, vamos ficar lá por dois anos! Evan arranhou emprego numa escola local. Fui contra no começo, mas ele ficou tão empolgado!

– Não consigo imaginá-la morando na Austrália, Taylor...

Ela sorri.

– Nem eu! Mas Evan estará lá, estarei feliz onde ele está. Ele é minha casa.

Sorrio tristemente. Sinto uma inveja imensa de Taylor naquele momento.

– Além do mais, serão somente dois anos! Ele prometeu que depois poderemos viver onde eu quiser!

– Imagino que vá escolher Paris, ou algo extravagante assim!

Ela solta uma gargalhada.

– Quem sabe! – Então aperta minha mão. – Venha com a gente.

– Taylor...

– Por favor. Vai ser tão legal! Pode me fazer companhia! De repente até dar aulas também...

– Não, tenho que terminar minha faculdade.

– Vai ficar aqui sozinha...

– Não seja dramática. Vou ficar bem.

– Ainda não entendo por que o Lukas foi tão idiota! – Ela abaixa o olhar. – Sabe que eu sempre torci pra ver vocês dois juntos? – Ela fica vermelha. – Sabia que talvez nunca fosse rolar, afinal, você era tão novinha e o Lukas já sabemos como é. Depois que ficamos amigas, comecei a imaginar que até seria possível, quem sabe... E não estava errada, não é?

– Estava errada sim. Não deu em nada.

– Vocês estavam apaixonados...

– Acabou – eu a corto. Doía demais falar desse assunto.

– Por causa do golpe da barriga da Alexia!

– Taylor... – tento pará-la.

– Foi golpe, certeza! Aquela lá não dá ponto sem nó! Que ódio...

– Taylor, já chega, não quero mais falar sobre isto – consigo fazê-la mudar de assunto perguntando como foi sua viagem.

Nos dias que se seguem, eles começam a planejar sua mudança e eu tento parecer engajada. Ajudando a arrumar tudo, me sentindo cada vez mais triste.

Estou perdendo Taylor e Evan também.

Não resta ninguém para mim.

Numa tarde quente no fim de agosto, eles partem para sua aventura na Austrália.

– Eu vou te ligar todo dia! – Taylor diz chorosa.

– Não exagere Taylor – falo tentando sorrir.

– Vá nos visitar assim que nos estabelecermos! Denise e Paul prometeram ir, por favor!

– Pode contar com isso – concordo fingindo ânimo.

Evan me abraça forte.

– Por favor, fique bem.

– Vou ficar...

Vejo-os partir e volto para meu apartamento vazio.

Minha vida vazia.

Estou arrastando os pés de volta no corredor a caminho do meu apartamento quando colido com uma moça.

– Me desculpe.

– Oi – ela me olha com interesse. – Mora aqui?

– Sim...

– Ah, que ótimo. Vamos ser vizinhas então – ela aponta para o apartamento que era de Taylor e Evan. – Vou me mudar no fim de semana. E aí, estuda em Yale? – Ela tira um maço de cigarros da bolsa preta.

Aliás, está toda de preto, o que fazia um bonito contraste com seus cabelos loiros quase brancos com algumas mechas rosa.

– Sim, estou indo para o último ano.

– Estou no segundo. Morava no dormitório do campus, consegui convencer meu pai a alugar um apartamento pra mim. Lá eles são tão chatos, não se pode fumar, beber e nem dar festas... Horrível!

– Olhe, tenho que ir – corto a conversa.

– Tudo bem, preciso ir também. Não nos apresentamos, sou Amy.

– Mia, bem-vinda Amy.

Ela pisca, enquanto chama o elevador.

– Gostei de você, Mia!

Eu volto à minha rotina de esperar os dias passarem depois da partida de Taylor e Evan. A diferença é que agora começo a me preparar para volta às aulas, embora não tenha nenhum interesse.

Será que um dia vou voltar a me interessar por alguma coisa?

Acordo no sábado à noite ouvindo barulho de música alta. De onde vem?

Arrasto-me até a porta abrindo-a e vejo a porta do antigo apartamento de Evan e Taylor aberta.

O som vem de lá. Então me lembro. A nova moradora, a tal de Amy, deve ter se mudado.

Um garoto alto, usando piercing no nariz passa carregando uma caixa.

– Ei, vem pra festa?

– Acho que não.

– Mia! – Amy aparece na porta. Está muito maquiada e com um vestido preto muito curto,

as pernas cobertas por uma meia arrastão rasgada. – Está convidada! Este é Sean.

– Não, obrigada.

– Por que não? Aposto que estamos fazendo bastante barulho, deveria se juntar a nós.

– Temos bastante bebida – Sean sorri ao desaparecer porta adentro.

– Não, obrigada. Não me importo com o barulho.

Ela franze a testa.

– Por acaso é uma daquelas garotas chatas que só estão na faculdade pra estudar?

– Eu... – o que posso responder?

– A vida é curta, Mia. Estamos aqui pra nos divertir. Quando poderemos ser jovens e inconsequentes de novo? – Ela pisca e volta pra dentro do apartamento.

Fecho a porta, pensando em suas palavras.

Quando foi que me senti jovem e inconsequente?

Nunca. Não do jeito de Sean e Amy.

No High School eu achava tudo tão idiota. Depois me casei com... não consigo nem pensar em seu nome, que me sinto doente.

Respiro fundo várias vezes tentando me concentrar, pensar em qualquer coisa que não seja nele. Ou tentar imaginar o que ele deve estar fazendo. Se já me esqueceu. Ou se arrependeu de ter me colocado pra fora de sua vida.

Se está feliz com a Alexia Duran e a criança.

Ah Deus, quero chorar.

Por quanto tempo serei este ser patético e infeliz?

Irritada me levanto e atravesso a porta até a casa da garota loira.

A sala está cheia de gente desconhecida e muita fumaça. Música alta no som e Amy sorri quando me vê.

Está enroscada com um rapaz de cabelos cumpridos, o larga e vem em minha direção.

– Finalmente se juntou aos bons. Não vai se arrepender – ela segura meu ombro. – Ei, gente, esta é a Mia!

Ela começa a apontar para os rostos e dizer nomes.

– Este é Donny, aquele é Bob. Ali a Renata... Sam... Chelsea, seu namorado Elton e aquele outro ali é Colin. Sean traz uma bebida pra Mia – uma garrafa de cerveja é colocada na minha mão e Amy continua me apresentando a uma infinidade de pessoas.

Sinto-me meio tonta com tantos nomes, então começo a tomar a cerveja e depois outra.

Talvez eu já tenha tomado algumas, é uma sensação boa.

Não sinto mais aquela dor contínua martelando no fundo do meu peito. Sinto-me amortecida. E, depois de mais algumas garrafas, estou rindo.

Sinto-me quase outra pessoa.

Minha cabeça está leve, nenhum pensamento ruim me assombra. Só quero continuar rindo. A

música começa a tocar mais alta e alguém me puxa. Quem é aquele? Sam? Colin? Não me lembro. Rio e deixo-me levar pelo som. É uma sensação libertadora. Sinto-me livre enquanto danço. Amy se junta a nós. Ela fuma e ri demais.

– Pegue Mia!

Eu pego e trago. É forte, eu tusso fazendo-a gargalhar.

– Ai porra, faz direito!

Rio também e peço pra fazer de novo.

Parece erva? Estou fumando erva? Não é tão ruim como pensei... Deixa minha cabeça ainda mais leve. Meu corpo ainda mais livre.

Aquilo é bom. Quero me sentir assim sempre.

Para sempre.

Quando mãos masculinas rodeiam minha cintura, sinto um princípio de pânico.

Não, não quero.

Debato-me.

Não conheço aquelas mãos. Não são as mãos *dele*.

Ele não está ali. Nunca mais vai estar. Nunca mais vai me tocar.

Quero chorar de novo. Acho que estou chorando. Sinto ódio por ser fraca. Por ele estar tão enraizado dentro de mim que não consigo tirá-lo. Mas vou tirar. Vou arrancá-lo como se arranca ervas daninhas da terra.

Não vai restar nada pra contar a história.

Sou mais forte. Posso escrever minha história sem ele.

Sem sua interferência. Sem seu controle.

– Foda-se Lukas! – Praguejo, virando-me para o corpo atrás de mim. Procurando a boca masculina mais próxima e mergulhando no desconhecido.

Capítulo 9

Lukas

Eu achava que já tivesse conhecido tudo de sofrimento.

No entanto, com certeza, o que estou sentindo só se assemelha ao que senti quando perdi minha mãe.

Como naquela época, além de lidar com a dor da perda, preciso lidar com a culpa atormentando minha consciência.

Eu perdi Mia e a culpa era totalmente minha.

Encho mais um copo de whisky deixando o líquido escuro descer por minha garganta e amortecer meus sentidos. Em minhas lembranças, infelizmente, parece que não faz efeito algum.

Posso fechar os olhos e ainda ver a expressão magoada de Mia quando descobriu sobre a gravidez de Alexia. Não queria que ela descobrisse antes de estar longe de mim, quem sabe conformada com o fim de nosso interlúdio.

Tive que fazer aquilo. Tive que terminar tudo. Foi a única coisa que me passou pela cabeça quando abri o envelope trazido por Wilson e vi o tão temido resultado.

Positivo. Eu era o pai do filho de Alexia.

Senti tantas emoções desencontradas que acreditei que iria explodir.

Nunca havia pensado objetivamente em ser pai. Não que rejeitasse a ideia totalmente, era uma possibilidade remota num futuro nebuloso. Então Alexia jogou a bomba em minhas mãos e a possibilidade passou de hipotética para real.

Mesmo assim, passei todos aqueles meses adiando a confrontação com a possível verdade. Eu certamente não confiava em Alexia, além disso, assumir este fato, na realidade, seria aceitar que minha história com Mia estava comprometida para sempre.

Talvez fosse mais fácil, se ela estivesse em New Haven, bem longe de mim, possivelmente me detestando pelo o que fiz em Aspen, pela rejeição depois de termos passado a noite juntos. Mas acabei cedendo a meus mais primitivos e inconsequentes instintos. Eu a levei para o Havaí e confessei a ela, e, sobretudo a mim mesmo, que estava irrevogavelmente apaixonado.

Eu não tinha este direito. Estava vivendo uma ilusão quente e doce, embalado pelo isolamento da ilha e a possibilidade de que o filho de Alexia não fosse meu, afinal.

Estava enganando a mim mesmo. Estava enganando Mia.

Mia, que colocou o anel de noivado de minha mãe em seu dedo e disse que queria que fôssemos de verdade.

O whisky desce amargo na minha garganta com estas lembranças, enfio a mão no bolso e toco anel que continua ali. Ele me foi entregue no hospital, pelo policial que a havia resgatado.

– Acho que isto pertence à sua esposa. Achamos no chão do carro, entre as ferragens.

Eu havia pegado o anel e colocado no bolso, sentindo que ele pesava uma tonelada. Aquele anel significava tudo o que eu queria e havia perdido.

Senti um medo terrível quando recebi a ligação da polícia sobre o acidente. Mesmo eles afirmando que ela estava fora de perigo, só respirei aliviado quando a vi pessoalmente e garantiram que, apesar das escoriações, ela ficaria bem.

Ao menos fisicamente, o que lhe causei, teria conserto. O que dizer dos ferimentos causados pela decepção?

Sabia que a tinha decepcionado. Eu a tinha feito sofrer.

Por isto ela partiu daquele jeito, sem levar nada.

Depois só me restou sufocar aquela minha vontade louca de pedir para ela me perdoar, esquecer todas as merdas que fiz e ficar.

Ficar comigo.

Ainda me lembrava do anseio quase compulsivo que senti no hospital, quando ela me recebeu com o rosto pálido e o olhar triste. Fui eu o responsável por toda aquela tristeza. Então ela me mandou embora. Disse que ia esquecer minha existência e pediu para eu esquecer a dela.

Como esquecer?

Como conseguir? Como eu pensei naquela noite, depois que Wilson saiu da minha casa e precisei deliberar sobre as minhas decisões, decidindo que o melhor seria mandá-la embora?

Naquele momento, não via outra saída. Ia ter um filho com Alexia Duran e não podia mais fugir de minha responsabilidade.

Mia não deveria nem estar casada comigo, como poderia forçá-la a ficar quando eu estava tão malditamente fodido?

Ela merecia mais. Merecia ter a vida que eu havia lhe negado quando a obriguei a se casar comigo. A vida que roubei dela com meu controle excessivo. Merecia ter a chance de ser como qualquer garota de sua idade. Sem o peso de um casamento de conveniência, que agora se transformava num pesadelo com uma criança, que nem era dela, envolvida. A criança de Alexia Duran, a mulher que eu tinha certeza iria infernizar minha vida dali pra frente.

Não, teria que ser forte e deixar Mia ir embora de vez.

Então, ela se foi e eu tentei seguir em frente. Voltar pra Constantini e assumir minhas responsabilidades.

Estava péssimo. Perdia a paciência com qualquer coisa e cheguei a fazer Megan chorar num acesso de fúria. Foi o suficiente para Danielle assumir o controle e me mandar embora para casa.

– Você está insuportável! Precisa colocar sua cabeça no lugar! Vá pra casa, descanse sua mente, exorcize seus demônios, faça o que tem que ser feito. Só volte para a Constantini quando estiver bem e pronto pra seguir em frente.

Segui seus conselhos, mas só o que fazia há alguns dias, era ignorar as chamadas telefônicas e beber sem parar.

E sofrer.

– Posso saber que porra pensa que está fazendo?

Eu abro os olhos e a sala está iluminada. É dia? Ou acenderam a maldita luz?

Inferno, tento levantar a cabeça, ela está pesando que nem chumbo.

– Ei, vai me ignorar? Estou ligando há dias! Aliás, mamãe e Richard também estão preocupados com você! E eu achando que podia estar doente ou algo assim, quando Paul me disse que fazia dias que não ia trabalhar. Olha só pra você, bêbado que nem um gambá...

– Denise, cale esta maldita boca, pelo amor de Deus – resmungo, finalmente conseguindo me sentar e olhar em volta. Sim, está de dia, embora o céu esteja cinzento lá fora. Fixo o olhar em minha irmã enxerida. Claro que se achava no direito de vir me criticar. Denise era sempre assim, pronta a atirar pedras em quem quer que fosse, hoje eu não estava disposto a tolerar suas críticas. – O que quer, dinheiro? Pode abrir minha carteira e levar o que tiver. – Provoco, para ver se ela se irrita e vai embora.

– Não fale assim, sabe que não gosto de você somente pelo dinheiro.

– Ainda isto? Veio oferecer sexo, sabe que não estou interessado. – Continuo, já que a menção do dinheiro não surtiu efeito tentando enfurecê-la.

– Seu... seu. – Seus olhos se inflamam e ela respira fundo. – Ok, vou te perdoar porque está bêbado! – Recua.

Inferno, ela não iria embora desta vez.

– Vai beber até morrer? – Pergunta.

– Deixe-me em paz Denise! Meta-se com a sua vida!

– Você é um idiota mesmo! Agora que já fez todas as merdas possíveis, ao menos seja homem e assume a vida que decidiu ter!

Solto uma risada amarga.

– Decidi?

– Ah, por favor, pare de culpar a Alexia! Você trepava com ela e gostava, confiou nela ao não usar camisinha. Quer saber, bem feito! Quando duas pessoas fazem um filho, a responsabilidade é dos dois! Encheu a boca para falar pra mim e Paul no dia em que levamos Mia embora, que ia se responsabilizar pelo seu filho e vai virar alcoólatra? Ou voltar a ser o porra louca de quando sua mãe era viva?

– Cala a sua boca! Não fale da minha mãe! – Levanto-me, agora verdadeiramente irritado com suas acusações.

Porque, no fundo, sei que todas são verdadeiras.

– Falo sim! Sua mãe tinha medo que você se tornasse o cara que está se transformando agora! Danielle está fazendo o que quer na Constantini, aquela sonsa! Tanto que nem liga para saber se está tudo bem, não é? Foi o Paul que me contou, ela está adorando sua ausência...

– Não fale merda! – Denise nunca foi com a cara de Danielle e estava dizendo absurdos agora.

– E Alexia está prestes a dar à luz e aí, como vai ser?

Passo os dedos pelos cabelos, acuado.

Sim, eu sabia que Alexia estava prestes a ter o bebê o que só me deixava mais aterrorizado.

– É este tipo de pai que vai ser? Vai deixar a Constantini afundar depois de ter feito o que fez pra reerguê-la? Seu casamento com a Mia foi em vão? É isto?

Empalideço.

– Meu casamento não foi em vão!

– Ah não? Serviu apenas para tirar a vida daquela garota...

– Ela tem sua vida de volta agora – digo cheio de amargor, Denise está incontrollável e continua me dando uma surra de verdades.

– Toda estragada por você!

– Cale sua boca, Denise!

– A verdade dói, não é?

– Saia daqui! – Expulso-a, apontando a porta.

– Tudo bem, eu vou. Mas, se não parar de beber, vou chamar mamãe e o Richard! Ainda não contei a eles sobre a Mia porque acho que é você quem deve contar, juro por Deus que eu conto tudo se você não parar de se autodestruir!

Ela sai batendo a porta me deixando sozinho de novo.

Furioso, jogo a garrafa na parede.

O telefone toca e o pego para olhar o visor, é Alexia. Ignoro e desligo. Não estou pronto para falar com ela ainda.

Pensar em Alexia me faz ter vontade de beber novamente e abro outra garrafa de whisky.

A noite já caiu quando acordo outra vez. Ainda estou na semiescuridão, só que há algo diferente no ar.

Talvez seja a coberta jogada em cima de mim, ou o fato de a sala estar arrumada, sem vestígios das garrafas que deixei por ali, dias a fio.

Então eu a vejo.

Erin está sentada no sofá de frente.

– Erin... o que faz aqui?

– Tive um pressentimento que estava precisando de mim. E acho que tinha razão – ela sorri docemente, com um certo pesar e tristeza nos olhos. – O que está acontecendo com você, querido? Venha aqui e me conte – ela estende os braços e me sinto desabar. Talvez devesse ter vergonha de estar chorando feito um bebê, enquanto ela me abraça e diz que tudo vai ficar bem.

Erin é tão cheia de amor e compreensão parecendo tanto com minha mãe naquele momento, que tenho vontade de contar tudo a ela.

E conto.

Não sei quantas horas se passam até que eu tenha lhe confessado todos os meus pecados, Erin ainda acaricia meus cabelos.

– Minha mãe tinha a razão – murmuro por fim. – Eu estraguei tudo na minha vida.

– Não – Erin me faz encará-la. – Ela tinha esperança. Ela sabia que você era bom. Você precisa saber que é bom, Lukas.

– Eu magoei a Mia.

– Sim e se magoou também.

– Sinto tanta falta dela, Erin.

Ela sorri docemente, acariciando meu rosto.

– O amor é assim, querido. Mas você vai sobreviver. Sabe por quê? Pelo seu filho. Eu achei que ia morrer quando meu primeiro marido morreu. Sobrevivi, por Denise e Taylor. A vida segue Lukas, não podemos ficar ruminando nossos erros pra sempre. Ou sofrendo por aquilo que não pode mais ser mudado.

– E se puder? E se eu estiver errando ficando longe dela. Ela não morreu. Ela está a algumas horas de distância.

– Então tente. É o que você quer?

– Quero que ela seja feliz. Sinto-me culpado por ter me casado com ela, quando era apenas uma criança. Não deveria nunca tê-la envolvido nesta confusão. Como posso trazê-la de volta? Para quê? Não é justo. Alexia não vai me deixar em paz.

– Terá que aprender a lidar com Alexia. Por esta criança que irá nascer.

– Tenho medo de não ser capaz de ser um bom pai.

– Você vai aprender a ser. Tenho certeza. Agora querido, posso lhe dar um conselho? Mia é uma garota forte. Ela escolheu se sacrificar pela família dela casando com você. Será que não a está subestimando? Será que não estaria disposta a se sacrificar novamente?

– Não posso permitir que o faça.

– A escolha não é sua. Pense bem.

Será que Erin não entendia que eu precisava mantê-la afastada justamente para que pudesse fazer suas próprias escolhas?

– Agora, levante-se deste sofá. Tome um banho. Irei preparar sua comida preferida e estará pronto para voltar à Constantini amanhã. Combinado?

Eu sorrio, me sentindo um pouco melhor.

Como combinado, me levantei.

Erin foi embora no dia seguinte, me fazendo prometer que não ia mais ficar largado em meu apartamento bebendo e sentindo pena de mim mesmo.

Voltei para a Constantini e Danielle ficou surpresa ao me ver.

– Está melhor? Quer falar sobre seu surto?

– Não, não vou falar – corto-a secamente.

– Certo. Se precisar de mais tempo, sei que está sofrendo muita pressão com esta questão da Alexia, a Mia voltando pra New Haven...

– Dani, realmente não quero falar sobre esse assunto. Por favor, chame o Wilson.

Danielle parece querer insistir, então desiste e, algumas horas depois, consegui definir com

Wilson a situação legal com a Alexia.

– Diga a Megan para ligar para a Alexia e pedir que venha aqui para uma reunião.

Wilson, como sempre, não faz nenhum comentário ou crítica, apenas assente e sai da sala, guardando suas considerações para si.

Naquela tarde, encontro Paul na porta da Constantini e ele me encara desconfiado.

– Oi, Paul, tudo bem?

– Comigo tudo – diz meio irônico e me pergunto se ele está aprendendo com a Denise.

– Está indo embora? Queria ir com você, preciso falar com a Denise.

– Ela não está muito feliz com você, não...

– Eu sei, vou arriscar.

O apartamento de Denise e Paul não fica longe e, como Paul previu, Denise não fica nada contente em me ver.

– Olha só quem está de volta, achei que teríamos que te levar para uma clínica de reabilitação.

– Não vim aqui para escutar suas gracinhas, Denise.

– O que quer então? Acabou o Whisky da sua casa e veio pegar uma garrafa emprestada?

Paul ri e eu lhe lanço um olhar ameaçador.

– Vim te pedir desculpas por meu comportamento no outro dia.

– Sei... – ela cruza os braços, muito satisfeita por eu estar rastejando.

– E te pedir um favor.

Ela levanta a sobrancelha.

– Favor?

– Sim, quero que vá ver a Mia.

– Eu?

– Sim, quero que se certifique de que ela está bem.

– Por quê? Pensei que fosse deixá-la em paz!

– Estou deixando, por isto estou pedindo para você ir. Recebi uma ligação furiosa de Taylor há alguns dias e, depois de me xingar, me comunicou que ela e Evan estavam indo embora para a Austrália, não me lembro bem dos detalhes.

– Claro, estava muito bêbado. Tem razão. Taylor e Evan partiram no último fim de semana. Eles ficarão dois anos na Austrália. Achei tudo muito repentino, sabe como é Taylor? E ela vai aonde o Evan for.

– Por isso quero que veja como a Mia está. Não me sinto bem sabendo que está sozinha...

Denise revira os olhos.

– Precisa parar com esta merda! Precisa deixar que ela cuide de si mesma, ela é adulta agora! Não precisa desta sua proteção excessiva!

– Jurei não me intrometer mais na vida dela, só preciso saber que ela está realmente bem. Por favor, Denise – imploro.

– Lukas – Paul se intromete – se Denise não for, eu vou.

Denise o encara, irritada.

– É sério, amor. Lukas tem razão. Acho que devemos nos certificar de que Mia está bem, afinal, é nossa amiga.

– Certo, eu vou – Denise concorda por fim. – Só esta vez. Não vou ficar vigiando-a para você, é ridículo.

– Claro, não iria pedir que fizesse – minto. Já que esta era realmente minha intenção.

No fundo sei que ela tem razão.

Preciso deixar Mia ir de verdade. E me concentrar em outras questões da minha vida.

Então volto para a Constantini e peço para Danielle começar a procurar outra empresa que possa substituir a Intercorp, que já considero perdida.

Danielle parece estranhamente ausente e pensativa.

– Ei, algum problema?

Ela sorri forçadamente.

– Nada, tudo bem.

Percebo, nos dias que se seguem, que ela parece cada vez mais estranha. Será que tem algo a ver com Jack? Tenho vontade de perguntar, não ousa. Danielle sabe como me sinto em relação a seu noivo e nós evitamos discutir esse assunto, porque de nada adianta.

Mesmo assim, não consigo deixar de me preocupar e chamo Megan na minha sala.

– Algum problema com a Danielle?

– Ah Lukas, é o Jack.

– Eu deveria saber.

– Sabe como ela gosta dele, parece que andam brigando muito ultimamente.

– Acha que vão terminar?

– Não sei. Tento não me intrometer, ela é adulta.

– Sim, tem razão.

Ela vai saindo da sala, eu a chamo.

– Por acaso Denise me ligou?

– Não, não ligou.

– Certo, se ela ligar, me passe imediatamente.

Paul havia me contado que Denise viajou esta manhã para New Haven e mal conseguia conter minha ansiedade.

Vou para casa naquela noite e nada de Denise me ligar, já estou pensando se devo eu mesmo fazer contato e acabar com aquela tortura, quando meu celular toca.

Surpreendo-me ao ouvir a voz de Kate Duran, irmã de Alexia.

– Lukas, é Kate. Estou com a Alexia no hospital. Ela está entrando em trabalho de parto.

Realmente não sei o que sentir ou o que pensar naquele momento, sigo para o hospital e encontro Kate, a única irmã de Alexia que estava com ela em Seattle, aguardando na sala de espera.

– O que está acontecendo? – Pergunto.

– Ela já foi levada para a cesariana.

– Cesariana?

– Sim, conhece a Alexia, ela tem pavor de dor e optou por uma cirurgia.

Eu nem fazia ideia que Alexia tinha escolhido este procedimento. Quantas coisas mais eu não sabia? Vinha fugindo da Alexia como o diabo foge da cruz. Aparentemente meu tempo de fuga havia terminado.

Sinto meu estômago dando voltas enquanto esperamos. Passei uma mensagem para Richard, que se encarregaria de avisar Erin e fiquei ali com Kate, aguardando notícias.

– Você odeia minha irmã? – Kate pergunta de repente.

– O quê? Não!

– Bom, não seria de se estranhar. Embora, eu ache que ela foi a vítima nesta história.

– Alexia, uma vítima? – Não é possível que Kate esteja falando sério.

– Ela é solteira. Você é o cara casado.

– Você deve saber os detalhes do meu casamento.

– Sim, o tal contrato. Mesmo assim fui contra seu envolvimento com Alexia o tempo inteiro. Ela é teimosa. Quando coloca algo na cabeça, ninguém tira e ela colocou você! E veja onde está agora. Dando a luz a um bebê cujo pai nem se dá ao trabalho de atender seus telefonemas.

– Meu advogado deve ter entrado em contato com ela... – me defendo.

– Advogado? Estamos falando de uma criança!

– Eu não queria esta gravidez! – Desabafo.

– Nem Alexia!

Eu a olho incrédulo.

– Acha que minha irmã engravidou de propósito? Não é verdade. Ela me disse, antes de contar a você, quando apenas desconfiava, que se estivesse grávida, ia fazer um aborto. Que nunca ia querer ser mãe nem estragar seu belo corpo!

– Duvido muito disto. Ela precisava desta gravidez, como garantia para eu sustentá-la.

– Não conhece a Alexia realmente, não é? Ela é uma mulher linda e sempre conseguiu todos os homens que quis. Até mesmo você! Minha irmã se tem em alta conta, Lukas. Ela acreditou que se bastaria para conquistá-lo. Tinha certeza que um dia você iria se apaixonar por ela, como muitos outros antes. Então, aconteceu aquele acidente, e alguma coisa mudou. Algo a fez pensar que só teria sua atenção se mantivesse a gravidez.

Claro. Mia aconteceu.

Alexia certamente percebeu a extensão dos meus verdadeiros sentimentos por Mia.

Passo os dedos pelos cabelos, pensando em quantas coisas poderiam ter sido diferentes se Alexia tivesse mantido seus planos originais.

Não haveria aquele bebê que estava nascendo.

Será que eu estaria com Mia?

Era muito tarde para esse tipo de consideração.

Uma médica de meia idade se aproxima com um sorriso.

– Olá, vocês estão com Alexia Duran?

– Sim. – Kate responde. – Sou irmã dela e este é Lukas Constantini, o pai do bebê.

– Parabéns, então. Você tem um lindo filho. Ele nasceu muito saudável, com três quilos e quatrocentos.

Escuto aquelas palavras como se não fosse realmente comigo.

"Você tem um lindo filho".

Quão estranho isto soa?

– E Alexia? Ela está bem? Posso vê-la? – Kate pergunta ansiosa.

– Ela está descansando se recuperando da anestesia, demorará algumas horas para que possa vê-la. O Senhor Constantini pode vir comigo para ver o bebê.

Eu a acompanho pelo corredor, ainda me sentindo atordoado, até uma sala muito branca onde uma enfermeira sorri ao se virar pra mim, segurando um pequeno embrulho.

– Você é o pai deste garotão? Nós acabamos de limpá-lo ele está pronto para conhecê-lo.

Antes que eu consiga impedi-la, coloca o embrulho em meus braços.

– Não, eu... eu não posso... – ela apenas sorri largando-o comigo.

– Não se preocupe, vai saber segurá-lo. No começo vai se sentir desajeitado, mas verá que é instintivo.

Finalmente olho para o embrulho e vejo o rostinho vermelho, seus olhinhos abertos que me parecem verdes.

Um tufo de cabelos loiros sai de sua cabeça e de repente mexe as pequenas mãos, como se estivesse irritado, antes de abrir a boca minúscula e começar a chorar alto, me assustando.

– O que eu fiz? – Pergunto e a enfermeira ri.

– Ele deve estar com fome. Venha, sente-se aqui, vou lhe dar uma mamadeira para alimentá-lo. Não sabemos se a mãe terá leite, não é?

Faço o que ela pediu e me sento, então uma mamadeira é colocada na minha mão.

– Coloque nos lábios dele, ele a sugará. – A enfermeira garante e sigo suas ordens. O choro cessa imediatamente e o bebê começa a sugar ruidosamente. – Viu? Já sabe como alimentá-lo. Os pais sempre sabem o que os filhos precisam.

Fico olhando para aquele pequeno ser. Então era isto.

Tudo havia mudado. Eu não poderia mais fugir, ou fingir que ele não existia. Porque ele estava bem vivo ali, em minhas mãos. Os olhinhos me sondando, como se perguntassem, "posso

contar com você”?

Olhei para ele sentindo que sim, ele poderia. Aquela criança iria contar comigo para sempre, porque sempre estaria presente para ela.

Simples assim.

E, naquele momento, enquanto escutava atentamente as instruções da enfermeira para aprender tudo o que pudesse para garantir que realmente seria capaz de cumprir minha promessa, percebi que nada mais importava.

Nem o fato de sua mãe ser uma mulher em quem eu não confiava, ou da mulher que eu gostaria de ter, estar fora do meu alcance. Nada disto iria interferir no fato de que eu era o pai daquele bebê e que ele precisava de mim.

Era algo para a vida inteira. Para sempre.

E, pela primeira vez em muitos dias, me senti feliz.

Alexia está fazendo maquiagem quando entro no seu quarto horas depois.

Ela sorri ao me ver.

– Olá, já viu o bebê? Não é lindo?

– Sim, ele é – respondo simplesmente. – Como se sente?

– Ah, algumas dores desagradáveis, não é pior do que a lipo que fiz há dois anos! – Ela pisca. – Espero sair logo deste hospital para poder começar a malhar e voltar ao meu corpo de antes!

– Isto não é importante, Alexia...

– Como não? É importante sim! Quero voltar à forma o mais rápido possível!

Kate entra no quarto naquele momento, carregando algumas sacolas.

– Pronto, Alexia, trouxe o que me pediu.

– O que é tudo isto? – Pergunto.

– Roupas! – Alexia responde. – Não vou ficar usando estas roupas horrorosas de hospital!

Kate revira os olhos.

– Lukas, sua irmã Denise e o namorado estão aí.

Sinto um princípio de ansiedade ao me lembrar que Denise estava em New Haven.

– Certo, vou falar com eles. Saio do quarto e encontro Denise e Paul no corredor.

– Lukas, ele é lindo! – Denise sorri.

– Parabéns, papai! – Paul bate nas minhas costas. – Deveria ter trazido charutos?

– Não faço ideia. – Encaro Denise. – Quando voltou? Pensei que ficaria uns dias por lá.

– E perder o nascimento? Imagina!

– Conversou com a Mia? – Indago impaciente.

– Sim, ela está muito bem, se quer saber. – Ela estava muito bem? Sinto um misto de alívio e dor. Denise continua. – Estava bem diferente, na verdade. Me surpreendeu. Quando cheguei, estava na faculdade eu a encontrei voltando da aula junto com uma garota chamada Amy. Parece que é sua mais nova amiga! Amy parece ter feito bem a ela. É uma moça bonita, pelo que entendi, podre de rica e vizinha de Mia.

– Mia não ficou irritada em te ver?

– Ela ficou estranha, claro. Ficou me perguntando se você me mandou vigiá-la.

– E o que disse?

– Disse que sim! Não ia mentir. Também fui sincera dizendo que eu e Paul também queríamos garantir que ela ficaria bem e que não a importunaria mais. Ela ficou meio brava sim, nós conversamos por algum tempo, fomos almoçar juntas. Ela me pareceu muito bem. Está passando bastante tempo com Amy e a turma dela, pelo que entendi. Quer saber, Lukas, achei ótimo. Ela tem mesmo que ter amizades, garotas e garotos da idade dela, que estão curtindo as mesmas coisas. Acho que pode parar de se preocupar.

Respiro fundo, sem saber o que sentir.

Fico feliz por Denise dizer que Mia tem novos amigos e está se divertindo. Não foi para isto que a deixei ir?

Ao mesmo tempo sinto ciúmes.

Sinto inveja de todos que podem estar com ela. Ouvindo seu riso, sua voz. Neste ritmo, quanto tempo levará para ela deixar algum destes garotos se aproximar? Tenho vontade de pegar o primeiro avião para New Haven e tirá-la de lá só de imaginar alguém tocando-a, beijando-a.

Que direito tenho?

Ela era tão livre quanto eu quando me envolvi com Alexia. Esta era a verdade. Eu não tinha mais nenhum controle sobre Mia. Na realidade nunca tive.

De agora em diante todo afeto, todo o desejo que sentia, ficaria trancado bem no fundo do meu coração. A espera de que, um dia eu olhasse para o lugar dentro de mim que pertencia a ela e visse que já não existia mais nenhum sentimento.

– Como Alexia está? Vou entrar para vê-la. – Denise diz se afastando e Paul me olha estranhamente.

– Você está bem?

– Sim, estou tentando.

– A vida às vezes é estranha, né cara? Acho que agora, pelo menos, sabemos que a Mia está bem. Até eu fico aliviado em saber, depois de tudo...

– Paul, podemos não falar sobre a Mia? – Peço.

– Tudo bem. E aí, como vão ficar as coisas com a mamãe loira?

– Eu lhe comprei um apartamento. E ela terá uma pensão substancial. Assumirei meu filho que terá todos os direitos garantidos.

- Crianças requerem muito mais que dinheiro, Lukas.
- É o que comecei a entender... – digo sombriamente.

Me perguntando se a mulher que deixei naquele quarto, mais preocupada com roupas e maquiagem, também entende.

Capítulo 10

Lukas

– Danielle, o que foi? – Eu me levanto da minha cadeira ao ver Danielle entrar em prantos na sala.

A noite caiu lá fora e está nevando, o que indica que o Natal será bem frio. Nenhuma novidade.

Eu a alcanço abraçando-a e levando-a para um sofá no canto da sala.

– Ei, o que aconteceu? – Já consigo imaginar qual seja o problema.

Danielle tem andado estranha nos últimos quatro meses, pelo que deixa escapar, são sempre problemas com Jack.

Eles não iriam viajar para a Irlanda com a família dela para o feriado? Eu até mesmo tinha oferecido meu jato particular, já que não iria para Aspen neste Natal. O clima era muito frio e pesado para levar Dylan, então meus pais viriam para Seattle daqui a dois dias.

– Jack e eu rompemos – ela consegue dizer por fim, entre soluços.

Levanto-me e sirvo um copo d'água oferecendo-lhe, deixando que beba até se acalmar.

– Como assim romperam? – Tento não parecer excessivamente feliz.

– Não sei mais o que fazer – ela sussurra, o olhar perdido no copo em suas mãos. – Ele está mudado. Incontrolável...

Só agora que ela percebeu?

– Tentei fazer tudo o que ele queria. Sempre fiz! Tentei deixá-lo feliz... Nunca era o suficiente!

Me pergunto de que tipo de coisas está falando, tenho receio de perguntar. E se for algo íntimo? Eu e Danielle somos amigos, mas nem tanto. Seu relacionamento com Jack sempre foi uma zona proibida para nós.

– Quer falar sobre o assunto? – Pergunto devagar.

Ela me encara estranhamente.

– Ah, Lukas, tem tanta coisa que não faz ideia... Tantas coisas que Jack me fez fazer...

– Se quiser me contar, estarei ouvindo, se não quiser, entenderei.

Ela desvia o olhar, enxugando o rosto.

– Não posso. Você não entenderia...

– Então é o fim mesmo.

Ela dá de ombros.

– Eu o amo demais. No entanto não podia mais continuar. Não posso mais fazer o que ele

quer, passou dos limites... Não posso mais...

– Está tudo bem, Dani. Pode parecer difícil neste momento, você vai superar.

– Duvido que consiga... Nós fomos feitos um para o outro, Lukas. Já se sentiu assim? Já sentiu um amor tão grande que é maior que você?

Penso em Mia.

Penso em nossos dias na ilha.

Sim, já senti.

E sobrevivi a ele, penso, com o familiar aperto no peito.

Como Erin disse, a vida segue. Sempre haveria aquele vazio, que nada nem ninguém preencheria, porém havia outros tipos de amor pelos quais viver. Como meu filho Dylan.

Pensar nele sempre me deixava mais calmo e mais conformado pela vida que eu levava atualmente.

– Você é maravilhosa, Dani. Tenho certeza que encontrará outro...

– Não quero nenhum outro!

Queria insistir que ela iria encontrar sim, mas quem era eu?

Sequer tinha vontade de me envolver sexualmente com alguém, imagina emocionalmente. Sempre dizia a mim mesmo que era apenas uma fase. Havia todos os problemas com a Constantini que persistiam e agora havia Dylan.

– Tudo bem, ainda é muito cedo para... – Olho o relógio. – Já é tarde, deve ir embora, fique com a sua mãe, não viajarão amanhã cedo?

– Não sei se quero ir sem Jack...

– Você vai sim. Eu mesmo te levarei.

Eu a levo para casa de Megan depois sigo para o apartamento de Alexia.

Eu passava lá todas as noites para ver Dylan. Ele ficava comigo todos os fins de semana. No meu apartamento ou na casa do lago.

Alexia parecia satisfeita com este arranjo.

Não que as coisas estivessem realmente calmas entre nós. Por algumas semanas depois que Dylan nasceu, ela pareceu absorvida com a decoração do novo apartamento e em voltar à antiga forma. Então resolveu dar uma festa grandiosa para inaugurar o apartamento e ficou insistindo que eu devia ir, obviamente declinei este convite, já que seria num fim de semana e eu ficaria com Dylan no meu próprio apartamento.

Qual não foi minha surpresa quando Danielle me mostrou uma nota em uma coluna social no dia seguinte, que dizia: "Alexia Duran inaugura suntuoso apartamento sem a presença do seu namorado e pai do seu filho, Lukas Constantini. O que não é de se estranhar, já que o empresário é casado, embora a esposa pareça estar mais ausente que presente. Será que o casal se separou depois da óbvia traição?".

Namorado? Traição?

Fiquei furioso, não só por ela estar falando de nosso filho por aí, como também por ter me

colocado como seu namorado.

– Não sou seu namorado Alexia! – Gritei naquela noite, quando fui ver Dylan.

– Não? E somos o que então? – Ela me encarara maliciosamente, se aproximando, colocando a mão em meu peito. – Sabe, acho que agora nós podemos voltar...

– Não podemos nada! Temos somente um acordo...

– Acordo! Você adora isto, não é? Tudo bem não vou insistir, se não quer, tem quem queira!

– Só espero que nenhum de seus amantes chegue perto do Dylan.

– Isto não poderei garantir! Talvez eu me apaixone por alguém, talvez queira ter um relacionamento de verdade com um homem que realmente me queira! Quem sabe ele até adote o Dylan.

– Nem pense nisto, entendeu? – Ameacei. – Ele é meu filho e não precisa de outro pai!

– Então pense nisto quando estiver me rejeitando. Dylan precisa de mãe e pai...

Aquelas malditas palavras ficaram martelando na minha cabeça. Não que eu quisesse algo com Alexia, no entanto, ela era jovem e bonita. E se arranjasse um namorado? Alguém que estaria na vida de Dylan também?

Como eu poderia evitar?

Subo para o apartamento de Alexia naquela noite e franzo o cenho quando a empregada abre a porta e vejo um mundaréu de gente espalhado pela sala com drinks na mão e o som alto.

Onde Alexia se meteu?

Como ela podia dar uma festa num dia de semana e onde estaria Dylan?

Algumas pessoas me cumprimentam quando passo, ignoro-as, passando direito para o quarto do bebê e encontro a babá tentando acalmá-lo.

Maria, a babá porto-riquenha que Alexia contratou, parece aflita.

– Olá, senhor Constantini, ainda bem que chegou, não sei mais o que fazer! A Dona Alexia é louca, louca!

Atravesso o quarto e pego Dylan no colo, cujo rosto está vermelho de tanto chorar.

– Não fico mais nem um segundo aqui! Ela gritou comigo novamente hoje! Não sou sua escrava! Tenho meus direitos... – ela começa a arrumar suas coisas e nem tento impedir.

Maria ameaçava deixar a casa há semanas, tudo porque Alexia era insuportável com os empregados.

Ainda resmungando, ela sai do quarto e eu continuo tentando acalmar o bebê. O que é bem difícil com aquela barulheira lá fora.

Irritado, pego o celular e mando um recado para Paul vir me encontrar.

Alexia entra no quarto em seguida.

– Maria, pelo amor de Deus faz esta criança parar de chorar, está irritando meus convidados... – ela para quando me vê. – Oh, Lukas? Cadê a Maria?

– Ela se demitiu. E que porra está rolando aqui, Alexia?

- Uma festa, oras!
- Festa? Com Dylan aqui, você está louca?
- Não exagere! São só alguns amigos...
- Dylan não para de chorar!
- Porque a babá é incompetente! Cadê a imprestável da Maria?
- Já disse que ela foi embora! Ela cansou de ser maltratada por você.
- E quem vai cuidar do bebê?
- Você deveria mandar todas estas pessoas embora e cuidar do seu filho!

Ela rola os olhos.

– Não seja absurdo! Já que está aqui, pode ficar com ele? Ou prefere ir curtir a festa também? Talvez a gente consiga fazê-lo dormir se abaixar um pouquinho o som...

- Não. O Dylan vai embora agora comigo.
- Agora? Por quê?

Neste momento Paul entra no quarto.

- Me chamou patrão?
- Pegue todas as coisas do bebê que conseguir carregar. Vamos pra minha casa.
- Todas as coisas? – Alexia arregala os olhos.
- Sim, Dylan vai ficar comigo até que tome juízo!

Ignorando os protestos de Alexia, que não duram muito, já que algum convidado a chama perguntando se acabou o champanhe, levo Dylan embora.

Paul me fita curioso quando chegamos na casa do Lago.

- Estava falando sério? Vai mesmo trazer o garoto de vez pra cá?
- Não é minha intenção tirá-lo da mãe, embora ela seja uma cretina, porém, se Alexia continuar agindo desse jeito não tenho alternativa.

Mary fica encantada em ter Dylan em casa e promete me ajudar a encontrar uma babá e, enquanto isto, disse que irá cuidar dele.

Eu lhe dou mamadeira e o ponho para dormir naquela noite, pensando no que fazer com aquela situação insustentável. Simplesmente não posso mais deixá-lo sozinho com Alexia, principalmente agora sem uma babá.

No dia seguinte, logo cedo, Alexia aparece irritadíssima, dizendo que veio buscar o filho.

- Não vai levá-lo a lugar nenhum.
- Uma ova que não vou! Sou a mãe!
- Não conseguirá cuidar dele sozinha, a babá foi embora e você estava dando uma festa!
- Qual o problema em dar uma festa?
- Com um bebê de quatro meses em casa? Você ainda pergunta?
- Não seja chato! A babá estava cuidando dele.

– A babá que foi embora!

– O que significa isto? Vai tirar meu filho de mim? Não vou deixar! Você prometeu que não faria!

Respiro fundo.

– Tudo bem. Não posso tirá-lo de você, já que é a mãe, então se mudará para cá.

– Me mudar? Está louco?

– O Dylan vai ficar nesta casa. Se quiser ficar com ele, terá que morar aqui também.

Alexia pondera por um momento então dá de ombros.

– Tudo bem, se insiste. Eu me mudo.

Foi só naquela noite, quando cheguei em casa e a peguei vestindo uma lingerie sedutora, me esperando no meu quarto, que me dei conta do que Alexia estava pensando.

Não posso negar. Por um momento me senti tentado, ao me lembrar de como nos dávamos bem na cama. Em como Alexia era divertida. E já fazia muito tempo que estive com uma mulher, desde...

Bloqueio o rumo dos meus pensamentos.

Ela era a mãe do meu filho. Iria morar comigo de agora em diante.

E se...

Não. Eu não podia. Como pude até mesmo cogitar cair nas garras de Alexia de novo? Uma vez já me trouxe problemas para uma vida inteira e foi minha ruína.

Não. Eu não precisava de Alexia. Não iria me envolver com ela novamente. Ela estava ali somente porque era a mãe de Dylan e teria que suportá-la.

Disse todas estas coisas pra ela, que ainda insistiu. Depois, vendo que não ia adiantar, recuou com um olhar sério.

– O que está esperando, Lukas? Que a Mia volte?

– Não toque no nome dela – peço friamente.

– Então o quê? Nunca mais vai transar com ninguém? Espero que saiba que não vou esperar eternamente...

– Chega Alexia, saia daqui e nunca mais entre no meu quarto.

– Como quiser!

Em que inferno eu tinha me metido?

Pelo menos tenho meu filho junto de mim, penso, indo para seu quarto e adorando ouvir sua gargalhada gostosa quando me vê. Por ele tudo valia a pena.

– Nós vamos nos casar.

– O quê?

Danielle exibe um sorriso orgulhoso no rosto, naquela tarde na minha sala. Fazia dois meses que ela havia terminado com Jack e eu achava que eles nunca mais fossem voltar. Agora ela me vem com esta novidade.

– Como assim, pensei que tivesse terminado para sempre...

– Eu também, ele tem se esforçado para me reconquistar e nós conversamos e chegamos à conclusão que não podemos ficar separados. Desta vez, até marcamos a data do casamento para daqui a seis meses. Por favor, Lukas, diz que está feliz por mim.

Tento sorrir ao abraçá-la.

– Meus parabéns. Só quero sua felicidade.

– Jack me faz feliz.

– E os problemas que tiveram...

Ela desvia o olhar.

– Ninguém é perfeito. Quando a gente ama, temos que fazer concessões.

– Sim, claro. – Só me pergunto que tipo de concessões Danielle precisava fazer para Jack que a deixavam com aquela sombra no olhar.

Quando Danielle sai da sala, Paul entra.

– Ei, Lukas, posso conversar com você?

– Claro, entre – Paul fora alçado ao cargo de chefe dos seguranças há dois meses. O fato de sermos bastante próximos e de eu confiar nele ajudou na sua rápida ascensão.

Ele senta na minha frente, parecendo indeciso.

– Algum problema com a segurança?

– Não, nada com a Constantini.

– É a Denise, então?

– Não – ele me encara sério. – É a Mia.

Sinto aquela dor no peito ao ouvir seu nome, como sempre.

Nos meses que se passaram vinha me esforçando todos os dias para esquecer e seguir em frente, mas só ouvir seu nome tinha este efeito sobre mim.

– Mia? – Repito, saboreando sua lembrança por um momento. Mesmo sentindo aquele misto de dor e saudade.

– Sim, estou preocupado, Lukas.

– O que aconteceu? – Imediatamente fico alerta.

– Estive com ela há dois dias.

– Com a Mia?

Paul havia viajado a Nova York para um simpósio de segurança alguns dias atrás.

– Passei em New Haven na volta. Queria vê-la, afinal, ninguém a via faz meses.

– Taylor fala sempre com ela – claro que eu sabia o que Taylor me contava quando nos comunicávamos. Ela sempre dizia que Mia parecia muito bem. Tinha uma vida social intensa com a

tal Amy. – Diz que está bem, saindo muito com aquela amiga, Amy Del Piero.

– Então Lukas, acho que nenhum de nós faz ideia de como Mia está vivendo de verdade.

– O que quer dizer?

– Cheguei lá de surpresa. Mia não estava em casa, ouvi música vindo do outro apartamento, fui até lá e estava rolando uma festa.

– Sim, deve ser a casa da tal Amy.

– Pois é... cara, aquilo não me agradou nada.

– Como assim?

– Sei que na universidade as coisas ficam um pouco fora de controle, que rola bebida, muito sexo e até drogas, mas ver Mia metida no meio daquilo tudo...

– Espere. Exatamente o que você quer dizer? – Sinto um calafrio de medo.

– Que aquela festa era selvagem, cara. Fiquei lá por apenas alguns minutos e vi de tudo.

– E Mia? – Eu mal respiro.

– Eu a encontrei dançando com alguns amigos. Estava nitidamente bêbada, Lukas.

Passo os dedos pelos cabelos, furioso.

Que merda Mia andava fazendo?

– Ela ficou surpresa ao me ver, pedi que fosse embora comigo, aí apareceu a garota loira perguntando quem eu era, Mia nos apresentou e esta menina, cara... Ela é até bem gostosinha, uma menina ainda, começou a dar em cima de mim, falar várias besteiras. Eu a empurrei, começando a ficar irritado quando ela insistiu, aí apareceu um cara, Mia pediu que eu fosse embora e falei que só ia se ela fosse junto, o tal cara disse que ela não ia a lugar nenhum e eu o esmurrei, ele me deu uns murros também, saí com a melhor. Mia conseguiu me tirar de lá e fomos para seu apartamento. Ela pareceu ficar sóbria quando estávamos lá, lhe dei uma boa bronca e ela ficou puta comigo, disse que não tinha o direito de me intrometer na vida dela. Então pediu que eu fosse embora.

– E você a deixou lá?

– O que eu podia fazer? Ela é maior de idade! E não sou nada dela, afinal. Cara confesso que fiquei meio chocado. Se você a visse... parece outra pessoa.

– Acha que ela está usando drogas?

– Não sei, pode ser. Olha para alguns até pode ser comum, porém pensar na Mia naquele lugar... Não gostei. Ela me pareceu tão perdida. Como se estivesse... Pedindo socorro, sabe? Sem nem perceber.

– Inferno, que diabos está acontecendo? Pensei que estivesse bem, Denise disse que ela ia a festas com esta garota...

– Denise tem a cabeça meio virada, né Lukas? Ela olha tudo superficialmente, não percebeu as verdadeiras armadilhas daquele tipo de situação para uma garota como Mia. Acho que deveria ir até lá cara.

– Prometi que não me intrometeria mais na vida dela! – Digo frustrado.

– Precisa fazer alguma coisa. Se não quiser se intrometer até entendendo. Ela não ia gostar nada de te ver lá, só acho que alguma coisa precisa ser feita.

Ele se levanta.

– Tenho uma reunião agora. Se precisar, me chame.

– Obrigado, Paul.

Paul sai da sala e olha a paisagem de Seattle através da janela me sentindo aflito.

O remorso me corrói. Eu a deixei ir. Agora ela estava perdida.

Quanto daquela situação era culpa minha? Como poderia salvá-la, se ela não me queria mais por perto. Se me fez prometer que não a controlaria mais?

Só havia um jeito.

Ligo para Andrea. Fazia tempo que não falava com a mãe de Mia. Aliás, não tínhamos nenhum assunto. Contanto que o dinheiro chegasse a seu bolso, ela estava feliz. Será possível que não sabia o que a filha dela estava aprontando?

Infelizmente, tento ligar a tarde inteira e nada de Andrea atender.

Irritado e frustrado, saio para ir para casa do lago naquela noite. Eu devia pegar Dylan e ir para meu apartamento. Pelo menos lá não teria que aguentar Alexia.

Ela estava cada vez mais insuportável.

Ao chegar em casa Mary está cozinhando com Dylan num carrinho a seu lado. Ele brinca com um molho de chaves enorme e sorrio. Dylan tinha um hábito estranho de preterir os brinquedos normais por objetos que não eram adequados para uma criança.

– Oi Mary, cadê a Gail? – Gail era a nova babá. Uma moça calma que tinha mais paciência com os desmandos de Alexia. Ajudava que tínhamos Mary para mediar as coisas.

– É o dia de folga dela.

– E cadê a Alexia?

– Ela viajou – Mary responde.

– Como assim viajou?

– Ela não me passa relatórios, Lukas! Simplesmente disse hoje à tarde, que iria para os Hamptons com um grupo de amigos.

Solto um palavrão e pego o celular, discando seu número.

Mary me lança um olhar irritado.

– Não diga palavras feias perto do bebê!

Reviro os olhos. Como se Dylan fosse entender, com seis meses de idade!

Alexia atende depois de algumas chamadas.

– Oi, Lukas, Mary te contou?

– Que está nos Hamptons, sim. O que está fazendo aí, como pôde deixar o bebê sozinho?

– Mary estava com ele, não seja ridículo!

– Mary não é a babá!

– Mary é servicial. Tem que fazer o que a gente manda.

– Alexia, não teste minha paciência.

– Você que não teste a minha, Lukas! Estou farta de aguentar a vida chata que me obriga a ter.

– Eu?

– Sim! Eu tento chamar sua atenção, fazer com que sejamos felizes juntos, você não quer! Então vou procurar minha felicidade em outro lugar!

– O que está querendo dizer?

– Que estou nos Hamptons com um amante, Lukas, e ele é muito bom!

– Certo, faça bom proveito!

Desligo, irritado.

Não por Alexia estar com um namorado e sim por seu descaso com Dylan. Que tipo de mãe ela era? Eu vinha tentando dar tempo a Alexia. Afinal, tudo era novo e inesperado para ela. Era muito diferente do seu estilo de vida, até agora ela não demonstrou o menor interesse em ser uma boa mãe.

As únicas coisas relacionadas a Dylan que ela gostava, era de encher seu guarda-roupa com roupas de grifes famosas e exibi-lo para os amigos quando lhe convinha.

Até quando seria assim? E quando Dylan começasse a entender?

Eu não saberia dizer.

– Sinto muito, querido – Mary me olha com uma expressão de pena – essa garota... Ah, ela não nasceu para ser mãe, certeza!

– Devo concordar com você, Mary – digo cansadamente.

– Fique tranquilo. Ficarei aqui neste fim de semana para ajudar a cuidar do bebê, tudo bem?

– Obrigado Mary. Não sei o que seria de mim sem você.

Subo para tomar um banho e depois tento de novo ligar para Andrea, sem sucesso. Após colocar Dylan para dormir, fico remoendo as palavras de Paul, me sentindo cada vez mais preocupado. Sei que prometi não me intrometer mais na sua vida, mas preciso ir vê-la.

Pergunto a Mary se ela ficaria com Dylan naquele fim de semana, para eu poder visitar Mia.

– Mia? Vai visitar Mia na faculdade? – Mary indaga com cautela.

Não faço ideia até onde ela sabe do que aconteceu no verão passado. Pelo menos deve desconfiar de boa parte.

– Sim, é um pouco urgente. Eu não lhe pediria...

– Tudo bem. Eu fico com o menino. Dê lembranças a Mia. Sinto muita falta dela.

Estou apreensivo e ansioso enquanto dirijo o carro alugado pelas ruas de New Haven naquela manhã.

Quantos meses sem ver seu rosto, sem sentir seu cheiro...

Meu coração parece reconhecer sua súbita proximidade, pois bate com mais vigor do que bateu em qualquer momento naqueles meses de ausência. Ela está perto, todo meu ser sussurra quando subo pelo elevador e entro em seu corredor. Toco a campainha, apesar de ter a chave, não querendo que ela me acuse de invadir sua privacidade. Depois de alguns minutos, não ouço nenhum movimento dentro do apartamento. Olho o relógio, passa das dez da manhã. Provavelmente ela está na faculdade?

Pego minha chave, abrindo a porta e estaco chocado ao ver um homem vindo pelo corredor.

Ele tem os cabelos bagunçados e usa somente uma calça jeans, os pés descalços. Também para assustado quando me vê.

Aquele cara está vindo do quarto de Mia.

A verdade bate como um soco direto em meu estômago, quase me fazendo perder o fôlego, roubando um pouco do sopro de vida dentro de mim.

– Puta que pariu, cara, de onde você saiu? – O rapaz dá um passo atrás desconfiado.

Respiro fundo, para não esmurrá-lo até a morte e jogá-lo janela abaixo.

– Quem é você? – Pergunto friamente.

– Sam... quem diabos é você?

– Lukas Constantini. Marido da Mia.

– Marido? A Mia não é casada, não...

– Sim, ela é. E você vai sair antes que eu o tire daqui à força.

– Nossa! É sério? Me desculpe, cara... não fazia ideia... já estou indo... – o rapaz passa por mim rapidamente saindo pela porta que deixei aberta.

E eu fico ali, paralisado em meio a minha dor, ciúme, raiva. Tudo se misturando no meu interior, num coquetel explosivo.

Meus olhos passam pela sala e fico chocado com o que vejo. Uma bagunça de copos e garrafas espalhadas por todos os cantos. Há bebida derramada no chão e bitucas de cigarro espalhadas. Tudo levando a crer que houve uma festa, ou algo parecido, na noite passada.

Mia estava, muito provavelmente, dormindo em seu quarto. De onde aquele cara saiu.

Que porra vinha acontecendo durante todos aqueles meses?

Confesso que desde que Paul me contou fiquei apreensivo, porém, no fundo, acho que estava duvidando que suas palavras fossem verdadeiras. Nada do que ele disse combinava com Mia. Ela simplesmente não era assim, não era aquela garota que ele descreveu.

Agora, olhando em volta, começo a acreditar que ele tinha razão, afinal.

Passo os dedos pelos cabelos, caminhando apartamento adentro, me sentindo afundar cada vez mais num misto de consternação e arrependimento.

Pensava nela todos os dias quando acordava e lembrava que nunca mais veria seu lindo sorriso preguiçoso, quando aproximava seu corpo do meu para dizer bom dia.

Pensava nela quando ia dormir. Deitado em minha cama vazia, que nada mais era do que um eco da minha vida igualmente vazia.

E o tempo inteiro me alentava dizendo a mim mesmo que ela estava melhor sem mim. Que estava seguindo sua vida como deveria ser. E seguia em frente também, porque, apesar de saber que sempre sentiria sua falta, pelo menos ela estava bem em algum lugar.

Agora meu castelo de certezas estava ruindo com a fria realidade com a qual me deparava naquele apartamento.

Paro na porta fechada do seu quarto. Quero entrar. Quero arrancá-la da cama onde dormiu com aquele idiota que saiu quase correndo dali e levá-la embora.

Ou sacudi-la e perguntar que porra estava pensando agindo daquela maneira. Também queria simplesmente entrar, tocar seus cabelos que estariam revoltos, desembaraçá-los com meus dedos, como fazia antes, vê-la abrir os olhos sonolentos e sorrir pra mim. Então diria que tudo ficaria bem, que estava ali para cuidar dela, que ela não precisava mais de homens feito aquele que vi, que ela estava segura. Eu a protegeria, a faria feliz.

Como faria isto?

Que direito eu tinha de fazer?

E o pior de tudo, quem disse que eu era livre para fazer?

Tinha minha própria vida confusa e meus problemas sem fim me esperando em Seattle. Não foi justamente para deixar Mia fora deles, que terminei tudo e a deixei ir?

Há uma parte de mim que diz para eu simplesmente voltar para Seattle e deixá-la com sua vida, que pode ser uma bagunça, mas foi a que ela escolheu.

Muitos diriam que não havia nada demais ali. Apenas uma jovem de vinte e um anos, curtindo sua vida universitária com festas selvagens, como uma grande parcela dos estudantes de sua idade.

Só que aquela era Mia. E, se tinha algo que sabia sobre ela desde o dia em que entrou na minha sala me desafiando quase quatro anos atrás, era que ela não era absolutamente como os outros.

Era única.

Então como podia ser normal que simplesmente, de uma hora para outra, resolvesse se comportar daquela maneira, perdida e sem rumo?

A resposta estava ali na minha frente, eu relutava em aceitar, aceitá-la seria reconhecer minha culpa.

E ainda não fazia ideia de quão longe ela havia chegado, tinha as desconfianças de Paul e o breve relance que dei nos poucos minutos que estava lá.

E não gostava nada.

Na verdade, odiava.

Odiava pensar que, de novo, eu deveria ser o culpado. No afã de protegê-la a mandei direto para o abismo. Quem poderia tirá-la de lá e reerguê-la?

Só havia uma resposta.

Demorou algumas horas até que eu escutasse seus passos no corredor. Sinto um pouco de apreensão e insegurança, sem saber qual será sua reação quando me vir ali, afinal, ela havia pedido meses atrás que a deixasse em paz e nunca mais me intrometesse em sua vida. E aqui estou eu, ocupado em limpar cada resquício de sujeira que infesta sua casa.

Quem me dera fosse tão fácil fazer a mesma coisa com a sua vida.

Eu simplesmente decidi que não podia deixar pra lá.

Mia poderia odiar, mas eu teria que voltar atrás em minha promessa.

– Lukas?

Levanto o olhar do saco de lixo onde estava juntando os últimos copos largados no chão e a encaro.

Ela estava muito pálida, nos olhos havia um resto de maquiagem escura. Os cabelos vermelhos caem em seus ombros em completo desalinho sobre a camiseta velha cinza.

Sua expressão é de confusão, como se não tivesse realmente certeza que está me vendo.

– Oi, Mia – digo sombriamente.

Ela não diz nada por alguns momentos, como se avaliasse a veracidade do que seus olhos veem, percebo pela sua mudança de expressão de aérea para chocada e depois raivosa, quando ela finalmente entende.

Sim, sou eu quem está aqui e não aquele outro cara.

Me pergunto que lugar aquele cara ocuparia em sua vida.

Tenho medo da resposta. Embora precise saber.

– O que está fazendo aqui? – Ela pergunta na defensiva, cruzando os braços em frente ao peito.

– Estou limpando a sua bagunça – respondo simplesmente.

– Não deveria estar aqui, você... – inala profundamente. – Como entrou, como...?

– Tenho a chave.

– Não deveria ter entrado! Esta casa é minha!

– Eu sei. Toquei a campainha várias vezes, como não escutou, entrei.

– Deveria ter ido embora. Talvez eu não quisesse que entrasse!

– Eu sei, afinal, não estava sozinha.

Ela parece confusa por um momento, em seguida fica pálida e depois vermelha.

– Sim, eu conheci seu... como posso chamá-lo? Amigo? Namorado? Ou talvez queira me explicar o teor do seu relacionamento com o tal Sam.

Ela morde os lábios nervosamente, enquanto os dedos castigam os cabelos, como se estivesse buscando respostas. Por um momento, quero acalmá-la. Quero dizer que não precisa se afligir, que não tem por que me responder nada. Mas não consigo parar.

Há uma parte dentro de mim que quer arrebentar alguma coisa apenas por imaginá-la

com outro cara.

E quero respostas. Mesmo sabendo que vou sofrer com elas.

De quem é a culpa mesmo?

Ela finalmente me fita e seu olhar está cheio de descaso.

– Por que está aqui fingindo que se importa com quem eu durmo?

– Então realmente dormiu com ele? – Tento conter a onda de ciúme que gela meu sangue.

– Não pareceu óbvio?

– Quem é este cara, Mia? – Já não consigo fingir que não me importo. Que se dane, eu me importo, estou puto, quero ir atrás daquele imbecil e aleijá-lo.

– Não é da sua conta.

É a minha vez de respirar profundamente, buscando calma. Começar uma discussão não vai resolver nada. Preciso primeiro conseguir entender.

Preciso saber exatamente o que está acontecendo com ela. Para depois tirá-la daquela situação.

– Certo, talvez tenha razão. Eu só queria saber se fiz mal em dizer que era seu marido.

Ela se enfurece.

– Disse que éramos casados?

– Fiz mal? Você mente para ele?

– Por que este tom de acusação? Também não estava mentindo para a tal Nathalie quando a peguei exatamente do mesmo jeito no seu apartamento?

– É isto que está fazendo? Vingando-se de mim?

– Não seja ridículo! O que faço ou deixo de fazer, não tem nada a ver com você! Nem me lembrava que era casada, satisfeito? Como me esforço para esquecer este pequeno detalhe todos os dias não vejo por que dizer para todos que conheço que sou casada, já que não passa de uma merda de contrato! Aposto que você faz o mesmo, não é? Por isto não entendo que porra está fazendo aqui! Pedi que nunca mais me procurasse, que me deixasse em paz, que...

– Chega Mia! – Corto suas palavras atropeladas. Ela está vermelha de raiva e respira com força. Sou surpreendido por uma inconveniente vontade de rir, ela fica tão fofa assim nervosa. Me faz desejar interromper sua raiva, aproximando-me e beijando-a com avidez.

Dou um passo atrás quase instintivamente, com medo de mim mesmo. Inferno, não estou ali para desejá-la. Já não me é permitido.

Nunca mais será.

Essa constatação me deixa triste pra cacete.

– Paul esteve aqui há dois dias – explico, para mudar os rumos dos meus pensamentos.

– Eu sabia! Ele veio me vigiar, não é?

– Não. Eu nem fazia ideia de que ele viria. Quando voltou a Seattle me disse que estava preocupado com você.

– Não sei por quê.

– Ele me disse que estava andando com uma garota que podia não ser boa companhia, que estava numa festa...

– Ah Lukas, quer dizer que está aqui porque o Paul disse que eu estava frequentando festas? Não posso acreditar no quanto é ridículo e absurdo! Estou vivendo a minha vida, o jeito que escolhi vivê-la não é da conta de ninguém, nem do Paul e muito menos da sua!

– É da minha conta quando está se autodestruindo.

– Autodestruindo? Que exagero! Estou sendo jovem e livre! Como deveria ter sido e não a idiota que ficava trancada em casa com medo do mundo, honrando um maldito contrato de casamento que você nunca honrou!

– Então tenho razão, Mia? Tudo isto é para jogar na minha cara o quão cretino fui com você? Está se vingando de mim?

– Já disse que não! Por que está fazendo isto? Por que está aqui? Não tem sua própria vida para cuidar? Uma vida que inclui Alexia e um bebê, pelo que bem me lembro?

– Não vim para falar da minha vida e sim da sua!

– Pois está perdendo seu tempo! Não tem o menor direito sobre mim! Nunca teve! Quer saber? Quero que vá embora! Agora! Não tem mais poder sobre minha vida!

E sem mais, ela me dá as costas. Escuto seus passos apressados no corredor e depois a porta batendo com força.

Então era assim. Ela me odiava e estava realmente disposta a viver daquele jeito, não aceitando minha intervenção. Enquanto ela estava com a razão ao dizer que eu não tinha poder sobre sua vida, ainda tinha muito poder sobre outras coisas.

Assim, calmamente, acabo de limpar toda a sujeira, sem que ela tenha saído do quarto, provavelmente de propósito para não me encontrar e, pegando a chave do carro, saio do apartamento com um destino certo.

Já é começo de noite quando volto, com o humor mais sombrio do que estava antes.

Havia passado o dia investigando seus novos amigos. Se é que podia chamá-los assim, principalmente a garota chamada Amy Del Piero. O que descobri me deixou furioso.

Amy Del Piero tinha 19 anos e uma ficha mais suja do que muitos delinquentes e o fato de seu pai ser um poderoso empresário Italiano, que sempre a tirava de suas confusões, dizia muita coisa. Eu começava a acreditar que Mia ter conhecido e se aproximado de Amy justamente quando teve que lidar com toda a decepção que lhe causei, foi o fator preponderante para levá-la a ser quem era hoje.

Não deixaria aquela situação ir mais longe e, se não podia tirar Amy e sua corja de malandros de perto de Mia, teria que tirar Mia dali e levá-la para longe.

Subo ao apartamento sabendo que terei muito trabalho para convencê-la de que o melhor é se afastar daquelas pessoas, embora disposto a ter uma conversa adulta e a apelar para o bom senso que tenho esperança ainda existe nela.

Assim que abro a porta, paro atarrecido. O apartamento está cheio de gente, bebidas passando de mão em mão e um som alto estremece as paredes.

Vasculho o ambiente com os olhos preocupados à procura de Mia, quando a encontro, me enfureço. Mia está dançando, um cara desconhecido está com as mãos nela. Ela sorri e se vira. Os dois se beijam e somem da minha vista, ocultos por outro casal.

O ciúme se torna quase letal quando entro na sala, vou até a caixa de som e desligo o aparelho acabando com a música, as pessoas começam a chiar, reclamando.

– Ei, cara, por que desligou o som? – Uma garota loira pergunta, se aproximando.

– Porque a festa acabou.

– Acabou? – Quem é você? É amigo do Sam? Não te conheço... – ela ri, parecendo alta, me medindo. – Eu sou Amy, qual seu nome?

– Amy, junte seus amigos e dê o fora daqui. Agora!

Ela franze a testa, deixando o riso de lado.

– Quem diabos é você? A Mia sabe que está estragando tudo? Ei, cadê a Mia? – Ela olha em volta. – Quem vai tirar este babaca daqui?

– Amy, melhor a gente ir – reconheço o cara de hoje de manhã, Sam, que me encara com receio e um certo medo, começando a puxar Amy, enquanto olha em volta. – Pessoal, vamos embora a festa acabou.

As pessoas reclamam, porém começam a sair, volto a procurar Mia e meu estômago embrulha ao vê-la no sofá, com o mesmo cara com quem dançava antes, beijando-a.

Antes de pensar no que estou fazendo, tiro-o de cima dela jogando-o longe com um murro.

Mia grita assustada então se enfurece ao perceber o que está acontecendo.

– Ei, seu imbecil! – O rapaz tem dificuldade para se levantar, parece muito bêbado.

– Toque nela de novo e te mando pro hospital com suas duas mãos quebradas, entendeu? – Ameaço tirando-o do chão levando-o para fora e jogando-o em cima dos seus últimos amigos, que saem do apartamento murmurando confusos entre si.

– Que porra está fazendo? – Mia grita atrás de mim enquanto bato a porta depois que o último convidado desaparece. – São meus amigos, não pode fazer isto! Por que não volta pra Seattle e me deixa em paz?

Eu me viro encarando-a enfurecido.

Há batom borrado em sua boca, me fazendo lembrar que ela estava sendo beijada por outro homem. A raiva e o ciúme fervem dentro de mim.

– Te deixar em paz, para se embriagar e transar com um cara diferente a cada dia? É o que está fazendo, Mia?

– Seu cretino! – Ela parte para cima de mim com seus pequenos punhos batendo em meu peito. – Eu transo com quem quiser, com quantos quiser! Não é o que você faz? Não fez com a Alexia, a tal Nathalie e sabe mais quantas, enquanto eu ficava aqui sozinha sofrendo por você não me querer?

– Quem disse que não te queria, porra? – Seguro seus cabelos, forçando-a a me encarar, enquanto ela ainda me agride. Seus olhos cheios de fúria e dor são o reflexo exato dos meus. – Quem disse que não te quero?

Por um momento, toda a ação parece suspensa no tempo, enquanto nos encaramos com raiva, frustração e, mil vezes inferno, desejo.

De repente sinto-me simplesmente cansado de lutar. Cansado de brigar. Cansado de vê-la com outros sem poder fazer nada. Quando o que mais desejo é que ela seja minha e só minha novamente.

– Dane-se! – Rosno, antes de puxá-la para mim e beijá-la com força.

Meus dedos prendem seus cabelos. Seus punhos que batiam em meu peito se crispam em minha camisa. Escuto seu lamento em meus lábios, quando minha língua encontra a sua.

Então tudo se transforma em inferno. Calor, fogo e fúria.

O desejo, há meses represado, se mistura com a raiva e explode na forma de beijos, mordidas e gemidos. O sangue corre por minhas veias mais rápido, gritando seu nome, chegando a meu coração e detonando uma onda pesada de emoção que se espalha por todos meus poros, fazendo minha cabeça girar e meu corpo obedecer àquele anseio.

Eu a desejo. Minhas mãos a desejam. Aqui. Agora. Sem demora.

Elas descem por suas costas, apertando-a até pousar em seus quadris, esmagando-a contra minha ereção, se comunicando na linguagem dos amantes que diz: "estou pronto para estar dentro de você". Eu a ergo do chão. Nossas bocas se separam em busca de ar enquanto a carrego para o quarto.

Capítulo 11

Mia

A escuridão morou dentro de mim durante meses sem fim.

Agora vejo um feixe de luz clareando lentamente minha alma.

A luz que vem das fagulhas do fogo que queima meu corpo, se alastrando por meu íntimo atingindo aquela parte fria e sem vida onde moravam minhas emoções.

A escuridão estava dentro de mim, consumindo tudo, não deixando espaço para mais nada.

Os dias passavam, se tornavam noites e eu os deixava me tocar.

Sempre na esperança de sentir outra vez aquele fogo me consumindo. Como o sol do Havaí na minha pele, ele me queimou, me marcou.

Me machucou.

E passei a não sentir nada.

Apenas escuridão. Sem ar. Sem vida.

Meu coração batia sempre no mesmo ritmo monótono e sem sentido.

Não havia mais aqueles arroubos desenfreados que ameaçavam explodir meu peito.

Dia após dia. Noite após noite, eles vinham.

Mãos estranhas. Vozes estranhas. Gostos estranhos.

E nada acontecia.

Eu fechava meus olhos e amortecia meus sentidos com álcool ou qualquer outro entorpecente que estivesse à mão.

Eles desviavam minha mente da razão. Amenizavam minha dor.

Sem nunca deixar a luz entrar.

Até agora.

Agora estou queimando inteira. Sou incandescente.

Labaredas serpenteiam por minha pele, explodem meus poros.

E, por fim, estão tocando minha alma.

Clareando a escuridão.

Deixando minhas emoções fluírem.

Como antes.

Quando eu era feliz.

Quando ele me fazia feliz.

No entanto, ele não está mais comigo. Nunca mais vai estar.

Eu o substituí noite após noite por aqueles estranhos, na vã tentativa de que um deles conseguisse ultrapassar a barreira e me tirar da escuridão.

Foi tudo em vão. Eu estava perdida.

Ninguém podia me salvar.

Eles tentavam. Eu permitia por um tempo, até que desistia com um suspiro cansado de quem correu uma eternidade e não chegou a lugar nenhum.

Eu estava oca por dentro. Não havia mais sentimento possível, além daquele que existia somente na superfície, aquele tênue prazer opaco e cinzento, que se desfazia como fumaça quando o efeito das substâncias que entorpeciam meus sentidos passava.

Hoje sinto minha cabeça girando naquela doce inconsciência do álcool. As mãos que percorrem minha pele não são estranhas.

Os lábios que enchem minha boca têm um gosto familiar.

A voz que sussurra meu nome como um lamento, invade meus ouvidos como a mais bela e perfeita carícia. Aquela que eu sinto no recôndito mais íntimo do meu ser.

Aquela que me fez sentir amada um dia.

A escuridão foi embora e estou queimando.

Eu me abstive de sonhar todos aqueles meses. Sonhos eram um simulacro cruel do que tinha perdido, acordar e ver que havia acabado doía muito.

Por um instante, desconfio que estou sonhando e a qualquer momento vou acordar e me encontrar sozinha na minha cama fria. Ou na companhia de algum estranho tentando me convencer que valeria a pena algumas horas de sexo sem sentido.

Eu não queria sexo sem sentido.

Queria o sexo perfeito que havia feito com ele.

Aquele tipo de sexo que estava fazendo comigo agora.

Oh Deus.

Aperto meus olhos com força, quando minha mente confusa começa a processar as sensações.

Quero abrir meus olhos. Quero acordar do sonho.

Quero interromper aquele fluxo de sentimentos que vai corroendo tudo, trazendo vida por onde passa. Porque não pode ser de verdade. Não pode durar.

Mas estou sentindo.

Estou levitando.

Então aspiro com força.

E aquele cheiro perfeito, único, invade minhas narinas. Manda mil mensagens e lembranças para meu cérebro que processa tudo em forma de prazer.

Não posso mais fugir.

A realidade bate em mim numa explosão de emoções desconhecidas e atordoantes.

Beijos molhados enchem minha boca.

Dentes mordiscam meu ombro.

Mãos apressadas retiram minhas roupas.

Uma respiração quente arrepia meu seio.

Uma língua úmida mergulha em meu umbigo.

Dedos se atrevem dentro de mim.

Uma voz rouca sussurra meu nome em algum lugar perto.

Um gemido estremece minha barriga.

Um corpo nu encosta no meu.

Se excita no meu.

E o prazer mais perfeito explode num suspiro trêmulo em meus lábios. Um suspiro amedrontado e, ao mesmo tempo, maravilhado.

Meu corpo inteiro acorda daquele sono profundo e sombrio. Brilha, cintila, resplandece.

Meu coração está batendo daquele jeito desenfreado.

Estou viva. E sentindo.

Ele está dentro de mim.

Os beijos de Lukas. O cheiro de Lukas.

A voz de Lukas.

Estou consumida por ele.

Estou viva por ele.

E, com um arquejo assombrado, deixo meu corpo viver.

Encho seus lábios de beijos saudosos.

Enterro minhas mãos em seus cabelos bagunçados.

Envolvo meus membros em seu corpo quente.

Grudo minha pele em sua pele suada.

E gozo com ele no prazer mais perfeito, mais esperado, mais desejado.

O dia traz uma nova perspectiva quando acordo.

Pois, antes mesmo de abrir os olhos, sei que ele está ali em algum lugar.

É quase como viver em uma realidade paralela. Ou melhor, como se eu tivesse vivido os últimos meses em outro planeta e agora tivesse regressado a terra.

Lukas estava ali. Em algum lugar.

Ainda sinto seu cheiro único em meus lençóis. Em meu corpo.

Abro os olhos para perceber que não está mais no quarto. Estou sozinha. Escuto o barulho inconfundível de uma presença que deve vir da cozinha. O aroma de café impregna o ar. Como meus instintos já gritavam, ele estava realmente ali.

Até quando?

Me levanto e arrasto meus pés até o banheiro, abrindo a água do chuveiro, me coloco sob o jato quente começando a ruminar sobre sua inexorável presença na minha vida de novo, coisa que vinha evitando fazer desde que o encontrei na minha sala na manhã anterior.

Fazia apenas vinte e quatro horas?

Parecia muito surreal de qualquer jeito.

Acordei sozinha ontem, dando graças a Deus que o idiota do Sam tinha desaparecido. Não era a primeira vez que o deixava ficar. Talvez porque com ele fosse fácil pedir para parar, como pedia sempre, quando percebia que nada do que ele fizesse iria preencher o vazio terrível dentro de mim. Tudo sempre começava do mesmo jeito. O álcool, os cigarros, a música, iam entorpecendo meus sentidos me deixando com a sensação de que tudo ia ficar bem. Que tudo era possível. Então eu passava para o próximo desafio. Os beijos eram fáceis, os toques começavam a me perturbar até que se tornavam insuportáveis.

Devia ter desistido. Não, eu continuava, dia após dia, me iludindo que a dor ia passar de vez em algum momento e eu poderia ser finalmente uma garota normal, não aquela farsa que havia me tornado.

Por fora eu era a amiga descolada de Amy Del Piero, que andava com sua turma, de festa em festa, bebendo, ficando com garotos e me divertindo.

Por dentro estava morta.

Por causa de Lukas e do que ele me fez

Fez eu me apaixonar por ele e depois me descartou para ficar com Alexia e seu filho. Pensar naquilo reabre a velha ferida em meu peito e volto a sangrar.

Merda! Por que ele havia voltado? Para transformar minha vida num inferno de novo?

Eu estava enlouquecendo desde que o vi, como um espectro do passado, limpando minha sala da farra da noite anterior.

Tive ódio dele por ter voltado e me feito sentir todas aquelas merdas que ele sempre suscitava em mim. Eram muitos ressentimentos e lembranças ao mesmo tempo. Estava bem sem sentir nada, por que ele voltou e estragou tudo?

Então o ataquei. E ele me atacou também, um lado muito ruim de minha personalidade, gostou de ver o tom de raiva em sua voz quando falava de Sam. Senti um prazer perverso de jogar um amante, ou quase isto, na cara dele, como ele fez comigo.

Depois o mandei embora e me tranquei no quarto para fugir de sua presença. Ainda não entendia o que ele estava fazendo ali. Talvez Paul tenha lhe contado sobre o que aconteceu quando estive aqui e Lukas se sentiu na obrigação de vir me verificar como se eu ainda fosse sua responsabilidade.

Eu não era mais sua responsabilidade. Era apenas a insólita esposa de mentira que logo se

tornaria ex para dar lugar à nova e verdadeira senhora Constantini. Alexia. Aquela que até já lhe deu um filho.

De novo sinto a faca perfurando um pouco mais e respiro fundo, em busca de ar.

Por que ele não foi embora? Por que não voltou para Seattle e sua nova vida que não me incluía?

Achei que ele tivesse ido embora quando saí do quarto naquela tarde e encontrei a sala vazia. Me surpreendi com a dorzinha idiota que senti no meu peito. Ao que parecia, ainda era tonta o suficiente para sentir suas partidas.

Até quando?

Com raiva de mim mesma, chamei Amy e enchi a casa de barulho, bebida e garotos. Não demorei muito para ficar bêbada, com a cabeça girando e as mãos de alguém em cima de mim. Queria me esquecer de Lukas. Estava desesperada pelo esquecimento.

Aí ele apareceu de novo, como se saído de um dos meus antigos sonhos. Gritando e acabando com minha ilusão de juventude e diversão despreocupada.

E ainda com raiva de mim, como se tivesse algum direito de se sentir ressentido por eu estar deixando outros me tocarem, quando foi ele que me mandou embora e me fez sofrer. E eu, tonta de bebida e dor, deixei as palavras escaparem. Então, tudo se transformou num pandemônio.

Num minuto estávamos gritando no seguinte estávamos na minha cama e eu finalmente deixei um cara transar comigo novamente.

Não qualquer cara, e sim aquele que queria desesperadamente esquecer. Minhas lágrimas se misturam com a água do chuveiro e deixo a dor fluir. Tantas mãos me tocaram, tantas bocas me beijaram, porém, só um esteve dentro de mim. Era tão absurdamente injusto!

Não queria que meu corpo fosse só dele. Não bastava meu coração?

Ele ia ter também, para sempre, o monopólio do meu corpo?

De repente uma vozinha incômoda sussurra em meu ouvido que talvez eu esteja fazendo tudo errado. Que escolhi a maneira errada de lutar e por isto estava perdendo.

Não sabia lutar de outra maneira. Ou não tinha forças.

Lukas tinha me quebrado de tal forma, que era difícil demais manter a mente coerente. Era muito mais fácil abraçar o desvario.

De que adiantou? Voltei à estaca zero com Lukas bagunçando tudo de novo.

Quando finalmente saio do chuveiro, coloco uma roupa, respiro fundo e caminho com passos indecisos até a cozinha, me perguntando até quando ele ficaria a minha volta.

Ao passar pela sala, estaco, olhando a bagunça em volta com novos olhos. Como se uma cortina tivesse caído vejo a sujeira que impregnava tudo.

Era assim que estava minha vida?

Aquela bagunça sem sentido, aquela sujeira encardida e imunda?

Sinto asco de mim mesma.

– Mia?

A voz de Lukas atravessa as várias camadas de sentimentos que me assolam naquele momento e levanto o olhar para ele, que me espera na porta da cozinha.

Parece tão limpo. Tão lindo.

Tão inalcançável como nunca.

– Ainda está aqui – limpo a garganta para dizer.

Surpreendo-me com minha serenidade.

Por dentro, sinto uma fraqueza, misturada com medo e tristeza que me deixam desarmada, desorientada.

– Sim – ele responde simplesmente e volta para a cozinha – você precisa comer.

Eu o sigo em silêncio e sento à mesa. Há um prato na minha frente com alguma coisa que não faço questão de comer e uma xícara de café que pego entre as mãos, o líquido amargo é bem-vindo.

Por um momento ninguém fala nada. Só me pergunto quando ele vai dizer as fatídicas palavras: "Estou indo embora".

– Coma – ele exige com firmeza e dou de ombros.

– Não consigo.

– Tem comido direito? Está muito magra – sua voz é cheia de uma preocupação enervante.

De novo dou de ombros e Lukas passa os dedos pelos cabelos, parecendo escolher suas próximas palavras.

– Sei que prometi não me intrometer mais na sua vida. Você está estragando tudo Mia, vivendo desse jeito.

– Como disse, é minha vida – murmuro.

– Sim, é sua vida. Só que me sinto culpado por estar agindo assim. Sei que está com raiva de mim...

– Nem tudo gira em torno de você – Minto. – Nem tudo é por você. Talvez eu estivesse cansada de ser aquela pessoa certinha que deixa a vida passar sem se divertir.

– Então isto é diversão pra você. Está feliz?

– Você é feliz? – Devolvo a pergunta.

Ele não responde, desvia o olhar de novo como se estivesse pensando no que dizer.

De repente quero muito saber. Preciso saber se ele está feliz com sua escolha.

Se é feliz sem mim.

Talvez, se ele disser que sim, eu consiga me livrar daquela obsessão sem sentido.

Finalmente ele volta a me fitar.

– Mia, sobre a noite passada... – antes que termine de falar, seja lá o que for, seu celular toca em algum lugar.

Vejo que está em cima da mesa. Bem na minha frente.

O nome pisca no visor sem que eu consiga desviar o olhar a tempo.

Meu estômago embrulha, levanto e fujo da cozinha, como que perseguida por mil demônios.

Não são tantos assim. Apenas uma serpente, com um nome e um filho.

Pego minha bolsa na sala e sem nem me dar o trabalho de procurar as chaves do carro, saio batendo a porta atrás de mim.

A manhã está fria e caminho até o campus com passos rápidos. Quero voltar à minha vida normal. Quero me esquecer de Lukas e Alexia. Preciso esquecer.

– Ei, aonde vai com tanta pressa?

O carro de Amy para do meu lado.

– Para a aula – respondo. Por algum motivo que me é desconhecido, não estou a fim de falar com Amy hoje.

Ela destranca a porta.

– Entre aí.

– Não, vou mesmo pra aula.

Ela rola os olhos.

– Aula? Quem precisa de aula? Entre aí e vamos dar uma volta. Vai ser legal.

Sei do que Amy está falando. Já fizemos outras vezes. Acho que hoje é justamente do que preciso.

Hesito, as palavras de censura de Lukas me atormentando junto com a lembrança do nojo que senti ao ver a minha sala suja hoje de manhã.

– Venha, Mia, parece que está precisando... – Amy diz com a voz melodiosa e tentadora e, sem pensar mais, entro no carro.

Amy para o carro num lugar a esmo e liga o som. Ela cantarola enquanto enrola um cigarro e depois acende. Sinto enjoo com o cheiro doce.

Amy ri quando fuma e me passa o cigarro. Fico olhando para a fumaça queimando, sabendo o que devo fazer, porém sem sentir a menor vontade.

Vou fumar e ficar rindo com Amy esquecendo-me de tudo, pelo menos por um tempo.

Depois tudo voltará a ser a mesma merda de sempre.

Não quero mais viver assim. Não quero mais me entorpecer somente por um tempo. Quero esquecer pra sempre.

– Ei, qual o problema? – Amy pergunta com a voz grogue. – Não quer me devolve – passo-lhe o cigarro e abro a janela, sentindo o vento frio no rosto. – Está esquisita... – Amy cantarola. – Precisando de algo mais forte? Tenho aqui também – ela abre o porta-luvas ainda rindo e, está mexendo lá dentro, quando faróis altos nos cegam.

– Saiam do carro.

Olho pra fora e vejo um policial armado nos encarando.

Amy continua rindo.

Estou numa sala toda cinza e inóspita esperando que decidam o que fazer comigo.

Não vi mais Amy depois que nos trouxeram algemadas para a delegacia. Ela havia resistido, lutado e tentado agredir o policial aos gritos: "Sabe quem sou? Meu pai vai acabar com você!". De nada havia adiantado seu escândalo.

Eles encontraram drogas dentro do carro. Leram nossos direitos e nos ficharam.

– Você tem direito a uma ligação – o policial disse. Fiquei ali, em frente ao telefone, pensando para quem eu poderia ligar?

Infelizmente só me vinha uma pessoa à mente.

Com as mãos trêmulas, liguei para meu apartamento, me perguntando se ele ainda estava lá.

Estava.

– Lukas, preciso de ajuda – falei com a voz embargada.

– Mia, o que aconteceu? Onde está?

– Fui presa.

Lukas soltou um palavrão e disse que ia resolver tudo, desligando em seguida.

E agora eu estava esperando. Não sei há quantas horas estava ali, me pareceram muitas, até que um policial surge e diz para eu acompanhá-lo.

Levanto-me devagar e encontro Lukas me esperando com um homem que reconheço como o advogado que estava em nosso casamento. Wilson acho que era seu nome.

Lukas vem até mim, toca meus ombros, meus cabelos.

– Está bem? Machucaram você?

Sacudo a cabeça negativamente.

– O que estava pensando, Mia? Eu disse que estava estragando tudo...

Sinto vontade de chorar. Porque ele tem razão.

– Lukas, chega! – Wilson toca seu ombro e me encara. – Preciso conversar com a Mia, a polícia vai interrogá-la e tenho que orientá-la. Se tudo der certo, estará livre ainda hoje.

Sento-me com Wilson que me faz várias perguntas, a principal delas era se as drogas eram minhas.

– Não. Eram de Amy.

– Todas?

– Sim.

– Você as usava também – não era uma pergunta.

– Ocasionalmente fumava maconha, só isto. Sei que Amy usava outras coisas, nunca precisei...

Posso sentir a tensão de Lukas do meu lado.

– Você não fumou hoje, pelo seu exame – ele mexe em alguns papéis e me lembro que a primeira coisa que fizeram quando cheguei foi um teste.

– Não. Não hoje.

– Certo. Facilita. Vamos dizer que tudo era de Amy Del Piero e conseguiremos livrar você.

– Mas...

– Não discuta Mia – Lukas diz – deixe Wilson cuidar de tudo.

– Tudo bem – digo. – Onde está Amy?

– Não é problema seu.

– Ela é minha amiga.

– Não, não é! É uma garotinha mimada e inconsequente. Provavelmente, os advogados do pai dela devem estar tentando livrar a sua cara neste momento.

Os policiais tomam meu depoimento e, como Wilson previu, sou liberada depois de pagar fiança.

Quando saímos da delegacia e entramos no carro percebo que já anoiteceu. Fazemos o percurso até meu apartamento em silêncio, me sinto horrível, embora aliviada.

A que ponto cheguei?

Não ousa olhar para Lukas até que abro a porta do meu apartamento. Só quero tomar um banho, dormir e esquecer.

Será que ele irá embora?

Lukas deve me odiar por ter sido tão idiota.

Deve realmente achar que sou uma garota inconsequente que não sabe tomar conta de si mesma. Veja o que aconteceu quando pedi que me deixasse em paz?

Amargurada, pensando no que dizer, vejo que tem alguém na minha sala quando a luz se acende.

– Mia, minha filha! – Andrea vem em minha direção e me abraça com força.

Deixo que seus braços saudosos me apertem, precisando sentir que ela ainda se importa comigo, afinal, apesar de todo o distanciamento.

Ela ainda é minha mãe.

– Ah, mãe, me desculpe...

– Shi, está tudo bem! Você está em casa e eu estou aqui! Vou cuidar de você, querida, acabou! – Sinto lágrimas quentes banharem meu rosto e a deixo me levar para dentro.

Alguns dias se passam e me pergunto se Lukas voltou pra Seattle. Deixo minha mãe tomar conta de tudo. Finalmente conto a ela o que aconteceu com Lukas e minha consequente derrocada.

– Meu Deus, Mia, por que não me contou?

– Você estava longe...

– Deveria ter me contado! Fiquei muito preocupada quando Lukas me disse que eu precisava vir pra New Haven porque você estava presa! Agora entendo muita coisa... – diz

pensativa.

– Sinto muito por tudo isso, tirar você de sua vida em Miami.

– Não fale assim. Sou eu que devo pedir desculpas, querida! Estive tão focada em meu relacionamento, em Mark, que a deixei sozinha. Se estivesse do seu lado não teria deixado Lukas fazer o que fez...

– Não poderia ter impedido mãe – digo com amargura.

– Eu devia saber! Devia desconfiar, no seu casamento tive um pressentimento...

– O quê?

Ela dá de ombros.

– Eu sabia que era apenas um contrato, porém algo na maneira que Lukas te olhou... me preocupou. E claro, fiz questão de dizer a ele pra ficar longe de você.

– Disse a ele? – Pergunto estupefata.

– Com certeza! Precisava protegê-la, era só uma criança! Não adiantou nada, não é?

– Adiantou sim. Fui eu que parti pra cima dele naquele Natal. Ele nunca tentou nada comigo antes.

– E nunca deveria ter feito nada!

– Eu tinha vinte anos mãe, não era mais criança.

– Estava apaixonada por ele e ele tinha aquela amante! Foi uma coisa horrível de se fazer.

– Bom, não adianta mais falar sobre este assunto. É passado.

– Ah meu bem, vai superar! Aquela sua amiga delinquente foi embora da cidade e nenhum dos outros vagabundos vai te importunar novamente. Não vou deixar ninguém se aproximar.

Andrea havia investigado com o porteiro e ficou sabendo que seguranças do pai de Amy estiveram no apartamento pegando suas coisas e disseram que ela ia voltar para a casa do pai, na Europa.

Possivelmente nunca mais a veria.

Sinceramente, me sentia aliviada. Ela nunca foi uma amiga de verdade, agora tinha consciência.

– Fique tranquila, mãe. Acho que não sinto mais necessidade de continuar vivendo daquele jeito. Quero seguir em frente, terminar minha faculdade.

"E terminar meu casamento com Lukas".

Acrescento mentalmente.

Menos de dois anos e seria o fim definitivo.

– Sim, ficarei aqui com você.

Eu a encaro, surpresa.

– Vai ficar?

– Sim – ela sorri. – Já está tudo acertado. Vamos sair deste apartamento. Aluguei uma casinha linda para nós ficarmos juntas!

– E quanto a Mark?

– Mark entende que você é minha filha e precisa de mim.

– Mãe, não precisa...

– Claro que precisa. Fui muito relapsa com você. Acho que ainda posso consertar.

– Tudo bem. Vai ser bom – murmuro. Com Andrea ali não me sentiria tão sozinha, já que não teria mais a companhia dos amigos de Amy.

Naquela tarde, Andrea está me ajudando a arrumar minhas coisas, animada, quando a campainha toca. Sinto meu coração disparar me perguntando se seria Lukas. Ele não deu notícias. Será que ainda estava em New Haven? Eu duvidava muito. Mesmo assim, estou ansiosa quando abro a porta, pra minha surpresa, não é Lukas e sim Joe que está ali.

– Ei, sua louca!

No minuto seguinte ele está me abraçando e me tirando do chão.

– Joe, o que faz aqui? – Não o via desde que fugi de Redmond, depois só nos falávamos quando ele ligava e eu dizia sempre que estava muito ocupada para termos conversas profundas. Na verdade, não queria que ele intuisse quão mal eu estava.

– Vim ver você, claro!

– Joe, quanto tempo! – Andrea aparece abraçando-o e olho de um para outro, desconfiada.

– Pelo visto me deduraram? – Pergunto e o sorriso de Joe se desfaz.

– Sim, já sei de tudo Mia. Temos muito que conversar. E nem vou começar dizendo que se tivesse continuado em Redmond comigo, nada disto teria acontecido.

Rolo os olhos.

– Claro, eu você e sua namorada! Aliás, ela sabe que está aqui?

– Sabe sim. E te mandou lembranças.

O encaro pasma.

– Mentira!

– Hum, na verdade ela falou que se eu não voltar em três dias, estarei enrascado, portanto, temos um bom tempo para você aproveitar e me contar que merda estava se passando na sua cabeça.

Dias depois, Joe nos ajuda com a mudança para uma casa com um jardim na frente, que Andrea disse animada que iria transformar numa horta.

– Será muito terapêutico, vai ver!

Arrumando minhas coisas no armário naquela tarde, encontro um porta-retratos com uma foto minha com meu pai.

Há tempos não pensava nele. Nos meus dias de revolta, fiquei com raiva por ele ter me abandonado também.

Joe entra no quarto.

– Mia, preciso ir. Andrea vai me levar ao aeroporto.

Eu o acompanho até a sala e nos abraçamos.

– Sinto muito por você ter acreditado que não podia mais contar comigo.

– Não queria atrapalhar você e Lily – justifico.

– Lily é minha namorada e eu a amo, embora ela seja uma ciumenta pé no saco a maior parte do tempo – ele sorri com carinho ao falar da namorada. – Você é minha amiga. Posso não estar por perto o tempo todo, mas saiba que, quando precisar, estarei aqui por você. E Lily entenderá que precisará me emprestar por uns dias.

– Tentarei me lembrar.

– Amo você, Mia.

– Eu te amo também.

Nos abraçamos mais uma vez e o levo até o carro onde Andrea o aguarda.

Estou voltando para dentro, quando vejo um carro desconhecido se aproximando e meu coração dispara no peito quando vejo Lukas emergir dele.

Ele parece inseguro ao se aproximar, o cabelo escuro bagunçado pelo vento.

Tão lindo. Tão distante.

Tenho vontade de chorar, respiro fundo.

Não quero mais chorar. Não quero mais sofrer por algo que não tem solução. Preciso começar a agir como a adulta que quero ser de uma vez por todas e não como uma pirralha mimada, ou inconsequente.

Achava que estava sozinha, que não podia contar com ninguém, mas estava enganada. Tinha minha mãe, que era um tanto egoísta e avoada, mas que agora estava ali. Tinha Joe que havia deixado a namorada por uns dias por mim.

E tinha Lukas. Que, mesmo tendo um filho e outra vida em Seattle, veio me tirar do buraco em que eu estava.

A verdade era que nosso romance não deu certo. Nem deveria importar mais os motivos, embora ainda sentisse o ciúme esquentar dentro de mim quando pensava em Alexia Duran.

Quem nunca teve seu coração partido? Quantos romances terminavam e as pessoas seguiam em frente?

Estava me esforçando para ser madura o suficiente para aceitar.

– Oi – murmuro insegura – não sabia que ainda estava aqui.

– Tive que voltar a Seattle com Wilson, mas precisava te ver. Saber se estava bem.

– Como sabia onde eu estava?

– Sua mãe me contou que iam se mudar.

– Não sabia que falava com a minha mãe.

– Não tinha certeza se você queria falar comigo.

– Sinto muito – murmuro – fui uma idiota.

– Todos somos idiotas um dia – ele sorri, passando os dedos nervosos pelos cabelos; sinto

falta de fazer o mesmo. Mordo os lábios com força – também já fui preso. Fui um adolescente inconsequente Mia, esqueceu?

– Foi por isto que sua mãe fez o testamento, não é?

– Sim. Eu a decepcionei muito. Ainda bem que consegui perceber que estava acabando com a minha vida.

– Acabo de perceber o mesmo – murmuro.

– Fico aliviado por ver que entendeu – ele diz. – Preciso saber que está bem, Mia, sei que não me quer aqui...

Ah Lukas, você está tão errado...

Não há nada no mundo que eu queira mais do que ter você aqui.

Não podia dizer isto. Precisava deixá-lo voltar para sua vida.

Uma vida que não queria nem imaginar como seria, se imaginasse, sofreria e prometi a mim mesma que não ia sofrer mais.

– Ficarei bem – garanto e até consigo sorrir. – Obrigada por ter me ajudado. Minha mãe está aqui. Ela vai ficar um tempo, vou voltar a me concentrar nos estudos e terminar minha faculdade. É o que me interessa no momento. Nada mais de loucuras, prometo – rio sem graça e Lukas tem um olhar estranho no rosto, desvio meus olhos para o chão.

Então sinto seus lábios em minha testa e fecho os olhos, apreciando pela última vez sua proximidade.

– Mia, queria que soubesse que... – ele diz muito próximo.

Eu o afasto.

Não. Não mais.

– Não, Lukas. Não diga nada. Vamos deixar como está – peço. Imploro.

Estou muito perto da sanidade para deixar tudo ruir com minha atração por Lukas.

O que aconteceu na noite anterior à minha prisão foi o bastante para provar o quanto eu ainda era suscetível a este sentimento.

Em silêncio, ele entra no carro e o vejo partir. Desta vez, acredito que para sempre.

O dia da minha formatura está ensolarado e quente. Levanto meu rosto para o céu e sorrio.

Uma etapa da minha vida chegou ao fim. Quatros anos de universidade. Alguns, ou muitos, percalços superados, penso com certa ironia, aqui estou eu.

Formando-me em Literatura Inglesa e com uma proposta de emprego em Londres. Alguns meses atrás estava no fundo do poço, me sentindo miserável, hoje consigo me sentir quase animada com as novas perspectivas.

O quase, podia atribuir a um certo sentimento que ainda me atormentava quando eu

baixava a guarda e me permitia pensar no passado. Ou me perguntar como teria sido se...

Se não podia dizer que havia superado totalmente, pelo menos não deixava estes sentimentos me arruinarem, como fiz anteriormente. Estava provando a mim mesma que era mais forte que tudo. Sentia-me muito bem depois de superar a fase deprê e sair dela mais fortalecida.

Me fazia ter esperança de que um dia os períodos de tristeza iriam desaparecer de vez.

Talvez fosse o fato de ainda sermos casados. Isto me prendia a ele de uma forma quase física. Era um compromisso, embora não estivéssemos juntos.

Restava menos de um ano.

E estaria em Londres a partir do próximo mês, depois de visitar meu pai em Seattle e passar um tempo com Joe e Lily em Redmond.

Claro, Seattle seria apenas uma breve e muito rápida visita. Ainda não era tão forte para ficar na mesma cidade que Lukas sem me sentir mal.

Quem sabe um dia...

– Parabéns! – Reconheço a voz grave de Paul e me viro para ser agarrada e levantada num abraço de urso.

Denise é mais comedida e só me dá dois beijos no rosto.

– Não acredito que vieram! – Digo feliz.

– Não iríamos perder por nada.

– Somente vocês...? – Pergunto olhando em volta. Será que Lukas viria?

– Sim, só nós – Denise responde. – Taylor mandou dizer que lhe mandou um presente. Aposto que algo inútil.

Eu rio.

Voltei a falar com Taylor e Evan depois do meu surto de rebeldia. Obviamente, eles ficaram bravos quando souberam o que eu andava aprontando e chegaram até a ameaçar voltar, jurei que havia melhorado e não precisava que viessem tomar conta de mim.

– Aposto que sim.

– Ela disse que vai precisar de um guarda-roupa novo em Londres. – Denise comenta. – Decidiu mesmo ir?

– Sim, eu vou. Estou bem animada.

– Não gosto muito de Londres. Trabalhar numa universidade? Que chato...

– Serei assistente de uma professora especialista em Jane Austen e pretendo em breve fazer meu mestrado.

– Hum, tem gosto pra tudo neste mundo – ela revira os olhos e Paul e eu rimos.

Minha mãe e Joe se aproximam e ela convida todos para almoçar em casa.

Enquanto converso com todos na minha casa, tento não me sentir triste por Lukas não ter vindo. Certamente ele tem coisas mais importantes para fazer.

Talvez seja melhor assim.

Ele segue a vida dele e eu a minha.

Lukas

Eu a vejo sorrir para o sol e sinto um aperto no peito, foi assim a primeira vez que percebi que estava irremediavelmente atraído por ela, quando ela ergueu o rosto para o sol na varanda do meu apartamento há alguns anos.

Naquela época ela era apenas uma garota de dezessete anos e hoje é uma mulher de quase 22 anos.

Uma mulher que tive sob o sol do Havaí e depois estraguei tudo.

Então ela partiu e agora eu não tinha mais nenhum direito de estar por perto, de partilhar as coisas boas que estava conquistando.

Era assim que devia ser. Eu havia lhe tirado muita coisa, envolvendo-a naquele casamento quando era só uma adolescente. Depois a envolvi e seduzi enquanto mentia sobre Alexia e meu filho, partindo seu coração a ponto de ela ter se rebelado e vivido daquele jeito errôneo por meses, até que descobri e, cheio de culpa, me lancei numa missão de resgate.

Obviamente não planejei transar com ela de novo, mas não consegui resistir. Estava cheio de ciúme daqueles caras, tão cheio de saudade e frustração, que não fui capaz de parar.

Depois a segurei a noite inteira, sem pregar o olho, velando seu sono, tentando resistir à vontade de acordá-la, pedir perdão por tudo o que tinha feito e implorar que fosse embora comigo. Sim, ela podia voltar comigo para Seattle e eu cuidaria dela. Ela deixaria aqueles amigos vagabundos para trás, principalmente aquela tal de Amy Del Piero, cujo flagrante tinha planejado, usando um pouco de dinheiro e influência, fazendo com que fosse seguida, então nós começaríamos tudo de novo.

Eu e ela.

No entanto, havia Dylan.

E Dylan estava atrelado a Alexia.

Então deixei de lado os sonhos sem sentido de ter Mia comigo de novo e me ative ao plano original. Ajudá-la a sair do fundo do poço e voltar para a minha vida em Seattle.

O resto da noite passei me despedindo.

Quando amanheceu a deixei sozinha e liguei para Joe DeLuca pedindo que viesse visitá-la. Não foi difícil convencê-lo quando falei que ela precisava dele. Eu ainda tinha ciúmes de Joe, mas ele gostava de Mia de verdade, eu confiava que ele poderia ajudá-la.

Depois liguei para Andrea.

– Não posso deixar o Mark...

– Você virá para New Haven agora! Minha secretária já providenciou o fretamento de um avião. Diga para seu gigolô que ele vai passar uns bons meses sozinho.

– O que está me pedindo é impossível...

– Andrea, a Mia precisa da mãe dela!

– Claro que me preocupo com minha filha! Posso ir até aí e conversar com ela, talvez trazê-la pra Miami...

– Não. Você vai deixar de ser a cadela egoísta que é e ser uma mãe para sua filha, nem que eu tenha que obrigá-la! Entendeu? A Mia está precisando de ajuda e você vai ajudá-la. Vou alugar uma casa para vocês longe deste prédio e cuidarei de todas as despesas.

Por fim, Andrea acabou concordando.

Então Mia acordou e ver sua expressão de tristeza e confusão acabou comigo. De novo me vi lutando contra a vontade de abraçá-la e dizer que ia levá-la comigo.

E ela perguntou se eu era feliz. Quis dizer que às vezes sim, quando Dylan estava comigo. Agora, vendo-a ali, tão perdida, me senti extremamente triste.

Tive vontade de jogá-la no meu ombro e levá-la de volta pra Seattle.

E então o quê?

Ela seria mais feliz comigo? Sendo obrigada a amadurecer mais cedo, cuidando de um filho que não é seu? Filho da mulher com quem transei enquanto estava casado com ela? Enquanto ela sofria porque queria estar comigo sem eu nem mesmo saber por que era tão burro e egoísta, que não via um palmo diante do meu nariz?

Que vida esperava Mia ao meu lado?

Eu nunca acertei com ela. Nunca.

E erreí mais uma vez quando ela me ligou dizendo que estava presa.

Inferno, por que não imaginei que ela poderia estar com Amy?

Liguei na hora para Wilson, que veio para a cidade e conseguiu ajeitar tudo. Andrea chegou e, finalmente, com a prisão de Mia, se convenceu que a filha precisava de ajuda.

– Tem razão. Preciso ajudá-la...

– Não diga que eu pedi para vir, entendeu? Mia não precisa saber.

Sabia que a magoaria saber que a mãe tinha vindo coagida por mim e não por vontade própria.

Depois tive que finalmente voltar a Seattle para resolver mais um problema com Alexia.

Ela havia me ligado naquela manhã dizendo que ia passar um tempo nos Hamptons e que viria buscar Dylan.

O que era ridículo. Jamais a deixaria levá-lo. Ela gritou dizendo que tinha que viver sua vida, já que eu não a queria e nunca resolvia nossa situação.

Ela tinha razão e eu precisava dar um jeito naquilo. Alexia viver na minha casa não estava dando certo. Também não confiava nela como mãe.

Infelizmente era a única mãe que Dylan conhecia o que eu podia fazer?

Quando cheguei a Seattle ela chorou e gritou e, por fim, percebi que precisava fazer alguma coisa.

– Não posso viver deste jeito! Você é casado com outra, um casamento que nem é de

verdade, para o qual dá mais valor do que a mim! E eu sou o quê? Não sou nada! No fim, sou apenas a mãe do seu filho que você é obrigado a aguentar! Até quando vou viver assim? Não posso sair, não posso namorar, você não quer nada comigo, está sendo ridículo, Lukas!

– Você está sendo uma péssima mãe é este o problema!

– Não sou! Só não tenho experiência com criança! Meu Deus, claro que gosto do Dylan, é meu filho!

Eu respirei fundo.

– Certo. Realmente a situação está insustentável – eu não sabia se estava fazendo o certo, mas precisava tentar uma saída. Para o bem de Dylan, de Alexia e o meu próprio. – Tenho um acordo a te propor.

Depois voltei a New Haven, para me certificar de que Mia ficaria bem. Me despedir dela, era sempre como se me desfizesse de alguma parte do meu próprio corpo ou de um membro vital. Nunca saía inteiro.

Enquanto beijava sua testa, senti vontade dizer algo tolo e impensado como: "Mia, quero que saiba que sempre vou amar você. Não importa qual a nossa distância. Sempre será você".

Ela não deixou que eu dissesse nada.

E foi melhor assim.

Agora as coisas pareciam ter tomado um rumo.

Dylan se contorce e começa a chorar no meu colo, resmungando e abro a janela do carro, onde estou escondido, feito um stalker para ver Mia uma última vez antes de ela se mudar para Londres.

– Você ficou sabendo que ela aceitou este trabalho na Inglaterra? – Taylor perguntou há uns dias no telefone.

Claro, Andrea tinha me dito quando liguei para saber quais eram os planos dela para depois da formatura de Mia, o que era apenas uma desculpa, já que realmente queria saber os planos de Mia. Senti aquela velha dor no peito. A verdade é que ela nunca ia embora. Apenas se escondia. Não era o que eu queria? Que ela seguisse sua vida e fosse feliz?

– Sim, eu sei.

– Você vai à formatura?

– Melhor não.

– Hum, sei lá, talvez tenha razão. Melhor seguirem caminhos separados. Eu queria que tivesse dado certo entre vocês, agora com a Alexia e o Dylan...

Eu encerrei o assunto com Taylor e desliguei.

Deveria ter mantido a ideia de não ir. Mas eu queria vê-la. Era sua formatura, afinal. Um marco importante na sua vida.

Também era um fim de semana em que ficaria com Dylan e não queria abrir mão.

Então viajei com ele. Ao chegar lá, percebi que não estava preparado para enfrentar Mia ostentando Dylan.

Claro que poderia arrumar uma babá e deixá-lo no hotel, porém não me sentiria bem

fazendo isto. De certa forma, era como se eu não assimilasse muito bem juntar Mia e Dylan na mesma equação.

E agora, com meu filho no colo, vendo-a ali, em meio aos outros estudantes, sorrindo feliz, senti uma vontade quase irresistível de abrir a porta do carro e ir até lá, apresentá-los.

Era triste que as duas pessoas mais importantes da minha vida sequer se conhecessem.

Dylan parou de chorar se pendurando na janela, sacudindo as chaves do carro com suas mãozinhas.

– Está vendo aquela moça bonita, Dylan? – Sussurro. – Aquela é a Mia.

Ela não parece entender muito, obviamente.

Eu sorrio.

– Quando você for adulto e encontrar uma garota bonita como ela, por favor, não seja um idiota como seu pai deixando-a ir. Faça tudo certo para ela ficar. Combinado?

Ele apenas sacode mais as chaves, até deixá-las cair no chão e eu lanço um último olhar a Mia, agora conversando com Denise e Paul, antes de pegá-las do chão, devolver Dylan a cadeirinha e dar partida.

Indo embora mais uma vez.

Ela vai colocar um oceano de distância entre nós.

Agora só falta pouco menos de um ano.

Um ano será o bastante para eu deixá-la ir de verdade?

Capítulo 12

Mia

– Finalmente um pouco de calor.

A voz animada de Christina me faz rir e levanto o olhar para o sol que está brilhando naquela tarde em Londres.

– Está chegando o verão – murmuro.

Já faz realmente quase um ano que estou em Londres? Às vezes parece que tudo que aconteceu comigo antes de chegar aqui, foi em outra vida de tão distante.

Estes eram os tempos fáceis.

Em outros, parece que nem um minuto se passou.

Estes eram os tempos difíceis.

Abro os olhos e sacudo a cabeça, desviando minha linha de pensamento. Melhor concentrar nos tempos fáceis.

Hoje é um dia fácil.

Sorrio para minha mais recente amiga. Christina é uma pessoa simples e afável, fácil de se gostar, nós nos aproximamos naturalmente, sendo duas garotas estrangeiras em Londres. Eu a conheci na minha primeira semana na cidade, quando ainda estava perdida, num limbo entre a saudade de casa, o medo do desconhecido e a esperança de um futuro diferente e promissor numa cidade fervilhante. Christina estava há dois anos na Inglaterra e era assistente do coordenador do departamento de história enquanto eu iria ser a assistente da professora de literatura, Paula Byrne. Christina logo me tomou sob suas asas, me convidando para dividir o apartamento com ela, já que não estava disposta a aceitar mais um apartamento de Lukas.

Ainda me lembrava da ligação de Megan, sua secretária, logo após a minha formatura, dizendo que Lukas pediu para ela cuidar da minha mudança para Londres e perguntando que tipo de apartamento eu iria querer. Fui categórica ao dizer que não queria nenhum tipo de ajuda dele.

Megan não insistiu, fiquei esperando Lukas me ligar para insistir. Era típico dele se sentir responsável por mim, porém estava disposta a provar a todos que havia crescido e podia sim ter um emprego e arcar com minhas despesas quando estivesse recebendo um salário em Londres.

Também queria começar a cortar meus laços com Lukas. Pelo menos os financeiros podia tentar. Porque, os emocionais... Ah, estes sabia que não seriam cortados tão cedo, embora eu rezasse toda noite para que acontecesse.

Lukas não havia ligado. Fiz minhas malas e fui para Seattle sentindo meu coração apertado de medo e esperança. Ainda era tola o suficiente para temer e, ao mesmo tempo, desejar reencontrá-lo. Dizia a mim mesma que seria uma última vez, uma despedida antes de seguir para a próxima etapa da minha vida. Fiquei na casa de Denise e Paul uns dias, a convite da própria

Denise que possivelmente percebeu que não havia maneira de eu pisar na casa de Lukas ou em seu apartamento, onde a possibilidade de esbarrar em Alexia ou no filho deles era certa.

Tanto Denise quanto Paul evitavam falar sobre o assunto. Embora eu tivesse uma curiosidade mórbida de saber como era a vida de Lukas e Alexia, não ousava perguntar. Seria horrível saber que eles poderiam estar efetivamente juntos ou até fazendo planos de oficializar o relacionamento depois do fim do nosso contrato.

Assim, apenas visitei meu pai na cidade. Foi triste rever John na mesma situação, sem nenhuma mudança no quadro clínico e, conversando com um médico, ele reafirmou que uma melhora depois de tanto tempo era praticamente impossível. Naquele momento finalmente cogitei fazer o que minha mãe queria há tanto tempo: desligar os aparelhos que o mantinham vivo. Faltava-me coragem. Ele era meu pai e não conseguia tomar uma decisão tão definitiva.

Então parti para Londres depois de uma breve visita a Joe em Redmond e comecei minha nova vida.

Iniciei meu trabalho com a professora Paula, depois me mudei para o apartamento de Christina nos tornando amigas.

No começo me sentia meio insegura de deixá-la realmente se aproximar, já que eu não fui muito assertiva com Amy Del Piero, Christina se mostrou muito diferente da minha antiga vizinha. Se gostava de beber em pubs, fumava feito uma chaminé e era paqueradora, não insistia para que eu fizesse o mesmo respeitando meu novo jeito que incluía nunca ficar bêbada, não fumar qualquer tipo de cigarro e, definitivamente, nada de garotos.

Esta parte deixou Christina curiosa, quando íamos a algum pub e eu fugia de qualquer flerte. Até pensei em contar a ela toda minha escabrosa história, optei por me manter segura com meias verdades, contando apenas que não tive boas experiências com homens e queria dar um tempo.

Ela aceitou minhas desculpas sem insistir. Era o que eu gostava em Christina. Talvez até desconfiasse que havia muito mais nas entrelinhas, mas me aceitava como eu era, sem insistir para que eu mudasse ou revelasse todos os detalhes.

E assim, a vida seguia. Dia após dia, semana após semana. Meses.

Quase um ano.

Estremeço ao me dar conta do que significava.

– Que foi, está com frio? – Christina pergunta se levantando da grama onde tínhamos acabado de comer nossos sanduíches.

– Um pouco – minto.

– Está um vento frio, apesar do sol. Vamos entrar – ela se levanta e me puxa do chão.

– Sim, a Paula vai me matar se eu chegar atrasada de novo.

– A Paula é uma chata! Devia pedir transferência para o meu departamento – ela pisca e reviro os olhos.

– Não comece...

– Ah, sabe do que estou falando, não é? – Ela ri maliciosamente, batendo os ombros nos meus enquanto caminhamos para a entrada do prédio. – Falando nisto, olha quem vem lá.

Olho na direção do corredor e vejo o chefe de Christina vindo em nossa direção.

– Oi, Henry! – Christina o cumprimenta, animada.

– Christina... Mia – ele passa os olhos rapidamente de sua secretária para mim. Claramente há uma mudança sutil de interesse.

Coro, lutando para não desviar o olhar, como uma colegial tímida.

Sem dúvida Henry era um dos homens que tinham um óbvio interesse em mim. Eu o ignorava, como a todos os outros.

Os outros desistiam rapidamente, partindo para uma conquista mais fácil. Não Henry. Talvez pelo fato de trabalharmos na mesma universidade e sempre nos encontrarmos quando ia à sala de Christina. Ele me cumprimentava afavelmente todas as vezes, fazia perguntas sobre meus interesses, puxava assuntos variados eu tentava ser educada, para não parecer uma megera, já que ele era realmente um cara muito legal.

Sempre que ele tentava ultrapassar a zona da conversa educada entre colegas de trabalho, como quando citou uma nova exposição na National Gallery a qual eu havia comentado querer ir, me convidando abertamente para ir com ele. Com um sorriso sem graça, arranjei uma desculpa esfarrapada qualquer para não aceitar.

Depois outros convites vieram e eu sempre tinha uma desculpa na ponta da língua. Christina às vezes me atormentava por causa disto.

– Ele está louco por você Mia!

– Não exagere.

– Não estou exagerando. Ele sempre me pergunta de você – ela ri. – Embora até tente disfarçar, fica tentando saber se você tem namorado ou algo do tipo.

– E o que você diz?

– A verdade, que você não tem namorado nenhum. Por que não aceita sair com ele?

– Já te disse. Não quero sair com ninguém – eu desconversava e Christina não insistia, o assunto sempre surgia, assim como sempre aparecia algum convite de Henry.

E hoje estou prevendo que outro convite vai ser feito, então penso rapidamente numa desculpa para me afastar.

– Oi, Henry – cumprimento distraidamente e olho o relógio. – Nossa, estou realmente atrasada, Paula está me aguardando... Até mais! – Aceno e saio andando pelo corredor, para meu desalento, Henry vem atrás de mim.

– Estou indo falar com a Paula também, te acompanho Mia – ele diz, me alcançando e me obrigo a sorrir.

– Claro.

Posso apostar que Christina está rindo neste momento.

Torço para que Paula esteja mesmo na sala, pegue Henry para uma de suas intermináveis conversas e ele me deixe em paz, não estou com tanta sorte assim, a sala está vazia quando chegamos.

– Acho que foi a Paula que se atrasou – dou de ombros. – Quer que eu peça para ela

ligar na sua sala quando chegar? – Indago, sentando a minha mesa, ligando o computador e fazendo cara de ocupada.

– Tudo bem, falo com ela outra hora – ele responde, em vez de ir embora, se aproxima da mesa. – Mia?

Eu o encaro.

– Queria te convidar para jantar comigo hoje.

Mordo os lábios nervosamente, tentando pensar numa desculpa.

– E então? – Ele insiste.

– Me desculpe, Christina e eu...

– Christina me falou que tem um encontro hoje – ele diz e fico vermelha feito um pimentão por ter sido pega mentindo.

– É que... – gaguejo, perdida.

– Tudo bem – Henry faz um sinal com a mão para eu parar. – Não precisa arrumar desculpas, Mia. Basta dizer não.

– Eu...

– Certo. Acho que deveria desistir, não é? – Ele sorri desanimado, o que me faz sentir culpada.

– Olha, você é um cara legal, realmente não posso... – como explicar como me sinto?

Que todas as células sãs do meu corpo gritam para que eu diga sim para ele, apesar de aquelas que ainda estão doentes se recusarem a obedecer minha razão?

Elas simplesmente estão traumatizadas.

– Certo. Até mais, Mia – ele sai da sala e respiro fundo me sentindo horrível.

– E aí? – Christina aparece em seguida, se sentando na minha frente.

– E aí nada – respondo desanimada.

– Não diga que de novo não aceitou sair com ele?

– Não aceitei e acho que agora ele desistiu de vez.

Ela bufa e se levanta.

– Desisto de você, viu! Qual o seu problema?

– Christina...

– Está bem, está bem. Não quer falar não vou insistir, só acho que está desperdiçando uma chance de pelo menos conhecer melhor um cara muito legal que está nitidamente louco por você! – Sem mais, ela sai da sala me deixando sozinha com minhas angústias.

E lá se foi o dia fácil.

– Tem certeza que estou bem com este vestido? – Christina pergunta pela décima vez,

entrando na cozinha.

– Já disse que sim, acho que já está atrasada – respondo olhando dentro da geladeira tentando decidir se descongelo alguma coisa pronta ou peço comida.

– Devia ter aceitado o convite que recebeu hoje, estaria animada como eu para um encontro e não aí, de mau humor pensando que tipo de comida ruim vai comer sozinha. – Christina diz, pegando a bolsa. Posso respirar aliviada já que finalmente decidiu o que vestir.

– Primeiro não estou de mau humor. – Não que estivesse bom, tinha mais a ver com tristeza do que com mau humor. – E não ficarei sozinha, Simba me fará companhia.

Como se tivesse adivinhado que estavam falando dele, o gatinho pulou no balcão da cozinha miando.

Sorrio e o pego, acariciando seu pelo macio.

Christina e eu encontramos o filhote há dois meses numa caixa abandonada nos fundos do nosso prédio e resolvi adotá-lo, minha companheira não era tão fã de bichanos e vivia tentando me convencer a levá-lo para um abrigo.

– Ah, claro. Agora é a velha dos gatos! – Ela revira os olhos, desistindo de me atormentar e volta para o quarto para terminar de se arrumar.

– Velha dos gatos? Que clichê! – rebato colocando o gatinho no chão e pegando seu leite.

Sim, talvez Christina tenha razão e eu esteja a caminho de me tornar exatamente isto. A velha solitária que tem gatos por companhia.

De repente, a tristeza que vinha me rondando bate de novo com força total, desisto de procurar qualquer coisa para cozinhar e me aninho no sofá com Simba ronronando no meu colo.

Sinto uma dor no peito. Aquele tipo que sabemos que não é física e que nenhum remédio pode curar. A não ser o tempo.

Tempos difíceis... tempos fáceis...

Os tempos difíceis estavam se espaçando agora, a cada dia eu vivia meus dias mais facilmente. Feliz com meu trabalho, com minhas novas amizades e até meu gatinho para dar amor.

Vez por outra, ele tomava conta do meu ânimo de novo. Quando chegava, era difícil até de respirar. Cada esforço que fazia para meu coração bater trazia uma lembrança carregada de dor, desilusão.

E saudade.

Esta última era a mais difícil de aguentar.

Geralmente era desencadeado por algo do passado, como um comentário aleatório de Taylor quando nos falávamos ao telefone. "Eu e Evan vamos para o Havaí no verão".

E lá vinha a enxurrada de recordações me inundando de dor, deixando um rastro de tristeza para amargar meus dias.

Quando eu falava com Denise era pior. Ela era astuta e tomava o cuidado de nunca citar nada que pudesse me magoar. O que aguçava uma espécie de curiosidade mórbida dentro de mim para saber de verdade o que acontecia em Seattle na minha ausência.

Não podia saber. No fundo morria de medo do que iria descobrir.

Naquelas circunstâncias a ignorância era quase uma benção.

Então curtia um pouquinho mais do meu desalento, até que fosse embora, levado pelo ritmo da minha nova rotina.

Queria de verdade esquecer e seguir em frente, por isto, comecei a evitar a família de Lukas o máximo que podia.

Dizia a mim mesma que era algo temporário. Chegaria o dia em que encararia Denise e Taylor sem sentir medo de sua ligação com Lukas. Precisava acreditar nisto.

Hoje não havia falado com ninguém de Seattle e não sei por que estava sentindo aquela melancolia. Era quase como um... presságio que não entendia.

Escuto o barulho dos saltos altos de Christina voltando para a sala e tento abrir um sorriso, não consigo.

Acho que vai fazer algum comentário mordaz e desaparecer porta afora rumo a seu encontro, em vez disto, ela se senta do meu lado no sofá e segura minha mão.

– O que foi? – Pergunto confusa.

Ela me encara com seus olhos muito maquiados.

– Sabe por que eu vim pra Londres?

Sacudo a cabeça negativamente. Não achava que havia algum motivo escuso para ela estar na cidade a não ser o trabalho na faculdade. Pelo visto estava enganada.

– Fui apaixonada por um cara. Larguei a faculdade, saí de casa, nem tinha vinte anos. Fugi. Coloquei uma mochila nas costas e saí com Charles por aí. Ficamos dois anos juntos, sem rumo. Éramos andarilhos eu não me importava. Queria viver com ele pra sempre assim, porque eu era feliz... – há uma sombra nostálgica em seu olhar. – Então, ele um dia disse que não me queria mais. Havia arranjado outra namorada – ela sorri ironicamente. – Fiquei louca. Literalmente surtei. Enfim, acabei voltando para a casa dos meus pais, fiquei deprimida por um tempo, eles me obrigaram a voltar à faculdade, mas eu precisava sair me afastar. Então arranjei este emprego bem longe.

Mordo os lábios, sem saber o que dizer.

– Decidi continuar vivendo. Seguir em frente. E sabe como consegui? – Ela sorri – deixei que minhas experiências se tornassem boas lembranças. Parei de lamentar por não ter mais aquele tempo que era feliz, pra poder ser feliz de novo.

Engulo em seco, desviando o olhar, porque, por um momento, é como se ela conseguisse ver dentro de mim.

– Sei que tem muita coisa que não quer me contar, mas acredite eu conheço um coração partido, Mia. E o seu foi definitivamente esvaado.

Eu a encaro sem conseguir esconder a dor.

– Não sei como fazer – murmuro – Juro que tento, muitos dias são fáceis, mas às vezes...

– Às vezes você só quer aquele tempo de volta, não é? Aquela felicidade? – Sua mão acaricia meus cabelos. – Acredite você vai ser feliz de novo. Seja lá quem for o cara que te quebrou, ele não tem o monopólio da sua felicidade.

– Diga isto para o meu coração – tento não chorar.

– Sei que é difícil. Só depende de você. Ninguém mais. Pare de ser uma mártir! Aprenda a ver o que passou como o que realmente é: belas lembranças, que vai guardar pra sempre. Só assim, conseguirá ser feliz novamente. De verdade.

Ela beija meu rosto e se levanta, pegando a bolsa.

– Não me espere acordada! – Dá uma piscadela e finalmente me deixa sozinha, ainda com o eco de suas palavras na minha cabeça.

Pisco para afugentar as lágrimas. Sei que Christina tem razão. Eu me recuso a esquecer, porque é difícil deixar para trás o que nos fez feliz. É como se nunca mais eu fosse sentir aquilo de novo.

Deito no sofá e fecho os olhos. Quase posso ouvir as ondas do mar quebrando na areia. O seu riso perfeito dentro do meu ouvido, o toque morno de suas mãos me idolatrando.

Passei por mais mãos do que poderia me lembrar, sempre desejando sentir de novo aquele toque. Só voltei a sentir, quando ele me tocou naquela noite em New Haven. E foi pior porque tive a certeza de que era uma espécie de amaldiçoada.

Foi assim que cheguei a Londres. Tinha certeza que teria que esquecer Lukas. Também estava certa de que nunca mais ia sentir o que senti por ele.

E se estivesse enganada? E se tivesse procurado nos lugares errados e desistido muito fácil?

Tive um romance tão incrível que parecia impossível ter algo assim novamente. Sim, foi perfeito e inesquecível. E, apesar disso, eu lutava contra aquelas lembranças, porque me machucavam. Sinto como se as palavras de Christina tivessem, de alguma maneira, me libertado e deixo o fluxo de pensamento fluir.

O Havaí. O sol. O mar.

E Lukas.

Pela primeira vez me permito pensar naqueles dias como eles realmente eram atualmente: somente recordações de um tempo em que fui feliz como nunca havia sido antes. Tinha me jogado naquela sucessão de braços estranhos buscando aquela sensação de felicidade, mas não encontrei. Então me conformei pensando que nunca mais ia ser feliz.

No entanto, eu posso tentar de novo.

Se ainda não me sinto preparada para gostar de alguém, posso permitir que alguém goste de mim.

Quero me deixar ser conquistada de novo.

Sem pensar muito no que estou fazendo para não dar chance do medo me tomar, pego o telefone e disco o número.

Depois de algumas chamadas ele atende.

– Henry, seu convite para jantar ainda está de pé?

– Confesso que nunca pensei que este dia chegaria – Henry diz enquanto caminhamos na

direção do meu prédio naquela noite.

Sorrio.

– Nem eu.

Era realmente incrível como eu me sentia quase idiota por ter rejeitado tanto tempo um convite de Henry. Ele era um cara muito legal. Inteligente, educado e gentil. E bem atraente também, daquele jeito sóbrio e inglês de ser, com seu cabelo loiro escuro e óculos.

Foram realmente horas agradáveis.

Nós paramos em frente ao meu prédio e o encaro.

– Bem, eu fico por aqui, foi uma noite ótima, obrigada.

Então algo acontece quando ele se inclina para mim. Obviamente ele vai me beijar e, por alguns segundos, enquanto ele hesita, talvez para saber se seria bem-vindo, dois sentimentos distintos me invadem. A vontade de ir em frente e me deixar levar e o medo de estar cometendo um grande erro que vai me deixar mais vazia depois.

Por incrível que pareça, no final viro o rosto e não foi nenhum destes sentimentos o que me fez recuar.

– Me desculpe, Mia, eu... – Henry parece confuso.

– Não, tudo bem... eu não posso... ainda – completo.

Não foi o medo de estar me envolvendo outra vez em casos sem sentido que me fez parar. Parei porque, de repente, senti que Henry poderia ser aquele que irá, finalmente, fazer algum sentido.

E não é justo começar algo que pode ser sério sem antes me livrar de vez do passado.

– Você... Tem outra pessoa? – Ele pergunta com cuidado e respiro fundo.

– Sou casada.

Posso ver o choque no rosto de Henry.

– Eu... Não sabia. Christina nunca...

– Ela não sabe.

– Como assim? Pensei que estivesse em Londres sozinha...

– E estou. Não é... Um casamento de verdade. Não mais – me permito dizer apenas uma parte da verdade. – Eu não conto para ninguém.

– Por quê?

– Porque é uma história difícil pra mim.

– Não estão mais juntos? – Ele finalmente entende.

– Não – dizer em voz alta dói mais do que gostaria. – É uma longa história, em breve estarei me divorciando – completo. Esta era a realidade, não é?

– O que quer dizer? Que devo esperar por você?

– Talvez... – murmuro. – Bom, eu preciso entrar.

– Tudo bem.

– Ah, por favor, não conte a Christina. Sei que em algum momento terei que contar a ela, por enquanto...

– Tudo bem. Não vou comentar com ninguém. Boa noite, Mia.

Eu o vejo se afastar com uma ponta de arrependimento. Aquele sentimento de "e se" me atormentando levemente.

E se não tivesse impedido que me beijasse? Teria sido bom? Eu o teria convidado para subir?

Finalmente me sentiria livre?

Suspiro pesadamente, arrastando meus pés para dentro do prédio, mas estou sorrindo. Eu não saberia, não esta noite. Ainda.

Sei que estava no caminho certo. A liberdade está próxima, quase posso sentir. Quase posso tocar...

Entro no apartamento e escuto o miado de Simba. Meu sorriso se alarga ao pegá-la e acender a luz.

– Oi, gatinho!

Vou a cozinha para pegar seu leite, um envelope pardo em cima da mesa chama minha atenção. Há um bilhete com a letra de Christina presa a ele.

"O porteiro me entregou, é pra você."

Curiosa, sirvo o leite de Simba no pires e me sento à mesa para abri-lo.

Meu coração falha por um instante ao reconhecer o que são aqueles papéis.

São os documentos do meu divórcio.

Realmente não estava preparada para a onda da mais pura dor que atinge meu peito, me impedindo de respirar enquanto leio o documento.

Tão esperado. Tão temido.

Era a única certeza que eu tinha quando assinei aquele contrato de casamento há cinco anos na biblioteca da casa do Lago. Que cinco anos depois estaria assinando minha liberdade.

Tanta coisa havia acontecido naqueles cinco anos. Coisas que não constavam naquele contrato. Como o fato de eu ter me apaixonado irrevogavelmente por Lukas Constantini, meu marido de mentira. Que pareceu me amar por um tempo ínfimo e me deixou por um amor muito maior e inesperado. Seu filho.

O filho que ele teve com a mulher que foi a dona de sua cama por anos, antes de mim.

E possivelmente era a dona de novo.

Pensar nisto faz meu coração inundar com mais um pouquinho de veneno e, sem saber como começou, estou chorando.

Não sei quanto tempo fico ali, perdida, desalentada. Simplesmente regredindo totalmente em toda maturidade e serenidade que julgava conquistada, olhando para aquele documento que põe um fim tão fácil e simplesmente ao meu último laço com Lukas, sinto como se nem um dia houvesse se passado desde a última vez que o vi. Em que senti seus lábios na minha testa num último adeus.

Fico ali até que escuto um barulho vindo do quarto de Christina e, não querendo que ela me veja desse jeito, pego os papéis, coloco de volta no envelope e vou para meu quarto.

No escuro, choro até as lágrimas secarem e não haver mais nada a não ser a dor silenciosa do vazio.

Então sinto a serenidade vinda da conformidade voltar.

Não sou mais aquela garota. Não sou mais aquela menina coagida a se casar para salvar a família. Nem sou a garota que se apaixonou perdidamente por um homem proibido. Que se entregou a esta paixão sem medir consequências e depois sofreu uma desilusão tão grande que caiu numa vida de bebidas, drogas e promiscuidade, acreditando que isto era viver e esquecer.

Sou adulta agora. Tenho um trabalho que adoro, pago minhas próprias contas sem ajuda de Lukas ou qualquer pessoa e posso cuidar de mim mesma perfeitamente.

Posso até ser paquerada por um cara legal que está muito interessado em me conquistar.

Então, por que continuar sofrendo?

A resposta é clara e sussurra dentro de mim, com a força de uma tempestade.

Desapaixonar talvez seja a missão mais difícil para o ser humano.

No entanto, talvez eu devesse encarar aquele divórcio como o começo.

Não como um fim.

O dia me encontra mais tranquila. Ainda há um resquício de dor, mas eu a domino totalmente. Consigo enxergar que não é o fim do mundo. O mundo está me sendo devolvido. Com cinco anos de atraso.

Só falta devolverem meu coração.

Assim, munida de pensamentos positivos, acordo cedo, tomo um banho e me visto. Hoje é sábado e não tem trabalho, pego o envelope e saio para a rua, deixando um bilhete para Christina que, com certeza, dormirá até tarde.

Entro num café peço um chá e, abrindo o documento começo a lê-lo com calma. Até que meus olhos se arregalam ao ver a parte que fala dos bens que Lukas me concederá.

Ele está me dando uma quantia absurda em dinheiro. E a casa no Havaí.

Ele está maluco?

Primeiro que não quero nenhum dinheiro dele. E a ilha? Seria alguma espécie de brincadeira cruel?

Ele realmente acha que quero voltar àquela ilha? Minhas mãos tremem quando vejo a linha pontilhada, onde devo assinar. Se assinar estarei concordando com aquele absurdo que não posso de maneira nenhuma aceitar. O que devo fazer? Ligar para Lukas? Estremeço de pavor. Meu coração acelera de ansiedade só de pensar em falar com ele novamente.

– Inferno! – Praguejo.

Não, não precisava falar com Lukas. Pego o telefone e disco para o número do advogado que está no documento. Eu o conheço.

– Wilson – a voz atende formal e respiro fundo.

– Doutor Wilson, é Mia.

– Mia? Mia Agnelli?

Eu rio nervosamente.

– Mia Constantini, por pouco tempo, não é?

– Ah, claro. Olá, Mia. Como vai? Se está me ligando é porque recebeu o envelope.

– Sim, recebi os papéis do divórcio por isto estou ligando.

– Alguma dúvida? Se concordar com tudo, deve assinar e nos devolver. Se estiver com alguma dúvida, aconselho-a a pedir ajuda a um advogado de sua confiança...

– Eu não quero nada – digo rapidamente o interrompendo.

– O quê?

– Diga ao Lukas que não quero o seu dinheiro e muito menos aquela maldita ilha! – Droga, por que estou sendo venenosa?

O plano era ser madura e equilibrada.

– Hum, achei que já tivesse sido acertado entre você e o Lukas... – ele diz com cuidado, o que me faz soltar um engasgo de indignação.

– Lukas não fala comigo há quase um ano, como posso saber qualquer coisa que foi acertada?

– Entendo...

– Olha, só diga ao Lukas que não quero nada dele! E me mande outro documento para eu assinar – desligo e respiro fundo várias vezes.

Pronto. Está feito.

Aposto que em poucos dias receberei outro documento onde não constará nenhuma ilha de presente e muito menos dinheiro pelo qual não estou interessada.

Quando chego em casa, Christina está pulando de curiosidade, pois, ao que parece, Henry ligou perguntando por mim e acabou contando que saímos ontem.

– Conte-me tudo! Tudo! Por que não me acordou quando chegou? Wow... Não me diga que chegou de madrugada? Sua safada!

Rio de sua imaginação.

– Não foi nada disto.

Conto a ela a versão editada de nosso encontro e ela parece feliz quando termino.

– Fico realmente satisfeita que tenha aceitado sair com o Henry, acho que vão formar um lindo casal.

– Não apresse as coisas...

– Ah, posso colocar meus pensamentos positivos em você. – Christina adora ler livros sobre

o poder do pensamento positivo em nossa vida e estas baboseiras todas.

Eu rio.

– Falo sério! É só mentalizar e jogar pro universo! – Ela fecha os olhos e aponta os dedos para sua própria cabeça. – Estou mentalizando você fazendo sexo maravilhoso em breve...

Dou-lhe um tapa.

– Pare com isto!

Em seguida estamos gargalhando.

Ela me convida para almoçar e, por ora, minha angústia em relação aos papéis do divórcio está esquecida. Mas a lembrança incômoda vira e mexe volta à minha cabeça, me fazendo sentir dor no estômago, tento esquecer e seguir normalmente.

Na segunda-feira, volto ao trabalho e, na hora do almoço, Henry me convida para almoçar com ele e aceito. Christina fica soltando risinhos depois querendo saber tudo, conto o que realmente foi: apenas um almoço agradável entre amigos.

– Amigos? Pelo amor de Deus, Mia!

– Já falei para não ser apressada!

– Está esperando o quê? Um pedido de casamento?

Empalideço, Christina não percebe meu desconforto.

– O Henry é legal, porém nenhum homem vai esperar pra sempre!

– Henry me entende.

– Hum, já estamos neste nível? Então acho que tem futuro...

Assim, os dias passam, Henry me convida de novo para jantar, eu declino educadamente. Sei que, se sairmos de novo, ele pode esperar algo mais e aquele definitivamente não é o momento para eu testar meus limites.

Não quando aquela sombra do divórcio ronda minha mente, me atormentando dia e noite, por mais que tente evitar.

Posso seguir normalmente durante o dia, porém à noite, quando durmo, eles voltam a me atormentar. Aqueles sonhos bizarros. Há muito tempo não sonhava com Lukas, agora o vejo todas as noites.

Ele está andando numa rua escura e o sigo. Tento alcançá-lo sem nunca conseguir. Em outras noites, é ele que me segue e me apresso cada vez mais, com medo que me alcance.

E, sexta-feira, sem que pudesse prever ou imaginar, sou alcançada.

Saio para almoçar com Christina, ela resolve ir fazer a unha no tempo que nos resta, o que, definitivamente não estou a fim, então decido voltar ao jardim e aproveitar o sol.

Fico ali por alguns instantes. Fecho os olhos e olho para o céu, sentindo o calor do sol no meu rosto. De repente, sinto um calafrio. Como se um vento inesperado me atingisse.

Abro os olhos e meu coração para quando o vejo.

Lukas está parado a poucos metros de distância.

Por um instante, penso que estou em um dos meus sonhos. Simplesmente não é possível que

Lukas esteja ali, em carne e osso.

Mas ele está. Meu coração dá um salto, voltando a bater, selvagemmente, impulsionado pela miríade de emoções que me transpassa quando ele caminha na minha direção.

A primeira coisa que noto, enquanto me levanto do banco onde estava sentada, é seu maravilhoso cabelo escuro permeado por algumas mechas claras destacadas pelo reflexo do sol, despenteadas pelo vento, então meus olhos se tornam mais atentos a sua quase espectral figura.

Ele está usando jeans e um suéter azul escuro com um casaco leve por cima. Seu andar é seguro, quando finalmente seus olhos cruzam com os meus numa distância suficiente para assimilar suas emoções, percebo que sua expressão é indecisa. Quase... temerosa.

Engulo em seco, minhas mãos trêmulas guardadas firmemente no bolso do meu casaco creme, quando ele para na minha frente.

– Oi, Mia.

Ah, aquela voz. A voz que desenterrava emoções que julgava mortas.

Que me faz querer fechar os olhos e suspirar longamente, deixando seu tom deliciosamente familiar inundar minha pele.

Obviamente não faço isto. Que merda estou pensando?

– Lukas – consigo dizer depois de limpar a garganta. – O que faz aqui?

– Wilson me disse que não está concordando com os termos do divórcio. – ele fala seriamente, passando os dedos pelo cabelo.

Ele está nervoso? Frustrado? Os dois?

Bem, não é o único.

O que está pensando? Que pode sumir da minha vida por meses e aparecer na minha frente quando estou em processo de cura, como alguém em remissão de um câncer que mastigou suas emoções por anos, simplesmente bagunçando tudo?

Não. Ele não vai fazer isto.

– Sim, eu liguei. Alguns termos são absurdos. – Respondo levantando o queixo. Minhas mãos trêmulas ainda estão nos bolsos. – Certamente não precisava atravessar o oceano para tratarmos deste assunto. Achei que iria me enviar um novo documento.

– Está falando deste? – Ele abre o casaco e tira de lá um envelope pardo igual ao que recebi há uma semana.

Eu sinto o segundo baque do dia. Então ele veio pessoalmente para garantir que eu assinasse a porcaria do divórcio desta vez?

– Deve querer muito que eu assine para se abalar até aqui.

– Só queria me certificar que não ficasse nenhum mal-entendido. Acho que te devo isto.

Quero dizer que ele me deve um monte de coisas.

– Não existe mal-entendido. Não quero nada seu. Simplesmente isto.

– Mas eu quero dar a você.

– Foi pra isso que veio? Não fez as modificações que pedi a Wilson? Disse que só assinaria

quando aqueles absurdos fossem retirados...

- Nós precisamos conversar. Podemos ir a algum lugar? Este não é o local mais apropriado. Olho em volta. Com certeza já estou atrasada para voltar ao trabalho.
- Estou no meio do meu expediente, Lukas.
- Eu sei. Por isto vim aqui.
- Então deve entender que não posso ter nenhuma conversa com você agora.
- Tudo bem, eu...

– Ei, Mia – a voz de Christina nos interrompe e a vejo vindo em nossa direção, olhando para Lukas curiosa.

E interessada.

O terceiro baque do dia vem em forma da esmagadora onda de ciúmes que me atinge quando Christina arma seu sorriso sedutor para Lukas.

– Ainda aqui? Não está atrasada? Quem é seu amigo? – Sem esperar que eu responda estende a mão com suas unhas recém-pintadas de rosa para Lukas. – Oi, eu sou Christina.

– Lukas Constantini – ele responde educadamente.

– Um americano, como nós! Sabe que vendo você de longe, pela sua elegância, julguei que fosse inglês!

Ah Christina, por favor!

– Christina, melhor entrarmos, estamos realmente atrasadas.

– E seu amigo? Lukas, nunca te vi por aqui... é visitante? Mora em Londres?

– Não... – ele responde.

– Ah, então não conhece nossa universidade? Mia, precisa consertar isto! Por que não o levamos para um tour...

– Não, Christina...

– Eu adoraria – Lukas responde sorrindo.

E pronto. Christina quase derreteu no chão que nem um sorvete que cai sobre a calçada.

– Então vamos! – Ela segura no braço de Lukas, puxando-o para dentro, não tenho escolha a não ser segui-los.

– Mia nunca me falou sobre você...

Ah meu Deus!

Lukas me lança um olhar de esguelha.

– Imagino que não – penso perceber uma nota de mágoa em sua voz, deve ser impressão minha.

Nós entramos no prédio e tento acabar com aquele circo.

– Christina, acho que devemos liberar o Lukas...

– Claro que não! Ele quer fazer o tour!

De repente outro assistente aparece.

– Christina, Henry está te esperando. Esqueceu da reunião?

– Ah droga! – Ela bufa – esqueci completamente! – Desfaz a carranca quando olha para Lukas. – Acho que terá que se contentar com a Mia!

– Não... – tento negar, Lukas se adianta.

– Claro, ela me levará, sem problemas.

– Eu queria te conhecer melhor, por que não vai a nossa casa hoje para uns drinks? Vou adorar conversar com um americano depois de tanto tempo!

Ela acena e segue o assistente me deixando sozinha com Lukas.

– Agora que não está mais flertando com minha amiga, pode ir embora – Resmungo secamente.

– Não estava flertando.

– Ah não? Me pareceu que sim!

– Sua amiga de apartamento estava flertando comigo, o que é bem diferente.

– Como sabe que dividimos apartamento?

– Tenho duas irmãs que adoram me atualizar sobre você.

– Poderia dizer a elas que não está interessado em saber nada.

– Quem disse que não estou?

Fico desarmada por um momento.

– Por que estaria? – Pergunto baixinho.

Por um momento ele não diz nada, ficamos apenas nos encarando.

E desejo que ele dê meia volta e vá embora, deixando-me em paz, ao mesmo tempo desejo que ele fique e explique por que teria algum interesse em minha vida.

– Só porque você faz questão de fingir que não existo, não preciso fazer o mesmo. Posso estar longe. Posso ter te dado espaço para crescer sozinha, mas sempre vou me preocupar com você.

– Não preciso que se preocupe comigo – rebato na defensiva, para evitar cair na armadilha de suas palavras.

– Não pode me dizer o que devo ou não sentir, Mia.

Dou de ombros, enfiando minhas mãos no casaco.

– Acho esta discussão totalmente inútil – falo por fim, tentando manter a compostura.

– Sim, não estou aqui para brigar com você.

– Por que veio então?

– Para acertamos os termos do fim de nosso contrato.

Quantos baques eu teria que suportar naquele dia sem desmoronar?

Respiro fundo, ignorando a dor no coração.

– Tudo bem. É melhor conversarmos e deixar tudo claro – concordo com um equilíbrio admirável.

– Sim. Eu deveria ter consultado você antes de decidir os termos. Pelo visto uma parte minha ainda pensa que pode tomar decisões por você – ele diz meio culpado. Seria adorável se eu não estivesse com raiva.

– Mais ou menos como se eu ainda fosse aquela garota de dezessete anos, não é? – Ironizo.

– Mais ou menos – ele concorda. – Agora que ficou definido que precisamos conversar, você me deve um tour – ele sorri.

Desta vez sou eu que derreto como um sorvete.

Mil! Vezes! Inferno!

Minhas mãos torcem o forro da blusa.

Eu poderia mandá-lo embora e voltar a meu trabalho, acabo respirando fundo, adotando a postura da mulher adulta que sou, sem encarnar a adolescente que ele conheceu cinco anos atrás fazendo sinal para ele me seguir.

– Claro, siga-me.

Começo a andar pelos corredores, lhe mostrando as salas e as dependências da universidade como fiz muitas vezes com muitos visitantes, Lukas presta atenção em tudo e até faz algumas perguntas pertinentes, como se estivesse realmente interessado. Por fim, mostro-lhe minha sala.

– É aqui que eu trabalho.

Ele olha em volta.

– Parece um trabalho interessante.

– Eu adoro. E Paula é uma excelente chefe.

– É o que quer fazer? Ser assistente?

– Claro que não quero ser assistente o resto da minha vida. Paula é uma das mais conceituadas especialistas em Jane Austen e trabalhar com ela vai me abrir muitas portas.

– E você quer fazer o que depois?

– Vou fazer mestrado no próximo semestre.

– Aqui mesmo?

– Sim.

– Podia tentar Oxford.

– Não seja esnobe – rio. – O departamento de literatura da London University é muito bom.

– E depois do seu mestrado?

– Quero dar aulas, acho, por um tempo. Seguir carreira acadêmica.

– Aposto que sim. Sinto orgulho do que está se tornando. Estou orgulhoso de você, Mia.

Então ele está sorrindo pra mim. Lindamente.

A vontade de suspirar é tão grande que mordo os lábios com força.

– Acho melhor ir – digo, sem saber lidar com Lukas mostrando-se interessado. Dizendo que está orgulhoso de mim.

– Sim, precisa trabalhar. Posso ir a sua casa hoje para conversarmos?

Penso em toda paquera de Christina.

– Não, melhor irmos a outro lugar.

– Tudo bem. Busco você às oito. – Sem mais delongas, ele desaparece porta afora.

Passo a tarde aérea. Repassando meu reencontro com Lukas na minha mente mil vezes seguidas.

Aconteceu mesmo? Ele está realmente em algum lugar de Londres e dentro de poucas horas estaremos conversando cara a cara outra vez?

É surreal demais para acreditar.

"Ele está aqui somente para garantir o fim do casamento" – uma voz sussurra dentro de mim e quase concordo com a cabeça, sabiamente.

Claro que sim. Para o que mais seria? Devia ficar satisfeita.

Poderei deixar claro meus termos, assinaremos os papéis e cada um seguirá seu caminho.

Consigo sair mais cedo, Christina ainda está presa na reunião, o que é bom para eu não ter que responder perguntas inconvenientes.

Corro para casa, tomo um banho, postando-me na frente do guarda-roupa pensando no que vestir. Se pelo menos Lukas tivesse dito aonde iríamos, seria mais fácil.

Coloco várias roupas, desisto de todas, até que opto por um jeans e camiseta simples. Simba fica arranhando minha perna quando volto pra sala e o mimo um pouquinho para me acalmar.

Christina finalmente aparece algum tempo depois e está eufórica.

– E aí, me conta tudo sobre aquele deus moreno perfeito! Por que não me disse que tem um amigo gato daqueles?

– Christina...

– Não, nem faz esta cara, tem que me dizer tudo! Primeiro ele é hetero? Diz que sim, por favor!

– Sim – eu reviro os olhos.

– E é solteiro?

– Não, é casado. – Bom, era verdade. Embora, ele fosse ser um divorciado em muito pouco tempo.

É melhor nem dar esperanças a Christina, afinal, Lukas tinha a loira Alexia Duran em sua vida.

Pensar em Alexia me deixa com dor no estômago e tento desviar minha linha de pensamento.

Porque, se Lukas sabe tudo da minha vida, em contrapartida, não sei nada sobre a dele. E,

por mais que tenha um lado meu que está curioso, sei que o melhor é continuar não sabendo.

– Não! Não pode ser! Sou muito azarada mesmo! – Christina resmunga então a campainha toca e ela se apressa a atender. – Será que o bonitão aceitou nosso convite? – Pergunta e abre a porta. – Oi, Lukas, estávamos justamente falando de você! Entre!

Fico sem fôlego ao vê-lo num terno preto. Nada, nada justo que ele fosse tão bonito.

– Que elegância! Vestiu-se assim para tomar drinks baratos comigo e a Mia? – Christina brinca.

– Não, Mia e eu vamos jantar.

O queixo de Christina cai.

– Não acho que estou vestida pra um jantar – rebato.

– Está cedo, dá tempo de se trocar.

Sem dizer nada, saio da sala e Christina não demora a ir atrás de mim.

– Que história é esta de sair pra jantar com o gato casado? Mia, tem algo esquisito...

– Não tem nada esquisito, Christina... – desconverso, pegando um vestido preto e o vestindo.

– Sei... De onde você o conhece?

– Eu o conheço desde os dezessete anos, ele era chefe do meu pai – meias verdades são seguras.

– Hum, seu pai que está em coma?

– Exatamente, quantos pais acha que tenho? – Eu havia contado que meu pai sofreu um acidente há cinco anos e estava em coma, sem maiores detalhes.

– E por que vai jantar com ele? – Christina pergunta, desconfiada.

– Temos... negócios a tratar.

Negócios e pronto.

– Ah, Mia, que história mal contada!

– Olha... – encontro meus sapatos e os calço. – Prometo que te conto tudo quando voltar pode ser?

– Tudo bem. – Ela acaba concordando e volto pra sala.

Lukas me mede com admiração fazendo um arrepio percorrer minha pele.

– Podemos ir? – Indago, pegando minha bolsa e casaco.

– Claro.

Lukas tem um motorista nos esperando defronte a uma Mercedes. Reviro os olhos.

– Não faça esta cara. Eu teria alugado um carro, porém dirigir em Londres não é fácil.

– Eu sei. Um táxi estaria de bom tamanho.

– Por que um táxi se podemos ter um carro a nossa disposição?

Ah, as regalias de ser um milionário. Tinha me esquecido como era.

– Aonde vamos? – Pergunto, quando o carro dá partida.

- Num dos meus restaurantes preferidos em Londres, o Dorchester.
- Vem muito para cá? – Me pergunto se de repente ele esteve na cidade neste último ano. Será que ele esteve aqui e nem quis falar comigo?
- Às vezes tenho negócios aqui.
- Negócios – repito, me lembrando da minha desculpa para Christina. O que não deixava de ser uma verdade. – Agora também são negócios, não é?

Ele não responde.

O carro para em frente ao restaurante, ele segura minha mão ao descermos e a mantém até chegarmos à mesa. Obviamente não significa nada.

Evidentemente meu pulso acelerou.

– Ainda bem que troquei de roupa, acho que eles não aceitam pessoas vestindo jeans – brinco mais para distrair a mim mesma do que qualquer outra coisa.

– Você está comigo, claro que entraria.

– Ah sim, as vantagens de ser um milionário...

– Eu sou amigo do chef, não tem nada a ver com ser milionário.

– Aposto que o fato de ser amigo do chef tem tudo a ver com ser milionário – retruco.

Antes que Lukas possa responder, o garçom se aproxima e fazemos nosso pedido.

Quando ele se afasta, decido manter o foco no motivo de estarmos ali.

– Quando vamos falar sobre o divórcio?

Lukas franze o cenho e me pergunto por que parece irritado.

– Preferia saborear uma boa refeição em paz primeiro, antes de tratarmos de negócios, como você disse.

Não discuto e bebo meu vinho, silenciosamente.

Ficamos num silêncio tenso até que nosso pedido chega, olho para meu prato que cheira maravilhosamente bem.

– O cheiro é bom – digo e Lukas concorda.

– Aposto que está tão bom quanto o cheiro, embora não tão bom quanto sua comida.

– Duvido que se lembre do gosto da minha comida – falo sem jeito.

– Ah, eu me lembro do gosto de muitas coisas, Mia.

E o jeito que ele fala, num tom tão suave que as palavras parecem acariciar minha pele, faz meu rosto esquentar. Bem como outras partes do meu corpo.

Remexo-me desconfortável na cadeira e começo a comer.

E sim, a comida está deliciosa.

– Muito bom – digo.

– Alain é o melhor, seu restaurante é considerado um dos melhores do mundo.

– Imagino que um dos mais caros também.

– As coisas boas podem e devem ser bem cobradas. – Lukas diz com seu tom de CEO que me dá vontade de revirar os olhos.

Ele começa a falar sobre a história do chef e como se conheceram quando se tornou um dos sócios de seu primeiro restaurante em Paris.

– Você é dono de um restaurante?

– Sócio. Entrei apenas com o dinheiro.

– Entendi...

Fico imaginando quantas coisas Lukas possui que nem faço ideia. Em breve não fará mais diferença, não é?

Nós terminamos de jantar, Lukas pergunta se quero sobremesa e recuso.

– Devia experimentar. Eu vou.

– Quero somente um café – digo ao garçom.

– Café? Não toma chá como os ingleses?

Eu sorrio.

– Gosto de chá também.

– Gosta de morar com sua amiga Christina?

– Ela é ótima. Nos damos muito bem.

– Não pensa em morar sozinha? Ter sua própria casa?

– Sim, um dia...

– Você tem o dinheiro do divórcio. Pode fazer isto hoje.

Fico tensa.

– Já disse que não quero o dinheiro.

– E eu que quero te dar.

– Não preciso do seu dinheiro, Lukas. Posso me sustentar.

– Sei que pode. Não quero dar dinheiro a você porque acredito que não seja capaz de se cuidar sozinha.

– Então por quê?

– Porque tenho muito dinheiro, e você, como minha esposa, merece uma parte dele. Acredite Mia, você teria direito a muito mais se quisesse.

– E a ilha? Por que pensa que eu ia querer aquela casa?

– Porque a comprei pra você.

– Eu não quero – insisto – nunca conseguiria voltar àquele lugar.

– Eu muito menos.

– Quer dizer que não voltou mais lá? – Pergunto baixinho.

– Não. Denise e Taylor a usam às vezes.

– Então dê pra elas.

– Não, a casa na ilha é sua. Tudo ali foi feito pra você. Não tem como ser de outro jeito.

Fico com vontade de chorar.

Por que ele faz isto comigo?

Sua sobremesa chega assim como meu café e nós paramos o assunto.

– Hum! – Lukas suspira com sua sobremesa, chamando minha atenção.

Ele parece muito, muito sexy comendo aquele doce.

Lambo meus lábios.

– Quer experimentar? – Sem aviso ele coloca o doce na colher e leva a minha boca.

Eu o degusto e realmente está muito bom. Me faz gemer também.

Quando olho pra Lukas, ele está com o olhar fixo na minha boca.

Paro imediatamente de respirar.

Quero que ele me beije. A constatação me toma de assalto, fazendo minha mente girar numa tontura doce e meu corpo tremer numa expectativa fremente.

– Lukas Constantini – um homem com sotaque francês aparece do lado da nossa mesa, quebrando o encanto.

– Alain, como vai? – Lukas responde se erguendo para cumprimentar o homem, com um abraço amigável.

– E quem seria esta adorável criatura?

– Minha esposa, Mia.

Não sei o que sentir quando Lukas diz isto. Devo corrigi-lo? Não está errado, não é?

Ainda sou sua esposa.

O chefe pega minha mão e a beija galantemente.

Então os dois trocam algumas palavras em francês e fico meio surpresa por Lukas falar francês, não deveria, afinal, Lukas costuma ser bom em tudo.

– Tenho que voltar à cozinha! – O homem me encara com um sorriso simpático. – Muito prazer, Mia. Deve trazê-la aqui mais vezes, Lukas – o homem diz antes de se afastar.

Não, ele não vai me levar ali nunca mais. Em breve serei a ex senhora Constantini.

Nós terminamos, saímos do restaurante e entramos no carro.

– Estamos num impasse – digo.

– Não há impasse.

– Não vou aceitar...

– Mia, você deve aceitar. O que fará com o que lhe dei, é problema seu. Caso se sinta melhor doe para caridade, para pesquisas, o que quiser, recusar está fora de discussão.

– Veio até aqui para se certificar? – Pergunto olhando para ele na semiescuridão do carro.

– Vim me despedir de você – sua voz é baixa, íntima e cheia de tantas coisas que nem quero começar a identificar, só sei que estão ali, na superfície.

Então, era... O fim.

E percebo que não quero mais discutir.

Com ou sem dinheiro, não faria diferença, o final será o mesmo.

Estamos quebrando o último laço existente entre nós.

– Onde está?

Lukas abre uma pasta de couro e tira os papéis, acendendo a luz do carro.

A iluminação repentina me cega por um momento e não a umidade dos meus olhos. Pisco algumas vezes e respiro fundo.

Minhas mãos estão ligeiramente trêmulas quando pego os papéis. Está tudo igual.

– Tem uma caneta? – Pergunto e ele me passa uma caneta dourada muito bonita.

Hesito. Então vejo a assinatura de Lukas. Ele já adiantou sua liberdade.

Mais um baque. Espero que seja o último da noite.

Quem me dera fosse o último daquela história.

Levo a caneta ao papel e assino.

De novo somos apenas duas assinaturas num papel.

Cinco anos depois. Fim de contrato.

Capítulo 13

Mia

Está feito.

Olho para nossas assinaturas. É como se houvesse um buraco no meu peito e por ele vazasse toda minha capacidade de sentir.

Sinto-me esvaziando lentamente.

Por um momento o silêncio paira entre nós. Como se todo o mundo tivesse silenciado de repente.

O mundo não acabou. Só nós acabamos.

Solto a caneta e o papel como se me queimassem e engulo o nó na garganta.

Devia estar aliviada. Quem sabe feliz.

Sinto somente um vazio.

Talvez um dia eu olhe para trás e veja que aquele foi o começo da minha nova vida.

Liberdade, enfim.

Nesse momento sentindo sua forma muito presente e aquele velho e indefectível ímã que faz todos os meus sentidos gravitarem a seu redor, só sinto vontade de gritar.

Cada célula do meu corpo, que passou cinco anos desejando-o, está em agonia. Se rebelando contra o fim.

Um fim que foi a única certeza que tive naquele casamento. Desde o momento em que nos unimos em contrato numa longínqua tarde em Seattle, até aquela noite em Londres.

Nada mais nos une.

Agora só tenho as lembranças. Posso escolher ficar com as boas ou as ruins. Só o tempo dirá o que de Lukas Constantini ficará em mim, afinal.

Sinto que o fim só será efetivo quando tirá-lo do meu campo de visão. Hesito, como um doente terminal que sabe que com a morte acabará a dor e virá o paraíso, mesmo assim se apegando à vida, se apegando à dor.

Não preciso de paraíso.

Preciso dele.

Por um momento louco, me vejo abrindo a boca e dizendo exatamente isto.

— Acabou — a voz de Lukas, sem entonação, chega até mim e tento desesperadamente entender o que se passa em sua mente através do seu tom, não consigo.

Provavelmente está aliviado. Quem sabe até feliz.

Ele conseguiu ficar cinco anos casado para cumprir a vontade de sua mãe, agora ninguém mais vai lhe tirar a tão almejada herança.

E eu estou ficando com o que, além de algumas poucas semanas de lembranças boas e cinco anos de sofrimento?

Preciso daquele fim.

Preciso começar a viver minha vida sem a presença de Lukas pairando sobre minha cabeça como um espírito obsessivo que se nega a ir embora.

Respiro fundo e forço um sorriso.

– Sim, finalmente, não é?

Ele não diz nada enquanto pega o papel e coloca na pasta.

– Preciso ir – falo só para ter o que dizer.

Acho que uma parte de mim esperava que ele pedisse para eu ficar, que começasse a pedir perdão por tudo que me fez passar ou algo assim.

Ele simplesmente assente fazendo um sinal para o motorista, que nem me lembrava que estava ali, descer e abrir a porta pra mim.

Sinto um começo de desespero totalmente ridículo naqueles segundos antes de a porta se abrir para eu sair.

Sair da sua vida de vez. Pra sempre.

– Boa noite, Mia – ele diz baixinho.

Não consigo olhar para seu rosto. Tenho medo de vê-lo aliviado, feliz.

Tenho medo de mim mesma, de não ter forças para sair e, em vez de fazê-lo me jogar em cima dele como fiz em Aspen.

O ar gelado da noite chega até mim quando o motorista abre a porta e salta. Não olho para trás quando caminho de cabeça erguida para minha nova vida.

Sem Lukas.

Lutando contra o pensamento triste que sussurra em minha alma vazia.

"Sem nada".

Eu dormi? Não lembro, acordo com a claridade do dia em meu rosto, me chamando para a vida.

Uma nova vida.

Fico imóvel por um momento avaliando meu estado de espírito.

Ontem senti que estava em alguma espécie de morte emocional, quando finalmente pude parar de me fingir de forte e me arrastei para meu quarto. Aliviada que Christina não estivesse à

vista, me atirei sobre minha cama, demorando alguns segundos para me livrar da roupa, me enfiando debaixo das cobertas lutando para respirar.

Apenas forçando o oxigênio para dentro dos meus pulmões. Sufocando o nó que queria romper minha garganta.

Não ia chorar. Não adiantaria nada.

Só precisava passar por aquela dor.

Então vieram as lembranças. Todas juntas, sem distinção. As boas e as ruins.

Comecei a me perguntar se poderia ter agido de maneira diferente. Se o desfecho poderia ter sido outro, por exemplo, se não tivesse ido com ele para o Havaí naquele verão.

Ou se não tivesse entrado naquele banheiro em Aspen e pedido que fizesse amor comigo.

Ou mais além, se nunca tivesse cabulado a aula para ir a seu escritório defender meu pai há cinco anos.

Não teria me casado. Não teria me apaixonado.

Também não teria rido com ele naquela noite do jantar de noivado no jardim da casa do lago quando contei que havia pintado meu cabelo de verde.

Não teria passado um de meus melhores natais, presa em Seattle com ele por causa da nevasca, me divertindo montando uma árvore.

Não teria sido beijada no ano novo sob os fogos de artifícios. Ou dançado sobre seus pés a beira do lago. Nem aprendido a esquiar.

Nunca teria transado com ele. Uma vez em Aspen. Todas as vezes perfeitas no Havaí.

No avião sobre as nuvens.

As memórias me sufocam.

Nunca mais. Nunca mais. Nunca mais.

Quero sim voltar no tempo. Voltar no tempo e fazer tudo diferente, não para afastá-lo e sim para prendê-lo a mim. Um laço tão indestrutível que não seria páreo para um mero contrato de papel.

E, em algum momento em meio a minha epifania, adormeci.

Agora faço um exame interior avaliando os estragos.

É, estou bem danificada. Dói onde o buraco foi feito ontem e me pergunto quando aquela ferida irá se fechar.

Porque todas as feridas fecham. Só precisam de tempo.

Então me levanto, tomo um banho demorado, penteio meus cabelos e me visto.

Hoje é sábado, preciso decidir o que fazer com minha nova e verdadeira liberdade.

Com isto em mente saio do quarto, escuto barulho vindo da cozinha e consigo até sorrir. Christina deve estar tentando fazer café da manhã, pelo palavrão que escuto, posso apostar que ela os queimou de novo.

– Ainda tentando dar uma de cozinheira? – Pergunto ao entrar na cozinha, ela revira os olhos tirando uma frigideira contendo algo torrado do fogo e jogando na pia.

– Que inferno, qual o segredo para se fazer ovos decentes?

Eu rio.

– Não os queime, pra começar.

Ela xinga novamente e reviro os olhos.

– Deixe que eu faço.

Ela sorri, dando de ombros.

– Ah, graças a Deus tenho você! Vou tomar um banho e depois podemos sair para você me contar como foi ontem à noite com o bonitão e seus "negócios".

Christina não vê o sorriso se desfazendo no meu rosto.

Preciso contar tudo a ela, já passou da hora.

Estou me perguntando como fazê-lo quando a campainha toca.

Quem será àquela hora? Caminho para a sala e, ao abrir a porta, meu coração para.

Lukas está olhando pra mim.

– Lukas? – Digo seu nome quase em choque. Meus olhos devoram sua imagem, como se ele fosse um holograma que poderia se desfazer a qualquer momento.

Ele está realmente ali. Vestindo jeans desbotado e um suéter preto, os cabelos sendo castigado pelos dedos ansiosos.

E sorri. Quase timidamente. Como se não soubesse se seu sorriso seria bem-vindo.

Ele é lindo.

Por um momento, deixo de ser a ex-esposa de mentira que está toda dilacerada e sou apenas uma garota deslumbrada com um cara bonito.

Um cara que foi meu mundo por cinco anos.

Mesmo longe. Mesmo me afastando. Me fazendo sofrer.

Como ontem.

Vê-lo na minha frente sorrindo é como se uma mão viesse até aquele buraco no meu peito e o tampasse, fazendo com que a ferida momentaneamente deixasse de sangrar.

– O que está fazendo aqui? – Consigo dizer por fim, recuperando a voz e voltando a respirar.

– Posso entrar?

O quê? Ele está de brincadeira?

Que merda aquilo significa?

Devia bater a porta na sua cara e mandá-lo de volta para os EUA sem direito à passagem de volta.

Inferno, a menos de vinte e quatro horas nós tínhamos assinado nosso divórcio. E eu tinha começado o doloroso processo de libertar minhas emoções que teimavam em ficar amarradas a ele, como uma maldita sadomasoquista, agora ele aparece na minha frente pedindo para entrar na minha casa.

Na minha vida.

De repente ele não está mais rindo e fica tenso.

Assim, como eu.

– Estou confusa – consigo dizer. – Ontem nós nos despedimos e agora... está aqui.

– É sobre ontem que quero falar.

– Falar o quê? Ontem você parecia bem feliz em ir embora – embora odeie minha voz magoada, não consigo evitar.

– Se acha que eu estava feliz, não me conhece nem um pouco, Mia. – Ele parece irritado? Está com raiva de mim?

– Continuo confusa. Achei que... sei lá, já deveria estar nos EUA. – Com sua família, ou seja lá o que te espera, penso com uma dorzinha no peito.

Pensar na vida que ele leva e desconheço, me deixa arrasada, jogo o pensamento para o fundo da mente. Uma tristeza de cada vez.

– Estou aqui.

– Por quê? – Insisto. – Não faz sentido.

– Eu até poderia dar um pouco de sentido, só acho que sua vizinha também vai querer saber – ele diz entre brincalhão e exasperado então vejo a Senhora Croft, uma viúva bisbilhoteira que mora no apartamento do lado, espiando pela fresta da porta.

– Ah, inferno, entra! – Resmungo vencida e faço sinal para ele entrar, fechando a porta na cara da velha enxerida.

– Mia, já preparou meus ovos? – Escuto a voz de Christina vindo do banheiro.

Lukas levanta a sobrancelha, curioso, o ignoro, indo para a cozinha.

– Vou preparar agora.

– Ouvi vozes? Quem está aí?

– Ninguém!

– Tá, vou secar meu cabelo.

– Demore o tempo que quiser – respondo, tirando os ovos da geladeira.

Christina bate a porta do quarto.

– Me desculpe, prometi fazer o café da manhã da minha amiga.

– Não posso culpá-la, seu café da manhã ainda é o melhor que já provei. – Ele diz com um sorriso.

Desvio o olhar.

Pelo amor de Deus, o que era aquela sensação no meu estômago? De onde saíram aquelas malditas borboletas?

Tenho que estar irritada com ele e não suspirando feito uma adolescente idiota.

– Acho melhor dizer logo o que veio fazer aqui – digo firmemente, começando a bater os ovos.

Por um momento, ele não diz nada, enquanto coloco os ovos na frigideira e mexo furiosamente, de costas para ele.

– Sinto que ontem não disse o que precisava ser dito – ele fala por fim.

Fecho os olhos por um momento, conjurando forças.

– O que precisa ser dito sobre o fim?

– Talvez eu não queira falar sobre o fim.

De que diabos ele está falando então?

Será que sente algum prazer em me torturar?

– Eu não sabia... – ele para como se estivesse buscando palavras. – Como... – ele suspira alto e solta um palavrão.

Desligo o fogo, mas não me mexo.

– Não sabia o quê? – Pergunto.

– Não sabia como encerrar nosso contrato e, ainda assim, pedir que saísse comigo hoje.

Eu me viro mais confusa do que nunca.

– O quê?

Ele parece atormentado.

– Acabou o nosso contrato, Mia. Como prometi, foram cinco anos. E fim. Está livre.

– Até aí eu entendi.

– Estar aqui, ver como é sua vida, a vida que construiu sozinha, é quase como se não tivesse estragado sua vida, afinal.

Por que ele está dizendo aquilo?

– Eu só queria... – ele passa de novo a mão pelos cabelos, parecendo indeciso. – Tenho mais um dia em Londres. Queria passá-lo com você.

Mordo os lábios com força.

De novo tenho vontade de estapeá-lo e mandá-lo embora.

O que fazer com aquela vozinha louca e suicida dentro de mim que grita: "Aceite, o que tem a perder? O que significa mais um dia para quem deu cinco anos?"

O problema está exatamente aí.

– Eu te dei cinco anos, Lukas, não foi suficiente? Ainda quer mais um dia?

– Não estou exigindo. Nem tem nenhuma obrigação de aceitar, como há cinco anos. Quero apenas o prazer de passar um dia com a mulher que aquela garota de moletom que entrou na minha sala cinco anos atrás, se tornou.

Perco o resto da minha capacidade de raciocinar e fico ali, sem palavras, apesar de saber o que deveria dizer.

Devia pedir educadamente, como a pessoa madura e sensata que me tornei, para ele ir embora e parar com aquela conversa fiada, porque não sou mais aquela adolescente boboca que suspirava quando ele me fazia algum elogio.

Não preciso mais dele para me fazer elogios. Para depois ir embora como sempre fazia, sem olhar pra trás.

Ah... é aí que reside todo o problema, não é?

Na minha total incapacidade de aceitar serenamente que Lukas não me pertence mais. Se é que um dia pertenceu e que pra ele é muito fácil me dar as costas e partir.

Porque ele tem outra vida que não me inclui.

Por outro lado, agora também tenho uma vida que não o inclui. Isto nos torna quites?

Só um dia.

Um último dia.

Talvez eu também precise. Talvez seja necessário para provar a mim mesma que se ainda não superei estou no caminho certo para a superação.

Enfrentar corajosamente os desafios sem fugir deles, faz parte do processo de amadurecimento. Acho que li isto em algum livro de autoajuda de Christina.

Obviamente a vontade de aceitar, não tinha nada a ver com aquelas borboletas inconvenientes que sobrevoavam meu estômago desde que ele apareceu na minha porta. Nada a ver.

– Mia? – Escuto a voz de Christina depois de desligar o secador. – Tudo bem? Está falando com quem? – Ela insiste.

– Christina, seus ovos estão prontos. Vou dar uma saída.

– O quê?

Pego meu casaco. Antes que mude de ideia.

Ignoro o rosto de Lukas se iluminando com um sorriso quando abro a porta, saio ainda ouvindo os chamados de Christina.

Com Lukas.

Estou definitivamente maluca, é o que penso quando sinto no rosto o vento matutino de Londres.

O pior é que, enquanto Lukas abre a porta do mesmo carro em que estivemos ontem à noite, penso que estou gostando bastante disto.

Definitivamente ainda há um tanto daquela garota inconsequente dentro de mim.

– Não, não vamos de carro – falo de repente.

Ele me encara confuso.

– Não?

– Vamos caminhar.

Ele bate a porta do carro, troca algumas palavras com o motorista e seguimos pela rua. Coloco minhas mãos no bolso.

– Para onde vamos?

Ele ri.

- Achei que soubesse, já que nos impediu de entrar no carro.
- E eu pensei que tivesse um plano, já que partiu de você o convite.
- Não tinha certeza se seria aceito.
- Não?
- Na verdade, estava contando com um por cento de chance.

Rio. Realmente ele passou perto.

- Deve ter pelo menos uma ideia – insisto.
- Quem mora em Londres é você. Vou deixar que escolha.
- Hum... já estive muitas vezes em Londres.
- Sempre vim a negócios. Nunca fiz programas de turista.
- OK acho que sei aonde iremos então.

Nós andamos mais alguns quarteirões até que chegamos à London Eye, a imensa roda gigante.

- Já estive aqui? – Pergunto, quando vamos comprar nosso ingresso.
- Nunca.
- Christina me trouxe assim que cheguei.

Nós compramos o ingresso, ou melhor, ele comprou, já que nem de bolsa saí e nos encaminhamos para a enorme fila.

- Nossa, tinha me esquecido como estas filas são chatas.

Lukas pega o celular e começa a mexer então diz: "espere aqui" e se afasta.

Me pergunto se ele já desistiu do dia de turista, alguns instantes depois ele retorna, segura minha mão e me puxa para outra fila bem menor, onde devem ter umas vinte pessoas que já estão entrando.

- Por que estamos furando fila?
- Porque temos um bilhete preferencial.

– Nem sabia que existiam, é tão esnobe! – Reviro os olhos, muito satisfeita por não ter que passar horas mofando naquela fila. A gôndola aqui é na verdade um bondinho. Tem um banco no meio, ninguém fica sentado, afinal, a atração é ficar olhando a cidade lá do alto, o que nós fazemos assim como os outros turistas. O Big Ben, a catedral de Saint Paul, o museu britânico, tudo de pertinho.

- É uma cidade incrível – Lukas diz.
- Mais incrível que Seattle? – Pergunto e ele sorri.
- Seattle também é incrível, claro. Mas foi aqui que você decidiu viver.

Desvio o olhar de novo para o vidro. Lá embaixo vejo o Tâmis contornando a cidade.

- Foi para onde o destino me levou.
- Pretende morar em Londres pra sempre?

Não sei o que responder.

Será que quero ficar aqui? Claro que sim. Para sempre?

Talvez para sempre seja muito tempo.

Alguém que viveu a vida que vivi até agora, tem medo de imaginar os “para sempre”.

O agora é muito mais seguro.

Como quero parecer inteiramente segura para Lukas, sorrio.

– Claro que sim. Minha vida aqui é ótima.

Ele não diz nada. Não consigo interpretar o seu silêncio.

Nós saímos da London Eye e andamos pela margem direita do Tâmbisa.

– Para onde estamos indo? – Lukas pergunta.

– Para área cultural da cidade.

Nós entramos no Tate, o museu de arte moderna britânica e me surpreendo por Lukas dizer que aprecia arte moderna.

– Por que está surpresa? – Ele indaga com ar divertido, em frente a um quadro de Picasso.

– Realmente não sei. Nunca pensei que fosse um grande apreciador de arte.

– Não digo que sou um grande apreciador. Minha mãe era. Ela gostava de todo tipo de arte, na verdade. Tínhamos muitos quadros famosos em casa.

– Jura? Nunca reparei.

– Porque não estão mais lá. Quando ficou doente, ela decidiu leiloar tudo.

– Sério?

– Sim e doou o dinheiro para instituições de caridade.

– É um gesto louvável. Não ficou chateado com ela?

– Estava muito ocupado sendo um idiota, bebendo e fodendo minha vida – ele sorri tristemente e o acompanho.

– Sei bem como é – murmuro, lembrando-me da minha própria época de foder a vida.

– Não sabe como me sinto aliviado por te ver bem – ele diz.

Achava que não ia querer falar daquela época com Lukas, de repente, me dou conta de que não me importo.

– Só queria amortecer todas as sensações.

– Sei como é.

– E também deve saber que não adianta nada.

– Tudo o que vivemos serve para alguma coisa. Até as coisas ruins que nos envergonham. Elas servem para nos lembrar do que realmente vale a pena.

– Tem razão – concordo e saímos do Tate.

– Estou com fome. – digo, lembrando-me de que não tomei café da manhã.

– Vamos comer então.

Nós seguimos pelo Tâmbisa, entramos num pequeno restaurante, onde tomamos um café da

manhã inglês, apesar de ser mais de meio dia.

Lukas me pergunta sobre meu trabalho e me sinto bem em falar sobre ele.

Quando saímos do restaurante seguindo a margem do rio apenas apreciando o vento, Lukas me pergunta sobre Christina.

– Ela é fantástica. Mora na cidade há alguns anos e realmente me ajudou muito.

– Tem muito amigos?

Dou de ombros.

– Tenho muitos colegas na faculdade, não sei se posso chamar alguém de amigo de verdade.

– Taylor me diz que não conversam mais.

Me sinto incomodada.

– E Denise diz que provavelmente não quer mais ser amiga delas.

– Não é isto, só... – respiro fundo, parando na amurada fitando as andorinhas sobrevoando o rio. – Queria ficar longe de todos os assuntos de Seattle – murmuro.

Espero que ele tenha entendido o significado de minhas palavras. Não quero dizer com todas as letras.

– Entendo – sua voz está sombria agora.

E até o sol desapareceu atrás das nuvens.

Estou lamentando o fim de nosso interlúdio despreocupado. Enquanto o dia passava, éramos quase dois estranhos caminhando amigavelmente por uma cidade bonita. Dois turistas sem passado nem futuro.

A quem queríamos enganar? Há muito passado.

E nenhum futuro.

– Mia, eu... – ele começa e o interrompo.

– Conheci alguém – digo sem pensar, sem intuito algum.

Ou com muito intuito.

É quase como um mecanismo de defesa.

Não olho pra Lukas, não quero ver sua expressão.

– Você está saindo com alguém? – Ele pergunta cautelosamente.

– Não. Ainda não – rio nervosamente. – Ainda não sei como fazer isto, depois de toda confusão que causei em New Haven.

– Não deve pensar assim. – Eu o encaro. – Você conquistou tanta coisa. Não pense que não é capaz de... – ele não continua.

– Me apaixonar de novo?

– Inferno, não sou a pessoa mais indicada para te dar conselhos amorosos.

– Não, não é.

Um silêncio estranho recai sobre nós.

– Este cara... – Lukas parece estar engasgado, mas continua. – É um cara legal?

– É coordenador na universidade. Seu nome é Henry e sim, ele é um cara legal.

De novo, ele não diz nada.

Quase me sinto desapontada, o que é ridículo.

Lembro-me de quando me viu beijando Joe, das coisas que me disse, cheio de ciúmes.

Ele não tem mais ciúmes de mim?

– Por que nunca me ligou? – Pergunto baixinho. Nem sei por que estou perguntando.

De repente é importante pra mim.

Talvez fosse parte do processo de deixá-lo ir.

Não deixar perguntas não respondidas.

– Pensei que quisesse ficar longe de todos os assuntos de Seattle – ele usa minhas palavras.

Claro, ele tem razão.

Como seria se ele tivesse me ligado? Não tenho ideia.

Nunca vou saber. E nem importa mais.

Estamos na sobrevida daquele estranho relacionamento.

Então decido que não quero mais ficar pensando no passado, nas coisas que deveriam ter sido e não foram. Quero apenas aproveitar sua companhia por mais algumas horas.

– Vamos continuar – peço e seguimos em frente até o Globe Theatre.

– Que lugar é este? – Lukas pergunta.

– É uma reconstrução fiel do teatro usado por Shakespeare na sua época. Era aqui que ele estreava suas obras.

– Parece interessante.

– Vamos escolher uma peça.

Lukas me deixa escolher e opto por Hamlet. O teatro é incrível, todo rústico com uma atmosfera mágica. A peça dura quase três horas, Lukas não reclama.

– Não me diga que também é fã de Shakespeare – pergunto, quando a peça termina e ele sorri.

Lindamente. As borboletas dançam animadamente na minha barriga.

– Vamos sair.

À noite está caindo, dando lugar ao crepúsculo.

Estou começando a ficar triste porque nosso dia está terminando.

– Mia, sei que falei que seria um dia. Sei que não tenho direito de pedir mais.

Eu paro de respirar.

Oh Deus, o que ele ia dizer? O quê?

– Podemos nos ver amanhã? Quero... te mostrar algo amanhã.

– Amanhã? – Engulo o nó na minha garganta.

Ele estava falando de mais um dia?

E depois o quê?

E por que eu estava com aquela imensa vontade de chorar?

Deveria saber que aquela ideia de último dia não ia prestar.

– Não posso – digo firmemente, apesar de estar tremendo por dentro – tenho um compromisso amanhã.

– Com seu amigo?

Demora um tempo para eu entender que, por amigo, ele quer dizer Henry.

Poderia dizer que sim, mas recuo.

– Não.

Ele parece ponderar por um momento, então um carro para no meio-fio, reconheço a Mercedes e seu motorista.

Ele abre a porta pra mim.

Acabou?

Eu entro no carro e ele senta do meu lado.

Percorremos em silêncio as ruas de Londres e sinto meu coração pesando cada vez mais. Aquela ferida que esteve parcialmente fechada durante o dia, começando a se abrir de novo.

Cogito seriamente deixar de ser orgulhosa e aceitar o convite para o dia seguinte.

O motorista liga o som do carro e reconheço a música.

Sou automaticamente transportada para aquela manhã preguiçosa no Havaí, quando esta música tocou no rádio e ele cantou pra mim, me comendo com os olhos. Depois com a boca, depois...

A música acaba e o radialista anuncia que a banda está fazendo um show aquela noite em Londres.

–Vamos? – Pergunto de repente olhando pra ele.

Lukas franze a testa.

– Vamos?

– Ao show! Eles são fantásticos, nunca os vi ao vivo. Você já?

Ele sorri.

Algo quente se enrosca na minha barriga.

Sinto calor.

– Sim, já e eles são realmente fantásticos.

O carro para em frente a meu prédio.

– E então? – Insisto.

Lukas levanta a mão e toca meu rosto corado.

– Está vermelha.

– Está calor – murmuro.

E está ficando cada vez mais quente.

Há algo errado, alguma coisa que não deveria estar acontecendo, não consigo me importar o suficiente para descobrir o que é.

Quero ir naquele show com Lukas. Ouvir aquelas músicas.

O motorista abre a porta deixando o vento frio entrar.

Eu continuo quente.

– Pego você as dez – Lukas diz e sorrio.

Ele sorri de volta.

Sinto uma vontade incrível de beijá-lo.

Não me atrevo, claro.

Este tipo de contato não é mais permitido entre nós. Mesmo assim, não estou aborrecida quando subo as escadas e entro no meu apartamento muito animada.

Escuto miados e algo roçando na minha perna, pego Simba, passando seus pelos macios em meu rosto.

– Está com fome? Onde está Christina?

Pego um pacote de comida de gato coloco em seu potinho e o deixo no chão, então vejo um bilhete de Christina sobre a mesa.

"Onde se meteu? Eu liguei, você deixou o celular em casa. Fui ao cinema com o cara que conheci ontem depois te conto tudo. Por favor me ligue quando chegar em casa, estou preocupada. Beijos"

Pego meu celular realmente tem várias ligações dela, opto por mandar um SMS dizendo que estou viva e avisando que vou ao show hoje à noite.

Entro no chuveiro e tomo um banho rápido depois coloco um jeans e uma miniblusa.

Me olho no espelho me sentindo muito sexy. Qual o problema? É um show de rock. Aposto que todas as garotas estarão vestidas desse jeito.

Não tem nada a ver com aquele calor que senti no carro, com Lukas tocando meu rosto. Com a vontade de beijá-lo...

Levo meus dedos aos lábios, me recordando da sensação de beijá-lo. Era única. Inesquecível. Poderia beijar centenas de bocas e havia tentado chegar a isto no meu louco ano em New Haven, mas nada se comparava a ele.

Nada.

Ainda não são dez horas quando desço ansiosa. Parada na calçada, o vento frio da noite acalmando meu ânimo quente, sinto um pouco de apreensão.

Sei que estou ultrapassando os limites que me impus. Sei dos perigos de aceitar passar mais umas horas roubadas com Lukas.

Ele vai voltar para Seattle amanhã.

Nós não temos mais nada, nem um contrato, nem um casamento.

Talvez seja exatamente por isto que o que estou fazendo seja mais certo do que nunca?

Nós não somos mais nada um pro outro. Posso ser simplesmente a garota que aceitou um convite para ir a um show com um cara qualquer.

Um cara sexy como o diabo e que quero muito beijar.

A Mercedes para no meio-fio e entro no banco traseiro. Os pensamentos coerentes e o senso de autopreservação vão embora assim que o cheiro delicioso de Lukas invade minhas narinas.

– Oi.

– Oi – ele responde baixinho. Está muito próximo e sinto seu hálito no meu rosto.

Eu devia me afastar. Não o faço.

Não quero mais pensar naquilo que não pode ser feito. Nem antes, nem depois. Quero viver o agora.

Nós chegamos ao pub onde vai ser o show e está bem cheio na frente, todos querendo entrar, nós saltamos e Lukas me leva direto para a entrada.

Ele fala algo no ouvido do homem e, obviamente, ele nos deixa entrar.

– Acho que posso apreciar esta coisa de não pegar filas – comento quando seguimos pelo corredor escuro até estarmos no salão cheio de gente e Lukas ri. Seus dedos apertam os meus.

Tinha me esquecido como é bom andar de mãos dadas com ele.

Para qualquer um ali, somos um casal normal de jovens curtindo um show de rock.

Não me importo se é ou não verdade.

Ele nos compra bebidas e nos aproximamos do palco quando as luzes se apagam.

Sinto uma excitação viva no ar quando todos gritam. Sinto a presença de Lukas atrás de mim, quase me roçando. Meu corpo está vibrando.

E os acordes conhecidos começam.

Acompanho a música como todos e me viro vez ou outra para Lukas, rindo. Ele parece totalmente absorto em mim e não na banda. Não me importo. Adoro sentir seu corpo roçando o meu, sua mão que ora está no meu ombro, ora na minha cintura, meus quadris.

O lugar está quente, estou pegando fogo.

Querendo explodir.

Então, a música que ele me mostrou na sua casa, naquele dia perdido no tempo, começa a tocar. A mesma que dancei naquela boate sem saber que ele me olhava, antes de tudo virar um pesadelo. A música do Havaí.

A lembrança desanuvia um pouco minha mente do calor do momento. Algo que estava errado e o porquê que eu não deveria estar ali começa a se infiltrar na minha mente, então Lukas começa a sussurrar a letra da música no meu ouvido. E deixo de pensar.

“... Suas bochechas estão coradas? Você já teve a sensação de que não pode mudar a maré. Que gruda como se tivesse algo em seus dentes?

...Você não tem ideia de que é minha obsessão?”

Fecho os olhos, flutuando nos arrepios que sua voz rouca causa dentro de mim.

“Eu quero saber! Se esse sentimento é recíproco... Triste ver você partir.”

Levanto a mão e toco seu rosto cantando como resposta.

“Meio que esperava que você ficasse...”

Ele aperta a mão na minha cintura por baixo da blusa, direto na minha pele.

Nós dois cantamos juntos.

“Amor, nós dois sabemos que as noites foram feitas especialmente para dizer coisas. Que não se pode dizer no dia seguinte...”

Ele me vira e me prensa contra ele, os lábios a centímetros dos meus enquanto continua. “Estou me arrastando de volta para você... ...Amor, estou muito ocupado sendo seu para me apaixonar por outra pessoa.”

Infilto meus dedos em seus cabelos molhados de suor, nossos quadris se roçando.

“Fico pensando se seu coração ainda está aberto. E se estiver, quero saber que horas fecha. Acalme-se e prepare seus lábios. Desculpe interromper. É que estou constantemente quase tentando beijá-la”.

Gemo e abro os olhos, para vê-lo sussurrar.

“Não sei se você sente o mesmo que eu. Poderíamos ficar juntos. Se você quisesse” Fecho os olhos, ele mergulha sua língua na minha e estamos nos beijando no refrão seguinte.

É paraíso. Puro e simples. Nada mais.

Apenas Lukas, suas mãos percorrendo minhas costas, me apertando enquanto geme baixinho dentro dos meus lábios que o devoram em resposta. Meus dedos puxando seus cabelos, enquanto roço meus quadris contra ele e derreto quando sinto sua ereção me buscando.

Isto. Sim. Agora.

Minha mente explode em pensamentos desconexos todos me levando a uma só conclusão.

Eu preciso. Preciso dele. Agora.

Ele continua me beijando. Uma vez. Várias vezes. Muitas vezes. Seus dentes mordiscam meus lábios, sua língua chupa a minha, seus gemidos fazem eco aos meus.

Estamos flutuando... Não, ele está me levando, muito devagar, quase imperceptivelmente até que sinto a parede atrás de mim e seu corpo prensando o meu.

Meu.

Lukas está me devorando contra a parede de um pub londrino, enquanto Arct Monkeys gritam seus refrãos sexies em algum lugar.

Eu poderia morrer nesse momento.

Não morro, muito pelo contrário. Pela primeira vez em muito tempo, estou viva.

Cada célula do meu corpo está despertando, se espreguiçando e vindo pra festa. Minha pele pega fogo onde ele toca. E ele me toca muito.

Em todos os lugares disponíveis, cobertos ou não por roupas que, neste momento, julgo extremamente desnecessárias.

E o toco também. Seu rosto bonito. Aperto minhas unhas em seus ombros fortes deixo meus lábios percorrerem seu pescoço, úmido e quente, e o mordo ali, marcando-o.

Ele geme roucamente em resposta. E é sua vez de percorrer os lábios por meu rosto em fogo, morder minha orelha, sussurrar em meu ouvido as músicas que continuam rolando em algum lugar.

"Você é minha?" diz a letra agora.

E só consigo gemer um "sim" arfante, enquanto me aperto contra ele, tentando aplacar a dor do pulsar ansioso entre minhas coxas, quando uma mão se infiltra dentro da minha miniblusa e encontra meu mamilo.

Arquejo num desejo líquido que retorce meu ventre e, como se viesse de muito longe, escuto sua risada em meu ouvido, sua outra mão está em meu quadril e uma coxa sua entre minhas pernas, porque, mil vezes inferno, ele sabe que eu gosto disto. Assim. Deste jeito. De novo.

Deixo as sensações me tomarem, ao som da música, seu toque por todos os lados, sua voz em meu ouvido, aquela fricção doce e torturante de sua perna... Seus lábios engolem meus gemidos quando a pressão explode em meu ventre. Ele me aperta mais, me beija mais. Até que volto a terra com um último suspiro.

Abro os olhos enevoados e estou ofegando quando ele sorri pra mim.

– Deus, tinha me esquecido de como adoro ver você gozar.

Mordo os lábios com força. Busco algum constrangimento em meu íntimo, não encontro.

Encontro apenas o anseio de tê-lo dentro de mim.

– Me leve embora – peço no seu ouvido. – Quero sentir você gozar dentro de mim.

Estamos no carro percorrendo as ruas de Londres. Olho em volta, ainda meio tonta e febril.

– Não podemos ir para meu apartamento – digo. – Christina está lá me esperando...

Sua mão aperta minha coxa. Posso sentir sua ansiedade fluindo em mim, através do seu toque.

Ele diz algo que não entendo ao motorista e o itinerário muda.

Deito minha cabeça em seu ombro, minhas mãos em seu peito. Sua mão continua na minha perna possessivamente.

Fecho os olhos, quando volto a abri-los estamos numa garagem subterrânea e Lukas me puxa para fora.

– Eu dormi? – Pergunto e ele ri baixinho.

– Boa parte do caminho.

Sorrio me deixando guiar até um elevador. Que hotel é este?

Quero perguntar, mas no fundo não interessa. As mãos de Lukas estão deslizando devagar por minhas costas e começo a despertar do meu sono.

Chegamos a um hall elegante e ele pega um cartão para abrir uma porta de carvalho e entramos numa sala parcialmente escura, Lukas não acende a luz, apenas me guia por um corredor até um quarto também na semiescuridão. A porta se fecha atrás de nós e ele me prensa contra ela, me beijando vorazmente.

Gemo, meus sentidos sendo tomados de assalto por seu ataque, me deixo guiar por sua pressa que faz minha blusa sumir assim como meu sutiã.

– Você é tão linda – ele para por um o momento, as mãos em concha sobre meus seios.

Não quero parar.

E, com seus olhos ainda presos nos meus, levo as mãos ao meu jeans e começo a desabotoá-lo. Gemendo baixinho, Lukas me beija de novo os beijos seguem por meu pescoço, meu colo, até seus lábios alcançarem um mamilo, tomando-o entre os dentes, língua e por fim num chupão completo. Depois o outro e, mais uma vez... sinto o desejo se acumulando em minha pele como brasa quente.

Ele desliza os lábios por meu ventre, se ajoelha e tira meu jeans, engancha os dedos na minha calcinha deslizando-a por meus quadris e em seguida enterra o rosto entre minhas pernas me aspirando.

– Ah, por favor... – deliro e ele se ergue, o ajuda a tirar a própria roupa rapidamente. Tento tocar seu peito, quanta saudade senti de tê-lo sob minhas mãos, meus dedos formigam de vontade, ele segura meus braços acima do minha cabeça, contra a porta, quando finalmente fica nu. – Quero tocar você – reclamo, ele beija meu queixo, mordisca meu pescoço e esfrega seu corpo excitado no meu.

– Depois... preciso estar dentro de você... me lembrar de como é ter você... – e com uma estocada forte está dentro de mim. Grito e ele me beija, solta meus braços, me ergue pelos quadris, me batendo contra a porta enquanto me penetra com força. Ele vai gozar rápido sei que vai, posso sentir, mas não me importo. Eu o abraço pelo pescoço e movo com ele, me aperto a sua volta, o faço gemer alto quando explode num orgasmo intenso, se enterrando uma última vez.

Ainda estamos ofegantes, quando me deita sobre a cama sem me soltar. Continua a me beijar, afastando o cabelo do meu rosto para olhar pra mim.

– Tudo bem?

– Sim... – me enrosco nele e o beijo de volta.

Senti tanta falta disto. De beijá-lo. Sem pressa.

De sentir suas mãos suaves em minha pele, numa leve carícia, sua cabeça se enterrando em meu pescoço, seu nariz esfregando em meu ombro.

Era como tocar o céu.

Sorrio no escuro. Minhas próprias mãos acariciando finalmente seu peito forte, deslizando por seus cabelos deliciosos, beijando seus lábios perfeitos.

Então o desejo renasce. Quente. Forte. Voraz.

As carícias leves são substituídas por apertos afoitos. Os beijos delicados por dentes que mordiscam deixando marcas.

Deslizo meus dedos até sua ereção e tomo posse.

Ele rosna e eu gemo alto, derretendo rápido, quando segura meus braços acima da cabeça e me beija com força, usando os joelhos para abrir minhas pernas. Amo quando ele fica assim, cheio de superlativos, em cima de mim cheio de grunhidos e gemidos, a mão no meio das minhas pernas, apertando, os lábios chupando os meus, enquanto entra em mim, sem preliminares.

E seus olhos se prendem nos meus, quando ergo os quadris da cama para encontrar os seus, num ritmo perfeito. Nossos corpos se reconhecem, se reconectam. Se pertencem.

Esta constatação me enche de uma emoção que ameaça explodir no meu peito, fecho os olhos, perdida em sua intensidade.

– Abra os olhos, Mia – ele pede e obedeço.

Ele me beija. Devagar. Com carinho.

Tenho vontade de chorar.

– Eu sonho ter você assim há tanto tempo que quase acredito que estou sonhando. – Sua voz cheia de vulnerabilidade me desarma e solto meus braços dos seus e o abraço forte, enquanto nossos corpos se movem mais rápido, então o clímax nos devora e gememos juntos, impregnados de prazer.

Não o solto mais. Não posso. Não hoje.

E adormecemos assim.

Quando acordo estou sozinha. Por um momento, não me lembro onde estou ao olhar em volta do quarto estranho. Está chovendo lá fora, ouço, através da janela semiaberta.

Há cobertas em cima de mim. Cobertas com o cheiro de Lukas. Fecho os olhos e gemo desalentada, minha mente processando tudo que aconteceu na noite anterior.

O Pub. A Música. O sexo.

Era pra ser um simples e inofensivo último dia em Londres.

E agora?

Ontem foi fácil me deixar levar pelo calor do momento. Simplesmente deixar meus mais íntimos e antigos desejos tomarem conta de mim.

Não adiantava negar, eu sentia falta de acordar na sua cama sentindo o seu cheiro por todos os lados tanto quanto sentia falta de tê-lo dentro de mim. Ou de simplesmente vê-lo sorrir. Ou falar. Ou respirar.

Oh Deus, estou tão enrascada quanto há cinco anos.

Agora não sou mais uma garota boba que não sabe o que fazer com um desejo proibido. Sou adulta.

E posso encarar tudo como adulta. Onde diabos Lukas se meteu?

Respirando fundo, jogo as cobertas para o lado e me levanto. Procuro minhas roupas e não encontro. Há uma camisa jogada numa poltrona. Eu a coloco sentindo o cheiro de Lukas nela.

Abro a porta e saio pelo corredor. É mais comprido do que imaginei. Ontem pensei que estivéssemos num hotel, agora mais parecia um apartamento. Lukas tinha um apartamento em Londres?

Entro numa sala bonita e iluminada. Paro sem saber o que fazer. Não tem ninguém ali.

Então penso ouvir um barulho.

– Lukas? – Chamo, ninguém responde.

Em vez disto escuto de novo. Passos?

Viro-me rapidamente, pensando ter visto uma sombra no chão e claramente vejo a cortina se mexendo.

Mas o quê...?

Caminho naquela direção então estaco em choque.

No fim da cortina creme vejo claramente dois pés infantis. E uma risadinha de bebê.

Sinto que vou desmaiar.

Capítulo 14

Mia

Antes que consiga ter qualquer reação, a cortina se abre e meus olhos incrédulos avistam uma criança loira que solta um gritinho e sai correndo corredor afora.

Então estou sozinha de novo lutando para voltar a respirar.

Meu cérebro se nega a aceitar o que meus olhos viram.

Aquela criança atrás da cortina só pode ser uma criança específica.

Meu estômago embrulha de horror.

Isto, definitivamente, não está acontecendo, não é possível, não faz o menor sentido.

Por um momento louco, penso em sair correndo do jeito que estou, vestida apenas com a camisa de Lukas e esquecer o que vi. Fingir que nada aconteceu. Continuar com minha vida tranquila em Londres. Sem Lukas.

Sem aquela montanha-russa de emoções desenfreadas que estou vivendo desde que ele apareceu na minha vida de novo.

Estou chocada. Assustada.

E começando a sentir raiva.

Como posso ter ignorado a vida que Lukas tinha em Seattle?

Como posso continuar ignorando agora que ela estava bem ali na minha frente, em forma de risinhos infantis que ainda ouço vindo de algum lugar?

De repente escuto passos se aproximando e Mary se materializa na minha frente.

O segundo choque do dia. Até Mary estava em Londres?

– Mary?

– Mia, bom dia – a senhora sorri.

– Por que estou surpresa ao vê-la e você não parece nem um pouco surpresa em me ver? – Pergunto cada vez mais confusa.

– Lukas me disse que estava aqui, querida... – de repente escuto barulho de algo caindo. – Ai, este menino! – Mary exclama. – Espere um instante, por favor, preciso ver o que Dylan está aprontando...

Ela desaparece pelo corredor e não sei o que fazer.

É como entrar num episódio de além da imaginação onde nada faz sentido. Escuto a risada da criança, Mary falando algo pacientemente e então ela retorna à sala, toda sorridente.

Graças a Deus está sozinha.

– Me desculpe, às vezes acho que estou muito velha para cuidar de criança!

– Onde está Lukas? – Faço primeiro a pergunta mais importante, porque se encontrasse Lukas, teria todas as minhas respostas.

– Ele saiu. Eu precisava de algumas coisas do mercado e não conheço nada desta cidade maluca. Lukas me disse que podia usar o motorista e tudo mais, juro que tentei há alguns dias foi terrível, terrível...

– Dias? Vocês estão aqui há quanto tempo?

– Nós chegamos faz uma semana.

– Eu não sabia... Não fazia ideia, vi Lukas apenas ontem...

– Bom, deve estar se perguntando cadê suas roupas... – Mary desconversa. – Lukas as colocou na máquina de lavar. Ele disse que ia precisar delas limpas quando acordasse.

Eu lembro que estou vestindo apenas uma camisa de Lukas e fico vermelha de vergonha. O que Mary deve estar pensando? O óbvio, claro. Que dormi com Lukas.

– Estou tão envergonhada – digo e Mary sorri.

– Por que, minha querida? Posso ser velha, mas sei como é o mundo. Não tem por que ficar envergonhada. Além do mais, estou feliz de ter a oportunidade de revê-la. Pensei que iríamos embora sem ter a chance de nos encontrarmos.

– Então deve saber que eu e Lukas assinamos o divórcio, não é?

– Sim, eu sei.

– E não acha esquisito que eu esteja aqui?

– Querida, não é da minha conta. Por que não toma um banho enquanto vou verificar se suas roupas estão secas e as levo até o quarto? Lukas deve estar voltando e farei o café da manhã.

Volto para o banheiro ainda me sentindo tonta.

Por que Lukas estava ali há uma semana e só o vi ontem? Por que ele tem um apartamento na cidade? Por que, inferno, ele trouxe seu filho?

O filho de Alexia?

De repente algo terrível passa pela minha cabeça. Será que ela também está na cidade?

Sinto vontade de vomitar quando uma variedade de cenários horrendos passa pela minha mente, me obrigo a respirar e pensar racionalmente.

Não sei que tipo de relação Lukas tem com Alexia, certamente ela não deve estar em Londres. Ele não me traria para a casa dele, ou seja lá o que significa este apartamento, se ela estivesse lá.

Porém, o bebê estava.

Meu estômago revira. Por que Lukas não me disse?

Ele me falou que queria me encontrar hoje para mostrar algo.

Será que era isto? Será que ia me contar que seu filho estava com ele? Por quê? Que diferença faria para nós se estamos nos divorciando?

Saio do chuveiro e fico aliviada ao ver as minhas roupas limpas. Estou acabando de me

vestir, quando escuto a voz de Lukas na sala e me apresso a ir até lá.

A cena que vejo não chega a ser um choque como foi a outra, embora não deixe de ser desconcertante. Lukas está andando pela sala enquanto mexe na cortina e uma risadinha infantil estremece o tecido.

– Onde você está? Eu vou te encontrar... – Lukas diz rindo, até que abre a cortina e o menino grita quando Lukas o pega no colo jogando-o para cima, depois faz cócegas em sua barriga, enquanto a criança solta gargalhadas e gritinhos até que é colocada no chão.

Então ele me vê e fica subitamente sério.

O garotinho também me encara curioso, agarrado à perna de Lukas.

– Mia.

– Por que não me disse? – Pergunto cheia de acusação.

Ele deveria ter me dito. Não foi justo eu acordar depois de passarmos a noite juntos e ser confrontada por sua outra vida. Sua vida sem mim.

Aquela vida para a qual iria voltar em breve. Afinal, a única coisa que veio fazer em Londres foi se livrar de mim.

Ele me encara desconcertado, passando os dedos pelos cabelos, enquanto a criança puxa sua camiseta, claramente querendo sua atenção.

– Papai, me pega, me pega...

– Dylan, acabou a hora de brincadeira – Lukas solta as mãozinhas de sua camiseta. – Mary! – Ele grita e Mary aparece logo em seguida. – Leve Dylan para tomar seu café da manhã.

Mary se apressa pegando o garotinho no colo e, ignorando seus resmungos, o leva para onde imagino seja a cozinha.

Eu e Lukas ficamos nos encarando num silêncio cheio de tensão.

– Me desculpe. Não era para você descobrir assim...

– Então era para eu descobrir? – Tento desesperadamente entender. – Por que não me disse que estava aqui há uma semana, para começar? E este apartamento? O que significa? E por que eu não fazia ideia que seu filho e Mary estavam aqui também?

Ele passa a mão pelos cabelos nervosamente.

– Realmente estamos em Londres faz uma semana. Como trouxe Dylan Mary veio para ajudar, como deve ter percebido.

Bom, ele não tinha respondido realmente por que a criança estava ali.

– E este apartamento?

– Eu sempre tive um apartamento em Londres – diz simplesmente e me pergunto por que não me contou antes, se bem que eu realmente não podia reclamar, já que havia deixado claro que não queria nada dele quando Megan me ligou.

– Por que só há dois dias fiquei sabendo que está aqui? – Insisto.

– Porque eu tinha sérias dúvidas se seria certo nos vermos novamente. Vim para tratarmos do divórcio, porém quando cheguei, comecei a duvidar que fosse a atitude correta, ver você de

novo. Talvez eu devesse ter mandado apenas um advogado.

– Você deixou os papéis do divórcio na minha casa – entendo finalmente.

– Sim, eu deixei.

– E decidiu que não ia falar comigo – é uma afirmação e a resposta está óbvia em seu olhar, embora não devesse, me machuca.

– Pensei que, no fim, seria o certo a fazer. Então você ligou para Wilson e... decidi que estaria errando se deixasse de explicar os termos do término do contrato.

Explicar o maldito término do contrato.

Então o que ele esteve fazendo comigo nestes dois dias? Me levando pra jantar? Me pedindo para passar o dia com ele e finalmente me fodendo ontem à noite?

Engulo o caroço na minha garganta.

Quando penso que não há nada mais que Lukas possa fazer para me magoar, descubro que estou errada.

– Ontem foi uma despedida? – Pergunto. Preciso ouvir de sua boca.

Sua resposta só me confunde mais.

– Não sei mais, Mia.

– Você planejou me levar pra cama? – Não consigo parar de expor minha mágoa. – Queria um pouco de sexo para depois voltar pra Seattle e...

– Não planejei nada! Nem deveria ter acontecido! – Ele me corta, elevando a voz.

– Não? – Sussurro sentindo um soco na boca do estômago, que dói.

– Não foi o que quis dizer. Só que foi mais um ato impensado, sempre deixo de pensar quando você está por perto – diz, quase ironicamente.

Estou começando a quebrar. Sinto que estou desmoronando sob o peso de todas aquelas emoções.

– Lukas, você está me quebrando – murmuro. – Não estou entendendo nada! Você veio até aqui para garantir que eu assinasse o divórcio depois meio que desisti no meio do caminho! Do nada, decide ir me ver então, quando assino a porcaria de papel me pede para passar o dia com você, dizendo que era uma despedida, um último dia. Depois me pede mais um dia e não explica o motivo!

– Você disse não! – Sua voz contém uma mágoa que me desconcerta, eu continuo.

– Se você tem problema para pensar racionalmente comigo, posso dizer que não é o único, porque, mais uma vez, deixei os pensamentos coerentes voarem pela janela quando pedi para me levar àquele show e depois deixando que me levasse pra cama. E, como se não bastasse toda esta confusão, acordo e dou de cara com o filho da Alexia! – As palavras saem atropeladas e quase engasgo ao proferir o nome dela. A mãe daquele bebê loiro que está ali em algum lugar. O garotinho com quem Lukas estava brincando mais cedo demonstrando todo seu amor incondicional.

Sinto meu peito se apertando um pouco mais. Tentei fugir daquele fato. Voltei para New Haven e comecei um processo de autodestruição sem limites. Vim para Londres para tentar esquecer. Porque, a verdade era que não conseguia lidar com o fato de Lukas ter me deixado

por causa de Alexia e seu filho.

Quase dois anos haviam se passado e ainda sentia a dor da rejeição.

– Pensei que estava vindo pra cá pra acabar de vez com este contrato! – Lukas reage por fim e sua voz está tão emocionada quanto a minha. – Para te libertar. Para me libertar. Achei que talvez fosse o suficiente para deixar de querer você, de lamentar ter perdido você. No entanto, vê-la de novo... Só me fez querê-la mais. Então pedi pra ficar com você e, a cada momento, eu pensava: Não quero que seja o último dia. Não quero que acabe. E lutava comigo mesmo para conseguir deixá-la ir. Vendo como estava bem aqui sem mim...

– Você também está muito bem sem mim! – Acuso.

– O que você sabe sobre isto, Mia? Você não sabe nada!

Dou de ombros, lutando desesperadamente contra as lágrimas e Lukas continua.

– Então de repente entendi. Porque estava aqui quando deveria ter somente mandado o contrato, porque tinha trazido Dylan que é a parte mais importante da minha vida, quando nem havia necessidade realmente. – Ele caminha até mim, se postando na minha frente, seu olhar atormentado. – Compreendi que queria saber se haveria uma chance para nós depois de tudo. Começamos tão errado, pelos motivos errados. Porém, tanta coisa mudou nestes cinco anos... Percebi que queria aquela mulher na minha frente. Queria apresentar meu filho a ela.

Mal consigo respirar, enquanto suas palavras contundentes dançam a nossa volta, tentando entrar na minha mente. Não quero deixá-las entrar. Não quero aceitar, ainda há um fator muito importante que não foi apresentado.

– E onde Alexia se encaixaria em tudo isto? – Pergunto num fio de voz.

Lukas desvia os olhos e eu espero.

Quando volta a me fitar, há uma sombra em seu olhar.

Antes que ele consiga começar a falar, Mary entra na sala.

– Lukas, desculpe interrompê-los – ela segura um telefone e, de repente, me pergunto se escutou toda a nossa discussão. – Precisa atender esta ligação, é de Seattle.

Lukas pega o telefone, ainda olhando pra mim.

– Alô? Sim, sou eu... – de repente ele empalidece, desvia o olhar do meu e se afasta, ficando de costas pra mim. – Tem certeza? Quando? Certo... Estou com ela aqui. Voltaremos a Seattle ainda hoje.

Ele desliga e me encara.

Seu olhar ainda sombrio, agora é de um escuro diferente.

Sinto um pressentimento terrível.

– O que foi?

– Mia... seu pai acabou de falecer.

Desta vez, eu realmente desmaio.

Capítulo 15

Lukas

Eu a pego antes que cai no chão, ignorando o grito assustado de Mary.

– Mia? – Chamo-a enquanto a carrego para o sofá.

Não devia ter contado de supetão, será que teria outro jeito? Eu também estava em choque com a notícia. Foi o próprio médico que telefonou para me contar que, naquela madrugada, John Agnelli havia sucumbido, depois de cinco anos em coma.

Mia geme debilmente e respiro quase aliviado, então o choro de Dylan distrai a minha atenção.

– Mary, vá ficar com Dylan.

– Ela está bem, Lukas?

– Está acordando. Fique com Dylan, ele deve ter se assustado com seu grito.

– Sim, sim. Ficarei com ele – Mary se afasta indo para a cozinha e eu tiro os cabelos de Mia de seu rosto, verificando seu pulso que está fraco.

– Mia, pode me ouvir?

Ela abre os olhos enevoados.

– Lukas... – parece meio confusa enquanto se senta, então vejo o momento em que seu consciente se lembra do que a fez desmaiar. – Meu pai. – ela soluça, começando a chorar dolorosamente.

– Sinto muito Mia – eu a abraço, ela se debate em choque.

– Não pode ser... não pode...

– Shi, vai ficar tudo bem... – digo aquelas palavras vazias, as mesmas que foram ditas a mim há tanto tempo, quando perdi a minha própria mãe e sei que, naquele momento, de nenhum consolo servirão para Mia.

– Eu não estava lá... e ele está morto... – ela soluça.

– Nós voltaremos para Seattle o mais breve possível, não se preocupe. – garanto, pensando que preciso ligar para meu piloto e pedir que prepare o avião. Não quero deixar Mia sozinha. – Mary, venha aqui – peço e Mary aparece na sala muito preocupada. Dylan começa a chorar e a chamá-la na cozinha

– Preciso que fique com a Mia, para eu poder cuidar de nossa viagem de volta o mais rápido possível.

– Claro, cuidarei dela e Dylan? – Ela senta ao lado de Mia, que parece alheia a sua presença, enquanto ainda soluça.

– Eu fico com ele.

Pego o celular e vou pra cozinha.

– Papai, me *tila*... – Dylan agita suas mãos e se contorce na cadeirinha e, antes que ele continue o escândalo, o tiro da cadeira, mas continuo segurando-o, ignorando sua agitação enquanto explico rapidamente a situação ao piloto, que garante que consegue organizar tudo para voarmos ainda hoje.

Na sala, ainda escuto Mia chorando alto e até Dylan parou de chorar parecendo interessado e um tanto assustado. Penso no que preciso fazer. Teremos que ir ao apartamento de Mia fazer sua mala, além de avisar sua amiga que ela irá viajar. Não posso deixar Dylan e acho que Mia não está em condições de ir a lugar nenhum. Então mando um recado ao motorista e vou até a sala avisar Mary que, neste momento está voltando do quarto onde deixou Mia.

– Vou até o apartamento de Mia. Consegue aprontar tudo para irmos?

– Claro. Darei um calmante a ela.

– Não sei...

– Será melhor, Lukas, ela precisa se acalmar para viajarmos. É difícil aceitar estas coisas assim, de repente. Provavelmente até chegarmos a Seattle ela estará mais conformada.

– Tudo bem. Faça o que for melhor.

– Vai levar Dylan com você?

– É melhor que se concentre em Mia.

– Claro.

Nós chegamos ao apartamento de Mia e Christina arregala os olhos ao abrir a porta.

– Lukas e... criança loira! – Ela olha de mim pra Dylan surpresa. – Cadê a Mia?

– Podemos entrar?

– Hum, tudo bem... preciso ficar assustada? Onde está Mia? Ela não estava com você? Claro que achei muito esquisito ela passar a noite fora, mas ela é adulta, não é? E ok, você é casado e tal, este garotinho é seu filho? – Ela nos encara, curiosa.

– Sim, este é meu filho Dylan.

– Nossa, acho que a Mia exagerou então...

– Christina, o pai da Mia morreu – revelo de uma vez, colocando Dylan no chão, pois ele está impaciente em meu colo.

– Oh meu Deus, quando?

– Ficamos sabendo hoje de manhã vamos viajar para Seattle ainda hoje.

– Nossa, a Mia deve estar arrasada!

– Sim, está bem abalada, por isto vim buscar suas coisas, será que pode fazer uma mala...?

– Claro que sim. Já volto.

Ela se afasta e então reparo que Dylan está com um gatinho no colo.

– Dylan, onde encontrou este gato? – Pergunto preocupado pois Dylan, às vezes, pode ser exagerado em suas demonstrações de afeto com animais.

Ele sorri, acariciando a cabeça do pequeno gato indefeso.

– Gatinho, papai...

– Sim, é um gatinho. – Não consigo deixar de sorrir.

É incrível a capacidade dele de me fazer esquecer de qualquer problema.

Às vezes penso que a única razão para eu continuar encontrando um sentido na vida, era ele.

Antes tinha minha família emprestada, com Richard, Erin, minhas irmãs, a Constantini. E me bastava.

Então veio Mia, se infiltrando em minha vida pouco a pouco até se tornar uma obsessão. Algo que eu precisava ter e não podia.

Me permiti tê-la por um curto espaço de tempo, um tempo que foi perfeito e inesquecível em sua brevidade e que acabou em dor e ressentimento.

Então ela se foi. Tive que deixá-la ir. E em seu lugar ficou um vazio. Um vazio que eu sabia que nunca seria preenchido.

Depois veio Dylan. Que ocupou outro espaço no meu coração. Um espaço reservado para as coisas infinitas, que não havia dúvidas de que existiriam para sempre. Um compromisso eterno que eu manteria até a minha morte.

Então ficou um pouco mais fácil seguir em frente, ignorando aquele espaço vazio deixado por Mia, o espaço de Dylan me fazia querer seguir em frente e fazer o meu melhor.

E eu acreditava que estava tudo bem, que poderia continuar seguindo, mesmo depois de tê-la encontrado daquele jeito em New Haven e saber que era o único culpado. Naquela época, tive vontade de trazê-la de volta. De tentar de novo, no entanto como poderia trazer Mia pra minha vida novamente depois de ter feito tudo errado? Meu laço com Dylan dependia de meu laço com a mãe dele, Alexia Duran que também seria eterno.

Então a deixei para viver sua vida sem mim. Fiz um esforço para deixá-la voar com suas próprias asas, ter suas próprias escolhas e conquistas, embora não houvesse um dia em que não me preocupasse com ela. Taylor e Denise eram minhas fontes de notícias cada vez mais escassas. Sim, ela estava bem em Londres, tinha um bom emprego que adorava e morava com uma amiga.

O tempo inteiro eu temia o dia em que ouviria que ela teria também um namorado.

O que poderia fazer? Havia aberto mão de qualquer direito sobre ela.

Na verdade, nunca tive nenhum.

Ainda doía, quase fisicamente, quando me lembrava dela com aqueles caras em New Haven. Sabia que sentiria ciúmes de Mia para sempre, até isto teria que ser sufocado.

E o ano passou e, conforme o tempo passava, me perguntava se quando o fim de verdade chegasse, teria forças suficientes para realmente deixá-la ir. Afinal, já não era fato consumado?

O contrato de divórcio foi feito e decidi deixar a casa na ilha para ela. Sempre foi dela, afinal. Eu a comprei para lhe dar de presente. Seu próprio paraíso de sol.

Wilson me perguntou se deveria mandar os papéis para Londres. Sabia que não poderia ser assim, eu teria que ir até lá. Teria que vê-la uma última vez.

Fui sincero quando disse que seria uma despedida.

Então organizei minha viagem. Mandeí ajeitar o apartamento que comprei achando que ela iria usá-lo quando foi pra Londres e que ela orgulhosamente recusou.

No último minuto, decidi levar Dylan. Naquele momento, não sabia de verdade o que significava. Dizia a mim mesmo que era uma viagem de alguns dias, que coincidiria com a semana que Dylan ficaria comigo, o que era parte do último acordo que havia feito com Alexia. Ou parte dele penso sombriamente.

Pareceu natural que ele viesse comigo. Recrutei Mary para me ajudar, já que a mais recente babá de Dylan, Brittany, estava de folga.

Ao chegar em Londres, comecei a me sentir apreensivo.

E se estivesse fazendo tudo errado? Pensava o tempo inteiro na noite em New Haven quando a levei para cama. A primeira coisa que constato é que gostaria sim de levá-la pra cama de novo. Inferno, talvez não fosse um pecado tão grande assim, afinal, foi justamente ela a última mulher com quem transei e fazia quase um ano. Quando paro para pensar que isto, algum tempo atrás, seria algo impensável, tenho vontade de rir do absurdo.

Não é que não sinta desejo, ou que não me sinta solitário às vezes. Simplesmente é como se meus padrões estivessem mais altos. Sei que posso levar qualquer mulher que escolher para minha cama. Também sei que nada vai se comparar ao que tive com Mia.

Nunca realmente parei para pensar sobre até quando iria manter este celibato forçado. Havia confessado a Peter um dia e ele me disse que provavelmente teria que me apaixonar de novo ou virar padre. Nós rimos muito, pois estávamos bastante bêbados.

Sendo um cara que também estava apaixonado e tinha acabado de se casar, Peter podia até me zoar, mas me entendia.

Cheguei a me questionar se iria me apaixonar novamente um dia.

E, enquanto estava em Londres, perdido em minhas considerações e dúvidas, cogitei a possibilidade de estar naquele limbo emocional e sexual apenas esperando o fim.

Porque podia sim, ter me casado apenas pelo dinheiro da minha mãe, porém, desde o dia em que tive Mia pela primeira vez em Aspen, aquele casamento passou a ser verdadeiro pra mim. Como se de repente eu jurasse todos os votos matrimoniais, de honrar, respeitar e ser fiel.

Deveria sentir alívio, não é? Só precisava assinar e fazer Mia assinar também.

Então fui até a universidade e a vi. Tão linda, sentada no jardim enquanto ria com uma amiga.

E lá se foi qualquer alívio ou objetividade. De repente eu era outra vez aquele cara cheio de hormônios que olhou para aquela garota na piscina há cinco anos e sentiu o pau ficando duro só de imaginar tê-la pra si.

E novamente, como daquela vez, eu não podia. Não me era permitido. Estava ali para pôr um fim e não para continuar nada.

Fui embora e simplesmente pedi para entregarem o documento na sua casa. E, se eu sentia como se uma parte do meu coração estivesse prestes a ser arrancada definitivamente do meu peito, era só continuar vivendo como as pessoas que perdem partes de órgãos vitais: Incompletos.

Wilson me ligou dizendo que ela estava furiosa. Não queria o dinheiro. Não queria a ilha. Como ela podia não querer? Então decidi ir vê-la.

Agora pensava que foi a melhor e a pior decisão que tomei. Porque, assim que a vi de perto, tão diferente e ao mesmo tempo tão igual, eu me apaixonei de novo.

Estava apaixonado por aquela jovem mulher que sabia o que queria do seu futuro.

E não era eu. Definitivamente não tinha mais lugar para mim na sua vida. E de quem era a culpa? Eu havia escolhido deixá-la ir. Decidido mantê-la longe dos meus intermináveis problemas. Que ainda existiam e duvidava que um dia fossem terminar.

Agora ela estava escapando por entre meus dedos de vez.

Ela assinaria o contrato e tudo estaria terminado. Nosso último laço.

Era assim que deveria ser, mantive o plano original, tentando ignorar as pequenas satisfações que sentia a cada minuto que passávamos juntos, até que ela assinou o contrato e, em vez de sentir dor, finalmente senti alívio.

Um alívio diferente.

Era alívio por terminar algo contaminado, que começou errado e não tinha conserto.

Mia estava livre. Eu estava livre.

E, contrariando todas as previsões, talvez ainda existisse alguma chance para nós.

Assim, mesmo sabendo que ainda havia muita coisa entre nós, fui atrás dela. Implorei por mais um dia, mesmo no fundo tendo noção que não seria suficiente.

E foi perfeito.

A cada hora que passava se solidificava mais minha vontade de conquistá-la novamente. Do jeito certo desta vez.

Porém, a primeira coisa que precisava fazer, era conectá-la a Dylan. Pedi para ela me encontrar no dia seguinte, com a intenção de apresentá-los. Ela não queria me ver. Não queria mais nem um dia entre nós. E me perguntei se estava agindo certo insistindo.

E se ela tivesse seguido em frente de verdade? Ouvi-la dizer que havia conhecido alguém, me encheu de ciúme e medo. Se fosse tarde, o que poderia fazer?

Aí veio a noite. E o clima mudou quando tocou no rádio a música que mostrei a ela tanto tempo atrás. Era como voltar no tempo em que desejá-la era possível e tomá-la era apenas uma questão de tempo.

E percebi, cheio de um tesão repentino, que ela sentia o mesmo.

Daí pra frente foi apenas seguir os instintos.

Então estava a sua volta como um leão em volta de um cordeiro. Um vampiro em volta da vítima. Seguindo meus instintos mais animais e predatórios de sobrevivência. Estar dentro de Mia era uma questão de sobrevivência, definitivamente.

Depois fiquei velando seu sono e aspirando seu cheiro peculiar, impregnado no meu próprio corpo, me dando conta, com um baque assustador, que não podia mais me enganar.

Precisava dela na minha vida. Eu a queria comigo.

Será que ela estaria disposta a se arriscar comigo de novo depois de tudo e aceitar toda a minha bagagem?

A deixei dormindo quando amanheceu, ao ouvir Dylan e Mary pela casa me levantei. Um Dylan sonolento pediu que lhe desse mamadeira e assim o fiz, embora Mary me olhasse com reprovação já que eu mesmo falei que ele estava largando a mamadeira e tomando as bebidas no copo.

Depois de distraí-lo colocando o DVD de seu desenho preferido contei a Mary que Mia estava ali.

Ela pareceu surpresa, embora condescendentemente satisfeita e pediu para eu ir ao mercado buscar algumas coisas que faltavam, já que ela tinha odiado sair sozinha em Londres.

– Coloquei a roupa de Mia na lavadora, está cedo, ela não deve acordar antes de eu voltar.

Queria conversar com Mia antes que ela visse Dylan.

As coisas acabaram saindo do controle quando ela o viu e tirou suas próprias conclusões precipitadas e a discussão foi inevitável.

E veio a notícia da morte de John bagunçando com tudo.

Agora estaríamos voltando aos EUA sem ter realmente resolvido nada.

– Pronto, aqui está a mala – Christina volta para a sala e sorri ao ver Dylan com o gato. – Você achou o Simba. É o gatinho da Mia.

– Obrigado, Christina, nós precisamos ir. Dylan dê o gato para a Christina.

– Não.

– Dylan, por favor – tento tirar o gato de suas mãos, ele começa a chorar.

Dylan estava naquela idade em que achava que tudo no mundo lhe pertencia. Às vezes era realmente difícil contornar as birras.

– Por que não leva o gato com vocês? – Christina diz quando Dylan começa a chorar mais alto se jogando no chão quando, finalmente, consigo tirar o gato de suas mãos.

– Não, ele vai esquecê-lo assim que saímos.

– O gato é da Mia e eu, sinceramente, não faço ideia de como cuidar desta coisinha! Aqui está a bolsa para transportá-lo. Mia comprou para levá-lo ao veterinário. – Ela pega o gato e, sem cerimônia, o coloca dentro fechando-a. – Prontinho para viajar! Tchau, Simba!

Fico ali olhando para o gato miando dentro do compartimento. Dylan parou de chorar e agora tenta tirar a mala de minhas mãos.

– Me dá meu gatinho!

Suspiro cansadamente desistindo e decido levar o raio do gato conosco.

Volto para o apartamento e Mary está acabando de arrumar tudo. Dylan lhe mostra o gato, muito animado falando várias palavras incompreensíveis.

– É o gato da Mia – explico. – Como ela está?

– Não quis tomar o calmante, coitadinha. Parece mais calma.

Vou até o quarto e Mia está toda encolhida na cama. Sento-me do seu lado e toco seus cabelos.

Ela abre os olhos, estão grandes e tristes, corta meu coração.

Me recorda aquela garota perdida que entrou na minha sala cinco anos atrás implorando por seu pai. Um pai que agora está morto.

– Queria que ele tivesse acordado – ela murmura. – Sempre achei que um dia...

– Eu sei. Sinto muito, Mia.

– Eu podia ao menos ter me despedido – ela recomeça a chorar.

Pego o calmante que Mary deixou ali e insisto para que o tome, ela se recusa.

Fico com ela até que Mary entra no quarto e diz que podemos ir, que o piloto ligou dizendo que está nos aguardando no aeroporto.

Levo Mia até o carro e Mary cuida de Dylan que não desgruda do gato, o que é bom, porque o distrai.

O trajeto até o aeroporto é feito rapidamente e embarcamos em seguida.

Eu levo Mia para o quarto do avião assim que estamos no ar, pedindo que Mary cuide de Dylan e a faça dormir. Ela parece uma boneca sem vontade própria, oscilando entre o torpor e o choro sofrido.

Deito ao seu lado e acaricio seus cabelos, até que finalmente a exaustão vence e ela adormece. Hesito em sair do quarto e deixá-la sozinha.

Algum tempo depois, a porta se abre e Dylan aparece e pula na cama entre nós.

– Dylan, volta para a Mary – peço preocupado que ele acorde Mia.

– Mary *domiu* – diz baixinho, colocando o dedo em frente da boca, como nós fazemos com ele, quando queremos que fique quieto.

Então entendo porque Mary não veio atrás dele, a pobre mulher deve ter adormecido e Dylan fugiu.

Ele olha para Mia.

– Shi, Mia está dormindo, não vamos acordá-la – falo baixinho e ele repete o gesto colocando o dedo em frente a boca para pedir silêncio.

– Mia *domiu* – repete baixinho.

– Você deveria dormir também – resmungo, pensando que a melhor maneira de lidar com a situação é fazê-lo adormecer, assim poderei levá-lo para ficar com Mary na cabine.

Eu o faço deitar depois de algumas tentativas e peço que feche os olhos. Dylan é impossível quando não quer dormir e fica se virando, enquanto tento acalmá-lo, até que começo a me sentir sonolento.

Capítulo 16

Mia

Não quero acordar.

Sei que, se abrir os olhos, toda a dor que senti antes vai me atingir com força total, então permaneço de olhos fechados naquele ponto entre o sono e a vigília, onde os pensamentos não me alcançam.

Sinto o toque de uma mão em meu cabelo, em meu rosto.

Vagamente lembro-me de Lukas me levando com ele até o quarto, me deitando sobre a cama e acariciando meus cabelos como agora.

Aquelas mãos não são de Lukas. Curiosa, forço meus olhos a se abrirem e deparo com uma mão minúscula acariciando meu rosto e meu cabelo. Mãos de criança.

Por um momento me sinto paralisada até que consigo focalizar minha visão totalmente e vejo o bebê loiro sentado do meu lado me olhando de forma compenetrada, enquanto me acaricia.

Sento quase de um pulo sobre a cama.

Ele percebe que acordei e coloca o dedo indicador sobre os lábios.

– Shiiii, papai *domiu* – lanço um olhar além dele e vejo Lukas dormindo.

E, sem aviso, Dylan vem para meu colo, tão perto que sinto o cheiro de talco em seus cabelos e, soltando um bocejo, ele fecha os olhos, as pequenas mãos agarradas na minha blusa.

Ainda estou chocada sem saber o que fazer, quando a criança começa a ressonar no meu colo.

E agora? Estou com os braços levantados e mal respiro, sem saber o que fazer. Não sei como teve a ideia de pular no meu colo e ele está dormindo, assim, sem mais nem menos.

O que eu faço? Devo acordá-lo? Olho para seu rosto calmo encostado no meu peito, seus pequenos punhos presos na minha blusa e seu ressonar tranquilo e não me parece certo.

E se o colocasse na cama?

Muito devagar, temendo acordá-lo, desço os braços e envolvo o corpinho com cuidado. Ele está morno e é surpreendentemente macio. Por um momento não faço nada, apenas o seguro, me obrigando a voltar a respirar normalmente.

Como fazer? E se ele acordar? Nunca tive muito contato com crianças, pelo pouco que sabia, elas costumavam fazer pequenos escândalos quando acordadas fora de hora, não era?

E se acordasse Lukas?

Olho para o lado e ele parece dormir tão profundamente que me falta coragem para acordá-lo, afinal, o que de errado está acontecendo? A não ser o fato de que um bebê de quase dois anos parece ter achado uma boa ideia tirar uma soneca no meu colo?

Eu, uma estranha.

E ele, o filho de Alexia Duran.

Pensar nisto quase me deu vontade de largá-lo de qualquer jeito sobre a cama e desaparecer porta afora, colocando a maior distância possível entre mim e aquele pequeno ser que não sabia como eu havia odiado o simples fato de ele existir.

Como ele poderia saber? Era apenas uma criança. Um bebê que ainda não fazia ideia de quanta mágoa os adultos podiam causar uns aos outros. Neste momento, provavelmente pouco importava quem eu era, ele só queria um colo para dormir, como qualquer criança.

Que tipo de pessoa horrível eu seria, se o empurrasse para longe apenas porque odiava a mãe dele? Ou por imaginar que tipo de relacionamento Alexia, Lukas e aquela criança teriam?

De repente me sinto muito curiosa. Nunca quis saber. Sempre tive medo de saber. A ignorância era quase uma benção para quem não superou uma rejeição. Então, fechei os olhos e ouvidos e fugi para o outro lado do oceano. Agora, segurando aquele bebê tão perto, a atual vida de Lukas nunca me pareceu tão tangível.

Como seria de verdade? Ele parecia adorar o filho. Tanto que, só de pensar, me causava uma dor no meu peito. Eu não podia negar que tinha ciúmes de seu amor por outra pessoa. Talvez porque significava que ele amava algo que vinha de Alexia, o que tornava bem possível que ele amasse a própria Alexia.

E onde ela estava?

Tantas perguntas sem respostas que no fundo não deveriam significar nada para mim, quando estávamos irremediavelmente separados.

E a noite que passamos juntos? As palavras que ele me disse na nossa discussão na manhã seguinte me vêm à mente agora que estou mais calma.

"Queria saber se haveria uma chance para nós depois de tudo."

Haveria?

Olho para a criança dormindo em meu colo. Seus cabelos tão loiros quanto os de Alexia.

E de novo me vem a pergunta que fiz para Lukas naquele momento: "E onde Alexia se encaixaria?"

Ele não havia respondido.

E meu pai tinha morrido.

Fecho os olhos, lutando contra a dor da perda novamente.

Ainda é difícil acreditar que John esteja morto. Em todos aqueles anos, tive esperança que ele acordasse. Que me salvasse de toda aquela confusão na qual me meti. Como se o simples fato de ele voltar à vida, fosse a solução de todos os meus problemas, já que foi para preservá-lo que me envolvi em toda aquela confusão.

Que diferença ele faria agora? Será que iria, enfim, dizer que não era culpado de nada do que foi acusado? Eu poderia erguer minha cabeça e dizer que Lukas estava errado em cobrar de mim uma dívida que não existia?

Ele não acordou. Cinco anos se passaram, o contrato terminou e pareceu quase

sobrenatural que ele parasse de lutar quando eu estava finalmente livre.

E a verdade se foi com ele? Não era justo.

Queria meu pai de volta. Abro os olhos e enxugo minhas lágrimas rapidamente. Não quero mais chorar.

John foi embora e tenho que aceitar mais esta perda.

Mais alguém que amo que me deixa.

O bebê no meu colo se mexe no sono e instintivamente o acalanto contra o peito.

– Shiii, está tudo bem – sussurro, até que ele se acalma de novo.

Escuto Lukas se mexendo e ele abre os olhos sonolentos, olhando em volta, confuso, até que nos encara surpreso.

– Ele pulou no meu colo e não sabia o que fazer – murmuro baixinho.

Por um momento, Lukas fica ali, meio em choque, nos encarando com os olhos pesados de sono até que um sorriso se distende em seu rosto.

– Como posso culpá-lo por já estar apaixonado por você?

– Ele queria um colo pra dormir, só isto – digo, ficando vermelha. – Acho que deveria tirá-lo daqui – peço me sentindo desconfortável com toda aquela cena.

Uma sombra passa pelos olhos de Lukas e ele fica subitamente sério, se apruma e, estendendo o braço, tira a criança do meu colo, ajeitando-a no colchão com cuidado sem acordá-la.

Ainda é incrível ver como ele cuida dela com tanta eficiência. Será que Dylan mora com ele?

E Alexia?

Seria um bom momento para conversar sobre o assunto se eu não estivesse arrasada e de luto. Certamente não teria forças para começar uma discussão sobre Alexia Duran naquele momento, então recuo.

Mordo os lábios com força, desviando o olhar, colocando as pernas para fora da cama.

– Vou voltar para a cabine.

– Você está bem? – Lukas pergunta com cautela.

– Vou ficar – respondo sem fitá-lo, calçando meus sapatos.

– Me desculpe por Dylan acordá-la. Vou cuidar para que ele fique longe de você. – Suas palavras me fazem sentir culpa por ter, de certa forma, agido como se não quisesse a criança no meu colo.

Tenho vontade de me explicar, o que poderia dizer?

Realmente não o teria trazido para meu colo de livre e espontânea vontade. Foi um susto vê-lo se aninhar em mim. Porém não tinha sido horrível.

Foi estranho, surreal e um pouco... libertador.

Levanto-me e saio do quarto, mandando aquela linha de pensamento para longe, sentindo minha cabeça doendo de tanta pressão e pensamentos desconstruídos.

Eram coisas demais para um dia só.

Mary está acordada quando sento do seu lado, gostando de seus cuidados despretensiosos.

Mais ou menos uma hora depois, o piloto anuncia que vamos pousar e Lukas volta para a cabine com um Dylan ainda adormecido no colo.

Mary pede para segurá-lo, Lukas diz para ela ficar comigo que ele cuida de Dylan.

Ele não olha nem uma vez pra mim.

Jamais imaginei que veria de novo aquela casa enorme, banhada lindamente pelo Lago Washington, mas aqui estou eu.

Sinto-me como parte de um sonho onírico enquanto o carro percorre as alamedas floridas, o lago azul ao fundo, o sol se pondo. Me fazendo lembrar a primeira vez que estive ali, na companhia da minha mãe, vestindo aquele horrível vestido preto do velório da minha avó. Nesse momento o vestido preto viria a calhar, penso com tristeza.

Lembro-me do medo que sentia do meu destino que ia me unir àquele cara desconhecido. E foi justamente naquela noite que me deslumbrei a primeira vez com ele.

E hoje, cinco anos depois, eu voltava para o enterro do meu pai.

Seria o último capítulo daquela história?

– Tudo bem, querida? – Mary me pergunta e me dou conta que o carro já estacionou em frente à casa e Lukas está entrando nela com Dylan.

Mary me ajuda a sair e me leva até meu antigo quarto.

– Vou deixá-la descansar. Tome um banho, depois desça para comer. Se quiser, trago algo aqui.

– Não quero dar trabalho. Descerei para comer – forço um sorriso e a senhora sai do quarto fechando a porta atrás de si.

Olho em volta. Tudo parece igual. Como se nem um dia tivesse passado desde o dia em que Lukas me levou ali, dizendo que seria o meu quarto.

Sinto-me tão nostálgica, enquanto caminho até a janela e contemplo o lago, com sua pequena ilha onde Lukas me deu o anel de sua mãe.

Me pergunto o que aconteceu com o anel. Ele estava no meu dedo no acidente, lembro. Será que se perdeu?

Seria uma pena, não por ter algum significado para mim e sim por ser uma joia da família de Lukas.

Eu o coloquei no dedo, dois anos atrás, acreditando que simbolizaria o começo de uma história verdadeira, sem saber que meu conto de fadas estava com as horas contadas.

Como Mary aconselhou, tomo um banho demorado e troco de roupa, descendo as escadas, meus olhos percorrem o ambiente outrora tão familiar. Se fechar os olhos, quase posso ouvir os risos de Taylor e os resmungos mal-humorados de Denise.

Ainda posso lembrar o quanto eu sonhava acordada com Lukas, imaginando quando ele

apareceria novamente...

– Mia? – a voz de Lukas me tira do passado e me surpreendo ao levantar o olhar e vê-lo na cozinha.

– Onde está Mary? – pergunto timidamente. Ele tomou banho também e parece tão lindamente inacessível quando me fita em frente à mesa surpreendentemente posta.

– Está descansando. Eu disse a ela que cuidaria do jantar para que ela pudesse descansar. Sente-se e coma – ele pede.

Faço o que ele pediu, embora não tenha a menor fome. Recordando-me que não comi o dia inteiro.

Quero perguntar onde está Dylan, mas me calo.

Nós comemos em silêncio e, de repente, me lembro das nossas alegres refeições no Havaí. Onde comíamos num silêncio cúmplice, trocando olhares quentes e carícias por baixo da mesa. E não demorava muito para eu pular em seu colo pedindo que me levasse pra cama.

Respiro fundo, tentando manter estes pensamentos onde deveriam ficar para sempre: trancados num lugar bem escondido da minha mente.

Em vez disto, concentro-me no presente.

– Como vai ser amanhã? – Pergunto num fio de voz.

– Não precisa se preocupar com nada. Tudo já foi providenciado para o velório e o enterro.

As palavras velório e enterro trazem uma nova onda de dor aos meus ossos e empurro o prato me levantando.

– Preciso de ar – murmuro e, sem esperar resposta, saio porta afora e respiro fundo quando o ar frio da noite me envolve.

Sinto o cheiro das flores e contemplo as luzes do jardim através de meu olhar enevoado.

– Mia – a voz de Lukas, muito perto, chega até mim e não tenho forças para afastá-lo quando me envolve em seus braços.

Por um momento, fico ali, encostada em seu peito, suas mãos acariciando meus cabelos suavemente.

E me sinto segura.

Há quanto tempo não me sinto desse jeito? Verdadeiramente segura, amparada e protegida?

A resposta é fácil e ao mesmo tempo sofrida.

Não queria me sentir assim, porém não tenho forças para lutar contra aquela sensação deliciosa que percorre minha alma como uma carícia morna quando aspiro seu cheiro tão familiar, tão precioso, tão necessário.

Por um momento, não quero mais fingir que não preciso disto. Não preciso dele.

Paro de lutar e deixo fluir.

É muito fácil, deixá-lo limpar as lágrimas no meu rosto e me levar para o quarto.

Ele tira minhas roupas e me faz vestir um pijama. Puxa as cobertas e prepara a cama para me colocar para dormir.

Então senta do meu lado, acaricia meus cabelos e seca uma lágrima que teima em escorrer por meu rosto.

– Quer que eu peça um calmante a Mary para conseguir dormir? – Pergunta e sacudo a cabeça negativamente.

– Não – seguro sua mão. Só preciso de uma coisa no momento. Que não me deixe sozinha – Fique comigo esta noite.

Ele parece hesitar por um momento e entro em pânico, pensando que não quer ficar comigo, que vai me deixar sozinha, então ele assente.

– Já volto.

Lukas sai do quarto me pergunto se vai realmente voltar e espero com o coração apertado.

Momentos depois, ele retorna. Vestindo uma calça de pijama se deita ao meu lado. Parece muito natural que eu role para seus braços, me enroscando em seu corpo.

Ele passa os braços a minha volta, me mantendo próxima.

Mergulho o rosto em seu pescoço e aspiro seu cheiro apreciando as sensações que sua proximidade causa em mim, deixando minhas mãos vagarem livremente por suas costas, seu peito, seu rosto.

– Durma Mia – ele murmura em meu ouvido.

Sua voz não me acalma.

Ela me agita.

Me aperto mais contra ele, meus lábios suspiram em seu pescoço com um beijo.

Lukas se retesa, eu continuo.

Não quero deixar meu cérebro e a sensatez me dominarem. Só quero sentir e esquecer.

Sinto minha mente deslizando para uma suave inconsciência enquanto passo minha perna por seu quadril, me encaixando nele e gemendo ao sentir que ele está pronto para o que desejo. Para o que preciso.

– Mia, não acho que... – ele murmura, sem se afastar e eu deixo meus lábios fazerem um caminho até sua boca, puxando-o para cima de mim.

– Por favor, Lukas, por favor... – peço. Imploro. Não me importo.

Então ele geme e mergulha a boca na minha com voracidade e exulto, sentindo seu bem-vindo peso sobre meu corpo subitamente febril.

Meus últimos pensamentos coerentes se vão, levados pela força do meu desejo por ele.

De seu desejo por mim.

E me derreto nele. Na força de seus beijos.

Na suavidade de seu toque que retira minhas roupas com pressa e cuidado ao mesmo tempo.

No toque de suas mãos em minha pele, que se arrepia com as carícias mornas e familiares

que sabem exatamente aonde ir para me fazer arquear as costas e gemer seu nome numa prece fervorosa.

Na doçura com que ele abre minhas pernas para me penetrar devagar. Uma. Duas. Várias vezes. Até que eu implore com meu corpo para que ele vá mais fundo e mais rápido.

E ele vai. E eu vou.

E estamos juntos num vai e vem cadenciado, enquanto o prazer se constrói levando embora tudo de ruim, ficando apenas a sensação sublime que é tê-lo dentro de mim, para mim.

E explodimos juntos num orgasmo perfeito.

Quando acordo ele ainda está ali, abraçado a mim.

E, por um momento, me permito apreciar aquele despertar perfeito.

Sentir seu peito achatado em minhas costas, seu ressonar profundo e seus braços a minha volta.

Podia ser o começo de um dia perfeito.

No entanto era um dia triste. Um dia de despedidas.

E eu intuía que não seria só do meu pai.

Com um suspiro, afasto os braços de Lukas e saio da cama. Coloco meu pijama e saio do quarto.

Não sei aonde vou ou o que vou fazer, só preciso colocar alguma distância entre meu desejo de ficar com Lukas e a realidade.

Ao chegar ao topo da escada, vejo a pequena figura loira parada ali.

– Dylan? – Falo com cuidado e ele me encara com os olhinhos hesitantes enquanto estende a mão.

– Me desce – pede. Então entendo. Ele não consegue descer as escadas sozinho.

Hesito entre voltar ao quarto e chamar Lukas ou procurar Mary em algum lugar, acabo chegando a conclusão que terei que ajudá-lo.

Com algum receio, seguro sua mãozinha e acompanho seus passos vacilantes escada abaixo.

Ao chegarmos lá embaixo, ele de repente começa a correr em direção à sala.

– Gatinho, gatinho!

Eu o sigo sem saber o que fazer e fico espantada ao ver Dylan com Simba no colo.

– O que Simba está fazendo aqui? – Pergunto e Dylan sorri, vindo até mim. – Meu gatinho.

– Bom dia Mia – Mary aparece. – Estou vendo que encontrou este garotinho fujão – ela diz. – Eu o estava procurando lá em cima para tomar seu café.

– Ele pediu que o ajudasse a descer.

– Ele sobe muito bem, pra descer ainda vacila – ela explica e olha pra Dylan, que corre atrás de Simba pela sala com gritos animados. – Está surpresa de ver seu gato, não é? Quando Lukas foi buscar suas coisas no seu apartamento, Dylan se encantou com o gato e sua amiga disse que era melhor trazê-lo.

– Sim, estou surpresa – digo. Estava tão mal ontem que nem tinha percebido a presença de Simba.

Fico feliz de vê-lo ali, Christina não tinha a menor paciência para cuidar dele.

Com um sorriso, me aproximo e consigo pegá-lo, acariciando seus pelos macios.

– Me dá gatinho! – Sou surpreendida por Dylan tentando escalar minhas pernas com as mãos estendidas. – Meu gatinho...

– Dylan, o gato é da Mia – a voz de Lukas na porta da sala me faz virar e mordo os lábios para não suspirar com o frenesi que me invade ao vê-lo despenteado e sonolento vestindo apenas uma calça de pijama.

Tento não lembrar do que fizemos naquela noite e desvio o rosto, vermelha.

– Não! Gatinho meu! – Dylan reclama, tentando pegar Simba do meu colo.

Lukas se aproxima pegando Dylan que se contorce em seu colo.

– Ele está numa idade muito possessiva, acha que tudo lhe pertence – explica.

A criança continua a chorar em seu colo.

– Ele pode brincar com o Simba – digo, assustada com seus gritos.

– Ele precisa aprender que não pode ter tudo. – Lukas diz, Dylan parece não entender, se contorce mais e chora, quando Lukas o coloca no chão. – Dylan, olhe pra mim – pede com firmeza e o garotinho para de se contorcer o encarando. – Pare de chorar. O gatinho é da Mia.

– Da Mia? – Ele soluça fracamente.

– Sim. Da Mia. Ela vai deixar você brincar com ele, mas tem que pedir a ela. Lembra-se do que te ensinei?

Ele sacode os cabelos loiros e Lukas o solta. Então ele vem até mim, com o rosto vermelho de chorar e ainda cheio de lágrimas.

– *Bincar* com gatinho da Mia. – ele diz tudo errado, em meio aos soluços, o que é ao mesmo tempo fofo e de apertar o coração.

Sento-me no sofá com Simba e ele se apressa a sentar do meu lado estendendo a mão avidamente. Sorrio ao lhe passar Simba.

– O nome dele é Simba – explico e ele sorri.

– Simba – repete, acariciando o pelo do gato e sorri para Lukas. – Simba, papai.

Lukas sorri para ele e já não parece o pai firme de minutos antes.

Como ele consegue?

Toda aquela dinâmica ainda é bastante confusa pra mim.

Mary volta à sala e nos chama para tomar café, eu declino.

– Vou subir e me trocar – digo. – Quando vamos sair? – Pergunto.

– Em breve – Lukas responde.

Deixo Dylan com Simba e subo para meu quarto. Tomo um banho e agora que estou longe de Lukas e de toda atração que sinto, começo a sentir novamente a dor que estava camuflada.

Ao sair do chuveiro, levo um susto ao ver Taylor no meu quarto.

– Taylor!

Ela vem até mim e me abraça.

– Eu sinto muito, Mia...

– Como...

– Claro que eu e Evan viríamos te dar uma força. Denise nos avisou ontem e pegamos o primeiro voo.

– Fico feliz em te ver – digo sinceramente e ela sorri.

– Eu também. Venha. Trouxe um vestido para você.

Sorrio tristemente. Era típico de Taylor ter uma roupa apropriada até mesmo para um enterro.

Me deixo ser arrumada por ela e, quando descemos, Denise e Paul estão lá também, assim como Richard, Erin e Evan.

Todos me abraçam e parecem tão sinceros que, pela primeira vez, sinto que realmente eles poderiam ser minha família.

Agora é tarde, não é?

Não sou mais casada com Lukas.

Lukas se aproxima, muito sóbrio em um terno preto e diz que podemos ir.

– Sua mãe não conseguiu voo a tempo, irá direto para a Igreja.

Claro, minha mãe. Tinha me esquecido dela nesta confusão toda. Pergunto-me se está sofrendo ou se sentindo aliviada.

Ao chegar à Igreja e vê-la em frente ao caixão de John, só penso em abraçá-la e deixar que me console.

Ela está chorando e dizendo o tempo inteiro coisas do tipo: "foi melhor assim", "ele descansou querida", "agora poderemos seguir em frente".

Eu não consigo deixar de pensar que ela já seguiu em frente faz tempo.

Joe também está presente e me abraça forte. Sinto vontade de ficar sozinha com ele para poder dizer tantas coisas, todos querem me abraçar, dar condolências e dizer palavras de encorajamento.

Enquanto eu só quero que tudo acabe.

Depois seguimos para o enterro e me sinto num limbo quando Lukas segue comigo no carro, pelo cortejo fúnebre.

No cemitério, o dia está cinza e triste, quando descemos do carro e seguimos para o último adeus a John.

Lukas segura minha mão e me sinto agradecida. Se ele não estivesse me guiando, me sentiria perdida.

As palavras do pastor são ditas, lágrimas são choradas. E, por fim, o caixão de John é baixado.

E com ele a verdade da história que foi a razão de tudo até hoje.

Lukas aperta meus dedos e levanto o olhar, sem poder ver mais o caixão desaparecendo e me surpreendo com um par de olhos verdes me fitando fixamente.

O que Jack está fazendo ali?

Danielle está ao seu lado.

Talvez não fosse tão espantoso assim que estivessem presentes, já que ela trabalhou com meu pai.

Jack ainda me causa arrepios de medo quando sorri pra mim. Desvio o olhar e finalmente tudo termina.

Andrea vem até mim e me abraça.

– Acabou querida, vamos embora.

Ela segue comigo e Lukas no carro desta vez, me pergunto cadê seu namorado, mas não digo nada. Não quero discutir com Andrea hoje. Só desejo que aquele dia termine.

Quando chegamos na casa de Lukas, toda sua família ainda está por lá o almoço é servido e todos tentam ser agradáveis enquanto Andrea conta velhas histórias sobre John com um sorriso triste, todas terminam com um: "pobre John, está em paz agora".

Começo a me sentir enjoada e peço licença a todos.

– Você está bem? – Lukas pergunta quando me levanto.

– Só preciso descansar.

Ninguém tenta me impedir de sair e sigo aliviada, subindo as escadas me sobressalto ao ver uma jovem correndo atrás de Dylan no corredor.

– Dylan volte aqui! – Ela para quando me vê. – Ei, oi – sorri. – Sou Brittany, a babá de Dylan.

– Oi – respondo.

– Mia! – Dylan volta correndo pelo corredor e se joga contra minhas pernas, me surpreendendo e me deixando sem ação.

– Ah, então você é Mia – a garota me mede e penso ter visto uma certa maldade em seu olhar, talvez seja impressão minha. – Foi seu pai que morreu, não é? Meus sentimentos.

– Obrigada – olho para Dylan que agora está com os braços estendidos para mim.

– Me pega, Mia, me pega.

Oh Deus, o que devo fazer?

– Dylan, deixe a Mia em paz – Brittany pede vindo em nossa direção. – Vamos procurar o gatinho.

Brittany parece acostumada com aquilo, pois ignora seus pedidos, retira suas mãozinhas do meu vestido e o leva embora pelo corredor.

Entro no quarto, retiro o vestido de Taylor e coloco um jeans e suéter.

Pego o telefone e decido ligar para Christina. Já devia ter feito isto. O telefone toca e ninguém atende.

Taylor entra no quarto algum tempo depois e diz que a família vai embora.

– Eu deveria me despedir – me sinto culpada por ter me refugiado ali.

– Não se preocupe. Nós entendemos. Ficarei na cidade por alguns dias, quando se sentir melhor, conversaremos.

Fico pensando se realmente ficarei mais dias, afinal, minha vida me espera em Londres, mas não falo nada.

Ela se despede e sai.

Eu os vejo partir pela janela do quarto, então me pergunto onde está minha mãe.

Nem sei se ela ficará alguns dias ou não. Saio do quarto para ir à sua procura. Escuto vozes vindas do escritório de Lukas e vou para lá, paro ao ouvir o que estão dizendo.

– Vá logo ao ponto Andrea – Lukas diz friamente.

– Tudo bem. Quero saber se vai continuar com a ajuda financeira agora que John morreu e você e Mia se divorciaram...

Entro na sala em choque.

– Do que está falando mãe?

– Mia, querida... – Andrea sorri, não correspondo e olho para Lukas. – Eu entendi certo? Você está dando dinheiro para minha mãe?

– Querida, não é bem assim! – Andrea responde.

– Como é então?

– Sim, Mia, eu ajudo sua mãe financeiramente desde que nos casamos. – Lukas responde.

– Por que, mãe? Você tinha o dinheiro que o papai guardou, tinha a casa...

– Dinheiro acaba Mia! Lukas era seu marido e quis nos ajudar.

Eu encaro Lukas.

– Não precisava ter feito isto – digo, envergonhada pela cara de pau da minha mãe. – Se fez está feito, agora não tem mais motivo.

– Mia... – minha mãe continua. – Se o Lukas quiser continuar ajudando...

– Ele não quer! – Grito. – Como pode ser tão cara de pau?

– Mia – Lukas se levanta.

– Lukas, saia. Quero falar com a minha mãe a sós.

Ele hesita, acaba saindo.

– Querida, por que está irritada? Não consigo entender – Andrea diz, eu a corto.

– Estou irritada porque você passou dos limites vindo pedir dinheiro ao Lukas, quando sabe que nem somos mais casados!

– Foram por cinco anos!

– Acabou! E Lukas não tem e nunca teve que te sustentar! Você não tem seu namorado?

– Sabe que Mark ainda está tentando uma carreira...

– Não é problema do Lukas!

– Ele tem dinheiro sobrando, Mia, porque nós o ajudamos!

– Você está louca? É tão absurdo! Foi Lukas que nos ajudou não denunciando o papai e não tirando nossa casa e nosso dinheiro!

– Claro, se casando com você, uma menina! Depois ainda se aproveitou de você!

– Você deixou isto acontecer! Não se faça de inocente! Me deixou na cova dos leões e seguiu sua vida com seu namoradinho perdedor!

– Não fale assim! Você fez suas escolhas também, quando foi pra cama com ele! E nem pra conseguir prendê-lo, já que ele preferiu fazer um filho na amante e te jogar pra escanteio!

Sinto suas palavras como uma bofetada e dou um passo para trás, lívida.

Vejo o arrependimento nos olhos de Andrea no mesmo instante, mas é muito tarde.

– Oh meu Deus, Mia, não quis dizer...

– Mas disse – murmuro. – Chega mãe! Você vai embora. Hoje. Volte pra seu namorado, case com ele agora que é finalmente livre e seja feliz. É o que desejo a você.

– Filha...

– Não, mãe, chega. Não vamos mais brigar, discutir, não leva a nada. Só diremos mais coisas que irão nos machucar.

– Sim, tem razão. Sinto muito, querida. Só queria o melhor para nós.

Quero dizer que ela quer o melhor pra ela, afinal, não passa de uma egoísta, mas me calo. Chega de acusações.

– Vou te levar ao aeroporto – digo por fim.

Ela vai pegar suas coisas e Lukas entra no escritório.

– Vocês discutiram – não é uma pergunta.

– Ela vai embora e você não vai mais lhe dar nenhum dinheiro.

– Não me importo Mia. Ela é sua mãe.

– Não faz mais diferença. Não somos casados, Lukas – digo amargamente e ele me encara.

– Mia, precisamos conversar...

– Vou levar minha mãe ao aeroporto – fujo.

Não quero ter nenhuma conversa sobre nosso estranho relacionamento nesse momento.

– Tudo bem – ele diz por fim. – Posso levar sua mãe. Ou chamamos um motorista.

– Não, eu preciso fazer isto.

Ele me dá as chaves do próprio carro.

– Dirija com cuidado.

Andrea passa o trajeto inteiro me pedindo desculpas. Cansada, digo que a perdoo quando chegamos ao aeroporto.

– Tudo bem, mãe. Só quero que você aprenda a viver com suas escolhas, já está passando da hora de aceitar que escolheu se apaixonar por um cara sem dinheiro. Arrume um emprego e pague suas próprias contas. A vida é assim.

Ela me abraça e penso que, não importa o que Andrea faça, ela será sempre minha mãe. Minha avoada e egoísta mãe.

Ela vai seguir a vida dela, assim como eu vou seguir a minha.

Seu voo é chamado e ela diz que irá me visitar em Londres em breve, o que duvido, finjo que acredito e ela se afasta com um último aceno.

Entro no carro, mas não vou para a casa do lago, em vez disto, dou voltas por Seattle, ignorando a chuva fina que cai, marca registrada da cidade.

Sinto saudades, me dou conta. Até desse seu céu cinzento e chuvoso.

Londres também é assim, não é?

Sim, Londres é linda e fria. E não é Seattle.

Bem no fundo do coração, sei qual é a diferença.

Enquanto dirijo para a casa do lago, constato que terei que começar a me acostumar com a ideia de dizer adeus a Seattle.

E a Lukas.

A tarde está caindo quando chego na casa e entro correndo para fugir da chuva.

Escuto o riso agora familiar de Dylan vindo da sala, seguido da voz carinhosa de Lukas e hesito.

Penso em como aquela situação era esquisita pra mim, há dois dias, quando vi Lukas e ele juntos pela primeira vez.

De repente me dou conta que já não é algo que estranho ou que abomino. Na verdade, tenho vontade de sorrir.

É um sentimento desconhecido, embora bem-vindo e vou naquela direção, sem pensar.

Estou chegando lá, quando escuto outra voz. Outro riso.

Feminino. Estridente.

Uma risada calculada para ser sexy.

Minha mente recua em horror, meus pés não conseguem parar a tempo e entro na sala para ver Alexia Duran linda e loira, em seu salto alto e cabelo impecável, segurando o meu gato.

O meu gato!

Meus olhos percorrem a sala. Vejo Brittany num canto, Lukas num outro e Alexia sentada numa poltrona com Dylan, que tenta pegar o gato.

A onda de ciúme, ódio e asco que me toma é tão grande que sinto ânsia de vômito, minha alma subitamente escura.

É simplesmente a visão do meu pior pesadelo.

Lukas. Alexia. E o filho deles.

– Oi, Mia – Brittany é a primeira a me ver.

Então os adultos na sala fixam seus olhos em mim. Vejo a tensão em Lukas ao reparar meu olhar mortal.

E então a surpresa e o sorriso descarado de Alexia.

– Olá, Mia, quanto tempo!

Não consigo responder. Quero me aproximar e arrancar aquele sorriso de sua cara com as unhas.

Ela coloca Dylan de lado com o gato e vem em minha direção.

– Fiquei sabendo da morte do seu pai, meus sentimentos.

Ainda não consigo abrir a boca. Se abrir, voarei na jugular daquela maldita.

– Alexia! Deve ir embora – Lukas diz friamente.

Alexia continua sorrindo.

– Claro. Pegue Dylan, Brittany – ela pede e volta a me encarar. – Uma pena que tenha voltado à cidade em circunstâncias tão terríveis. Aposto que morar na Europa é adorável. Morei em Paris um tempo, foi fantástico. Agora que está solteira, então – ela pisca.

Prendo a respiração e fecho o punho.

– Veja como é a vida. Uns se separam, outros se casam... – ela dá de ombros, lançando um olhar sugestivo a Lukas.

– Alexia – Lukas diz friamente em advertência e ela sorri mais ainda.

Brittany já está com Dylan no colo e Alexia pega sua bolsa Prada.

– Até mais para todos!

Escuto o choro de Dylan ao ser levado, não consigo registrar mais nada além do eco dos gritos de horror no meu ouvido, quando eles finalmente partem restando somente Lukas e eu na sala.

Ele vem em minha direção.

– Mia...

Dou um passo atrás.

– Não se aproxime – sibilo.

Ele para, passando a mão pelos cabelos.

– O que ela estava fazendo aqui? – Pergunto assustadoramente baixo.

– Ela veio buscar Dylan. Ele fica comigo uma semana e uma com ela. Foi o acordo que fizemos.

– Acordo? Acordo até você se livrar de mim e vocês poderem casar?

– Mia, não é nada disto... – ele tenta se aproximar e dou outro passo atrás.

– Não chegue perto de mim! – Mal consigo respirar. – Era este o motivo de estar longe, era o que eu não ia suportar...

– Mia, me escute...

– Escutar o quê? O que poderia dizer que apagaria da minha mente a cena de Alexia aqui, na sua casa, me dizendo que vai se casar com você... – o nó embarga minha garganta.

– Não foi o que ela disse, está alucinando, Mia...

– Disse sim! O que não entendo é por que ela não vive aqui com você ainda! Estava esperando nosso divórcio sair? Por isto foi para Londres, para se certificar que ficaria realmente livre de mim! Quando perguntei sobre Alexia, você hesitou e acabou não me respondendo!

– Por que não me escuta? Não tenho nada com a Alexia! Ela é somente a mãe de Dylan.

– Só a mãe de Dylan? – Repito devagar. – Somente? É tudo que importa Lukas! Esta criança é a sua vida! Você me mandou embora por causa dele! O filho daquela mulher!

– Meu filho! – Ele corrige. – Sim, coloquei um ponto final no que havia entre nós por causa dele. Porque sabia que tipo de mulher Alexia era, o que ela queria e o quanto iria me infernizar até conseguir!

– E ela conseguiu? – Pergunto com vontade de morrer.

– Não. Ela não conseguiu – ele agora se aproxima e não tenho mais para onde fugir. – Tudo o que fiz foi pensando em não errar mais. Não errar com meu filho, não errar com você e até mesmo com Alexia, aparentemente, quanto mais tento não fazer ninguém sofrer, trago mais sofrimento para mim mesmo! E todo mundo a minha volta continua me acusando!

– Não estou te acusando de nada! Eu fui embora, não era o que queria? Fui pra New Haven e transformei a minha vida numa merda e me desculpe se você teve que largar sua vidinha perfeita para me salvar! Percebi que não queria mais me autodestruir apenas pra chamar a sua atenção!

Ele empalidece.

– Sim, está surpreso? Por que acha que eu fazia tudo aquilo? Estava desesperada por atenção, queria que largasse tudo e fosse atrás de mim, então você foi apenas pra se despedir mais uma vez! Tudo bem, eu já estava ficando acostumada, não é? Fui pra Londres desta vez pra seguir a minha vida de verdade. Para realmente esquecer. Então você aparece novamente. Acena com a liberdade e me pede mais um dia. Que virou mais uma noite e aqui estamos. Eu sendo obrigada a ver sua vida sem mim, sendo esfregada na minha cara! Não aguento Lukas, tem razão. Nunca vou suportar o fato de você ter preferido Alexia!

– Nunca preferi a Alexia, será que não entende o quanto está sendo absurda? – Ele bate na parede atrás de mim e sacudo a cabeça negativamente, as lágrimas me cegando. – Eu queria te afastar de tudo! De toda esta confusão que causei!

– Queria me afastar, diz tudo! Nunca lutou por mim, nunca me colocou acima de nada... – murmuro, sentindo a dor da verdade me dilacerando. – É sempre tão fácil pra você me mandar embora, Lukas – respiro fundo. – Então assista minha partida de novo. Preciso ir embora, voltar pra minha vida em Londres. Chega de você, Alexia... Não aguento mais... este círculo vicioso... – o empurro e subo as escadas quase correndo.

Minha mala está em cima da poltrona, jogo minhas roupas nela de qualquer jeito, sem enxergar nada enquanto choro.

Desço as escadas segurando firmemente a mala e só penso em encontrar a saída. Ignorando a chuva, abro a porta e saio, a chuva se misturando com minhas lágrimas.

– Mia! – A voz de Lukas chega até mim e continuo andando, ele me alcança e segura meu braço me obrigando a virar.

– Solte-me, Lukas, me deixe ir, por favor... – digo, sem forças.

Ele continua a me segurar. E há uma determinação sofrida em seus traços.

– Não posso deixá-la ir. Tem razão, já te deixei ir vezes demais.

– Lukas... – tento livrar minhas mãos que estão entre as suas, não consigo.

– Não Mia, preciso fazer do jeito certo desta vez... Sempre te afastei porque acreditava que era o certo a fazer para protegê-la de mim. Primeiro porque era uma garota inocente, depois porque coloquei minha responsabilidade com meu filho em primeiro lugar. – Suas mãos apertam as minhas, mal consigo respirar. – Nunca poderei me arrepender de qualquer coisa que tenha feito para proteger Dylan. Mas posso me arrepender do que fiz pra proteger você. Eu te afastei o tempo inteiro o que só serviu para nos trazer a infelicidade. Estou tão cansado, Mia, de tentar não ser egoísta e de fazer a coisa certa para todo mundo. Então dane-se! Sou um cara fodido, com uma vida cheia de problemas e um filho com uma mulher que vai ser pra sempre uma vadia, porém...

Paro de respirar quando ele se ajoelha a meus pés.

– Ainda sou apaixonado por você e não quero mais viver sem você, Mia Agnelli, quer se casar comigo?

Não perca o desfecho da história de Mia e Lukas em *Juntos no Paraíso*, em breve.

Sobre a autora

Juliana Dantas – Leitora voraz de romances, trabalhou durante anos como livreira em uma grande rede de livrarias, onde teve a oportunidade de se dedicar integralmente à sua grande paixão: os livros. Envolveu-se com a escrita em 2006, de forma amadora, sempre escrevendo fanfics dos seus seriados e livros preferidos e compartilhando com outros fãs em diversas plataformas online.

E-books Publicados na Amazon:

O Leão de Wall Street

Série Vendetta (composta de 4 volumes).

A Verdade Oculta

Segredos que Ferem

Linha da Vida

Longe do Paraíso

Contatos:

E-mail: julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage: <https://www.facebook.com/JulianaDantasAutora/>

Instagram: [instagram.com/julianadantas_autora](https://www.instagram.com/julianadantas_autora)

WebSite: <https://www.julianadantasromances.com/>